OBRAS FILOSÓFICAS DE SÊNECA

Volume 1: Diálogos

SUMÁRIO

Introdução.....6
Sobre a Providência.....25
Sobre a Firmeza do Sábio.....43
Sobre a Ira.....62
Livro I.....62
Livro II.....82
Livro III.....110

Sobre a Tranquilidade da Alma.....145
Sobre a Brevidade da Vida.....172
Sobre a Vida Feliz.....193
Sobre o Ócio.....217
Consolação a Políbio.....224
Consolação a Márcia.....245
Consolação a Hélvia.....276

INTRODUÇÃO

Poucos autores da Antiguidade apresentam com tanta nitidez quanto Lúcio Aneu Sêneca a tensão entre filosofia e existência. Nele, a reflexão moral não nasce à margem do mundo, mas no interior de uma vida submetida às oscilações extremas da fortuna: enfermidade, ascensão política, exílio, proximidade do poder imperial, riqueza, suspeita, retirada e morte ordenada pelo príncipe a quem ele próprio educara. Essa circunstância biográfica não explica por si só sua filosofia, mas ajuda a compreender por que seus escritos retornam com tamanha insistência a perguntas concretas: como permanecer senhor de si quando tudo o que nos cerca é instável; como distinguir bens verdadeiros de vantagens exteriores; como agir diante do medo, da cólera, da perda, da ambição e da morte; como empregar o tempo; quando participar da vida pública e quando recolher-se; e de que modo converter o conhecimento filosófico em hábito, caráter e forma de vida. As obras reunidas neste primeiro volume pertencem ao conjunto tradicionalmente chamado Dialogi e constituem uma das vias mais diretas para observar essa filosofia em ação.

Sêneca nasceu em Córdoba, na Hispânia Bética, em data situada geralmente entre 4 a.C. e 1 d.C., numa família provincial rica e bem relacionada. Seu pai, Sêneca, o Velho, foi um celebrado estudioso de retórica e deixou as Controvérsias e Suasórias, documentos essenciais da cultura declamatória romana. Ainda criança, o futuro filósofo foi levado a Roma com os irmãos Novato – mais tarde adotado por Júnio Gálio – e Mela, pai do poeta Lucano. A educação recebida na capital combinou treinamento retórico e formação filosófica. Entre seus mestres figuraram o estoico Átalo e pensadores ligados à escola dos Séxtios, como Sótion e Papírio Fabiano, ambiente no qual elementos estoicos, pitagóricos e ascéticos podiam conviver. As introduções de José Eduardo S. Lohner às edições modernas dos diálogos chamam atenção para essa formação plural e para o fato de que Sêneca jamais foi um simples repetidor escolar. Seu estoicismo é inequívoco, mas ele se permite ler adversários, aproveitar máximas epicuristas e subordinar disputas de escola àquilo que considera útil para a formação moral.

Problemas de saúde, provavelmente respiratórios, marcaram sua juventude e o levaram por alguns anos ao Egito, onde sua tia era casada com um alto funcionário da administração romana. O retorno a Roma, por volta de 31, abriu o caminho para a carreira pública. Sêneca tornou-se conhecido como orador,

chegou à questura e ingressou no Senado. Sua eloquência, porém, aproximava-o perigosamente do centro do poder. A tradição biográfica registra a hostilidade de Calígula e o episódio em que o imperador teria sido dissuadido de mandar matá-lo porque se julgava que a doença do filósofo logo faria esse trabalho. Com Cláudio, a situação piorou: em 41 Sêneca foi acusado de adultério com Júlia Livila e condenado ao exílio na Córsega. A acusação esteve profundamente entrelaçada às lutas da corte, e a realidade do crime permanece incerta; o efeito, contudo, foi decisivo. Durante cerca de oito anos, o homem público foi afastado de Roma e obrigado a confrontar precisamente os temas que sua filosofia dizia tornar suportáveis: perda de posição, pobreza relativa, desonra, distância da família e dependência da vontade alheia.

É nesse contexto que as Consolações a Hélvia e a Políbio adquirem particular força documental. Na primeira, Sêneca procura persuadir a mãe de que o exílio não é um mal em sentido estrito e transforma sua própria desgraça em exercício de doutrina. Na segunda, escrita ao poderoso liberto de Cláudio após a morte de um irmão, a consolação se mistura à esperança de retorno. O elogio insistente do imperador é tão ostensivo que a obra se tornou um dos testemunhos mais desconfortáveis para qualquer imagem edificante e sem fissuras do filósofo. É precisamente por isso que deve ser lida. Sêneca não chega até nós como estátua moral: a distância entre o ideal do sábio e o homem que escreve sob pressão pertence à verdade histórica de seu pensamento. Ele próprio insiste repetidamente que não se apresenta como sábio consumado, mas como alguém que tenta diminuir diariamente a distância entre o que aprova e o que consegue viver.

O exílio terminou em 49, quando Agripina Menor, nova esposa de Cláudio, obteve a volta de Sêneca e o escolheu como preceptor de seu filho Nero. Morto Cláudio em 54, Nero assumiu o principado, e Sêneca, ao lado de Sexto Afrânio Burro, passou a ocupar posição central no governo. A tradição fala nos primeiros anos do reinado como um período de relativa moderação, embora seja imprudente reduzir a complexa administração imperial à influência de dois conselheiros. O tratado Sobre a Clemência, dirigido ao jovem príncipe, mostra o filósofo tentando formular uma ética do poder monárquico: se a estrutura política põe enorme força nas mãos de um só, a virtude decisiva do governante deve ser a capacidade de conter-se. A filosofia, nesse ponto, não é mera disciplina privada; pretende alcançar o exercício da soberania e impedir que poder sem freio se converta em crueldade.

A deterioração do regime de Nero tornou cada vez mais difícil a posição de Sêneca. A morte de Agripina, em 59, permanece como um ponto sombrio de sua biografia política: ainda que não se possa atribuir ao filósofo a decisão do assassinato, sua proximidade ao governo e sua participação na elaboração da comunicação oficial tornam impossível separar inteiramente o escritor moral das responsabilidades do conselheiro. Em 62, após a morte de Burro e o fortalecimento de outros grupos na corte, Sêneca tentou retirar-se. O otium dos últimos anos foi extremamente produtivo. A ele se associam, em grande parte, as Questões Naturais e as Cartas a Lucílio, nas quais a reflexão sobre natureza, morte, liberdade, amizade e exercício espiritual alcança uma forma mais ampla e pessoal. Em 65, acusado de envolvimento na conspiração de Pisão, Sêneca recebeu de Nero a ordem de morrer. As narrativas antigas de seu suicídio, ainda que literariamente trabalhadas, fizeram de sua morte uma espécie de último comentário sobre sua obra: o filósofo que tantas vezes meditou sobre a preparação para o fim foi obrigado a provar publicamente suas palavras.

A posição de Sêneca na história da filosofia só pode ser entendida se se evita uma caricatura frequente do estoicismo. O Pórtico não nasceu como um repertório de máximas para suportar dificuldades, mas como uma escola filosófica sistemática. Zenão de Cítio, que começou a ensinar em Atenas por volta de 300 a.C., Cleantes e sobretudo Crisipo construíram uma doutrina em que lógica, física e ética eram partes distintas e inseparáveis de um mesmo esforço. Ildefonse, Inwood, Barroso, Matos e Stock, cada um por caminhos e épocas diferentes, mostram essa amplitude. A lógica estoica investigava linguagem, inferência e assentimento; a física descrevia um cosmos material, racionalmente ordenado e penetrado por um princípio ativo; a ética perguntava que modo de vida convinha a um ser racional que é parte desse cosmos. A famosa comparação da filosofia a um organismo, a um ovo ou a um pomar buscava precisamente impedir que se tratasse qualquer uma dessas partes como autossuficiente.

A máxima de "viver de acordo com a natureza" condensava essa unidade. O estudo de Alexandre Ragazzi lembra que a fórmula remonta ao estoicismo antigo e se torna constitutiva de sua ética. Natureza, nesse contexto, não significa simplesmente espontaneidade, retorno a uma vida primitiva ou obediência a impulsos imediatos. Significa reconhecer a estrutura racional do mundo e a natureza racional e social do ser humano, ajustando juízos, desejos e ações a essa ordem. A liberdade estoica nasce paradoxalmente do reconhecimento da necessidade: não controlamos a totalidade dos

acontecimentos, mas podemos trabalhar sobre o modo como os representamos, julgamos e incorporamos à ação. Por isso destino e responsabilidade não aparecem como termos excludentes. A teoria estoica do assentimento torna o sujeito responsável pelo uso de suas representações, mesmo dentro de um universo concebido como causalmente ordenado.

Essa ligação entre cosmologia e ética é particularmente visível em Sobre a Providência. O problema inicial - por que adversidades atingem homens bons se o mundo é governado providencialmente? - exige uma resposta que combine visão do cosmos e teoria da virtude. Sêneca não nega o sofrimento nem promete imunidade corporal. Muda o estatuto do que é sofrido: aquilo que a opinião chama de mal pode funcionar como matéria sobre a qual a virtude demonstra sua força. A imagem do exercício domina o tratado. Soldados, atletas, árvores expostas ao vento e homens submetidos a provas mostram que uma força não testada permanece desconhecida. A providência não é um mecanismo para distribuir conforto; é a ordem dentro da qual a excelência moral pode tornar-se efetiva. A tese depende da distinção estoica entre o bem propriamente dito - a virtude - e os acontecimentos exteriores, que podem ser preferíveis ou rejeitáveis sem possuir valor moral absoluto.

Com Sêneca, entretanto, o estoicismo sistemático assume uma forma literária romana muito particular. Sua escrita privilegia a persuasão, o exemplo histórico, a metáfora, a interpelação direta e a sentença memorável. Lohner observa que nos diálogos a linguagem retórico-literária não é ornamento exterior a uma doutrina pronta; integra a própria terapêutica. Se paixões e vícios envolvem juízos, hábitos e imaginação, não basta apresentar uma demonstração abstrata. É necessário mover o leitor, fazê-lo enxergar a deformidade de um estado da alma, deslocar sua admiração, oferecer modelos de conduta e levá-lo a ensaiar novas respostas. A filosofia se aproxima, assim, da medicina: diagnostica, prescreve regimes, cauteriza quando a enfermidade está arraigada e procura transformar não apenas opiniões isoladas, mas o modo como o sujeito vive.

A expressão "filosofia como forma de vida", desenvolvida pela historiografia contemporânea e retomada explicitamente por Adityas Matos para caracterizar o estoicismo greco-romano, ajusta-se com especial propriedade a Sêneca. Seus textos supõem que saber filosófico sem exercício é insuficiente. Ler, memorizar, examinar o dia, antecipar adversidades, representar a morte, conter a primeira expansão de uma paixão, escolher companhias, administrar riquezas, regular o tempo e alternar ação e recolhimento são práticas por meio das quais uma doutrina se incorpora. A distinção entre teoria e prática, embora útil, torna-se

aqui menos rígida: compreender corretamente o que é um bem já modifica o campo dos desejos; analisar a natureza de uma paixão prepara a possibilidade de interrompê-la; contemplar a ordem da natureza reduz o poder imaginário de perdas particulares.

Isso não significa que Sêneca abandone a física estoica. As Questões Naturais constituem a prova mais evidente de seu interesse por fenômenos do mundo, e as Cartas mostram repetidamente como cosmologia e ética se cruzam. Mesmo nos diálogos morais, imagens do universo, da causalidade e da providência sustentam argumentos práticos. A diferença está na prioridade pedagógica. O público romano de Sêneca encontra a filosofia sobretudo como arte de formação do caráter. A antiga edição brasileira de Os Pensadores sintetizou esse aspecto pela expressão "medicina da alma": física e lógica continuam necessárias, mas são frequentemente convocadas na medida em que esclarecem a ação, o medo, o desejo e a relação com a fortuna. A redução de Sêneca a moralista, porém, seria injusta se sugerisse ausência de sistema; mais exato é dizer que ele reordena o sistema do ponto de vista das urgências da vida.

Sobre a Firmeza do Sábio oferece um bom exemplo dessa estratégia. O diálogo parte do paradoxo estoico segundo o qual o sábio não pode receber injúria nem ofensa em sentido pleno. A afirmação, tomada literalmente, parece absurda: sábios podem ser insultados, agredidos, empobrecidos e mortos. O que Sêneca procura separar é o acontecimento exterior de seu valor moral. A injúria só alcançaria o centro da pessoa se pudesse retirar dela o bem que a constitui; mas, se o bem é a virtude e esta depende do uso racional da própria vontade, o agressor não possui essa chave. O argumento não promete insensibilidade psicológica imediata. Ele constrói um ideal-limite, a figura do sapiens, cuja função pedagógica é medir a direção do progresso. A distância entre o sábio e o proficiente impede tanto a complacência quanto a exigência irreal de perfeição instantânea.

O tratamento mais extenso das paixões neste volume está nos três livros de Sobre a Ira. A ira é apresentada como impulso destrutivo que pode crescer rapidamente a partir de uma representação de ofensa e do assentimento que a confirma. Sêneca discute sua definição, contesta a ideia de que ela seja útil à coragem e descreve suas manifestações no rosto, no corpo, na família e na política. A terapia proposta combina prevenção e cura: conhecer as próprias fraquezas, evitar situações que alimentam irritação, adiar a reação, examinar o fato, considerar a ignorância humana, limitar expectativas, lembrar os próprios erros. A obra é também profundamente política, pois a ira de quem possui poder

transforma uma paixão privada em violência pública. Reis, generais e magistrados aparecem como exemplos de quanto a incapacidade de governar a si mesmo pode significar incapacidade de governar outros.

A transmissão de Sobre a Ira exige uma observação editorial. O início do texto apresenta lacunas antigas, e edições modernas por vezes imprimem, em posição separada, passagens de autores posteriores - como Martinho de Braga e Lactâncio - que parecem conservar material relacionado ao tratado perdido. Esses testemunhos são valiosos para a história textual, mas não constituem parte contínua e segura do texto de Sêneca tal como chegou pelos manuscritos. Nesta edição, que pretende oferecer somente o texto senequiano dos diálogos e não um aparato de fragmentos, tais suplementos não foram incorporados ao corpo. A lacuna é indicada como lacuna, sem preencher silenciosamente o que a tradição não preservou.

Sobre a Tranquilidade da Alma desloca o foco para um estado menos explosivo e talvez mais comum: a instabilidade de quem não está propriamente dominado por uma paixão única, mas vive oscilando entre projetos, desejos, ambição e desalento. Sereno descreve sua condição como alguém que já abandonou certos vícios, mas ainda não encontrou firmeza. A resposta de Sêneca é notável porque evita tanto o ativismo incessante quanto a fuga vazia. É preciso escolher ocupações proporcionais às forças, conhecer o próprio caráter, selecionar amizades, simplificar posses, aprender a conviver com mudanças e reservar espaço para o recolhimento. A tranquilidade não é ausência de movimento, mas ordem interior suficiente para que o movimento não se transforme em dispersão.

Sobre a Brevidade da Vida retoma essa questão pelo ângulo do tempo. Sua tese célebre não é que a existência humana seja objetivamente longa, mas que recebemos tempo suficiente para viver se não o dissipamos. O contraste central opõe os occupati, homens absorvidos por negócios, ambições, favores, prazeres e tarefas alheias, àquele que recupera o próprio tempo e o orienta para uma vida examinada. O otium filosófico não é inatividade. As notas de Lohner insistem na distância entre o ócio intelectual e o simples repouso estéril: o tempo retirado dos negotia pode ser consagrado ao estudo, à reflexão e à convivência com os grandes autores do passado. Nesse sentido, a leitura é uma expansão da vida, porque permite integrar experiências e inteligências que ultrapassam a duração individual.

Sobre a Vida Feliz enfrenta a questão clássica do fim da vida humana. Sêneca formula a felicidade como vida conforme a natureza e insiste que o bem

supremo está na virtude, não no prazer ou nos bens da fortuna. A polêmica com o epicurismo é mais complexa do que uma oposição simplista entre austeridade e prazer. O próprio Sêneca reconhece a sobriedade de Epicuro e distingue sua doutrina do uso vulgar que dela fazem os que procuram legitimar luxos. A segunda metade do diálogo ganha intensidade autobiográfica quando o autor responde à acusação de que sua riqueza e sua vida não correspondem à severidade dos preceitos. Em lugar de reivindicar perfeição, ele defende a direção do esforço: o filósofo não precisa dizer "sou sábio" para dizer "isto é melhor". Essa defesa não elimina o problema moral de sua riqueza; torna-o explícito e oferece ao leitor um dos lugares privilegiados para examinar a relação entre doutrina e vida em Sêneca.

Sobre o Ócio, conservado de modo fragmentário, trata diretamente da legitimidade do afastamento da vida pública. A tradição estoica valorizava a participação política, mas também reconhecia condições em que a ação pública podia tornar-se impossível ou moralmente improdutiva. Sêneca argumenta que o ser humano pertence a duas comunidades: a cidade concreta na qual nasceu e a comunidade maior que abrange deuses e homens. Servir a essa segunda república pode ocorrer por meio da investigação, do ensino e da formação de outros. O ócio filosófico, portanto, não precisa significar abandono do comum; pode ser outra modalidade de serviço. Lido à luz dos últimos anos do autor, o texto adquire uma ressonância biográfica inevitável, mas sua argumentação ultrapassa a circunstância de Nero e formula um problema permanente sobre ação, retiro e responsabilidade.

As três Consolações pertencem a um gênero de longa tradição filosófica e retórica. O sofrimento é abordado não como problema abstrato, mas no momento em que uma pessoa concreta está submetida à perda. Consolação a Márcia dirige-se a uma mãe que continua mergulhada no luto anos após a morte do filho. Sêneca alterna exemplos, argumentos sobre a universalidade da morte, comparações entre comportamentos possíveis e uma reconstrução imaginária da perspectiva dos mortos. A intenção não é proibir todo choro, mas impedir que o luto se torne identidade permanente. O texto revela a flexibilidade da terapia senequiana: a intensidade da intervenção depende da condição do destinatário, como o médico escolhe tratamento segundo a fase da enfermidade.

Consolação a Políbio é muito diferente. O destinatário é um liberto influente da corte de Cláudio, e o luto pela morte do irmão é acompanhado por extensos elogios ao imperador. A circunstância do exílio torna plausível reconhecer no texto também uma tentativa de intercessão política. A edição de Alexandre Pires

Vieira destaca sem reservas esse caráter de adulação. Para o leitor moderno, a obra vale justamente porque impede a canonização de Sêneca como voz desencarnada de coerência. O filósofo que ensina independência dos bens exteriores também desejou voltar a Roma e empregou recursos de corte para isso. A contradição histórica não invalida automaticamente a doutrina; obriga a lê-la com maior exigência e a distinguir a força de um argumento da santidade de quem o formula.

Consolação a Hélvia, colocada ao final deste volume, oferece um contraponto. Aqui o exilado consola a própria mãe e procura demonstrar que a mudança de lugar não destrói aquilo que realmente possui valor. O cosmopolitismo estoico, ressaltado por Stock e retomado por estudos contemporâneos, sustenta a ideia de que nenhum território particular esgota a pátria do ser racional. A mente pode levar consigo seus melhores bens; o estudo abre uma comunidade que não depende das fronteiras políticas; a natureza inteira permanece campo de contemplação. O texto combina firmeza doutrinária e afeto familiar, e por isso constitui um encerramento particularmente adequado para este conjunto: depois de discutir providência, autodomínio, paixões, tempo, felicidade e ação, o volume termina com a filosofia exercida contra uma adversidade efetivamente vivida pelo próprio autor.

A designação Dialogi requer alguma precisão. Os textos não são diálogos dramáticos à maneira de Platão, com personagens desenvolvidos e alternância contínua de falas. Em muitos casos aproximam-se de cartas ou ensaios endereçados a uma pessoa determinada. O caráter dialógico aparece na construção de interlocutores, objeções, perguntas e respostas, bem como na presença insistente de uma voz que imagina resistências e as enfrenta. A tradição manuscrita reuniu dez obras em doze livros, porque Sobre a Ira ocupa três livros. A ordem transmitida não corresponde à ordem temática adotada aqui, nem pode ser convertida com segurança numa cronologia exata, pois a datação de vários escritos permanece discutida. A organização deste volume é, portanto, declaradamente editorial: procura produzir um percurso de leitura sem fingir restaurar uma sequência autoral perdida.

Esse percurso começa pelo enquadramento cósmico e pelo ideal de firmeza, passa ao exame da paixão destrutiva e da serenidade, concentra-se então na arte de viver - tempo, felicidade e ócio - e termina nas três respostas ao sofrimento particular. A sequência permite perceber uma arquitetura conceitual recorrente. A providência define a ordem maior; a firmeza delimita o que verdadeiramente pode ferir a pessoa; a ira mostra como um juízo desordenado se converte em

paixão e ação; a tranquilidade busca estabilidade; a brevidade da vida recupera o tempo; a vida feliz identifica o bem; o ócio pergunta pela forma concreta de uma existência filosófica; as consolações submetem tudo isso à prova da perda. O conjunto não constitui um tratado sistemático, mas forma um laboratório de aplicação da ética estoica.

O corpus senequiano, contudo, é muito mais vasto. Quintiliano já ressaltava a diversidade de gêneros cultivados pelo autor: discursos, poemas, cartas e diálogos. Grande parte dessa produção se perdeu, mas o que restou ainda é excepcionalmente variado. Além dos Dialogi, os tratados Sobre a Clemência e Sobre os Benefícios desenvolvem respectivamente a ética do poder e a complexa economia moral de dar, receber e retribuir. As Questões Naturais investigam fenômenos como rios, trovões, relâmpagos, cometas e terremotos, sempre com interesse em elevar o olhar do leitor acima das preocupações estreitas. As cento e vinte e quatro Cartas Morais a Lucílio constituem sua obra filosófica mais extensa e provavelmente a mais influente, mesclando exercício espiritual, análise moral, crítica literária, doutrina e autoexame.

A produção dramática ocupa outro lugar fundamental. As tragédias associadas a Sêneca – entre elas Hércules Furioso, Troianas, Fenícias, Medeia, Fedra, Édipo, Agamêmnon e Tiestes, além do discutido Hércules no Eta – exploram paixões levadas a extremos que muitas vezes parecem o negativo teatral dos tratados morais. Não é necessário supor que as peças sejam simples ilustrações do estoicismo para reconhecer uma fecunda tensão entre os dois conjuntos: ira, desejo, vingança, poder e descontrole aparecem no palco com uma violência que os diálogos procuram diagnosticar e conter. A tragédia Octávia foi transmitida entre as obras de Sêneca, mas é geralmente considerada posterior e espúria, entre outras razões porque representa acontecimentos ligados à própria morte de Nero. O Hércules no Eta também tem autoria discutida.

A Apocolocintose do Divino Cláudio acrescenta ainda a sátira menipeia ao repertório. O texto ridiculariza a apoteose do imperador Cláudio e projeta sobre o mundo dos deuses uma paródia do procedimento político romano. Sua presença ao lado de tratados sobre clemência, providência e domínio de si é um lembrete de que Sêneca não escreve numa única chave. Ironia, grotesco, tragédia, consolação, epístola moral e investigação da natureza pertencem a um escritor cuja filosofia se vale de muitos registros. A diversidade literária é parte de sua importância: a ética estoica não aparece apenas em proposições, mas em formas de discurso destinadas a situações e efeitos distintos.

Também sobreviveram fragmentos e títulos de obras perdidas. Entre os textos filosóficos desaparecidos encontram-se escritos sobre superstição, casamento, amizade e outros temas conhecidos por citações posteriores. A Idade Média atribuiu a Sêneca obras que não lhe pertenciam, entre elas a correspondência com o apóstolo Paulo. Essa falsa troca de cartas, embora historicamente inautêntica, teve enorme importância para sua recepção, pois ajudou a converter o moralista pagão em autor compatível com a cultura cristã. Afinidades reais – crítica das paixões, desprezo por riquezas enquanto bens absolutos, fraternidade humana, consciência da morte e interioridade – facilitaram aproximações, mas não se deve apagar a distância entre a cosmologia estoica e a teologia cristã.

A fortuna posterior de Sêneca foi extraordinária. Autores cristãos antigos já o citavam e discutiam; a tradição manuscrita medieval preservou seus tratados e cartas; o humanismo renascentista encontrou nele um mestre de estilo e de conduta. A retomada moderna do estoicismo no fim do século XVI, frequentemente chamada de neostoicismo e associada sobretudo a Justo Lípsio, colocou Sêneca no centro de um esforço para combinar disciplina estoica e cristianismo em época de guerras religiosas e instabilidade política. Montaigne leu Sêneca intensamente e dialogou com ele na construção de uma escrita moral em primeira pessoa. No teatro europeu dos séculos XVI e XVII, as tragédias senequianas contribuíram para formas de representação da vingança, do horror e da retórica da paixão que deixaram marcas profundas na dramaturgia francesa e inglesa.

Nos séculos seguintes, sua reputação oscilou. O estilo concentrado, sentencioso e antitético que encantara tantos leitores também foi acusado de excesso retórico. A própria proximidade com Nero e a riqueza acumulada pelo filósofo alimentaram suspeitas de hipocrisia que já existiam na Antiguidade. Em vez de tentar resolver definitivamente esse processo em favor da condenação ou da absolvição, a crítica contemporânea tende a reconhecer que a contradição é parte do problema filosófico. Um autor que pensa constantemente sobre progresso moral, recaída, exercício e insuficiência talvez seja mais interessante quando lido como praticante imperfeito de sua própria disciplina do que como monumento de impecabilidade.

A renovação dos estudos estoicos no século XX transformou também a avaliação de Sêneca. O volume organizado por Brad Inwood representa bem uma historiografia que reconstrói o estoicismo como sistema sofisticado de lógica, epistemologia, física, teologia, determinismo e ética, corrigindo a antiga tendência de olhar os estoicos romanos apenas como pregadores morais.

Frédérique Ildefonse, ao dedicar atenção à física, à lógica dos lekta, à ética e ao destino, reforça a mesma exigência de unidade. Ciro Moroni Barroso retorna às teses de Zenão e Cleantes e aos problemas da reconstrução de uma escola cujos textos fundadores sobreviveram majoritariamente por fragmentos e testemunhos. Esse pano de fundo permite ler Sêneca como herdeiro criativo de uma tradição técnica, não como autor de autoajuda avant la lettre.

Ao mesmo tempo, a leitura de Sêneca como filosofia praticada recuperou força. Matos sublinha a dimensão do estoicismo como arte de viver, e a apresentação de Filicio Mulinari à edição brasileira de Vida Feliz observa o renascimento contemporâneo do interesse pela filosofia estoica e sua relação com debates modernos sobre cuidado de si. Michel Foucault, entre outros autores do século XX, voltou-se a textos senequianos ao estudar práticas antigas de subjetivação, exame e escrita de si. A popularidade atual do estoicismo possui formas muito diferentes, desde pesquisa filológica exigente até manuais de aplicação cotidiana. Essa amplitude cria uma oportunidade e um risco: Sêneca pode novamente tornar-se um autor vivo, mas também pode ser reduzido a frases destacadas do sistema que lhes dava sentido.

Uma leitura responsável precisa conservar ao menos quatro dimensões ao mesmo tempo. A primeira é histórica: Sêneca pertence ao mundo imperial romano, à cultura da retórica, às relações de patronato e às disputas de uma corte autocrática. A segunda é doutrinal: seus conceitos se enraízam no estoicismo grego e em debates com outras escolas. A terceira é literária: a eficácia de seus argumentos depende de ritmo, imagem, exemplo, interlocução e gênero. A quarta é prática: o texto deseja agir sobre quem o lê. Separar inteiramente essas dimensões empobrece a obra. A retórica sem filosofia vira ornamento; a filosofia sem retórica perde o método terapêutico; a doutrina sem história apaga as pressões sob as quais foi escrita; a história sem a dimensão prática não explica por que tantas gerações continuaram a lê-lo.

Há, além disso, uma característica estilística que merece destaque para o leitor deste volume. Sêneca trabalha por concentração. Um argumento pode ser desenvolvido por páginas e, de repente, condensar-se numa sentença curta que parece autonomizar-se. Essa capacidade produziu sua imensa fortuna como autor de máximas, mas exige cautela. A sententia não é necessariamente um aforismo independente; muitas vezes é o ponto de cristalização de uma sequência argumentativa. Ler somente a frase célebre pode inverter sua função. A edição integral dos diálogos permite devolver essas fórmulas ao movimento em que

surgem: objeção, exemplo, amplificação, recuo, nova formulação. A força literária se torna então inseparável do trabalho filosófico.

A questão da natureza, recorrente em todos os estudos sobre o estoicismo utilizados nesta introdução, fornece talvez o melhor fio de unidade. Viver segundo a natureza não significa aceitar passivamente qualquer ordem social existente, nem abolir preferências concretas. O estoico pode preferir saúde à doença, segurança ao perigo, amizade à solidão e participação política à impotência. O ponto é que essas coisas não constituem por si mesmas o bem moral. Quando circunstâncias independentes de nós as retiram, permanece a possibilidade de agir bem com o material restante. A doutrina dos indiferentes, frequentemente mal compreendida, não afirma que tudo fora da virtude seja psicologicamente indiferente; afirma que seu valor não decide a qualidade moral de uma vida.

Daí decorre a centralidade do juízo. A adversidade torna-se intolerável quando é julgada como destruição absoluta do bem; o insulto fere mais quando recebe assentimento como rebaixamento real do eu; a ira cresce quando a representação de uma injúria é aceita e alimentada; a perda do tempo depende de avaliações falsas sobre aquilo que merece nossa vida; o luto se prolonga quando a dor deixa de ser movimento natural e passa a ser cultivada como dever. Sêneca não reduz emoções a raciocínios frios, mas supõe que as paixões humanas possuem uma estrutura cognitiva sobre a qual o exercício pode atuar. Essa é uma das razões de sua modernidade: sua ética é uma pedagogia da atenção aos processos pelos quais atribuímos valor.

Outro fio é a relação entre interioridade e comunidade. A famosa imagem do sábio autossuficiente poderia sugerir isolamento, mas o estoicismo sustenta uma antropologia social. Stock destaca o cosmopolitismo do Pórtico; Ragazzi lembra a integração entre indivíduo e cosmos; os tratados de Sêneca insistem na amizade, no benefício, na clemência e no dever para com outros. Recolher-se a si não é construir um bunker psicológico contra o mundo. É tentar estabelecer um centro de decisão menos servil a aplauso, medo e ambição, para então agir de modo mais livre. O ócio só se justifica plenamente quando não degenera em torpor e quando conserva algum serviço à comunidade mais ampla da razão.

Por isso as tensões políticas da biografia de Sêneca não são periféricas à sua filosofia. O homem que escreveu sobre clemência aconselhou um imperador que se tornou tirano; o crítico da riqueza foi extraordinariamente rico; o defensor do desprezo ao exílio tentou sair dele; o pensador da autonomia viveu durante anos dependente de decisões palacianas. Essas contradições podem ser usadas como

acusação sumária, mas também podem ser tomadas como caso de estudo do próprio problema que ele formula: quanto pode a filosofia transformar alguém inserido em estruturas de poder, desejo e medo? O valor dos textos não depende de responder que transformou completamente seu autor. Depende de avaliar se eles descrevem com lucidez os mecanismos que também o aprisionavam.

A modernidade de Sêneca reside, assim, menos em oferecer soluções fáceis do que em insistir que uma vida é construída por exercícios repetidos de valoração. Seu ideal do sábio é quase inalcançável; sua figura mais frequente é a do proficiens, aquele que progride. Esse espaço intermediário impede que a ética se reduza à alternativa entre perfeição e fracasso. É possível observar uma paixão mais cedo do que ontem, desperdiçar menos tempo, reagir com menor violência, precisar menos de aprovação, suportar melhor uma perda. A filosofia mede-se por deslocamentos concretos. Essa concepção explica por que os diálogos podem conservar interesse mesmo quando o leitor não aceita a cosmologia estoica em todos os seus termos.

O presente volume foi organizado para favorecer essa leitura contínua. Ele não substitui edições críticas com texto latino, aparato e notas, mas procura oferecer o corpo dos diálogos em português, sem interrupção de comentários, de modo que a arquitetura retórica de cada obra permaneça visível. As notas das edições de origem foram retiradas deliberadamente; referências necessárias para o estudo filológico devem ser procuradas nas edições indicadas na bibliografia. Em compensação, preservaram-se as divisões tradicionais em livros, capítulos e parágrafos sempre que disponíveis, pois elas permitem comparação com outras edições e tornam o volume útil também para citação.

A passagem do estoicismo de Atenas para Roma não foi uma simples mudança de idioma. Entre a antiga Stoa e Sêneca houve séculos de interpretação, seleção e adaptação. Panécio de Rodes, ligado ao círculo de Cipião Emiliano, ajudou a tornar a doutrina inteligível à elite romana; Possidônio ampliou sua presença intelectual; Cícero, embora não estoico, transmitiu em latim uma parte decisiva de seu vocabulário moral. O volume organizado por Inwood insiste justamente em distinguir a escola de Zenão e Crisipo do estoicismo do período imperial, sem romper a continuidade entre ambos. Em Roma, a filosofia encontra uma cultura fortemente marcada pelo direito, pelo mos maiorum, pela retórica pública e pela administração de um império. Termos como officium, dignitas, otium e res publica carregam experiências sociais próprias. Sêneca pensa dentro dessa transformação: o sábio da escola helenística torna-se também senador, conselheiro, pai, amigo, proprietário e sujeito de um imperador. O

problema da virtude deixa de ser apenas a descrição de um estado ideal e passa a ser testado na rede concreta de obrigações e dependências da sociedade romana.

Essa romanização não deve ser confundida com empobrecimento intelectual. A tendência antiga de imaginar uma Stoa grega teoricamente rigorosa e uma Stoa romana reduzida a sermões morais foi amplamente corrigida pela pesquisa contemporânea. A própria obra de Sêneca resiste a essa divisão. Quando ele discute providência, destino, causalidade, natureza ou a condição da alma, pressupõe questões da física e da teologia estoicas. Quando examina a ira, mobiliza a teoria do impulso e do assentimento. Quando pensa o valor das riquezas, depende da distinção técnica entre bem, mal e indiferentes. Quando fala de liberdade, não a define como ausência de causas, mas como conformidade racional do agente consigo mesmo e com a ordem do todo. A prioridade conferida à ética é real, porém a ética só conserva sua força porque permanece ligada a uma imagem do ser humano e do cosmos. É nesse sentido que as sínteses de Ildefonse e Stock, apesar da diferença de época e método, convergem ao insistir na interdependência das partes da filosofia.

A doutrina dos indiferentes é especialmente importante para evitar uma leitura superficial dos diálogos. Dizer que saúde, riqueza, reputação e vida não são bens no sentido moral não equivale a dizer que não possuam qualquer valor prático. O estoicismo distingue entre aquilo que constitui a felicidade e aquilo que pode ser racionalmente preferido. Saúde é normalmente preferível à doença; segurança, ao perigo; amizade, ao isolamento. Mas nenhuma dessas condições garante a excelência da vontade, e sua perda não transforma automaticamente uma pessoa em má. Essa estrutura permite compreender por que Sêneca pode recomendar prudência econômica e ao mesmo tempo negar que a riqueza seja um bem supremo, ou pode lamentar um morto sem aceitar que a morte seja um mal moral. Grande parte da terapêutica senequiana consiste em recolocar cada objeto no nível de valor que lhe corresponde, reduzindo o poder tirânico adquirido por coisas exteriores quando são tratadas como condições absolutas da felicidade.

O mesmo vale para a apatheia, frequentemente traduzida de modo enganoso como ausência de sentimentos. O ideal estoico não descreve uma pedra humana. A questão central são as paixões entendidas como movimentos que incorporam juízos excessivos ou falsos e escapam à medida racional. O sábio pode experimentar movimentos iniciais involuntários, afeição, alegria racional e cuidado pelos outros; o que não faz é entregar a direção da ação a um juízo desordenado. Sêneca é particularmente atento à temporalidade das paixões. Na

ira, um primeiro abalo ainda pode ser interrompido; depois do assentimento, o movimento ganha velocidade e tende a arrastar o agente. Daí a importância do atraso, da antecipação e do autoconhecimento. A terapia não começa no instante da explosão: começa na organização da vida, na escolha dos ambientes, na moderação de expectativas e na criação de hábitos que tornam menos provável a perda de comando.

A morte ocupa lugar semelhante. Nenhum tema retorna com mais frequência em Sêneca, mas seria pobre concluir daí uma obsessão mórbida. Meditar sobre a morte serve para redimensionar a posse do tempo e desmontar a fantasia de que a vida só começará depois de certas conquistas. Em Sobre a Brevidade da Vida, morrer é o limite que revela o desperdício; nas Consolações, é a condição universal que impede transformar uma perda particular em escândalo cósmico; em Sobre a Providência, é uma das provas que não alcançam o bem moral; nas Cartas, torna-se exercício quase diário de liberdade. A preparação para a morte não é culto ao fim, mas tentativa de retirar do futuro a capacidade de sequestrar o presente. Quem aceita que a duração não lhe pertence pode começar a perguntar com maior rigor a que atividades vale a pena entregar uma hora.

O tempo senequiano, por isso, é inseparável da atenção. A vida se perde menos porque seja curta do que porque é fragmentada em ocupações sem centro. Essa crítica não se dirige apenas ao homem de negócios. O ocioso que troca uma distração por outra pode ser tão occupatus quanto o magistrado cercado de clientes. A oposição decisiva não é trabalho versus repouso, e sim alienação versus posse racional do próprio tempo. A leitura filosófica, o diálogo com amigos, o exame de consciência e a contemplação da natureza são modos de reconduzir a atenção ao que depende do agente. Essa análise explica a atualidade de Sêneca sem exigir anacronismo: sociedades modernas possuem formas de dispersão desconhecidas por Roma, mas o mecanismo pelo qual desejos e demandas externas ocupam integralmente a vida continua reconhecível.

Também merece atenção a dimensão social de uma ética tantas vezes apresentada como individualista. O estoicismo antigo elaborou a ideia de oikeiosis, processo pelo qual o ser vivo reconhece e apropria aquilo que lhe é conforme, e a ética humana amplia essa relação em direção aos outros. A razão é compartilhada, e a comunidade moral pode ultrapassar cidade, condição jurídica e origem. Sêneca desenvolve esse horizonte com especial força nas Cartas e em Sobre os Benefícios, inclusive ao criticar maneiras desumanas de tratar escravos e ao insistir na reciprocidade que liga os homens. Os diálogos deste volume não

expõem sistematicamente essa teoria, mas a pressupõem. A firmeza do sábio não tem por objetivo torná-lo indiferente aos outros; a tranquilidade exige amizades adequadas; o ócio pode servir à comunidade universal; as consolações existem porque a dor de outra pessoa se torna tarefa filosófica. A autarquia estoica é capacidade de não depender servilmente do exterior, não recusa do vínculo humano.

Esse ponto ilumina ainda a relação entre ética e política. A experiência de Sêneca obriga a reconhecer que domínio de si e domínio institucional não coincidem. Um príncipe pode governar vastos territórios e ser escravo da própria ira; um exilado pode perder direitos e conservar liberdade interior. Essa inversão é central para a crítica estoica do poder. Ao mesmo tempo, a interiorização da liberdade pode tornar-se ambígua se for usada para naturalizar injustiças externas. A leitura moderna deve manter ambas as perspectivas: compreender a potência emancipadora de distinguir o que um tirano pode e não pode tomar, sem transformar essa distinção em justificativa para a tirania. A filosofia de Sêneca nasce dentro de uma ordem imperial e tenta criar espaços de agência nela; não oferece uma teoria democrática moderna, mas fornece instrumentos penetrantes para analisar a servidão produzida por medo, ambição e dependência de favores.

A crítica moderna também alterou a maneira de relacionar as obras filosóficas às tragédias. Durante muito tempo procurou-se decidir se o moralista e o dramaturgo eram coerentes ou contraditórios. Uma abordagem mais fecunda observa que os gêneros fazem trabalhos diferentes. Nos tratados, a razão nomeia, classifica e tenta conter paixões; no teatro, paixões extremas ocupam a cena e mostram sua lógica de expansão. Medeia, Atreu, Fedra ou Édipo não precisam ser personagens didáticos para tornar visível o mundo que resulta quando desejo, medo, poder e vingança deixam de reconhecer medida. A violência verbal e imagética das tragédias amplia, por outro meio, problemas presentes em Sobre a Ira e Sobre a Providência. Essa relação ajuda a explicar por que Sêneca teve influência simultaneamente filosófica e literária: sua investigação da alma humana não se limita ao conceito, mas experimenta formas dramáticas de exposição.

Um dos instrumentos centrais dessa pedagogia é o exemplum. Sêneca recorre incessantemente a Sócrates, Catão, Régulo, Múcio Cévola, Fabrício e outras figuras históricas ou semilendárias, assim como a tiranos, cortesãos e homens dominados por vícios. O exemplo não substitui a demonstração; oferece à imaginação uma forma concreta daquilo que o argumento afirma. A cultura

romana estava particularmente preparada para esse procedimento, pois a memória dos maiores funcionava como repertório de modelos públicos de conduta. Nos diálogos, porém, o exemplum é frequentemente submetido a uma intensificação retórica: a cena é recortada, dramatizada e transformada em prova moral. O leitor não recebe uma biografia neutra de Catão ou Régulo, mas uma imagem construída para mostrar o que significa preferir virtude a segurança. As notas críticas das edições modernas recordam que Sêneca por vezes simplifica ou mesmo confunde dados históricos; isso confirma que seu objetivo imediato não é historiográfico. A verdade buscada pelo exemplo é ética e persuasiva, embora a crítica moderna deva conservar distância suficiente para distinguir entre fato, tradição e elaboração literária.

Essa dimensão ajuda também a compreender o lugar da retórica em sua filosofia. Filho de uma cultura de declamadores e formado para a vida forense, Sêneca domina recursos que a filosofia grega frequentemente olhava com suspeita. Em vez de abandoná-los, procura submetê-los a uma finalidade moral. Antíteses, enumerações, perguntas rápidas, imagens violentas e mudanças de interlocutor produzem ritmo e obrigam a leitura a participar do combate descrito. Há momentos em que a prosa parece deliberadamente excessiva, sobretudo em Sobre a Ira; o excesso é funcional, porque torna sensível a deformação da paixão. Em outros, a frase se contrai até a brevidade de uma máxima. A oscilação entre amplificação e concentração é uma assinatura do autor e explica tanto sua influência quanto as críticas recebidas desde Quintiliano. Preservar o fluxo desses textos sem a interrupção de notas em cada página é, por isso, uma escolha desta edição: não porque o aparato seja dispensável ao estudo, mas porque a primeira experiência de leitura deve permitir que o movimento retórico cumpra a função para a qual foi concebido.

A recepção contemporânea, finalmente, coloca uma responsabilidade editorial particular. A circulação de frases de Sêneca em redes sociais e manuais de produtividade confirma sua capacidade de falar fora do contexto antigo, mas também favorece simplificações. A filosofia pode ser convertida em técnica para suportar qualquer ambiente, aumentar eficiência ou adaptar o indivíduo a condições que talvez devessem ser transformadas. Nada obriga a aceitar esse uso. O Sêneca integral é mais incômodo: critica a ocupação incessante, o luxo, a servidão ao prestígio e a incapacidade dos poderosos de governar as próprias paixões; pergunta pelo valor da ação pública e admite a possibilidade de recusá-la; afirma uma comunidade humana mais ampla que hierarquias locais. Ler os diálogos em sequência permite recuperar essa complexidade e confrontar a

popularidade atual do estoicismo com a densidade histórica e filosófica de suas fontes.

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Esta edição reúne traduções portuguesas de procedências diferentes, escolhidas em função da qualidade textual e da disponibilidade dos materiais utilizados durante a preparação do volume. Sobre a Providência apresenta tradução nova elaborada para este projeto diretamente do latim e cotejada com as versões de Ricardo da Cunha Lima e de Heloísa Penna e Maíra Laranjeira. Sobre a Firmeza do Sábio, Sobre a Ira, Sobre a Tranquilidade da Alma e Sobre a Brevidade da Vida seguem as traduções de José Eduardo S. Lohner; Sobre a Vida Feliz e Sobre o Ócio, a tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves; Consolação a Políbio, a de Alexandre Pires Vieira, realizada, conforme a própria edição, a partir da versão inglesa de Aubrey Stewart; Consolação a Márcia, a de Monica Seincman; e Consolação a Hélvia, a de Giulio Davide Leoni. As traduções foram mantidas em sua substância. A intervenção editorial limitou-se à uniformização da ortografia segundo o uso brasileiro atual, à correção de erros materiais inequívocos de digitalização e composição e à padronização tipográfica de aspas, travessões, títulos e numeração.

O texto de Sobre a Ira conserva a lacuna presente na tradição e não incorpora como se fossem continuidade segura de Sêneca os excertos de autores posteriores que algumas edições imprimem como testemunhos suplementares. Sobre o Ócio também chegou mutilado; suas lacunas são assinaladas e não completadas por conjectura. Em Consolação a Márcia, uma irregularidade de numeração no capítulo XXIII foi preservada quando a fonte não permitia determinar com segurança a restituição. Em Consolação a Políbio, dois artefatos evidentes da cópia digital foram corrigidos por cotejo contextual. A paginação deste volume é contínua, e os títulos correntes servem apenas à navegação. A ordem dos diálogos é temática, não cronológica nem manuscrita: parte da providência e da firmeza, passa pela terapia das paixões e pela arte de viver, e termina com as três consolações, deixando a Consolação a Hélvia como fecho do percurso.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

BARROSO, Ciro Moroni. Filosofia da Stoa: as teses de Zenão e Cleantes. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

MATOS, Andityas Soares de Moura Costa. A filosofia como forma-de-vida: uma introdução ao estoicismo greco-romano. São Paulo: Loyola, 2023.

STOCK, St. George. Guia do estoicismo. Trad. Paulo

ILDEFONSE, Frédérique. Os estoicos I. Trad. Mauro Pinheiro. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

INWOOD, Brad (org.). Os estoicos. Trad. Paulo Fernando Tadeu Ferreira e Raul Fiker. São Paulo: Odysseus, 2006.

RAGAZZI, Alexandre. "Viver de acordo com a natureza

Velloso. Campinas: CEDET/Auster, 2024 [1908].

SÊNECA. Sobre a divina providência; Sobre a firmeza do homem sábio. Trad., introd. e notas Ricardo da Cunha Lima. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

SÊNECA. Sobre a ira; Sobre a tranquilidade da alma. Trad., introd. e notas José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2014.

SÊNECA. Lições sobre a vida feliz e outros diálogos. Trad. Rodrigo Tadeu Gonçalves. São Paulo: Goya, 2024.

SÊNECA. "Consolação a Márcia". Trad. Monica Seincman. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, ano X, n. 1, 2007.

no estoicismo e na arte". PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, v. 15, n. 35, 2025.

SÊNECA. Apocolocintose; De Providentia. Trad. Heloísa Maria Moraes Moreira Penna e Maíra Borges Laranjeira. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2010.

SÊNECA. Sobre a brevidade da vida; Sobre a firmeza do sábio. Trad. e notas José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2017.

SÊNECA. Consolação a Políbio. Trad., introd. e notas Alexandre Pires Vieira. Montecristo Editora, 2020.

SÊNECA. "Consolação a minha mãe Hélvia". In: Epicuro; Lucrécio; Cícero; Sêneca; Marco Aurélio. Os Pensadores. Trad. e notas Agostinho da Silva et al. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

SOBRE A PROVIDÊNCIA

De Providentia
A LUCÍLIO

Por que alguns infortúnios acontecem aos homens bons, se existe providência

I

1.1 Perguntaste-me, Lucílio, por que razão, se o mundo é governado pela providência, tantos males acontecem aos homens bons.

A resposta caberia melhor no desenvolvimento de uma obra em que demonstrássemos que a providência preside a todas as coisas e que deus se ocupa de nós. Mas, já que te agrada separar uma parte do todo e resolver uma única objeção enquanto a questão principal permanece intacta, empreenderei tarefa não difícil: defenderei a causa dos deuses.

1.2 É desnecessário, por ora, mostrar que obra tão vasta não se mantém sem algum guardião, nem que esta reunião e este curso dos astros resultam de um impulso fortuito. Aquilo que o acaso põe em movimento frequentemente se desordena e logo se choca; esta velocidade, porém, prossegue sem impedimento sob o comando de uma lei eterna, conduzindo tantas coisas por terra e mar, tantas luzes esplendidíssimas que brilham segundo uma ordem estabelecida.

Esta ordem não pertence a uma matéria errante; nem coisas reunidas ao acaso poderiam manter-se dispostas com tamanha arte: o imenso peso da terra permanece imóvel e contempla ao redor de si a fuga do céu que se apressa; os mares, derramados pelos vales, banham as terras sem sentir aumento algum das águas dos rios; e de sementes mínimas nascem corpos imensos.

1.3 Nem mesmo aqueles fenômenos que parecem confusos e incertos - refiro-me às chuvas, às nuvens, aos arremessos dos raios que irrompem, aos incêndios derramados dos cumes fendidos das montanhas, aos tremores do solo vacilante e a tudo o mais que a parte turbulenta da natureza move em torno da terra - acontecem sem razão, embora sejam súbitos. Também eles têm suas causas, não menos do que os fenômenos que, vistos em lugares inesperados, despertam admiração, como águas quentes em meio às ondas e novas extensões de ilhas que emergem no vasto mar.

1.4 E se alguém observar as praias descobrirem-se quando o mar recua para dentro de si e, pouco depois, tornarem a ser cobertas, poderá acreditar que, por alguma oscilação cega, ora as ondas se contraem e são impelidas para dentro, ora irrompem e, em grande curso, retomam seu lugar; quando, na verdade, elas crescem por etapas e avançam segundo a hora e o dia, maiores ou menores conforme a lua as atrai, sob cujo comando o Oceano transborda.

Guardemos essas questões para o momento próprio, tanto mais porque tu não duvidas da providência: apenas te queixas dela.

1.5 Eu te reconciliarei com os deuses, que são favoráveis aos melhores homens. A natureza das coisas não permite que o bem jamais prejudique os bons. Entre os homens bons e os deuses existe amizade, firmada pela virtude. Digo amizade? Mais ainda: parentesco e semelhança. Pois o homem bom difere de deus somente quanto à duração; é seu discípulo, seu imitador e sua verdadeira descendência, a quem aquele pai magnífico, rigoroso exigidor da virtude, educa com maior severidade, como fazem os pais exigentes.

1.6 Por isso, quando vires homens bons e queridos pelos deuses trabalhar, suar e subir por caminhos árduos, enquanto os maus se entregam aos prazeres e nadam em deleites, pensa que nos agrada a disciplina de nossos filhos e a licença dos escravos de casa; mantemos os primeiros sob disciplina mais austera, enquanto fomentamos a audácia dos outros. Pensa o mesmo a respeito de deus: ele não mima o homem bom; põe-no à prova, endurece-o e prepara-o para si.

II

2.1 Por que tantas adversidades sobrevêm aos homens bons? Nada de mau pode acontecer ao homem bom: os contrários não se misturam.

Assim como tantos rios, tanta chuva precipitada do alto e tamanha força de fontes medicinais não alteram o sabor do mar - nem sequer o tornam menos salgado -, também o ímpeto das adversidades não transforma o espírito do homem forte. Ele permanece em seu estado e imprime sua própria natureza a tudo quanto lhe acontece, pois é mais poderoso do que todas as coisas exteriores.

2.2 Não quero dizer com isso que ele não as sinta, mas que as vence e, embora habitualmente sereno e tranquilo, ergue-se contra aquilo que o acomete. Considera todas as adversidades exercícios.

E que homem, desde que seja verdadeiramente homem e tenha o espírito voltado para o que é digno, não deseja um esforço justo e não se mostra pronto

para deveres que envolvam perigo? Para que homem ativo o ócio não constitui um castigo?

2.3 Vemos os atletas, para quem importa desenvolver as forças, procurarem lutar contra os mais fortes e exigirem daqueles que os preparam para a competição que empreguem contra eles toda a sua força. Deixam-se golpear e maltratar e, quando não encontram um único adversário à altura, enfrentam vários ao mesmo tempo.

2.4 A virtude definha sem adversário. Somente então se revela quão grande ela é e quanto pode, quando demonstra pela resistência aquilo de que é capaz.

Deves saber que os homens bons precisam fazer o mesmo: não temer o que é duro e difícil, nem se queixar do destino; tudo o que lhes acontecer, devem recebê-lo como um bem e convertê-lo em bem.

Não importa o que suportas, mas como o suportas.

2.5 Não vês quanto diferem os cuidados dos pais e os das mães?

Os pais mandam que os filhos se levantem cedo para os estudos; nem mesmo nos dias de festa permitem que permaneçam ociosos e deles arrancam suor e, por vezes, lágrimas. As mães, ao contrário, querem acariciá-los no colo e conservá-los à sombra; querem que nunca se entristeçam, nunca chorem, nunca se fatiguem.

2.6 Deus tem para com os homens bons o espírito de um pai e ama-os com firmeza.

> "Sejam provados", diz ele, "por trabalhos, dores e perdas, para que adquiram verdadeira força."

Os corpos engordados pela inércia enfraquecem e sucumbem não somente ao esforço, mas ao movimento e até ao próprio peso. Uma felicidade jamais ferida não suporta golpe algum; aquele, porém, que sustentou combate incessante contra suas adversidades criou, por meio das provações, uma pele endurecida e não cede diante de mal algum: ainda que caia, continua lutando de joelhos.

2.7 Admiras-te de que aquele deus tão amante dos homens bons, desejando que sejam os melhores e mais excelentes possível, lhes destine uma fortuna contra a qual possam exercitar-se?

Quanto a mim, não me admiro se por vezes lhe sobrevém o desejo de contemplar grandes homens em luta com alguma calamidade.

2.8 Também nós algumas vezes sentimos prazer quando um jovem de espírito firme recebe com a lança uma fera que se lança sobre ele, ou suporta sem medo o

ataque de um leão; e o espetáculo nos agrada tanto mais quanto mais nobre é aquele que o realiza.

Mas não são essas coisas que podem atrair para si o olhar dos deuses: são brincadeiras infantis, divertimentos próprios da leviandade humana.

2.9 Eis um espetáculo digno de que deus, mesmo atento à sua obra, volte os olhos para contemplá-lo; eis um combate digno de deus: um homem forte colocado frente a frente com a má Fortuna, sobretudo se ele próprio a desafiou.

Não vejo, digo eu, o que Júpiter poderia contemplar sobre a terra de mais belo - se quisesse dirigir para cá sua atenção - do que Catão, depois de sua causa ter sido mais de uma vez derrotada, permanecendo ainda assim ereto entre as ruínas da República.

2.10 "Ainda que todas as coisas", diz ele, "tenham caído sob o poder de um só; ainda que as terras sejam guardadas por legiões, os mares por frotas e os soldados de César ocupem as portas, Catão ainda tem por onde sair.

> Uma única mão abrirá para a liberdade uma larga estrada.
>
> Esta espada, que mesmo durante a guerra civil permaneceu pura e inocente, realizará enfim uma obra boa e nobre: dará a Catão a liberdade que não pôde dar à pátria.
>
> Avança, meu espírito, para a obra há tanto tempo meditada; liberta-te das coisas humanas!
>
> Petreio e Juba já se enfrentaram e jazem mortos, cada qual pela mão do outro. É um acordo com o destino valente e digno, mas não convém à nossa grandeza.
>
> É tão indigno de Catão pedir a alguém a morte quanto pedir a vida."

2.11 Não tenho dúvida de que os deuses contemplaram com grande alegria aquele homem, severíssimo juiz de si mesmo, enquanto cuidava da salvação dos outros e preparava a fuga dos que partiam; enquanto, mesmo em sua última noite, ainda se ocupava dos estudos; enquanto cravava a espada no peito sagrado, derramava as próprias entranhas e, com a própria mão, libertava aquela alma santíssima, indigna de ser contaminada pelo ferro.

2.12 Por isso acredito que o primeiro ferimento tenha sido insuficientemente seguro e eficaz: aos deuses imortais não bastou contemplar Catão uma única vez. Sua virtude foi retida e chamada de volta para que se mostrasse numa prova ainda mais difícil.

Pois não é necessário tão grande ânimo para ir ao encontro da morte quanto para voltar a enfrentá-la.

E por que não contemplariam com prazer seu discípulo escapando por uma saída tão gloriosa e memorável?

A morte consagra aqueles cujo fim é louvado até mesmo por quem teme morrer.

III

3.1 Mas, à medida que o discurso avançar, demonstrarei que não são males aquelas coisas que assim parecem. Por ora, afirmo isto: essas coisas que chamas duras, adversas e abomináveis acontecem, primeiro, em benefício daqueles a quem sucedem; depois, em benefício de todos, pois os deuses têm maior cuidado com o conjunto dos homens do que com os indivíduos; além disso, acontecem àqueles que as aceitam e, se não as aceitassem, seriam dignos da desgraça.

Acrescentarei que essas coisas sucedem por determinação do destino e recaem sobre os homens bons segundo a mesma lei pela qual são bons.

Depois te convencerei de que jamais deves ter pena de um homem bom: pode ser chamado de infeliz; não pode sê-lo.

3.2 De tudo quanto propus, o mais difícil parece ser aquilo que afirmei primeiro: que é para o bem daqueles a quem acontecem essas coisas diante das quais nos horrorizamos e tememos.

> "É para o próprio bem", dizes, "ser lançado ao exílio, ser reduzido à miséria, levar filhos e esposa ao túmulo, sofrer a desonra, ficar mutilado?"

Se te admiras de que essas coisas possam beneficiar alguém, também te admirarás de que certos homens sejam curados pelo ferro e pelo fogo, e não menos pela fome e pela sede. Mas, se considerares que, como remédio, alguns têm os ossos raspados e retirados, as veias extraídas e certos membros amputados - membros que não poderiam permanecer ligados ao corpo sem causar a ruína do todo -, admitirás também que alguns infortúnios existem em benefício daqueles a quem acontecem.

E, por Hércules, isso é tão verdadeiro quanto o contrário: certas coisas louvadas e desejadas prejudicam justamente aqueles que nelas encontram prazer, semelhantes que são à indigestão, à embriaguez e a tudo o mais que mata por meio do prazer.

3.3 Entre as muitas palavras admiráveis de nosso Demétrio há uma que ainda trago fresca comigo; ainda ressoa e vibra em meus ouvidos:

> "Nada me parece mais infeliz do que aquele a quem jamais aconteceu qualquer adversidade."

Pois a esse homem não foi permitido pôr-se à prova.

Ainda que tudo lhe tenha acontecido conforme seus desejos - ainda que antes mesmo que pudesse desejá-lo -, os deuses, apesar disso, fizeram dele um mau julgamento: consideraram-no indigno de algum dia vencer a Fortuna.

A Fortuna evita justamente os mais covardes, como se dissesse:

> "Então? Hei de tomar este por adversário? Deporá as armas imediatamente. Contra ele não necessito de toda a minha força; uma leve ameaça o fará fugir. Ele nem sequer consegue sustentar meu olhar. Procure-se outro com quem eu possa medir forças. Envergonha-me lutar contra um homem já preparado para ser vencido."

3.4 O gladiador considera uma desonra ser colocado diante de um adversário inferior e sabe que não há glória em vencer aquele que se vence sem perigo.

A Fortuna faz o mesmo: procura adversários à sua altura entre os mais fortes; por alguns passa com desprezo.

Ataca os mais obstinados e mais firmes, contra os quais possa empregar toda a sua força: experimenta o fogo em Múcio, a pobreza em Fabrício, o exílio em Rutílio, a tortura em Régulo, o veneno em Sócrates, a morte em Catão.

Somente a má Fortuna encontra um grande exemplo.

3.5 Múcio é infeliz porque comprime com a mão direita o fogo dos inimigos e exige de si mesmo o castigo por seu erro? Porque, com a mão queimada, põe em fuga o rei que não conseguira expulsar com a mão armada?

Então seria mais feliz se aquecesse a mão no seio de uma amante?

3.6 Fabrício é infeliz porque, sempre que está livre dos negócios da República, cava sua própria terra? Porque trava guerra tanto contra Pirro quanto contra as riquezas? Porque junto ao fogo come aquelas mesmas raízes e ervas que, ao limpar seu campo, ele próprio arrancou - velho que já havia celebrado um triunfo?

Então seria mais feliz se amontoasse no ventre peixes de costas longínquas e aves estrangeiras; se estimulasse a indolência de um estômago nauseado com mariscos do mar Superior e do Inferior; se cercasse as mais magníficas peças de

caça - capturadas à custa da morte de tantos caçadores - com uma enorme montanha de frutas?

3.7 Rutílio é infeliz porque aqueles que o condenaram terão de defender sua causa diante de todos os séculos? Porque suportou com maior serenidade ser arrancado da pátria do que ter o exílio arrancado de si? Porque foi o único a negar alguma coisa ao ditador Sula e, chamado de volta, em vez de regressar, recuou ainda mais e fugiu para mais longe?

> "Que vejam", diz ele, "essas coisas aqueles que a tua felicidade surpreendeu em Roma. Que vejam o sangue correndo abundantemente no Fórum; sobre o lago Serviliano - pois ali está o espoliário das proscrições de Sula -, as cabeças de senadores; bandos de assassinos vagando por toda a cidade; muitos milhares de cidadãos romanos trucidados num mesmo lugar depois de recebida a garantia de segurança - ou melhor, trucidados justamente por causa dessa garantia. Que vejam tudo isso aqueles que não sabem viver no exílio."

3.8 Então quê? Lúcio Sula é feliz porque, quando desce ao Fórum, abrem-lhe caminho à espada? Porque permite que lhe sejam apresentadas as cabeças de homens que haviam sido cônsules e contabiliza, por intermédio do questor e dos registros públicos, o preço dos assassinatos?

E tudo isso faz aquele homem - justamente aquele que promulgou a Lei Cornélia.

3.9 Passemos a Régulo. Em que a Fortuna o prejudicou ao transformá-lo em exemplo de fidelidade e exemplo de resistência?

Pregos perfuram-lhe a pele; onde quer que repouse o corpo exausto, apoia-se sobre uma ferida; seus olhos são mantidos abertos numa vigília perpétua.

Quanto maior o tormento, maior será a glória.

Queres saber quanto ele não se arrepende de ter avaliado a virtude por esse preço?

Retira-lhe os pregos e envia-o novamente ao Senado: dará a mesma opinião.

3.10 Julgas então Mecenas mais feliz?

Atormentado por amores e lamentando diariamente os rompimentos com uma esposa caprichosa, ele procura o sono no canto de harmonias que ressoam suavemente à distância.

Ainda que se entorpeça com vinho puro, que se distraia com o ruído das águas e engane a mente inquieta com mil prazeres, ficará tão desperto sobre as plumas quanto Régulo sobre a cruz.

Mas Régulo possui o consolo de suportar sofrimentos em favor do que é honroso e, deixando de olhar para aquilo que suporta, volta os olhos para a causa por que suporta; Mecenas, ao contrário, amolecido pelos prazeres e oprimido por uma felicidade excessiva, é atormentado pela causa de seu sofrimento mais do que pelas próprias coisas que sofre.

3.11 Os vícios ainda não se apoderaram do gênero humano a tal ponto que, se fosse concedido escolher o próprio destino, houvesse dúvida de que um número maior de homens preferiria nascer Régulo a nascer Mecenas.

E, se houver alguém que ouse dizer que preferiria ter nascido Mecenas a Régulo, esse mesmo homem - ainda que não o confesse - teria preferido nascer Terência.

3.12 Julgas que Sócrates foi maltratado porque bebeu aquela poção preparada por ordem pública como se fosse um remédio para a imortalidade e discutiu sobre a morte até o instante em que ela chegou?

Foi maltratado porque seu sangue se tornou frio e, à medida que o frio avançava pouco a pouco, cessou o vigor de suas veias?

3.13 Quanto mais devemos invejá-lo do que aqueles a quem a bebida é servida em pedras preciosas, aqueles para quem um favorito envelhecido, treinado para toda espécie de submissão, de virilidade mutilada ou duvidosa, dissolve a neve suspensa em ouro!

Tudo o que estes beberem, devolverão pelo vômito, tristes, tornando a provar a própria bile.

Sócrates, porém, beberá o veneno alegre e de bom grado.

3.14 Quanto a Catão, já dissemos o suficiente. E o consenso dos homens reconhecerá que lhe coube a mais elevada felicidade: foi ele que a própria natureza escolheu para lançar contra tudo quanto causa temor.

> "As inimizades dos poderosos são terríveis? Que seja colocado ao mesmo tempo contra Pompeu, César e Crasso.
>
> É duro ser preterido em dignidade por homens inferiores? Que Vatínio seja preferido a ele.

É duro participar de guerras civis? Que combata por toda a extensão da terra em defesa de uma causa justa, com tanta persistência quanto falta de sucesso.

É duro lançar as próprias mãos contra si mesmo? Que o faça.

E o que conseguirei com tudo isso? Que todos saibam que não são males aquelas coisas das quais julguei Catão digno."

IV

4.1 A prosperidade chega também à plebe e aos espíritos vulgares; mas submeter ao jugo as calamidades e os terrores dos mortais é próprio do grande homem.

Ser sempre feliz e atravessar a vida sem que a alma seja alguma vez ferida é ignorar metade da natureza das coisas.

4.2 És um grande homem; mas como saberei disso, se a Fortuna não te dá oportunidade de mostrar tua virtude?

Desceste à arena dos Jogos Olímpicos, mas ninguém além de ti compareceu: tens a coroa, não tens a vitória. Não te felicito como a um homem valente, mas como a alguém que alcançou o consulado ou a pretura: recebeste uma distinção, nada mais.

4.3 Posso dizer o mesmo a um homem bom, se nenhuma circunstância mais difícil lhe concedeu ocasião para mostrar a força de seu espírito:

"Julgo-te infeliz porque nunca foste infeliz. Passaste pela vida sem adversário; ninguém saberá do que eras capaz - nem sequer tu mesmo."

Pois, para que alguém conheça a si próprio, é necessária a prova: ninguém descobre do que é capaz senão tentando.

Por isso alguns, quando os males tardavam, ofereceram-se voluntariamente a eles e procuraram para sua virtude, que estava prestes a desaparecer na obscuridade, uma ocasião em que pudesse resplandecer.

4.4 Os grandes homens, digo, por vezes alegram-se com as adversidades, assim como os soldados valentes com a guerra.

Ouvi Triunfo, um gladiador mirmilão do tempo de Tibério César, queixar-se da raridade dos espetáculos:

"Que bela época se perde!"

A virtude é ávida de perigo; pensa para onde se dirige, não no que terá de sofrer, porque também aquilo que sofrer será parte de sua glória.

Os homens de guerra orgulham-se das feridas e mostram com alegria o sangue derramado numa ocasião honrosa. Ainda que os que regressam intactos da batalha possam ter realizado os mesmos feitos, é mais admirado aquele que retorna ferido.

4.5 Deus cuida justamente daqueles que deseja tornar os mais nobres possíveis, sempre que lhes oferece matéria para realizar algo com coragem e firmeza; e para isso é necessária alguma dificuldade.

Reconheces o timoneiro na tempestade, o soldado na batalha.

Como poderei saber quanto ânimo tens contra a pobreza, se transbordas de riquezas? Como poderei saber quanta firmeza tens contra a desonra, a infâmia e o ódio popular, se envelheces entre aplausos, se te acompanha um favor invencível, levado espontaneamente por uma inclinação geral dos espíritos?

Como saberei com quanta serenidade suportarias a perda dos filhos, se vês diante de ti todos aqueles que geraste?

Ouvi-te quando consolavas os outros; então te teria conhecido verdadeiramente se tivesses consolado a ti mesmo, se tivesses proibido a ti mesmo de sofrer.

4.6 Não vos assusteis, eu vos peço, diante dessas coisas que os deuses imortais aplicam aos espíritos como estímulos:

A calamidade é ocasião para a virtude.

Com razão poderiam ser chamados infelizes aqueles que uma felicidade excessiva entorpece, aqueles que uma tranquilidade inerte retém como num mar sem movimento.

Tudo quanto lhes acontecer lhes parecerá novo.

4.7 As coisas cruéis pesam mais sobre quem nunca as experimentou; pesado é o jugo para um pescoço delicado.

O recruta empalidece diante da simples suspeita de um ferimento; o veterano contempla corajosamente o próprio sangue, porque sabe que muitas vezes venceu depois de sangrar.

Assim, aqueles a quem deus aprova e ama, ele os endurece, examina e exercita; aqueles, porém, com quem parece indulgente e a quem parece poupar, ele conserva frágeis para os males que virão.

Pois vos enganais se pensais que alguém foi dispensado.

Também ao homem que foi feliz durante muito tempo chegará sua parte.

Quem parece ter sido poupado apenas teve sua prova adiada.

4.8 Por que deus aflige justamente os melhores com doenças, lutos ou outras adversidades?

Porque também nos acampamentos as missões perigosas são confiadas aos mais valentes. O comandante envia os homens escolhidos para atacar os inimigos em emboscadas noturnas, explorar um caminho ou expulsar uma guarnição de sua posição.

Nenhum daqueles que partem diz:

"Meu comandante julgou-me indigno."

Mas:

"Julgou-me digno."

Digam o mesmo todos aqueles a quem é ordenado suportar coisas que fariam os tímidos e covardes chorar:

> "Parecemos dignos a deus para que em nós experimentasse quanto a natureza humana é capaz de suportar."

4.9 Fugi dos prazeres excessivos; fugi da felicidade que enfraquece, pela qual os espíritos amolecem e, se nada intervém para lembrá-los da condição humana, definham como que adormecidos numa embriaguez perpétua.

Aquele a quem vidraças sempre protegeram do sopro do vento, cujos pés permaneceram aquecidos por compressas constantemente renovadas, cujas salas de jantar foram temperadas pelo calor distribuído sob o piso e pelas paredes, será atingido com perigo até por uma brisa leve.

4.10 Embora tudo quanto ultrapassa a medida seja nocivo, nada é mais perigoso do que o excesso de felicidade.

Ele perturba o cérebro, chama à mente imagens vazias e derrama uma densa névoa entre o falso e o verdadeiro.

Por que não seria melhor suportar uma infelicidade contínua, tendo a virtude como auxílio, do que ser destruído por bens ilimitados e desmedidos?

A morte pela fome é mais branda; é pela indigestão que os homens rebentam.

4.11 Os deuses seguem, portanto, com os homens bons o mesmo princípio que os mestres seguem com seus discípulos: exigem mais trabalho daqueles em quem depositam maior esperança.

Acaso acreditas que os espartanos odeiam seus filhos porque põem publicamente à prova seu caráter por meio de açoites?

Os próprios pais os exortam a suportar bravamente os golpes dos chicotes e, quando já estão dilacerados e quase sem vida, pedem-lhes que perseverem e ofereçam novas feridas sobre as feridas já abertas.

4.12 Que há de admirável em deus provar duramente os espíritos nobres?

Nunca é suave a prova da virtude.

A Fortuna nos golpeia e dilacera: suportemos.

Não é crueldade; é combate. E quanto mais vezes entrarmos nele, mais fortes seremos.

A parte mais resistente do corpo é aquela que o exercício frequente pôs em atividade. Devemos oferecer-nos à Fortuna para que, por meio dela própria, nos endureçamos contra ela.

Pouco a pouco ela nos tornará seus iguais; a frequência do perigo produzirá o desprezo pelo perigo.

4.13 Assim, os corpos dos marinheiros tornam-se resistentes suportando o mar; as mãos dos agricultores tornam-se calejadas; os braços dos soldados ganham força para lançar armas; os membros dos corredores tornam-se ágeis.

Em cada homem, aquilo que ele exercitou é o que existe de mais forte.

É suportando os males que o espírito chega a desprezar a necessidade de suportá-los.

Saberás quanto o exercício pode realizar em nós se observares quanto o trabalho proporciona aos povos desprovidos de recursos e tornados mais fortes pela pobreza.

4.14 Considera todos os povos nas regiões em que termina a paz romana: refiro-me aos germanos e a todas as tribos errantes que vivem em torno do Istro.

Um inverno perpétuo e um céu sombrio os oprimem; um solo estéril mal consegue sustentá-los; protegem-se da chuva com palha ou folhagem; percorrem saltando os lagos endurecidos pelo gelo; caçam animais selvagens para se alimentar.

4.15 Parecem-te infelizes?

Nada é infeliz quando o costume o transformou em natureza; pouco a pouco tornam-se prazerosas as coisas que começaram por necessidade.

Não possuem casas nem moradas fixas, a não ser aquelas que o cansaço lhes determina para cada dia; seu alimento é pobre e deve ser obtido com as próprias mãos; terrível é a hostilidade do clima; seus corpos permanecem descobertos.

Aquilo que para ti parece uma calamidade é a vida de povos inteiros.

4.16 Por que te admiras de que os homens bons sejam sacudidos para que se fortaleçam?

Nenhuma árvore é sólida e vigorosa se o vento não a golpeia frequentemente. É justamente pela agressão que ela se torna mais firme e finca com maior segurança as raízes.

Frágeis são as árvores que cresceram num vale ensolarado e protegido.

Portanto, é em benefício dos próprios homens bons, para que possam tornar-se destemidos, viver muito entre coisas temíveis e suportar com espírito sereno aquilo que só é um mal para quem o suporta mal.

V

5.1 Acrescenta agora que é para o bem de todos que justamente os melhores, por assim dizer, prestem serviço e cumpram suas tarefas.

O propósito de deus é o mesmo que o do homem sábio: mostrar que essas coisas que o vulgo deseja e aquelas que teme não são nem bens nem males.

Pareceriam, porém, bens, se ele as concedesse somente aos homens bons; e males, se as infligisse somente aos maus.

5.2 A cegueira seria detestável se ninguém perdesse os olhos senão aquele que merecesse tê-los arrancados. Portanto, Ápio e Metelo sejam privados da luz.

As riquezas não são um bem. Que as possua, então, também Élio, o cafetão, para que os homens vejam o dinheiro não apenas quando o consagram nos templos, mas também num bordel.

De nenhuma maneira deus pode desacreditar melhor aquilo que é desejado do que entregando-o aos mais vergonhosos e afastando-o dos melhores.

5.3 "Mas é injusto que um homem bom seja mutilado, trespassado ou acorrentado, enquanto os maus passeiam livres e delicados, com o corpo intacto."

E então? Não é igualmente injusto que homens valentes tomem as armas, passem a noite nos acampamentos e permaneçam diante da trincheira com as feridas enfaixadas, enquanto, na cidade, estão seguros os castrados que fazem profissão de sua impudicícia?

E então? Não é injusto que as mais nobres virgens sejam despertadas durante a noite para celebrar os ritos sagrados, enquanto mulheres impuras desfrutam do mais profundo sono?

5.4 O trabalho convoca os melhores.

Muitas vezes o Senado permanece em sessão durante todo o dia, enquanto, nesse mesmo tempo, cada um dos homens mais desprezíveis entretém seu ócio no Campo de Marte, esconde-se numa taberna ou desperdiça o tempo em alguma roda de conversa.

O mesmo acontece nesta grande República que é o universo: os homens bons trabalham, entregam-se e são consumidos - e voluntariamente.

Não são arrastados pela Fortuna: seguem-na e acompanham seus passos.

Se soubessem para onde ela os levaria, teriam ido à frente.

5.5 Recordo-me também de ter ouvido esta corajosa declaração do valorosíssimo Demétrio:

"Uma única coisa, deuses imortais, posso censurar-vos: não me destes a conhecer antes a vossa vontade. Eu próprio teria chegado primeiro às coisas para as quais agora fui chamado.

Quereis tomar meus filhos? Foi para vós que os criei.

Quereis alguma parte do meu corpo? Tomai-a. Não prometo grande coisa: em breve abandonarei o corpo inteiro.

Quereis minha vida? Por que haveria eu de demorar para que recebais de volta aquilo que me destes?

Recebereis de quem consente tudo quanto pedirdes.

Que há, então? Eu teria preferido oferecer a entregar.

Que necessidade havia de tirar? Poderíeis simplesmente receber.

Mas nem mesmo agora tirareis coisa alguma de mim, pois nada é arrebatado senão daquele que tenta retê-lo."

5.6 Nada faço coagido, nada suporto contra a vontade; não sirvo a deus: consinto com ele.

E faço isso tanto mais porque sei que todas as coisas seguem seu curso segundo uma lei determinada e estabelecida para a eternidade.

5.7 Os destinos nos conduzem.

A primeira hora de nosso nascimento já determinou quanto tempo resta a cada um.

Uma causa depende de outra; uma longa sequência de acontecimentos arrasta consigo tanto as coisas particulares quanto as públicas.

Por isso tudo deve ser suportado com coragem, pois as coisas não acontecem, como pensamos, por acidente: elas chegam conforme estava determinado.

Há muito foi estabelecido aquilo que te fará alegrar e aquilo que te fará chorar. E, embora a vida de cada homem pareça distinguir-se pela enorme variedade de acontecimentos, o resultado final é um só:

Perecíveis, recebemos coisas perecíveis.

5.8 Por que, então, nos indignamos? Por que nos queixamos?

Foi para isso que fomos preparados.

Que a natureza disponha de seus corpos como quiser. Nós, alegres diante de tudo e corajosos, pensemos que nada do que verdadeiramente nos pertence pode perecer.

Qual é o dever do homem bom?

Entregar-se ao destino.

É grande consolo sermos arrastados juntamente com o universo.

Seja o que for aquilo que ordenou que vivêssemos assim e morrêssemos assim, prende também os próprios deuses à mesma necessidade.

Um curso irrevogável conduz igualmente as coisas humanas e divinas.

O próprio criador e regente de todas as coisas escreveu os destinos, mas também os segue: obedece sempre àquilo que ordenou uma única vez.

5.9 "Por que, então, deus foi tão injusto na distribuição do destino, atribuindo aos homens bons a pobreza, os ferimentos e mortes dolorosas?"

O artífice não pode alterar a matéria: essa é a condição dela.

Certas coisas não podem ser separadas de outras; estão unidas, são indivisíveis.

Os espíritos frouxos, destinados a cair no sono - ou numa vigília que pouco difere do sono - são formados de elementos sem vigor.

Para formar um homem de quem se possa falar com admiração é necessária uma trama mais forte.

Seu caminho não será plano. Terá de subir e descer, ser sacudido pelas ondas e governar o navio em meio à tempestade. Terá de manter o curso contra a Fortuna.

Muitas coisas duras e ásperas lhe acontecerão; mas ele próprio deverá amaciá-las e aplainá-las.

O fogo prova o ouro; a adversidade, os homens fortes.

5.10 Vê a que altura a virtude deve subir: compreenderás que não lhe cabe caminhar por lugares seguros.

Íngreme é o primeiro trecho da estrada,
e mal conseguem subi-lo pela manhã
os cavalos ainda descansados.
No meio, ela atinge o ponto mais alto do céu,
de onde muitas vezes até eu temo contemplar
o mar e as terras, e meu peito treme de pavor.
O último trecho desce em declive
e exige governo seguro; então até Tétis,
que abaixo me recebe em suas águas,
costuma temer que eu seja precipitado.

Ao ouvir essas palavras, aquele jovem de espírito nobre respondeu:

"Agrada-me o caminho. Subirei. Vale a pena atravessá-lo, ainda que eu venha a cair."

O Sol não deixa de tentar aterrorizar com medo aquele espírito ardente:

E ainda que conserves o caminho
e nenhum desvio te arraste,
terás de avançar pelos chifres do Touro que te enfrenta,
pelos arcos hemônios
e pelas fauces do Leão feroz.

Depois dessas palavras, ele responde:

"Atrela os carros que me foram concedidos! Aquilo com que julgas assustar-me é justamente o que me incita. Quero permanecer onde o próprio Sol treme."

É próprio do espírito baixo e indolente buscar os caminhos seguros.

A virtude caminha pelas alturas.

VI

6.1 "Mas por que, então, deus permite que algum mal aconteça aos homens bons?"

Na verdade, ele não permite. Afastou deles todos os males: crimes e infâmias, pensamentos perversos, projetos gananciosos, a paixão cega e a avareza que cobiça o que pertence aos outros. É a eles próprios que protege e defende. Acaso alguém exige de deus também isto: que guarde até mesmo os pertences dos homens bons? Eles próprios dispensam deus desse cuidado: desprezam as coisas exteriores.

6.2 Demócrito lançou fora suas riquezas, considerando-as um peso para uma mente virtuosa. Por que, então, te admiras de que deus permita acontecer ao homem bom aquilo que, por vezes, o próprio homem bom deseja que lhe aconteça?

Os homens bons perdem os filhos: por que não, se às vezes eles próprios os matam? São enviados ao exílio: por que não, se às vezes eles próprios abandonam a pátria para nunca mais regressar? São mortos: por que não, se às vezes eles próprios põem fim à própria vida?

6.3 Por que suportam certas coisas duras? Para ensinar os outros a suportá-las: nasceram para servir de exemplo.

Imagina, portanto, deus dizendo:

"De que tendes para vos queixar de mim, vós que escolhestes o que é reto?

Aos outros cerquei de falsos bens e iludi seus espíritos vazios como num sonho longo e enganador. Adornei-os de ouro, prata e marfim; por dentro, nada possuem de bom.

6.4 Esses que contemplais como felizes, se vísseis não aquilo que exibem, mas aquilo que escondem, descobriríeis que são miseráveis, sórdidos e vergonhosos, ornamentados apenas por fora, à semelhança das paredes de suas casas. Essa felicidade não é sólida nem verdadeira: é uma crosta, e muito fina.

Assim, enquanto lhes é permitido permanecer de pé e mostrar-se como desejam, brilham e enganam. Mas, quando sobrevém alguma coisa que os abala e os desmascara, então se revela quanta torpeza profunda e verdadeira estava escondida sob um brilho emprestado.

6.5 A vós dei bens seguros e permanentes, que se tornam melhores e maiores quanto mais alguém os examina e contempla por todos os lados. Permiti-vos desprezar aquilo que causa medo e rejeitar os desejos.

Não brilhais exteriormente; vossos bens estão voltados para dentro. Assim também o universo despreza o exterior, satisfeito com o espetáculo de si mesmo. Todo o bem coloquei dentro de vós.

Não necessitar da felicidade é a vossa felicidade."

6.6 "Mas acontecem muitas coisas tristes, terríveis e difíceis de suportar."

Como não podia afastar-vos delas, armei vossos espíritos contra todas elas. Suportai-as com coragem.

É nisso que podeis superar deus: ele está além da necessidade de suportar os males; vós estais acima deles.

Desprezai a pobreza: ninguém vive tão pobre quanto nasceu.

Desprezai a dor: ou ela cessará, ou fará cessar.

Desprezai a morte: ela ou vos põe fim, ou vos transfere.

Desprezai a Fortuna: não lhe dei arma alguma com que pudesse ferir o espírito.

6.7 Antes de tudo, cuidei para que ninguém pudesse reter-vos contra a vossa vontade: a saída está aberta. Se não quiserdes lutar, é permitido fugir.

Por isso, de todas as coisas que quis tornar necessárias para vós, nenhuma fiz mais fácil do que morrer. Coloquei a alma num declive: ela desliza.

Prestai apenas atenção e vereis como é breve e desimpedido o caminho que conduz à liberdade. Não vos impus na saída demoras tão longas quanto na entrada; do contrário, a Fortuna exerceria sobre vós um enorme domínio, se o homem levasse tanto tempo para morrer quanto leva para nascer.

6.8 Que todo momento e todo lugar vos ensinem quão fácil é devolver à natureza o que dela recebemos e lançar-lhe de volta a sua dádiva.

Entre os próprios altares e os ritos solenes dos que oferecem sacrifícios, enquanto se pede pela vida, aprendei também a morrer. Os corpos robustos dos touros tombam com um pequeno ferimento, e animais de enorme força são abatidos pelo golpe de uma mão humana. Uma lâmina delgada rompe a união da cerviz e, quando é cortada a articulação que liga a cabeça ao pescoço, toda aquela enorme massa desaba.

6.9 O sopro vital não se esconde em lugar profundo, nem precisa necessariamente ser arrancado pelo ferro; não é preciso perscrutar as entranhas com uma ferida profundamente aberta: a morte está próxima.

Não determinei um único lugar para esses golpes: por onde quiseres, há passagem.

Aquilo mesmo a que chamamos morrer - o instante em que a alma abandona o corpo - é breve demais para que tamanha rapidez possa ser percebida. Quer um laço comprima a garganta, quer a água impeça a respiração, quer a dureza do solo esmague aqueles que caíram de cabeça, quer o fogo inalado interrompa o curso da alma que procura escapar, seja como for, tudo se passa depressa.

Não vos envergonhais? Aquilo que acontece tão depressa, temeis durante tanto tempo!

SOBRE A FIRMEZA DO SÁBIO

De Constantia Sapientis

A SERENO

Tradução de José Eduardo S. Lohner

I

1.1 Entre os estoicos e os outros mestres de filosofia, Sereno, eu diria, não sem razão, que há tanta diferença quanto entre as mulheres e os homens, dado que uns e outros contribuem no mesmo tanto para a vida em sociedade, mas uns teriam nascido para obedecer, outros, para mandar. Quase como os médicos de casa, íntimos da família, em relação às doenças físicas, os outros filósofos adotam uma terapia suave e branda, não a via melhor e de efeito mais rápido, mas aquela que o doente lhe permite; os estoicos, que ingressaram em uma senda viril, consideram, para efeito de cura, não que esta deva parecer agradável aos que a iniciam, mas que deve livrá-los da doença o mais rápido e conduzi-los para aquele ponto elevado, tão fora do

1.2 alcance de um dardo, que esteja acima da fortuna. "Mas é árduo e confragoso o caminho que somos chamados a atravessar." Ora essa! É pelo plano que se vai para o alto? Mas nem é ele realmente tão íngreme quanto acham alguns. Somente a primeira parte tem pedras e rochedos e parece intransitável. Tal como, para quem olha de longe, a maioria dos lugares costuma parecer inacessível e de aspecto homogêneo, dado que a distância engana os olhos, depois, chegando mais perto, aquelas mesmas áreas que a ilusão dos olhos compactara em uma coisa única se abrem pouco a pouco, e então se torna suave o declive daquelas elevações que à distância aparentavam ser precipícios.

1.3 Pouco tempo atrás, depois de uma menção a Marco Catão, tu sofrias indignado — intolerante como és com a injustiça — com o fato de ele ter sido pouco compreendido em sua época, de ele, que se elevava acima de Pompeus e Césares, ter sido colocado abaixo de Vatínios, e te parecia revoltante que sua toga lhe houvesse sido arrancada no foro quando estava prestes a opor-se a uma lei e que, depois de arrastado desde os rostros até o arco de Fábio em meio às pancadas de uma facção sediciosa, houvesse recebido palavras ofensivas, cusparadas e muitos outros insultos de uma multidão insana.

II

2.1 Eu então respondi que tinhas motivo para te sentires apreensivo pela situação da República, que, de um lado, Públio Clódio, de outro, Vatínio e os mais perversos cidadãos punham à venda e, tomados de cega cupidez, não percebiam que, enquanto a vendiam, eram eles também vendidos. Já com relação à pessoa de Catão, como te falei, estejas tranquilo: o sábio realmente não pode sofrer nenhuma injúria nem contumélia; além disso, os deuses imortais nos deram Catão como exemplo mais fidedigno de homem sábio do que o foram Ulisses e Hércules para os tempos mais antigos. Os nossos estoicos os proclamaram sábios, invencíveis aos sofrimentos, indiferentes aos prazeres e vitoriosos sobre

2.2 todos os temores. Catão não combateu com feras — ir no encalço delas é próprio do caçador e do camponês —, nem perseguiu seres monstruosos com fogo e ferro, nem viveu naqueles tempos em que era possível acreditar que o céu estivesse apoiado nos ombros de um só. Depois de superada a credulidade antiga e de as gerações terem avançado para um grau elevado de entendimento, tendo ele lutado contra a ambição, essa peste multiforme, e contra uma voracidade imensa pelo poder, a qual o mundo inteiro, dividido em três, não podia saciar, ergueu-se sozinho contra os vícios de uma cidade que degenerava e batia ao fundo por seu peso e susteve a República que tombava, ao menos na medida em que uma única mão podia retê-la, até que, arrastado com ela, lançou-se como companheiro de uma ruína por longo tempo adiada, e extinguiu-se de uma só vez o que era vetado separar-se: de fato, nem Catão sobreviveu à liberdade, nem

2.3 a liberdade a Catão. Contra ele tu julgas que o povo pôde fazer uma injúria porque lhe arrancou a pretura ou a toga, porque aspergiu com o visco de sua boca aquela sagrada fronte? O sábio está seguro, nem pode ser atingido por nenhuma injúria ou contumélia.

III

3.1 Parece-me ver teu ânimo inflamar-se e efervescer, prestes a exclamar: "É isso que tira a autoridade dos vossos preceitos: prometeis coisas sublimes, que não poderíamos nem mesmo desejar e menos ainda crer em sua possibilidade. Além disso, falando de situações excepcionais, ao negar que o sábio seja pobre, não negais que costuma faltar-lhe escravo, teto e até alimento; ao negar que o sábio possa enlouquecer, não negais que ele sofra perturbações, emita palavras pouco sensatas e ouse tudo a que o obrigue a ação da doença; ao negar que o sábio seja escravo, não contestais a mesma coisa, ou seja, que ele possa vir a ser vendido, a

cumprir ordens e a executar tarefas serviçais para seu senhor. Assim, erguendo bem alto o supercílio, desceis ao mesmo nível dos demais

3.2 depois de mudar os nomes das coisas. Por conseguinte, eu suspeito que o mesmo fato também ocorra nessa afirmação, que à primeira vista é bela e elevada, de que o sábio não sofrerá injúria nem contumélia. Porém, há muita diferença se colocas o sábio ao abrigo da indignação ou ao abrigo da injúria. Pois, se dizes que ele suportará com serenidade, nenhum privilégio ele tem, e lhe acontece algo comum e que se aprende com a própria frequência das injúrias, ou seja, a paciência; se negas que ele receberá injúria, isto é, que ninguém tentará fazer-lhe, abandono todas as minhas atividades e me converto em estoico".

3.3 Eu realmente não decidi dotar o sábio de uma prerrogativa imaginária, apenas verbal, mas pô-lo em uma posição em que não se permita nenhuma injúria contra ele. Como? Não haverá ninguém para provocá-lo, para tentar atacá-lo? Nada na natureza é tão sagrado que não encontre um sacrílego, mas nem por isso as criaturas divinas estão menos no alto se existem os que buscam acometer uma grandeza que está situada muito além deles, sem haver de atingi-la. Não é invulnerável algo que não recebe um golpe, mas aquilo que não sofre ferimento. Vou te mostrar um

3.4 sábio desse nível. Acaso há dúvida de que a força mais confiável é a que é invencível e não a que não sofre ataque, já que é duvidosa a robustez não colocada à prova, porém, é tida merecidamente como a mais confiável a firmeza que repele todos os ataques? Do mesmo modo, saibas tu que um sábio é de natureza melhor se nenhuma injúria lhe é nociva do que se nenhuma lhe é feita. E eu direi que é um homem forte aquele que as guerras não subjugam, nem o apavoram as forças inimigas que se aproximam, e não aquele que desfruta de ócio sedentário no seio de povos inativos.

3.5 Portanto, repito: o sábio não está sujeito a nenhuma injúria. Assim, não importa quantos dardos contra ele sejam arremessados, posto que nenhum pode penetrá-lo. Como a dureza de certas pedras não pode ser rompida pelo ferro, nem o diamante pode ser cortado ou quebrado ou mesmo limado, mas arruína o que se usa contra ele; assim como certas coisas não podem ser consumidas pelo fogo, mas, envolvidas pelas chamas, conservam sua consistência e aspecto; assim como certos rochedos, que se estendem para o alto, quebram o mar sem que eles próprios mostrem vestígio nenhum dessa violência depois de fustigados por tantos séculos, igualmente sólida é a alma do sábio, e acumulou tal resistência que está ao abrigo da injúria tanto quanto esses elementos que mencionei.

IV

4.1 "E então? Não poderá haver alguém que tente fazer injúria ao sábio?" Tentará, mas esta não irá atingi-lo. Ele de fato se encontra afastado do contato com o que lhe é inferior por uma distância grande demais para que alguma força nociva possa fazer chegar sua influência até ele. Mesmo quando os poderosos pretendem ser nocivos a ele, sendo não só eminentes pela dominação que exercem, mas influentes pela anuência dos que lhes são servis, todas as investidas deles perderão força bem abaixo de sua sabedoria, do mesmo modo que projéteis lançados para o alto por um arco ou por máquinas de arremesso, embora tenham subido para além do alcance da vista, declinam,

4.2 no entanto, bem abaixo do céu. Como? Tu achas que, quando aquele famoso rei estúpido escureceu o dia com uma descarga de projéteis, alguma seta tenha alvejado o sol, ou que, depois de ele ter lançado grilhões sobre o mar, Netuno tenha sido atingido? Assim como as criaturas celestes escapam às mãos humanas e em nada a divindade é lesada pela ação dos que derrubam templos e fundem suas estátuas, igualmente tudo o que contra o sábio se pratica com empáfia, petulância, soberba são tentativas inúteis.

4.3 "Mas seria melhor que não houvesse ninguém que quisesse fazê-lo." Desejas coisa difícil para o gênero humano: a inofensividade. E o fato de não se fazer tem importância para os que têm intenção de fazer, não para aquele que não pode sofrer tal ação nem mesmo se lhe for feita. Ao contrário, talvez a tranquilidade em meio às provocações exponha mais ainda o vigor da sabedoria, tal como a maior prova de um general potente em armas e homens é sua segurança prudente no território dos inimigos.

V

5.1 Separemos, Sereno, se te parece adequado, a injúria e a contumélia. A primeira é por natureza mais grave, esta outra, mais leve, e grave apenas para os melindrosos, pela qual as pessoas não sofrem dano, mas ofensa; porém, tão grandes são a degradação e a futilidade das mentes que alguns julgam que nada é mais penoso. Assim, encontrarás um escravo que prefira ser golpeado com açoites em vez de murros e que ache a morte e as pancadas mais

5.2 toleráveis do que palavras ofensivas. Chegou-se a uma estupidez tão grande que nos atormentamos não só pela dor, mas também pela suposição da dor, à maneira das crianças, nas quais uma sombra, máscaras disformes ou faces contorcidas incutem medo, e até provocam lágrimas palavras desagradáveis a

seus ouvidos, o movimento dos dedos e outras coisas que elas irrefletidamente rechaçam por um impulso errôneo.

5.3 A injúria tem o seguinte propósito: fazer o mal a alguém. A sabedoria, contudo, não deixa lugar para o mal — para ela o único mal é a torpeza, que não pode entrar ali onde já se encontram a virtude e a honradez. Portanto, se não existe injúria sem o mal, e não existe o mal se não há torpeza nem a torpeza pode atingir o que está imbuído de honradez, a injúria não atinge o sábio. De fato, se a injúria consiste em sofrer algum mal, mas o sábio não sofre mal

5.4 algum, nenhuma injúria recai sobre ele. Toda injúria é um rebaixamento daquele contra quem ela se lança, nem pode alguém receber uma injúria sem algum dano, seja de sua dignidade, seja de seu corpo ou de coisas situadas fora de nós. O sábio, entretanto, nada pode perder. Tudo ele preservou em si mesmo, nada confiou à fortuna, mantém seus bens em segurança, contente com sua virtude, que não carece dos dons da fortuna e por isso não pode sofrer nem acréscimo nem diminuição. Com efeito, o que se expandiu até o ápice não tem espaço para incremento, e nada a fortuna retira além daquilo que deu. Ora, ela não dá a virtude, por isso não a subtrai. A virtude é livre, inviolável, firme, inabalável, de tal modo endurecida contra as desventuras que nem mesmo pode ser curvada e menos ainda vencida. Em face de apetrechos de terror, mantém os olhos firmes, nada muda em seu rosto, a despeito de lhe ser exibida uma

5.5 realidade penosa ou favorável. Assim, não perderá nada do que ele verá como perecível. Está realmente de posse só da virtude, da qual não pode nunca ser destituído; das demais coisas faz uso temporário. Ora, quem se abala pela perda de um bem alheio? E se a injúria nada pode lesar desses bens que são próprios do sábio, porque, estando salva a virtude, salvos estão seus bens, ao sábio não se pode fazer injúria.

5.6 Demétrio, cognominado Poliorceta, havia tomado Mégara. O filósofo Estilbão, interrogado por ele se havia sofrido alguma perda, respondeu: "Nenhuma, tudo o que é meu tenho comigo". Mas seu patrimônio havia se convertido em despojo de guerra, suas filhas o inimigo havia arrebatado, sua pátria havia caído em domínio alheio, e um rei, circundado pelas armas do exército vitorioso, interrogava-o de um assento

5.7 elevado. Ele, no entanto, arrancou-lhe a vitória e atestou que estava não só invicto, como indene, pois tinha consigo os verdadeiros bens, sobre os quais não se pode lançar as mãos, e aqueles, dissipados e saqueados, que estavam sendo levados, não os julgava seus, mas exteriores e resultantes do desejo da fortuna. Por

isso, não os apreciava como bens próprios. Realmente, é instável e incerta a posse de tudo quanto nos vem de fora.

VI

6.1 Pensa agora se um ladrão, um caluniador, um vizinho prepotente ou um velho ricaço que reina sem filhos poderiam fazer uma injúria a quem a guerra, o inimigo ou aquele que exerce a gloriosa arte de subjugar cidades nada puderam

6.2 tirar. Em meio a espadas que de todo lado cintilam e ao tumulto dos soldados na rapina, em meio às chamas, ao sangue e aos escombros de uma cidade destruída, em meio ao colapso de templos que desabam em cima de seus deuses, um único homem manteve a paz. Assim, não há motivo para julgares audaciosa a promessa para a qual, se tenho pouca credibilidade, vou te dar um garantidor. É de fato difícil acreditares que tamanha firmeza ou tamanha magnitude de espírito possa aplicar-se a um homem. Mas

6.3 aparece esse homem diante de todos nós para dizer: "Não há motivo para duvidares de que alguém, nascido como homem, possa elevar-se acima da condição humana, de que olhe com serenidade para as dores, os danos, as ulcerações, as feridas, os grandes tumultos que fervilham em torno de si, e suporte as situações duras com placidez e as situações prósperas com comedimento, sem ceder àquelas, nem confiar nestas, e possa manter-se exatamente o mesmo em situações diversas, nem considere nada como seu exceto a

6.4 si mesmo, e a si mesmo como a parte em que é melhor. Eis que me apresento para vos provar que, sob esse destruidor de tantas cidades, são abatidas fortificações a golpes de aríete, altas torres vêm repentinamente abaixo graças a sapas e fossos subterrâneos e se ergue um terraplano que alcança as mais elevadas fortificações, porém, não é possível encontrar nenhuma máquina que abale um

6.5 ânimo solidamente assentado. Tirei-me há pouco para fora das ruínas de minha casa e, enquanto flamejavam incêndios por todo lado, escapei das chamas por entre mortos. Não sei que sorte tiveram minhas filhas, se pior que a da população. Sozinho, idoso e vendo-me cercado de condições hostis, no entanto, declaro que meu patrimônio está íntegro e incólume: mantenho-me na posse de tudo

6.6 o que tinha de meu. Não há motivo para me teres como vencido e a ti como vencedor: a tua fortuna venceu a minha fortuna. Aqueles bens transitórios e que mudam de dono, não sei onde estão; quanto a meus bens, estão comigo e

6.7 estarão comigo. Esses ricos perderam seus patrimônios, os libidinosos perderam seus amores e, com alto dispêndio de pudor, as amantes prediletas; os ambiciosos perderam a cúria, o fórum e os locais destinados ao exercício dos vícios em público; os agiotas, seus registros, nos quais a avidez imagina sorridente falsas riquezas; eu, entretanto, conservo tudo intacto e íntegro. Por isso, interroga essas pessoas que choram e se lamentam, que, para defender seu dinheiro, opõem seus corpos nus a espadas desembainhadas e que fogem do inimigo com o bolso carregado".

6.8 Saibas, portanto, o seguinte, Sereno: que o homem perfeito, pleno de virtudes divinas e humanas, nada perde. Seus bens estão circundados de defesas sólidas e intransponíveis. Não poderias comparar a elas as muralhas da Babilônia, que Alexandre invadiu, nem as fortificações de Cartago ou de Numância, conquistadas por uma única mão, nem a colina do Capitólio — esses locais trazem a marca do inimigo: as defesas que protegem o sábio são resistentes ao fogo e aos assaltos, não oferecem acesso algum, são elevadas, inexpugnáveis, iguais às dos deuses.

VII

7.1 Não há por que afirmar, tal como costumas, que esse nosso sábio não se encontra em parte alguma. Não imaginamos isso como vão atributo da natureza humana nem concebemos uma imagem grandiosa de algo falso, mas já a mostramos e mostraremos qual a formamos, criatura rara, talvez, e única por grandes intervalos de tempo. Realmente, tudo o que é grande e que supera o limite habitual e comum não é gerado com frequência. De resto, o próprio Marco Catão, de cuja menção partiu esta discussão, receio que esteja acima de nosso modelo.

7.2 Depois, algo que causa um dano deve ser mais forte do que algo que sofre um dano; ora, a perversidade não é mais forte do que a virtude; portanto, não pode o sábio sofrer dano. A injúria contra os bons é intentada somente pelos maus. Os bons mantêm a paz entre si; os maus são tão perniciosos para os bons quanto entre si. Mas, se só o mais fraco pode sofrer dano e, além do mais, o mau é mais fraco que o bom, e os bons não devem temer injúria a não ser de quem é diferente deles, a injúria não atinge um homem sábio. Sem dúvida, já não é preciso lembrá-lo de que

7.3 ninguém é bom senão o sábio. Alguém diz: "Se Sócrates foi injustamente condenado, ele sofreu injúria". Neste ponto convém entendermos que pode acontecer de alguém me fazer injúria e eu não recebê-la; é como se alguém

roubasse uma coisa de minha casa no campo e a deixasse em minha casa na cidade: ele teria praticado um furto; eu nada teria

7.4 perdido. Alguém pode tornar-se culpado, embora não tenha cometido um ato culpável. Se um homem se deitar com sua esposa como se fosse a de outro, será um adúltero, embora ela não seja adúltera. Alguém me deu veneno, mas este perdeu sua virulência ao misturar-se com a comida: ele, ao dar o veneno, implicou-se em um crime, mesmo se não causou mal. Não é menos criminoso aquele cujo punhal foi detido pela resistência da roupa. Todos os crimes se consumam o suficiente para haver culpa antes mesmo de

7.5 efetuado o ato. Alguns atos são de tal condição e estão vinculados segundo uma relação tal que um pode ocorrer sem o outro, mas não vice-versa. Tentarei tornar evidente o que digo. Posso mover os pés sem correr, não posso correr sem mover os pés; posso não nadar mesmo estando na

7.6 água, se estou nadando, não posso não estar na água. Tem essa condição também aquilo de que estamos tratando: se sofri uma injúria, é necessário que ela tenha sido feita; se foi feita, não é necessário que eu a tenha sofrido. Muitas coisas podem de fato acontecer que afastem a injúria: tal como algum acaso pode abaixar a mão que se dispunha a agredir e desviar dardos arremessados, de igual maneira alguma coisa pode repelir quaisquer injúrias e interceptá-las a meio caminho, de modo que, mesmo tendo sido feitas, não sejam recebidas.

VIII

8.1 Além disso, a justiça nada pode sofrer de injusto porque coisas contrárias não se relacionam. Ora, uma injúria não pode ser feita senão de modo injusto. Portanto, ao sábio não pode ser feita uma injúria. Nem há motivo para admiração se ninguém lhe pode fazer injúria: nem mesmo é possível ser-lhe útil. E ao sábio não falta nada que ele possa receber de presente; inclusive uma pessoa má nada pode lhe dar que seja digno de um sábio, pois, antes de dar, ela deve ter. Contudo, ela nada tem que um sábio pudesse sentir alegria de ver transferido para ele.

8.2 Portanto, ninguém pode fazer mal ao sábio ou ser-lhe útil, posto que criaturas divinas nem desejam ajuda, nem podem sofrer dano; ora, o sábio está contíguo e próximo aos deuses; exceto pela condição mortal, é semelhante a um deus. Ao esforçar-se e dirigir-se para planos elevados, ordenados, tranquilos, que seguem um fluxo uniforme e harmônico, serenos, benignos, criados para o bem de todos, benéficos para si e para os demais planos, ele não cobiçará

8.3 nada de insignificante, nada irá lamentar. Aquele que, apoiado na razão, avança com ânimo divino em meio às vicissitudes humanas, não tem onde receber uma injúria — achas que estou falando só daquela proveniente do homem? Nem sequer da fortuna, que, toda vez que combateu com a virtude, nunca se retirou em pé de igualdade. Se com ânimo sereno e plácido recebemos o mais intenso suplício, mais além do qual uma legislação enfurecida e mandatários os mais cruéis nada têm com que nos possam ameaçar, no qual a fortuna esgota seu poder, e se sabemos que a morte não é um mal, e por isso nem mesmo a injúria, muito mais facilmente toleraremos outras vicissitudes — danos e sofrimentos, humilhações, desterros, lutos, separações —, coisas que não abatem o sábio mesmo se o acometessem todas juntas, ainda menos ele iria afligir-se com os golpes de cada uma individualmente. E, se ele suporta com equilíbrio as injúrias da fortuna, quanto mais as de homens poderosos, que ele sabe serem agentes da fortuna!

IX

9.1 Assim, ele resiste a tudo, ao rigor do inverno e às intempéries do clima, a febres e doenças e a outras casualidades, e não forma juízo tão positivo sobre alguém a ponto de achar que tal pessoa tenha feito algo com sabedoria, o que se dá unicamente com o sábio. Dos demais homens não são próprias as ponderações, mas as fraudes e insídias e os movimentos de alma irrefletidos, que o sábio enumera entre os fatos acidentais; todo fato fortuito, porém, é causa de crueldades ao redor de nós e contra coisas sem valor.

9.2 Pensa também o seguinte: o pretexto para as injúrias amplia-se largamente na proporção dos meios buscados para nos pôr em risco, tais como o suborno de um delator, uma falsa incriminação ou a incitação do ódio de poderosos contra nós e quaisquer outras violências que ocorrem entre homens trajados de toga. Existe também aquela injúria frequente, de suprimir o ganho de uma pessoa ou um prêmio há longo tempo desejado, de desviar uma herança que se havia tentado alcançar com grande empenho e de cancelar os favores de uma casa da qual se obtinham proveitos. Dessas ações escapa o sábio, que não sabe viver nem na esperança

9.3 nem no medo. Acrescenta agora o fato de que ninguém recebe uma injúria com ânimo sereno, mas perturba-se ao percebêla; no entanto, carece dessa perturbação o homem liberto de erros, que tem domínio de si e está em profunda paz e serenidade. De fato, aquele, se o toca uma injúria, esta não só o disturba, mas o compele; já o sábio está isento de ira, que é provocada pela ideia

de sofrer injúria, nem de outro modo ele poderia estar isento de ira se também não fosse inacessível à injúria, que ele sabe que não lhe pode ser feita. Daí ele ser tão confiante e contente, daí ser tomado de alegria contínua; porém, de tal modo ele não se abala diante de ataques vindos de situações e de pessoas que a própria injúria lhe é de utilidade, pela qual ele se põe à prova e experimenta sua virtude.

9.4 Peço-vos o favor de acolhermos essa proposição e de nos manter com ânimo e ouvidos benévolos enquanto se procura retirar da injúria o sábio. E nem por isso se está subtraindo nada de vossa petulância e tão rapinante cupidez, ou de vosso cego desatino e soberba: mantendo-se os vossos vícios a salvo, busca-se para o sábio a liberdade. Não estamos fazendo com que não vos seja possível praticar injúria, mas com que ele lance para o alto todas as injúrias e

9.5 se defenda com tolerância e magnitude de espírito. Assim, em abomináveis combates muitos venceram as mãos dos que os golpeavam fatigando-os com paciência obstinada; considera que o sábio está nessa condição, a daqueles que por longa e perseverante prática conseguiram vigor para suportar e exaurir toda a força inimiga.

X

10.1 Dado que percorremos a primeira parte da discussão, passemos para a seguinte, em que refutaremos a contumélia com alguns argumentos específicos, mas a maioria deles comum a ambos os tópicos. Ela é menos grave que a injúria, e podemos lamentá-la mais do que persegui-la, e também as leis não a consideraram digna de qualquer

10.2 punição. Move esse sentimento uma debilidade de ânimo que se ressente por uma palavra ou uma ação de desprestígio: "Ele hoje não me recebeu, embora recebesse outros"; "Ele ou menosprezou com arrogância a minha fala ou riu dela abertamente"; "Ele não me colocou no leito do meio, mas no mais baixo", e outras queixas desse tipo. De que outro modo eu deveria chamá-las senão lamúrias de um melindroso? Nelas incorrem em geral pessoas delicadas e felizes, pois quem se sente premido por problemas maiores não tem

10.3 tempo de notar essas coisas. As índoles por natureza frágeis e feminis devido a excessivo tempo livre, e que se comprazem na ausência de uma real injúria, veem-se perturbadas por tais fatos, a maior parte dos quais se assenta no equívoco de quem os interpreta. Assim, quem é afetado por uma contumélia mostra que em si mesmo não há nenhuma sabedoria nem confiança. Com efeito, ele se julga indubitavelmente menosprezado, e essa mágoa não ocorre sem certa debilidade

do ânimo, que se deprime e se abate. O sábio, porém, não se sente menosprezado, por ninguém, conhece sua grandeza e afirma para si mesmo que ninguém tem poder sobre ele, e todos esses sentimentos que eu poderia chamar não de males, e sim de contrariedades da alma, ele não se empenha em vencer, pois nem sequer os sente.

10.4 Outras são as coisas que ferem o sábio, mesmo sem o abaterem, como a dor e a debilidade física ou a perda de amigos e filhos e a destruição de sua pátria consumida pela guerra. Estas não nego que o sábio possa senti-las; de fato, não lhe atribuímos a dureza da pedra ou do ferro. Não é nenhuma virtude suportar o que não se sente. Então o que ocorre? Ele recebe alguns golpes, mas, depois de recebidos, supera-os, trata e fecha os ferimentos. Na verdade, os golpes menores nem sequer os sente, e contra eles nem faz uso daquela virtude de tolerar situações duras, mas ou não os nota ou os considera dignos de riso.

XI

11.1 Além do mais, como são os arrogantes, os insolentes e os que conduzem mal a sua situação afortunada os que provocam grande parte das contumélias, o sábio tem o meio pelo qual pode rejeitar esse sentimento inflado: a virtude mais bela de todas, a magnanimidade. Esta passa além de quaisquer sentimentos desse tipo, comparáveis a imagens vãs de sonhos e visões noturnas que nada têm de sólido e

11.2 verdadeiro. Ao mesmo tempo, o sábio considera que todos eles estão em um estado baixo demais para chegarem a desprezar algo que está tão mais elevado. Contumélia, segundo se diz, deriva de contemptus ("desprezo"), porque alguém só dirige esse tipo de ataque a quem despreza. Todavia, ninguém despreza aquele que é maior e melhor, mesmo se age como costumam agir os que sentem desprezo. De fato, a criança pequena bate no rosto dos pais, desmancha e puxa os cabelos de sua mãe, cospe-lhe ou desnuda à vista dos seus as partes a serem cobertas e não poupa palavras mais obscenas, mas nada disso chamamos contumélia. Por que razão? Porque quem as faz não é capaz de desprezar.

11.3 É a mesma a razão por que nos divertem as brincadeiras de nossos escravos contra seus senhores; e a ousadia deles se faz justificar contra convivas tão somente sob a condição de começar pelo senhor. E quanto mais desprezíveis são eles, mais soltas têm as línguas. Para essa finalidade, alguns compram moleques insolentes, estimulam a impudência deles e os deixam junto a um instrutor para que de propósito espalhem impropérios, e não chamamos isso de contumélias, e sim de gracejos: porém, quanta estupidez há em ora divertir-se, ora ofender-se, e

uma coisa dita por um amigo chamá-la de afronta, dita por um escravinho, de insulto brincalhão!

XII

12.1 A percepção que temos das crianças, o sábio a tem de todos os homens, que, mesmo depois da juventude e da velhice, permanecem na infância. Acaso progrediram esses homens cujo espírito é enfermo e cujas deficiências aumentaram enormemente, os quais diferem das crianças somente pelo tamanho e pela forma do corpo, sendo de resto não menos volúveis e inseguros, com uma sede indistinta de prazeres, nervosos, inclusive pacatos não por

12.2 temperamento, mas por temor? Ninguém poderia dizer que entre eles e os meninos há diferença porque estes são ávidos por dadinhos ou nozes e por pequenas moedas, e aqueles, por ouro, prata e por mesas circulares; porque estes, entre si, fazem-se de magistrados e imitam a toga pretexta, os fasces e o tribunal, e aqueles praticam a sério as mesmas atividades no Campo de Marte, no foro ou na cúria; estes, na praia, com montes de areia constroem castelos, e aqueles, como se estivessem realizando algo importante, ocupados em erguer pedras, paredes e tetos, transformaram em risco abrigos criados para a proteção de nossos corpos. Portanto, o engano dos mais avançados em idade é igual ao das crianças, mas diz respeito a

12.3 coisas distintas e de importância maior. Por conseguinte, não sem razão o sábio encara como brincadeiras as suas contumélias e por vezes os adverte e os castiga como a crianças, não porque tenha sido afetado por uma injúria, mas porque eles a fizeram e para que deixem de fazê-la. De fato, assim também a montaria é domada com o açoite: não nos enfurecemos com esses animais quando recusam o cavaleiro, contudo os punimos para que a dor vença a contumácia. Portanto, verás solucionada igualmente aquela objeção que se nos faz: "Se o sábio não é afetado nem pela injúria nem pela contumélia, por que ele pune os que a fizeram?". Ele não se vinga, mas os corrige.

XIII

13.1 No entanto, qual é a razão para não acreditares que esta firmeza de ânimo ocorra em um homem sábio, quando te é possível notar em outros a mesma condição, embora de origem diversa? Que médico se enfurece com um louco? Quem recebe como ofensivos os insultos de

13.2 uma pessoa febril à qual se negou água fria? O sábio tem para com todos o mesmo sentimento que o médico para com seus pacientes, dos quais nem recusa

tocar as partes íntimas se carecem de tratamento, nem examinar os dejetos e os fluidos, nem suportar os gritos insultuosos dos que agridem por insânia. O sábio sabe que todos esses que circulam trajando toga e púrpura, saudáveis e corados, são desatinados e não os vê de outro modo senão como doentes intemperantes. Assim, ele nem sequer se irrita se, em sua enfermidade, se atreveram a uma atitude mais petulante contra quem os está medicando e, com o mesmo ânimo com que julga sem valor as homenagens deles, igualmente

13.3 julga os seus atos pouco respeitosos. Assim como não lhe causará agrado se um mendigo o reverenciar, nem irá considerar uma contumélia se um homem da mais baixa plebe não responder à sua saudação, tampouco ficará encantado se muitas pessoas ricas o admirarem: sabe que em nada elas diferem dos mendigos, sendo até mesmo mais miseráveis — aqueles carecem de pouco; estas, de muito. Além do mais, não se impressionará se o rei dos medas ou Átalo, rei da Ásia, passar por ele em silêncio e com expressão arrogante enquanto ele os saúda. Ele sabe que não há nada de invejável na condição de tal pessoa mais do que na daquela a quem, numa casa de ampla criadagem,

13.4 coube cuidar de doentes e loucos. Acaso ficarei magoado se não responde ao meu cumprimento um dos que comerciam junto ao templo de Castor, comprando e vendendo escravos que nada valem, cujos abrigos estão lotados de um tropel formado dos piores escravos? Segundo penso, não. De fato, o que tem de bom aquele sob cuja dependência não há ninguém que não seja perverso? Portanto, assim como o sábio despreza a afabilidade ou a inafabilidade de tal homem, igualmente o faz em relação à de um rei: "Tu tens sob ti os persas, os medas e os bactrianos, embora os refreies pelo medo, embora por causa deles não tenha ocorrido de afrouxares o arco, embora inimigos dos mais terríveis, embora venais, embora estejam à espreita de

13.5 um novo senhor". Ele, portanto, não será afetado pela contumélia de ninguém. Com efeito, por mais que todos sejam diferentes entre si, o sábio realmente considera todos iguais por causa de sua igual estupidez. Na verdade, se ele uma só vez se fizer descer de seu plano, de modo que seja afetado pela injúria ou pela contumélia, não poderá jamais estar seguro; todavia, a segurança é um bem próprio do sábio. Julgando que lhe tenha sido feita uma contumélia, não fará com que obtenha honra quem a infligiu. É de fato inevitável que uma pessoa sinta prazer em ser tida em consideração por quem a contragosto ela toleraria ser desprezada.

XIV

14.1 Tamanha demência domina alguns a ponto de acharem que uma contumélia lhes pode ser feita por uma mulher. Que importa quanto a consideram abastada, quantos lecticários tenha, quão adornadas as suas orelhas, quão espaçosa a sua liteira? Igualmente é uma criatura imponderada, e, se não lhe advieram conhecimento e muita erudição, é feroz, incontinente nos desejos. Alguns não suportam levar um esbarrão de um cabeleireiro e consideram uma contumélia o mau humor de um porteiro, a arrogância de um escravo nomenclador, a carranca de um camareiro: ah! quanto riso devem provocar cenas como essas, de quanto prazer se deve encher o espírito de quem contempla a própria serenidade em

14.2 meio ao tumulto dos erros alheios! "Mas como? O sábio não se aproximará de portas guardadas por um porteiro austero?" Ele, sem dúvida, irá tentar se uma necessidade o chamar e vai amolecê-lo, quem quer que ele seja, como a um cão bravo, lançando-lhe um petisco, e não vai ficar indignado de despender algum valor para transpor a soleira, considerando que em algumas pontes se paga pedágio. Assim, pagará também para aquele, seja quem for, que pratica esse tipo de taxa relativa às saudações: ele sabe que com dinheiro se compra o que está à venda. É de ânimo mesquinho quem se compraz em ter respondido com franqueza ao porteiro e quebrado seu bastão, ter ido até seu senhor e tê-lo feito açoitar. Quem entra numa contenda converte-se em adversário e, mesmo que vença, fica igualado ao oponente.

14.3 "Mas o que fará o sábio se levou uma bofetada?" O mesmo que Catão depois de terem lhe batido no rosto: não se inflamou, não puniu a injúria, nem mesmo a perdoou, mas negou que tivesse sido feita; com um ânimo ainda maior

14.4 do que se a tivesse perdoado, não a reconheceu. Não nos deteremos longo tempo nesse ponto; quem de fato ignora que para o sábio nenhuma das coisas que se crê como um mal ou um bem parece ser tal como para as demais pessoas? Ele não olha para o que os homens julgam como torpe ou miserável, não vai por onde vai o povo, mas, tal como os astros dirigem seu curso em sentido contrário ao do céu, assim também ele avança na direção oposta à da opinião comum.

XV

15.1 Deixa de perguntas deste tipo: "O sábio, então, não sofrerá injúria se for surrado, se um olho lhe for arrancado? Não sofrerá contumélia se no foro ele for tratado com palavras insultuosas de pessoas sórdidas? Se no banquete de um rei

lhe for ordenado que se ponha à mesa depois da refeição e coma junto com os escravos aos quais coube em sorte tarefas degradantes? Se for obrigado a tolerar alguma outra daquelas coisas que podem ser excogitadas como

15.2 incômodas para um pudor sensível?". Por mais que essas situações se avultem em número e em gravidade, serão da mesma natureza: se as pequenas não o atingirem, nem mesmo as maiores; se poucas não o atingirem, nem mesmo muitas. Mas vós fazeis uma conjectura sobre a grandeza de seu espírito com base em vossa debilidade e, depois de considerar sobre quanto julgais que podeis suportar, colocais o limite da capacidade do sábio um pouco além da vossa. Porém, sua virtude o situou em outra dimensão do cosmo,

15.3 de modo que ele não tem nada em comum convosco. Faz um levantamento de adversidades e de todas as situações difíceis de tolerar e das que repugna ouvir falar ou ver: ele não será esmagado pelo acúmulo delas e resistirá a cada uma tal qual a todas juntas. Quem diz que para o sábio uma coisa é tolerável, outra é intolerável, e mantém a grandeza de seu ânimo dentro de certos limites procede mal: a fortuna nos vence se não é inteiramente vencida por nós.

15.4 Para não julgares que essa é uma resistência estoica, Epicuro — a quem vós assumis como patrono da vossa inércia e o qual julgais preceituar uma atitude mole, indolente e voltada aos prazeres — afirma que "raramente a fortuna interfere na vida do sábio". Ele quase emitiu palavras próprias de um homem! Queres tu falar com mais

15.5 força e suprimir totalmente a fortuna? A casa do sábio é apertada, sem luxo, sem estrépito, sem adornos, não vigiada por porteiros que repartem a turba de visitantes com venal arrogância, mas a fortuna não passa por esta porta vazia e livre de vigias: ela sabe que não tem ali um lugar onde existe algo de seu.

XVI

16.1 E se até Epicuro, que foi muito indulgente com o corpo, se insurge contra as injúrias, por que no nosso caso isso pode parecer inacreditável ou acima da capacidade da natureza humana? Ele afirma que as injúrias são toleráveis para o sábio; nós, que as injúrias para ele não existem.

16.2 Nem há motivo para dizeres que isso repugna à natureza: não negamos que é uma coisa incômoda ser açoitado, golpeado e carecer de algum membro, entretanto negamos que todas essas coisas são injúrias; não eliminamos delas a sensação de dor, mas o nome de injúria, que não lhes pode ser atribuído restando intacta a virtude. Qual das duas doutrinas fala com mais exatidão veremos:

ambas ao menos concordam quanto ao menosprezo da injúria. Indagas que diferença há entre as duas? A que existe entre os mais fortes gladiadores, um dos quais comprime o ferimento e resiste em sua posição, o outro, olhando para o público que grita, faz sinal de que não é nada e não aceita que intercedam no

16.3 combate. Não há motivo para julgares importante aquilo sobre o que discordamos: os dois exemplos exortam àquela proposição de que tratamos, a qual, sendo única, estende-se a vós: desprezar as injúrias e aquilo que eu chamaria de sombras e suposições de injúrias, as contumélias, que, para serem desprezadas, não requerem um homem sábio, mas somente um que tenha plena consciência e que possa indagar para si mesmo: "Essas coisas me acontecem merecida ou imerecidamente? Se merecidamente, não é contumélia, é uma sentença; se imerecidamente, aquele

16.4 que pratica essa injustiça deveria enrubescer". E o que é que se denomina contumélia? Alguém zombou de minha calvície, de minha miopia, da magreza de minhas pernas e de minha estatura: que contumélia há em ouvir sobre o que é aparente? Rimos daquilo que é dito na presença de um só, na presença de muitos nos sentimos indignados, e a outros não damos a liberdade de dizer o que nós mesmos costumamos dizer sobre nós. O gracejo moderado é divertido, o exagerado é irritante.

XVII

17.1 Crisipo afirma que uma pessoa ficou indignada por alguém tê-la chamado de carneiro do mar. Vimos Fido Cornélio, genro de Ovídio Nasão, chorar no Senado depois que Corbulão o chamou de avestruz depenado. Diante de outras palavras malévolas que atingiam fundo seus costumes e sua vida, manteve-se firme a sua face; diante desse mote tão absurdo, irromperam-lhe as lágrimas, tamanha é a debilidade dos ânimos quando desaparece a

17.2 razão. E o que dizer de quando nos sentimos ofendidos se alguém imita nosso modo de falar ou de andar, ou algum defeito do nosso corpo ou da nossa linguagem? Como se esses fatos ficassem mais perceptíveis na imitação de um outro do que em nós mesmos! Alguns ouvem contrariados falar de sua velhice, dos cabelos brancos e de outras coisas que se fazem votos para alcançar; falar mal de sua pobreza deixou alguns enfurecidos, no entanto, quem a esconde já se censurou por causa dela. Assim, dos petulantes e dos que gracejam por meio de insultos retira-se o argumento se espontaneamente o abordares primeiro. Não oferece

17.3 motivo de riso quem ri de si mesmo. Conta-se que Vatínio, homem nascido para ser alvo tanto de riso quanto de ódio, foi um bufão não só espirituoso como mordaz. Ele próprio falava mal de seus pés e dos talhos em seu pescoço; desse modo escapara dos gracejos dos inimigos — e sobretudo dos de Cícero —, os quais eram mais numerosos do que suas doenças. Se foi capaz disso alguém que, pela aspereza de sua língua, por meio de contínuos insultos desaprendera o sentimento de vergonha, por que não o seria aquele que, por meio dos estudos liberais e do cultivo da sabedoria,

17.4 tenha alcançado algum progresso? Acrescenta que é um tipo de vingança negar a alguém que fez uma contumélia o prazer de tê-la feito. É comum alguém dizer: "Ah, que pena, acho eu, ele não entendeu!", a tal ponto o fruto da contumélia está na percepção e na indignação daquele que a sofre. Depois, para aquele não vai algum dia faltar o troco; há de se encontrar quem também te vingue.

XVIII

18.1 Caio César, um contumelioso, entre outros vícios em que abundava, era movido pelo prazer intenso de ferir todos com alguma afronta, ele próprio sendo matéria muito fecunda de riso, tamanha era a feiura da palidez que atestava sua insânia, tamanha a expressão feroz de seus olhos ocultos sob a fronte envelhecida, tamanho o aspecto ruim de sua cabeça pelada e com uns respingos de cabelos postiços, e ainda a cerviz tomada de pelos, a finura das pernas e a enormidade dos pés. Seria infindável se eu quisesse referir cada um dos motivos pelos quais ele foi contumelioso com seus pais e avós, ou com cidadãos de todas as classes. Mencionarei aqueles que o levaram à ruína.

18.2 Ele tinha Valério Asiático entre seus principais amigos: homem feroz e que mal toleraria com calma ofensas feitas a outras pessoas. Para esse homem, durante um jantar, ou seja, como em uma assembleia, com voz bem alta, César expôs quais eram as qualidades da esposa dele na cama. Bons deuses! Um marido ouvir isso, um príncipe sabê-lo e chegar a tal ponto sua licenciosidade que, não digo para um ex-cônsul apenas, não digo para o amigo, mas simplesmente para o marido, o príncipe tenha narrado

18.3 não só seu adultério como ainda sua decepção! Já, ao contrário, o modo de falar de Quérea, tribuno militar, não era correspondente ao valor de sua mão: tinha uma voz mole e bastante suspeita não fossem conhecidos os seus atos valorosos. Quando este lhe pedia uma palavra de ordem, Caio ora lhe dava "Vênus", ora "Priapo", censurando continuamente a delicadeza do soldado; tais

censuras, ele próprio as fazia em trajes transparentes, calçando sandálias e adornado de ouro. Obrigou-o, dessa maneira, a fazer uso do ferro para não lhe pedir mais a palavra de ordem. Foi ele o primeiro entre os conjurados a ter erguido a mão armada; foi ele que o decepou com um só golpe no meio da cerviz. Em seguida, foram-lhe cravados de toda parte numerosos golpes de espada que vingavam injúrias públicas e privadas, mas o primeiro foi aquele varão que menos aparentava sê-lo.

18.4 E o próprio Caio, todavia, considerava tudo contumélia, assim como os que não toleram sofrê-la são os que mais desejam fazê-la. Ele ficou irado com Herênio Macrão porque o havia saudado como Caio e não deixou impune um centurião primipilo pelo fato de tê-lo chamado de Calígula. Costumava-se chamá-lo por esse apelido porque ele nascera em um acampamento militar e fora o pupilo das legiões, jamais tendo sido mais íntimo dos soldados com outro nome; mas, já depois de alçado em coturnos, considerava

18.5 "Calígula" um insulto e uma desonra. Portanto, irá nos servir de consolo o seguinte: mesmo se nossa afabilidade renunciar à vingança, haverá alguém para punir o insolente, arrogante e injurioso, vícios que não se esgotam em um só homem, em uma única contumélia.

18.6 Olhemos para os exemplos daqueles cuja paciência louvamos, como o de Sócrates, que tomou positivamente as piadas contra ele feitas publicamente e vistas nas comédias, rindo-se delas, e não menos quando foi banhado de água suja por sua esposa Xantipa. Censurava-se a Antístenes sua mãe bárbara e nascida na Trácia: ele respondeu que também a mãe dos deuses era natural do monte Ida.

XIX

19.1 Não se deve chegar à rixa e ao antagonismo. Devemos nos apartar, e tudo o que for feito por insensatos (mas só por insensatos é que pode ser feito) deve-se deixar de lado e ter como indistintas as honrarias e as injúrias

19.2 do povo. Nem doer-se por estas, nem alegrar-se por aquelas. De outro modo, por temor de contumélias ou pelo aborrecimento, negligenciaremos muitas ações necessárias e não faremos frente a deveres públicos e privados, por vezes inclusive a vantajosos, enquanto nos aflige a preocupação muito pouco viril de ouvir alguma crítica contra nosso caráter. Por vezes irritados até mesmo contra poderosos, revelaremos esse sentimento com intemperante liberdade. Mas também não é liberdade nada sentir, enganamo-nos: liberdade é situar o ânimo acima das injúrias e constituir-se como um ser cuja felicidade lhe venha unicamente de si; é separar de si os eventos exteriores para não ter de levar uma

vida atormentada, a temer o riso de todos, a língua de todos. De fato, quem é que não nos poderia fazer um

19.3 insulto se qualquer um o pode? Porém, o sábio e aquele que aspira à sabedoria usarão de um remédio diverso. Os imperfeitos, que se pautam ainda pela opinião comum, devem imaginar o seguinte: que eles terão de viver em meio a injúrias e contumélias; tudo lhes chegará mais leve se já estiverem esperando. Quanto mais honorável é um homem por sua origem, fama e patrimônio, tanto mais valorosa é sua conduta, lembrado de que na linha de frente ficam as tropas mais graduadas. As contumélias, palavras injuriosas, ignomínias e outras desfeitas, ele suporta tal como o clamor dos inimigos, os dardos que passam longe, as pedras a crepitar em torno do capacete sem ferir. As injúrias, tal como golpes, uns cravados nas armas, outros no peito, ele sustenta sem cair e mesmo sem se mover de seu posto. Inclusive se sofres um cerco e uma pressão de violência feroz, é torpe, entretanto, ceder: protege o posto que te foi designado pela natureza. Perguntas que posto

19.4 é esse? O de homem. O sábio dispõe de outro auxílio, que é o reverso deste, pois vós estais em combate; ele já alcançou a vitória. Não resistais a vosso bem e, durante o esforço para chegar à verdade, alimentai no ânimo essa esperança, acolhei de bom grado os melhores conselhos e buscai auxílio na crença e na vontade. Existir uma criatura invencível, existir uma pessoa contra a qual não tem poder a fortuna é do interesse da sociedade humana.

SOBRE A IRA

De Ira

A NOVATO

Tradução de José Eduardo S. Lohner

LIVRO I

I

1.1 Cobraste de mim, Novato, que eu escrevesse sobre como poderia ser atenuada a ira. E não é sem motivo que me parece que tenhas um particular temor dessa paixão, de todas a mais terrível e violenta. De fato, nas outras existe certo grau de calma e placidez; essa é plena de excitação e ímpeto, enfurecida por uma ânsia desumana de dor, combates, sangue, suplícios. Indiferente a si, desde que seja nociva a outro, ela se arroja a seus próprios dardos e é ávida por uma vingança que há de arrastar consigo o vingador.

1.2 Assim, alguns sábios disseram que a ira é uma breve insânia. Ela é igualmente desenfreada, alheia ao decoro, esquecida de laços afetivos, persistente e aferrada ao que começou, fechada à razão e aos conselhos, incitada por motivos vãos, inábil em discernir o justo e o verdadeiro, muito similar a algo que desaba e se espedaça por cima daquilo que esmagou.

1.3 Mas para comprovares a insanidade dos que estão em poder da ira, observa a própria aparência deles, pois assim como são sintomas claros dos loucos o aspecto audaz e ameaçador, o semblante sinistro, a face enviesada, o passo apressado, as mãos inquietas, a cor mudada, os suspiros sucessivos e veementes, assim também o são os sinais dos que enraivecem:

1.4 seus olhos inflamam e cintilam, é intenso o rubor por todo o rosto, devido ao sangue que lhes ferve desde o fundo do peito, os lábios tremem, cerram-se os dentes, arrepiam-se e eriçam-se os cabelos, a respiração intensa e estridente, o estalido dos dedos retorcendo-se, os gemidos e mugidos, a fala abrupta, com palavras pouco claras, e as mãos que a todo tempo se entrechocam, e os pés a baterem no chão, e o corpo todo convulso e lançando avultantes ameaças de ira, a face de aspecto disforme e horrendo dos que se desfiguram e intumescem. Não se sabe se é mais detestável ou mais deformante esse vício.

1.5 Os demais é possível esconder e alimentar em segredo: a ira põe-se à mostra e sai à face, e quanto maior, com tanto mais evidência efervesce. Não vês, como

em todos os animais, tão logo se erguem para atacar, os sinais se antecipam e seu corpo inteiro deixa a condição habitual e tranquila e eles açulam a própria ferocidade?

1.6 A boca dos javalis espuma, aguçam-se suas presas pelo atrito, os cornos dos touros arremetem contra o vazio e a areia é espalhada pelo golpe de seus pés, fremem os leões, infla-se o colo das serpentes irritadas, sinistro é o aspecto das cadelas raivosas. Nenhum animal é tão horrendo e tão perigoso por natureza que nele não fique aparente, logo que a ira o tenha invadido, o acréscimo de renovada ferocidade.

1.7 Não ignoro que também as demais paixões são dificilmente ocultadas; que a luxúria, o medo e a audácia dão sinais de si e podem ser pressentidos. De fato, nenhuma agitação mais veemente nos penetra sem nada provocar no rosto. Que diferença há, então? É que as outras paixões ficam aparentes; esta fica proeminente.

II

2.1 Mas agora, caso queiras observar seus efeitos e danos, nenhuma peste teve maior custo para o gênero humano. Verás assassínios e venenos e mútuas acusações entre réus, cidades devastadas e extermínios de povos inteiros, cabeças de chefes vendidas em hasta pública, tochas lançadas a habitações. Não se veem incêndios restritos ao interior das muralhas, mas imensas extensões de território reluzindo sob a chama inimiga.

2.2 Olha os alicerces de cidades de tão vasto renome, os quais mal se distinguem: a ira as demoliu. Olha soledades desertas por muitas milhas, sem morador: a ira as desolou. Olha tantos chefes que passaram para a história, exemplos de mau destino: um, a ira trespassou em seu aposento; outro, ela abateu durante sagrada acolhida à mesa; a um, ela espedaçou em frente à sede das leis e diante do olhar de um fórum apinhado; a outro, ordenou destinar seu sangue ao parricídio perpetrado pelo filho; de um, mandou abrir a régia cerviz por mão de um escravo; de outro, estender seus membros numa cruz.

2.3 E até aqui me refiro a suplícios individuais; que dizer se, deixados aqueles contra os quais a ira ardeu individualmente, fosse teu desejo olhar para as assembleias passadas a ferro, e para a plebe trucidada sob a invasão do soldado, e povos inteiros condenados à morte num flagelo generalizado [...]

2.4 como se abandonassem o cuidado de nós ou desprezassem nossa autoridade. Como? Por que o povo se enfurece contra os gladiadores, e de modo tão injusto

que considere uma ofensa o fato de não morrerem de bom grado? Ele se julga menosprezado e, pelo aspecto, pelo gesto, pelo ardor, converte-se de espectador em adversário.

2.5 Seja isso o que for, não é ira, mas quase ira, assim como a das crianças que, se caíram, querem surrar o chão e, amiúde, nem sequer sabem por que se irritaram, mas tão somente se irritaram, sem causa e sem ofensa, não, porém, sem alguma ideia de ofensa, nem sem desejo de algum castigo. São iludidos com a simulação de pancadas, são aplacados por lágrimas fingidas de quem lhes pede perdão e, com uma falsa vingança, sua falsa raiva é eliminada.

III

3.1 "Por vezes nos enfurecemos", argumenta-se, "não com aqueles que nos ultrajaram, mas com os que mostram intenção de nos ultrajar, comprovando-se que a ira não nasce de uma injúria." É verdade que nos enfurecemos com os que mostram intenção de nos ultrajar, mas em nosso próprio pensamento nos ultrajaram, e quem fará uma injúria já a está fazendo.

3.2 "Para comprovar", diz alguém, "que a ira não é um desejo de castigo, os mais fracos amiúde se enfurecem com os mais poderosos e não almejam um castigo que não esperam." Primeiro, dissemos haver o desejo de exigir castigo, não a possibilidade; as pessoas, porém, almejam até o que não podem. Depois, ninguém é tão insignificante que não possa esperar o castigo mesmo do homem mais eminente. Para sermos nocivos, todos somos poderosos.

3.3 A definição de Aristóteles não se afasta muito da nossa. Pois ele afirma que a ira é o desejo de devolver uma dor. Encontrar a diferença entre essa definição e a nossa exigiria longa explanação. Contra ambas afirma-se que as feras se enraivecem sem terem sido instigadas por uma injúria nem com vistas a um castigo ou à dor alheia. De fato, mesmo se realizam tais coisas, não as buscam.

3.4 Mas deve-se dizer que as feras carecem de ira, bem como todos os seres, exceto o homem. De fato, embora ela seja inimiga da razão, no entanto, em parte alguma ela nasce a não ser onde a razão tem lugar. As feras têm impulsos, raiva, ferocidade, agressividade; mas ira, por certo, não têm mais do que luxúria, embora em certos prazeres sejam mais intemperantes que o homem.

3.5 Não há por que acreditares naquele que diz:

O javali não se lembra de sua ira, a corça, de fiar-se
na corrida, nem os ursos de atacar os fortes rebanhos.

Ele denomina ira o atiçar-se, o atirar-se. Na realidade não sabem irar-se mais do que perdoar.

3.6 Os animais carecem de paixões humanas, mas têm certos impulsos semelhantes a elas. De outro modo, se neles existissem amor e ódio, existiriam amizade e rivalidade, dissentimento e concórdia. Disso neles também se encontram alguns vestígios, mas são próprios dos corações humanos esses bens e males.

3.7 Apenas ao homem foi concedida a prudência, a previdência, a diligência e a reflexão, e não somente das virtudes humanas os animais foram privados, mas também dos vícios. Toda a sua forma, tanto externa como interna, é diferente da humana. Aquela sua faculdade diretora e principal foi diferentemente formada. Assim como há neles de fato uma voz, mas indefinida, confusa e incapaz de palavras; assim como há uma língua, mas travada, sem desembaraço para os vários movimentos; assim também sua faculdade diretora é em si pouco sutil, pouco exata. Ela capta, portanto, aparências e imagens das coisas pelas quais venha a ser induzida ao ataque, mas estas são turvas e difusas.

3.8 Por tal motivo, suas investidas e agitações são veementes; medo, porém, e inquietações, ou tristeza e ira não existem neles, mas sensações similares a essas. Por isso, logo elas cedem e se convertem em seu contrário e, depois de eles se enraivecerem e de ficarem intensamente espavoridos, alimentam-se e, ao frêmito e ao ir e vir delirante, logo se seguem o repouso e o sono.

IV

4.1 Explicou-se suficientemente o que é a ira. Em que ela difere da irascibilidade fica evidente: como o ébrio difere de quem está embriagado, e o medroso, de quem está com medo. O irado pode não ser iracundo; o iracundo pode por vezes não estar irado.

4.2 Os demais aspectos que distinguem a ira em suas espécies, tendo entre os gregos várias denominações, irei omiti-los, dado que entre nós não têm designações próprias, mesmo se nós chamarmos um temperamento de amargo ou acerbo, e ainda atrabilioso, raivoso, vociferador, antipático, áspero, todas essas sendo variedades da ira, entre as quais pode-se incluir o mal-humorado, tipo refinado de iracúndia.

4.3 Existem de fato certas iras que se atêm ao grito; há outras não menos pertinazes do que frequentes; outras, de mão cruel, são mais parcas nas palavras; outras, excessivas no amargor das palavras e maldições; umas não vão além de

queixas e abominações; outras são graves, profundas e concentradas; mil outras espécies existem desse múltiplo mal.

V

5.1 Indagou-se o que é a ira, se ocorre em algum outro animal além do homem, em que ela se distingue da iracúndia, quantas são suas espécies. Agora indaguemos se a ira está em conformidade com a natureza, se ela é útil e se deve ser conservada em alguma medida.

5.2 Se está em conformidade com a natureza, ficará patente ao observarmos o homem. O que há de mais dócil do que ele enquanto está equilibrado o estado de sua alma? Porém, o que é mais cruel do que sua ira? O que há de mais afetuoso com os outros do que o homem? O que há de mais hostil do que sua ira? O homem foi criado para o auxílio mútuo; a ira, para a destruição mútua. Ele quer congregar-se, ela, desunir; ele, ser útil, ela, ser nociva; ele, socorrer até os desconhecidos, ela, atacar até os mais caros; ele mostra-se pronto até a consagrar-se ao proveito dos outros; ela, a pôr-se em risco, contanto que abata.

5.3 Portanto, quem desconhece mais a natureza do que aquele que atribui à sua melhor e mais perfeita obra esse vício feroz e pernicioso? A ira, como dissemos, é ávida de castigo, e residir esse desejo no peito tão afável do homem não está de modo algum em conformidade com sua natureza. A vida humana consiste nas ações benéficas e na concórdia e, não pelo terror, mas pelo amor mútuo, ela é compelida à aliança e ao auxílio comum.

VI

6.1 "Como, então? Não é às vezes necessário o castigo?" Por que não? Mas este sem a ira, com base na razão, pois ele não é nocivo, mas medica sob a aparência de ser nocivo. Assim como certas estacas tortas, para que as desentortemos pomo-las ao fogo e, depois de lhes ajustar as cunhas, apertamos forte, não para quebrá-las, mas para estirá-las, assim também é pela dor do corpo e da alma que corrigimos os temperamentos deturpados pelo vício.

6.2 Certamente o médico, nos distúrbios mais leves, primeiro tenta não desviar-se muito do hábito cotidiano e procura, com alimentos, poções, exercícios, impor um balanceamento, bem como firmar a saúde apenas pela mudança no hábito de vida. O próximo passo é que seja de proveito uma dieta. Se não são de proveito a dieta e o balanceamento, ele suspende algumas coisas e as corta. Se nem mesmo assim há resposta, proíbe os alimentos e, com a abstinência, alivia o corpo. Se essas medidas mais brandas se mostraram inúteis, ele faz uma incisão

sobre uma veia, bem como aplica suas mãos aos órgãos, se estão fazendo mal a tecidos adjacentes e espalhando a doença. Nenhum tratamento cujo efeito é salutar parece duro.

6.3 Assim, convém que o legislador e governante de uma cidade, por mais tempo que puder, trate os temperamentos com palavras e com essas medidas mais brandas, para que lhes aconselhe o que deve ser feito e concilie em suas almas o desejo do honesto e do justo, provoque o ódio aos vícios, o apreço pelas virtudes. Deve em seguida passar a um discurso mais severo, pelo qual ainda advirta e censure. Finalmente, recorra aos castigos, e estes ainda leves, revogáveis. Imponha suplícios extremos a crimes extremos, a fim de que ninguém perca a vida, exceto se perdê-la for do interesse até mesmo daquele que a perde.

6.4 Por esse único aspecto ele se diferenciará daqueles que medicam, pois eles, aos que não puderam conceder a vida, uma saída fácil lhes fornecem, e o outro, com desonra e execração, expulsa da vida os condenados, não porque o castigo de alguém o deleita — de certo, está longe de um sábio uma ferocidade tão desumana —, mas para que seja uma advertência para todos e, já que vivos não quiseram ser úteis, da morte deles a nação pelo menos obtenha utilidade. Portanto, à natureza humana não apetece o castigo; por isso, de modo algum a ira está em conformidade com a natureza do homem, uma vez que a ela o castigo apetece.

6.5 E eu referirei um argumento de Platão — de fato, em que prejudica servirmo-nos de bens alheios, daquela parte em que são nossos? —, "O homem virtuoso", diz ele, "não causa dano". O castigo causa dano; portanto, o castigo não se ajusta ao homem virtuoso, e por isso, nem a ira, porque o castigo se ajusta à ira. Se o homem virtuoso não se alegra com o castigo, não se alegrará sequer com essa paixão à qual o castigo serve de prazer; portanto, a ira não é natural.

VII

7.1 Embora a ira não seja natural, deve ser admitida porque muitas vezes foi útil? Ela exalta e incita os ânimos, sem ela nada de magnífico a bravura realiza na guerra se ali não foi ateada uma chama e aqui um aguilhão não estimulou e lançou aos perigos os audazes. Assim, alguns acham que o melhor é moderar a ira, não suprimi-la, e depois de reduzido o que é excessivo, compeli-la a uma margem salutar e ainda reter aquele tanto sem o qual a ação ficará lânguida e a energia e o vigor da alma serão dissipados.

7.2 Primeiro, é mais fácil excluir do que controlar impulsos perniciosos, e não acolhê-los do que moderá-los depois de acolhidos. De fato, depois que se

assentaram em seu domínio são mais poderosos do que quem os controla, e não toleram sofrer cortes ou ser diminuídos.

7.3 Em seguida, a própria razão, à qual estão entregues os freios, detém seu poder durante o tempo exato em que se mantém separada das paixões. Se se misturou a elas e contaminou-se, não consegue deter o que teria podido remover. Uma vez, pois, conturbada e abalada a mente, passa a servir àquilo pelo que é compelida.

7.4 O início de certas coisas está em nosso poder, seus estágios ulteriores nos arrebatam com sua força e não permitem regresso. Do mesmo modo como os corpos lançados num abismo não têm nenhum poder sobre si e não podem, depois de precipitar-se, resistir ou deter-se, pois a queda irrevogável exclui todo cálculo e arrependimento e é impossível não chegar ali onde antes teria sido possível não ir, assim também a alma — se ela se projetou na ira, no amor e em outras paixões, não é permitido reprimir-lhe o impulso; é imperioso que seja arrebatada e levada ao fundo por seu próprio peso e pela natureza proclive de seus vícios.

VIII

8.1 O melhor é desprezar de imediato o primeiro irritamento da ira, combater suas sementes e atentar para que não incidamos na ira. É dado que, se começou a nos alterar, difícil é o retorno ao estado normal, já que não existe razão ali onde uma vez se introduziu a paixão e, por nossa vontade, algum direito lhe foi dado. Ela fará doravante quanto quiser, não quanto lhe for permitido.

8.2 Antes de tudo, eu digo, é preciso rechaçar da fronteira o inimigo. De fato, depois que entrou e transpôs as portas, ele não aceita restrições vindas de prisioneiros. Na verdade, a alma não está apartada, observando as paixões do lado de fora, de modo a não lhes permitir avançar além do que convém, mas ela própria se transforma na paixão, e por isso não pode reconvocar aquela sua energia útil e salutar, estando já entregue e enfraquecida.

8.3 Como eu disse, a paixão e a razão não possuem sedes próprias, separadas e distintas, mas são uma mutação da alma para melhor ou para pior. Como então a razão, ocupada e oprimida pelos vícios, ressurgirá depois de ter cedido à ira? Ou, de que maneira se livrará da confusão na qual prevaleceu a mistura dos piores elementos?

8.4 "Mas alguns", alega-se, "conseguem conter-se na ira." Será então que agem de tal modo que nada fazem daquilo que a ira lhes dita ou de modo que fazem apenas parte daquilo? Se nada fazem, fica evidente que para as ações não é

necessária a ira, a qual vós invocáveis como se ela possuísse algo mais forte que a razão.

8.5 Enfim, pergunto: ela é mais vigorosa que a razão ou mais fraca? Se mais vigorosa, como a razão poderá impor-lhe um limite, dado que nada, exceto o que tem menos força, costuma ser obediente? Se é mais fraca, sem ela a razão é por si suficiente para a execução de suas ações e não deseja o auxílio do que tem menos força.

8.6 "Mas alguns irados se controlam e se contêm." Quando? Na hora em que a ira esvaece e por si mesma se retira, não quando está em pleno fervor, pois em tal momento ela é mais poderosa.

8.7 "Como, então? Às vezes, mesmo em ira, eles não só deixam ir incólumes e intactos os que odeiam, como ainda se abstêm de lhes causar mal?" Sim, fazemno. Quando? Na hora em que a paixão repeliu a paixão, ou o medo ou o desejo obteve algo. Não se aquietou, nesse momento, pelo benefício da razão, mas pela paz traiçoeira e maligna das paixões.

IX

9.1 Afinal, nada ela tem de útil em si nem estimula a alma para as atividades bélicas. É certo que nunca a virtude precisa ter ajuda do vício, bastando-se a si mesma. Toda vez que é necessário ímpeto, ela não se ira, mas ergue-se e, com a intensidade que julgou necessária, excita-se e acalma-se. Igualmente os dardos, ao serem projetados por catapultas, estão na dependência daquele que os lança no tocante à intensidade com que venham a ser arremessados.

9.2 "A ira", diz Aristóteles, "é necessária, e coisa alguma sem ela pode ser levada a cabo se ela não enche a alma e inflama o espírito. Deve-se, porém, utilizá-la não como se fosse um general, mas um soldado." Isso é falso, pois se ela escuta a razão e segue por onde é conduzida, já não é ira, da qual é própria a contumácia. No entanto, se opõe resistência e não se mantém quieta onde lhe foi ordenado, mas deixa arrastar-se por seu capricho e ferocidade, é um auxiliar da alma tão inútil quanto um soldado que não atende ao sinal de retirada.

9.3 Assim, se ela tolera que lhe seja aplicado um limite, deve ser chamada por outro nome, deixou de ser ira, que entendo como desenfreada e indômita; se não tolera, é perniciosa e não deve ser enumerada entre as coisas que servem de auxílio.

9.4 Desse modo, ou não é ira ou é inútil. De fato, se alguém exige punição, não por estar ávido da punição em si, mas porque é necessária, não deve ser contado

entre os irados. O soldado útil será aquele que sabe obedecer a uma decisão. As paixões são tão ruins como servas quanto como guias.

X

10.1 Por isso, a razão nunca tomará para seu auxílio impulsos improvidentes e violentos, junto aos quais ela própria não teria nenhuma autoridade, os quais nunca poderia reprimir, exceto se a eles tivesse contraposto os que lhes são pares e semelhantes, como contra a ira, o medo; contra a inércia, a ira; contra o temor, a avidez.

10.2 Que este mal fique longe da virtude: a razão alguma vez apelar para os vícios! Não pode uma alma assim obter repouso seguro; é inevitável que seja atacada e atormentada se está protegida por seus próprios males, se não pode ser forte sem ira, laboriosa sem avidez, calma sem temor. Há de viver numa tirania aquele que cai na servidão de alguma paixão. Fazer as virtudes baixarem à condição de clientes dos vícios não o envergonha?

10.3 Depois, a razão deixa de ter poder se nada ela consegue sem a paixão, e começa a se igualar a esta, a ser sua semelhante. Pois que diferença há se a paixão, sem a razão, é irrefletida tanto quanto a razão, sem a paixão, é ineficaz? Duas coisas são iguais quando uma não pode existir sem a outra. Mas quem sustentaria que a paixão se iguala à razão?

10.4 Afirma-se: "A paixão é útil, se moderada". Não, ela é útil, se baseada na natureza. Mas se não tolera o controle e a razão, com a moderação não se conseguirá mais do que isto: quanto menor ela for, menos há de prejudicar. Portanto, uma paixão moderada não é outra coisa que um mal moderado.

XI

11.1 "Mas contra um inimigo", replica-se, "a ira é necessária." Em nenhuma outra ocasião ela o é menos do que quando é preciso que os impulsos sejam não precipitados, mas comedidos e obedientes. De fato, que outra coisa é o que debilita os bárbaros, de corpos tão robustos, tão resistentes a fadigas, senão a ira, extremamente nociva a eles mesmos? Aos gladiadores também, a arte os protege, a ira os desnuda.

11.2 Depois, de que serve a ira quando a razão oferece o mesmo proveito? Acaso tu achas que o caçador fica irado com as feras? Ora, tanto ele captura as que lhe chegam quanto persegue as que lhe fogem, e tudo isso a razão faz sem ira. O que fez sucumbir tantos milhares de cimbros e teutões espalhados pelos Alpes, a

ponto de não um mensageiro, mas a repercussão desse evento ter levado aos seus a notícia de tão grande desastre, senão o fato de que tinham ira em lugar de bravura? Ela, embora às vezes tenha rechaçado e aplanado obstáculos, com mais frequência, serve também de destruição para si mesma.

II.3 O que há de mais animoso que os germanos? Que povo é mais arrojado no ataque? Qual mais ávido por armas, para as quais nascem e são criados, as quais são seu único cuidado, sendo negligentes em tudo o mais? Qual é mais empedernido perante todo sofrimento, a ponto de, em grande parte de seus corpos, não se terem provido de nada que os cobrisse, nem de abrigos contra o perpétuo rigor do clima?

II.4 Estes, porém, antes mesmo que possam avistar uma legião, os hispanos e os gauleses e homens da Ásia e da Síria, fracos na guerra, os massacram, vulneráveis por nenhuma outra razão além de sua iracúndia. Pois bem, àqueles corpos, àquelas almas que desconhecem prazeres, luxo, riquezas, dá-lhes método, dá-lhes disciplina; para não dizer nada além, será necessário remontarmos pelo menos à antiga conduta romana.

II.5 De que outro modo Fábio reanimou as forças abaladas de nossa soberania, senão sabendo contemporizar, prolongar e retardar coisas todas que os irados não sabem? Teria perecido nossa soberania, que estava então em situação extrema, se Fábio tivesse ousado tanto quanto a ira tentava persuadi-lo. Levou em consideração a sorte de seu povo e, avaliadas as suas forças, das quais fração alguma podia perecer sem a perda do todo, pôs de lado o rancor e a vingança, atento unicamente à eficácia e às oportunidades. Ele venceu a ira antes de vencer Aníbal.

II.6 Que dizer de Cipião? Tendo deixado para trás Aníbal e o Exército púnico e tudo com que deveria irar-se, não transferiu ele a guerra para a África com tanta lentidão que despertou nos malevolentes a opinião de desregramento e indolência?

II.7 Que dizer do outro Cipião? Não sitiou Numância por muito tempo e tolerou com resignação esse pesar, seu e de seu povo: o de Numância ser vencida em mais longo tempo que Cartago? Ao cercar e bloquear os inimigos, apertou-os até que se lançassem à própria espada.

II.8 Assim, a ira não é útil nem em batalhas ou guerras, pois ela é propensa à temeridade, e os perigos, enquanto quer impô-los, deles não se acautela. A virtude mais cabal é a que em torno de si fez longa e detida inspeção, teve autodomínio e avançou lenta e obstinadamente.

XII

12.1 "Como, então", objeta-se, "um homem virtuoso não se enche de ira se viu o próprio pai ser assassinado, a mãe ser raptada?" Não ficará irado, mas irá vingá-los, irá defendê-los. E temes o quê? Que o amor filial, mesmo sem ira, seja para ele um estímulo pouco intenso? Ou da mesma forma deves questionar: "Como, então? Quando vir ser morto seu pai ou seu próprio filho, o homem virtuoso não irá chorar nem se abater?". Tais coisas vemos acontecer às mulheres toda vez que uma leve suspeita de perigo as aflige.

12.2 Os seus deveres, o homem virtuoso cumprirá imperturbado, intrépido; e assim fará o que é digno de um homem de virtude: nada fará que seja indigno de um homem. Meu pai será assassinado: irei defendê-lo; foi assassinado: buscarei justiça, porque é necessário, não porque me dói.

12.3 "Iram-se os homens virtuosos pelas injustiças contra os seus." Quando dizes isso, Teofrasto, buscas malevolência para com preceitos de maior vigor e abandonas o juiz voltando-te para a audiência: como toda gente se enfurece com os infortúnios desse tipo que ocorrem aos seus, pensas que as pessoas julgarão que esse é o comportamento que se deve adotar. De fato, quase sempre cada um julga ser justa a paixão que reconhece em si mesmo.

12.4 Mas fazem o mesmo se não lhes fornecem água quente de modo adequado, se foi quebrado um vaso de vidro, se seu calçado ficou coberto de lama. Não é o afeto que move aquela ira, mas a fraqueza, tal como nas crianças que choram pela perda tanto de seus pais quanto de suas amêndoas.

12.5 Irar-se pelos seus não é próprio de uma alma afetuosa, mas da que é fraca. O que é belo e digno é apresentar-se como defensor de seus pais, filhos, amigos, concidadãos, conduzido pelo próprio dever, benévolo, ponderado, prudente, não impulsivo e raivoso. De fato, nenhuma paixão é mais desejosa de vingar-se do que a ira, e por isso mesmo ela é inábil para vingar-se. Por ser muito apressada e insana, como em geral toda cupidez, ela própria serve de obstáculo para aquilo a que se apressa. Assim, nem na paz, nem na guerra, ela jamais foi um bem. Ela torna a paz semelhante à guerra; nos combates, esquece que Marte é imparcial, e não tendo poder sobre si, cai em poder de outrem.

12.6 Depois, os vícios não devem ser admitidos na prática porque alguma vez alcançaram algum efeito. Ora, mesmo as febres aliviam alguns tipos de indisposições e nem por isso deixa de ser melhor passar totalmente sem elas. Abominável é o tipo de remédio em que a saúde se deva a uma doença. De modo semelhante, a ira, mesmo se às vezes, tal como um veneno, uma queda ou um

naufrágio, tenha se mostrado inesperadamente útil, nem por isso deve ser considerada benéfica. Certamente, o que é nocivo serviu muitas vezes como algo salutar.

XIII

13.1 Depois, os bens que se deve possuir, quanto maiores tanto melhores e mais desejáveis eles são. Se a justiça é um bem, ninguém dirá que ela será melhor se algo tiver sido tirado dela.

13.2 Se a bravura é um bem, ninguém desejará que ela seja diminuída em alguma parte. Portanto, também a ira, quanto maior, tanto melhor. Quem, pois, haveria de recusar o incremento de um bem? Ora, é desvantajoso que a ira sofra aumento. Portanto, que ela também exista. Não é um bem o que, pelo crescimento, se torna um mal.

13.3 "Útil", alega-se, "é a ira, porque nos torna mais combativos." Do mesmo modo também a embriaguez, pois ela nos torna atrevidos e ousados, e muitos, estando pouco sóbrios, foram melhores no ferro. Do mesmo modo deves dizer que também o frenesi e a insânia são necessários às nossas forças, pois amiúde o furor nos deixa mais vigorosos.

13.4 Como? Algumas vezes, por um efeito contrário, o medo não tornou audaciosa uma pessoa e o temor da morte não excitou ao combate até os mais inertes? Mas a ira, a embriaguez, o medo e outras coisas desse tipo são estímulos torpes e passageiros e não fornecem instrumentos à virtude, que em nada precisa dos vícios, mas, quando muito, eleva um pouco o ânimo fraco e indolente.

13.5 Ninguém, ao irar-se, torna-se mais valoroso, exceto quem não o tivesse sido sem a ira. Assim, ela não vem em auxílio da virtude, mas em lugar desta. Que dizer do fato de que, se a ira fosse um bem, ela seria um atributo dos homens mais perfeitos? Ora, os mais iracundos são as crianças, os velhos e os doentes, e tudo o que é fraco é por natureza irritadiço.

XIV

14.1 "Não pode acontecer", diz Teofrasto, "de um homem virtuoso não se enfurecer com os maus." Nesse sentido, quanto mais virtuoso for alguém, tanto mais iracundo ele será. Porém, ao contrário, vê se ele não é mais sereno e livre de paixões, e sem ódio a ninguém.

14.2 Efetivamente, que motivo tem ele para odiar os que erram, quando a loucura os compele a delitos desse tipo? Ora, não é próprio de um homem

prudente odiar os que erram; de outro modo ele próprio será odioso para si. Pense ele em tudo quanto faz de contrário à boa conduta, em tudo que fez que requer perdão; logo ficará irado também consigo. Um juiz equitativo não profere uma sentença sobre uma causa sua e outra sobre uma causa alheia.

14.3 Não se encontrará ninguém, repito, que possa absolver-se, e cada um se diz inocente quando leva em conta uma testemunha, não sua consciência. Quanto mais humano seria oferecer uma alma dócil e paternal aos que erram, e não persegui-los, mas chamá-los de volta! Aquele que erra pelos campos por ignorar o caminho é melhor endereçá-lo ao trajeto certo do que rechaçá-lo.

XV

15.1 Deve-se, então, corrigir quem erra, seja pela advertência, seja pela força, seja branda, seja asperamente, e ele deve tornar-se melhor tanto para si quanto para os outros, não sem castigo, mas sem ira. Quem de fato se enfurece contra aquele a quem se está medicando? Mas eles não podem ser corrigidos e não há neles nada de afável ou promissor: que sejam então tirados do convívio social os que hão de piorar tudo com que travam contato e deixem de ser nocivos da única maneira que podem, mas isso sem ódio.

15.2 Pois qual a razão para eu odiar aquele a quem presto o maior benefício exatamente quando eu o livro de si mesmo? Acaso alguém odeia seus membros quando os amputa? Isso não é ira, mas uma lamentável cura. Matamos a pancadas os cães bravos e abatemos o boi selvagem e feroz, e aos animais doentes deitamos o ferro para que não contaminem o rebanho, eliminamos os fetos malformados, inclusive afogamos nossos filhos se nasceram fracos e disformes. Não é ira, mas um ato racional separar o que é inútil do que é são.

15.3 Ao que pune, nada convém menos do que irar-se, uma vez que o castigo se mostra ainda mais proveitoso para a correção se foi refletidamente imposto. Daí por que Sócrates diz a seu escravo: "Eu te surraria se não estivesse irado". Ele adiou a repreensão do escravo para um momento de maior equilíbrio; naquele momento repreendeu-se. Será afinal moderada a paixão de alguém, tendo em vista que Sócrates não ousou entregar-se à ira?

XVI

16.1 Portanto, para a correção dos que erram e incidem em crimes, não é preciso um censor irado. Realmente, sendo a ira um delito da alma, não convém que quem corrija esteja em erro ele também. "Como? Não vou me irar com o ladrão?

Não vou me irar com o envenenador?" Não, também não me irrito comigo quando me faço uma sangria. Todo tipo de punição eu aplico como um remédio.

16.2 Estás ainda enredado no primeiro estágio dos erros e neles não incorres com gravidade, mas com frequência: uma censura, primeiro em particular, depois em público, tentará te emendar. Tu avançaste demasiado longe para poder ser curado com palavras: serás refreado pelo rebaixamento de teu status. Há necessidade de imprimir-te marca mais funda para que possas senti-la: serás mandado para o exílio, a lugares desconhecidos. Uma perversidade em ti já solidificada exige remédios mais amargos: recorrer-se-á às prisões públicas e ao calabouço.

16.3 Tua alma é insanável, entrelaça crimes com crimes e não és mais impelido por pretextos, que para o mal nunca hão de faltar, mas a própria prática de delitos é para ti pretexto suficiente para praticar novos delitos. Estás imbuído na maldade e a tal ponto a tens mesclada com tuas vísceras que, a não ser junto com estas, não poderia ela ser expelida. Há muito tempo, pobre-diabo, estás em busca de morrer. Nós te prestaremos uma boa ajuda. Iremos privar-te dessa insânia pela qual atormentas e és atormentado, e depois de teres te enlameado nos suplícios teus e nos alheios, diante de ti poremos o único bem que te resta: a morte. Por que irar-me com alguém quando mais lhe posso ser útil? Matar é às vezes a melhor espécie de misericórdia.

16.4 Se, como terapeuta experiente e instruído, eu tivesse entrado num hospital ou na casa de uma pessoa rica, não poderia prescrever a mesma coisa a todos os que por causas diversas estivessem doentes. Noto uma variedade de vícios em tão numerosas pessoas e fui incumbido de cuidar da cidade. Para a doença de cada um, que seja buscado seu remédio. Este seja sanado pela vergonha; aquele, por uma viagem; este outro, pela dor; aquele, pela privação; aqueloutro pelo ferro.

16.5 Assim, se for preciso vestir a toga escura de magistrado e convocar a multidão com a trombeta, avançarei para o tribunal, não enfurecido nem hostil, mas com o semblante da lei, e formularei aquelas palavras solenes com voz branda e grave, em vez de enraivecida, e ordenarei, não com ira, mas com severidade, a execução. E quando eu ordenar que seja decapitado um condenado, quando eu costurar o parricida dentro de um saco, quando eu enviar para a execução o soldado e quando, sobre a rocha Tarpeia, eu posicionar o traidor ou inimigo público, estarei sem ira e com aquela expressão e disposição com que golpeio serpentes e animais venenosos.

16.6 "É necessário iracúndia para punir." Por quê? Parece-te que a lei sente ira contra os que não conhece, os que não viu, os que espera que não venham a existir? Deve-se então assumir o espírito dessa lei, que não sente ira, mas emite uma sentença. De fato, se ao homem virtuoso convém irar-se diante de atos perversos, também lhe convirá ter inveja diante das situações afortunadas de homens perversos. O que é efetivamente mais revoltante do que florescerem alguns e abusarem da indulgência da sorte, pessoas para as quais não se encontra nenhuma sorte que lhes possa ser má o bastante? Mas o homem bom tanto olhará sem ódio para os privilégios de tais pessoas, quanto sem ira para seus crimes. O bom juiz condena as coisas reprováveis, não as odeia.

16.7 "Como, então? Quando o sábio tiver em suas mãos algo desse tipo, sua alma não ficará tocada e mais inflamada que de costume?" Admito que sentirá um leve e tênue impulso. Com efeito, como afirma Zenão, também na alma do sábio, mesmo quando é curada uma ferida, a cicatriz permanece. Sentirá, portanto, certos sinais e sombras das paixões, mas delas, na verdade, estará isento.

XVII

17.1 Aristóteles diz que certas paixões, se alguém faz bom uso delas, valem por armas. Isso seria verdadeiro se pudessem ser tomadas e largadas, tais como equipamentos bélicos, ao arbítrio de quem se reveste delas. Essas armas que Aristóteles dá à virtude lutam por si próprias, não esperam o manejo, são elas que dominam, não são dominadas.

17.2 Não precisamos de outros instrumentos; a natureza nos proveu suficientemente de razão. Deu-nos esse dardo robusto, duradouro, obediente, que não tem dois gumes nem é passível de ricochetear contra seu dono. Não apenas para nos precavermos, mas para agirmos, a razão é ela própria suficiente por si. De fato, o que é mais insensato do que ela pedir o apoio da iracúndia, desta que é inconstante, sendo ela estável; desta que é infiel, sendo ela fiel; desta que é enferma, sendo ela sã?

17.3 Que dizer de que, também para as ações nas quais apenas o concurso da iracúndia parece necessário, a razão seja por si muito mais eficaz? Pois esta, tão logo julgue que se deva fazer algo, nisso persevera. Com efeito, melhor do que ela mesma nada se há de encontrar que possa demovê-la. Por conseguinte, uma vez fixados seus propósitos, ela persiste.

17.4 É frequente que a misericórdia tenha feito recuar a ira. Esta efetivamente apresenta não uma robusta solidez, mas um inchaço vazio, e serve-se de uma

violência inicial que se assemelha aos ventos que se elevam da terra e são muito intensos ao se abaterem, sem persistência, sobre rios e pântanos.

17.5 Ela começa com grande ímpeto, depois arrefece, fatigada antes do tempo, e não se tendo ocupado de nada além de crueldade e novos tipos de castigos, quando é para punir, já está enfraquecida e suave. A paixão logo decai, a razão é inalterável.

17.6 De resto, mesmo quando a ira perseverou, se são numerosos os que mereceram morrer, às vezes, depois do sangue de dois ou três, ela deixa de matar. Seus primeiros golpes são enérgicos. Assim também o veneno das serpentes é nocivo quando elas saem de seu abrigo; são inofensivos os seus dentes quando frequentes mordidas os deixaram exauridos.

17.7 Portanto, não sofrem igual punição os que cometeram igual delito, e muitas vezes quem menos o cometeu é quem mais sofre, porque foi entregue a ela quando estava ainda bastante recente. E em tudo ela é instável: ora se manifesta além do que convém, ora perdura bem menos do que é devido. É de fato indulgente consigo, julga a seu bel-prazer, não quer ouvir, não deixa espaço para justificativa, agarra-se àquilo contra o que investiu e não permite que seja anulado seu julgamento, mesmo se é ele errôneo.

XVIII

18.1 A razão concede um tempo a uma e outra parte, depois pede um prazo também para si, a fim de que tenha um período para extrair a verdade; a ira se apressa. A razão quer proclamar o que é justo; a ira quer que pareça justo aquilo que ela proclamou.

18.2 A razão não olha nada além do próprio caso que é tratado; a ira é abalada por fatores sem importância e que se apresentam fora da causa. Exasperam-na um rosto bem seguro, uma voz bem nítida, a expressão arrojada, um traje muito apurado, um grupo de defesa bastante ostentoso, o favor popular. Muitas vezes, por ódio ao advogado, condena o réu. Mesmo se a verdade se impõe a seus olhos, ama e defende o erro. Não quer ser demovida e, nas más iniciativas, parece-lhe mais honrosa a pertinácia que o arrependimento.

18.3 Cneu Pisão foi, em nossa época, homem isento de muitos vícios, porém maldoso, agradando-lhe a severidade em lugar da firmeza. Tomado de ira, ordenou que fosse levado à execução um soldado que havia retornado de uma licença sem o seu companheiro, sob a suspeita de que tivesse matado quem ele não exibia a seu lado. Pedindo-lhe este algum tempo para procurá-lo, não lhe

concedeu. O condenado foi levado fora da trincheira e já estendia o pescoço quando de súbito apareceu o companheiro que se considerava assassinado.

18.4 Então, o centurião encarregado do suplício ordena à sentinela embainhar a espada, reconduz a Pisão o condenado a fim de restituir diante de Pisão sua inocência, já que a fortuna a tinha restituído ao soldado. Por grande multidão são levados, abraçados um ao outro, com enorme alegria dos companheiros de quartel. Pisão sobe furioso ao tribunal e ordena serem conduzidos os dois à morte, tanto o soldado que não matara quanto o que não morrera.

18.5 O que haveria mais injusto do que isso? Porque um se mostrara inocente, os dois pereciam. Pisão acrescentou um terceiro, pois ordenou ao suplício o próprio centurião que havia trazido de volta o condenado. Num mesmo local foram colocados três que haveriam de perecer por causa da inocência de um só.

18.6 Oh, que ardilosa é a iracúndia para forjar motivos de furor! "A ti", diz ela, "ordeno o suplício porque foste condenado; a ti, porque foste para teu companheiro a causa de sua condenação; a ti, porque, tendo recebido ordem para matar, não obedeceste a teu comandante." Excogitou como produzir três crimes porque não encontrara nenhum.

XIX

19.1 A iracúndia, afirmo-te, tem isto de mal: não quer que a governem. Enfurecese com a própria verdade se esta se mostrou contrária à sua vontade. Com gritos, tumulto e agitação de todo o corpo, persegue aqueles aos quais se aferrou, lançando-lhes insultos e maldições.

19.2 Isso a razão não faz; porém, se assim é necessário, em silêncio e tranquila, ela faz desaparecer por completo casas inteiras e extingue famílias molestas para o Estado, inclusive esposas e filhos, demole edifícios e os arrasa, extirpa nomes hostis à liberdade. E isso sem se indignar e agitar a cabeça, nem fazer algo indecoroso para um juiz, cujo semblante deve ser o mais plácido e natural, especialmente quando pronuncia sentenças de tanta importância.

19.3 "Que necessidade há", dizia Hierônimo, "quando queres matar alguém, de antes morder teus próprios lábios?" E se ele tivesse visto um procônsul saltando de sua tribuna, arrancando os feixes do lictor e rasgando sua própria vestimenta, porque as do outro, o réu, estavam demorando para serem rasgadas?

19.4 Que necessidade há de virar a mesa, atirar copos, jogar-se contra colunas, arrancar os cabelos, bater na coxa e no peito? O que se pode pensar dessa potência da ira que, por não explodir contra outro com a rapidez desejada, se volta contra

si mesma? São contidas, por fim, essas pessoas pelos que lhes estão próximos, os quais lhes rogam que acalmem a fúria contra si.

19.5 Nada disso faz quem, estando isento de ira, aplica a cada um a pena merecida. Não raro absolve aquele cujo delito ele flagra. Se o arrependimento do ato oferece uma boa esperança, se ele entende que a maldade não vem do fundo da alma, mas, como dizem, está na superfície, concederá uma impunidade que não será nociva nem aos que a recebem, nem aos que a dão.

19.6 Por vezes reprimirá os crimes maiores com mais leveza do que os menores, se aqueles foram cometidos por um lapso, não por crueldade, e nestes existe uma astúcia oculta, não só encoberta, mas inveterada. Ele não penalizará com punição igual um mesmo delito de duas pessoas, se uma incorreu por negligência e outra teve intenção de ser nociva.

19.7 Em toda punição ele manterá a consciência de que uma se aplica para emendar os maus; outra, para eliminá-los. Em ambos os casos, terá em consideração não o passado, mas o futuro — de fato, como diz Platão, nenhuma pessoa sábia pune porque se cometeu um erro, mas para que não se cometa mais, pois os fatos passados não podem ser reparados, os futuros são prevenidos —, e os que ele quiser que se tornem exemplos do insucesso da maldade fará matá-los em público, não somente para eles próprios perecerem, mas para com seu perecimento dissuadir os outros.

19.8 Bem vês o quanto aquele que deve ponderar e avaliar questões como essas precisa, livre de toda inquietação, abordar com muito cuidado o tratamento deste recurso, o poder de vida e de morte. É um erro confiar a espada a um irado.

XX

20.1 Nem mesmo deve-se julgar que a ira vá conferir algo à grandeza da alma. Com efeito, aquilo não é grandeza, é intumescência. Para corpos inchados por excesso de líquido nocivo, tal doença não é um incremento, mas um excedente maléfico.

20.2 Todos que uma alma delirante eleva acima dos pensamentos próprios do homem, creem emanar algo profundo e sublime. Porém, não há nada de sólido por baixo disso, e o que se ergueu sem fundações é propenso a desabar. Não tem a ira em que se apoiar; não se origina de algo firme e permanente, mas é volúvel e inane, e da grandeza de alma está tão distante quanto da bravura está a audácia; da confiança, a insolência; da austeridade, a tristeza; da severidade, a crueldade.

20.3 Há muita diferença, afirmo, entre o ânimo sublime e o soberbo. A iracúndia não medita nada de amplo e de belo. Ao contrário, parece-me próprio de uma alma prostrada e infeliz, consciente de sua fraqueza, sofrer constante dor, como os corpos ulcerados e enfermos que gemem ao mais leve toque. Assim, a ira é um vício típico, sobretudo, da mulher e da criança. "Mas acomete inclusive os homens." Realmente, há também homens com um temperamento pueril e feminino.

20.4 "Como, então? Não são proferidas pelos irados certas sentenças que pareceriam enunciadas por uma grande alma?" Sim, para os que ignoram a verdadeira grandeza da alma, como naquela frase famosa e abominável: "Que odeiem, desde que temam". Lembra que foi escrita no tempo de Sula. Não sei qual das duas coisas ele desejou para si de pior: que fosse alvo de ódio ou de temor. "Que odeiem." Então lhe vem à mente que irão execrá-lo, atraiçoá-lo, oprimi-lo. E o que acrescentou? Que os deuses o percam, tal foi o remédio que encontrou digno de seu ódio. "Que odeiem!" Como? Desde que lhe obedeçam? Não. Desde que o aprovem? Não. O quê, então? "Desde que o temam." Assim eu não desejaria nem mesmo ser amado.

20.5 Achas que isso foi dito com espírito elevado? Estás enganado; isso realmente não é elevação, mas desumanidade.

20.6 Não há por que acreditares nas palavras dos irados. Seus estrépitos são enormes, ameaçadores; no íntimo, sua alma está apavorada. Nem há por que considerar verdadeiro o que se diz com tanta eloquência em Tito Lívio: "Homem de caráter antes elevado que bondoso". Não se pode separar isso: ou também será bom ou não terá elevação, pois entendo a elevação da alma como inabalável, não apenas sólida interiormente, mas uniforme e estável desde a base, tal qual não pode existir nas índoles perversas.

20.7 Estas, de fato, podem ser terríveis, turbulentas e perniciosas; grandeza, cujo fundamento e força é a bondade, certamente não terão. No entanto, por sua linguagem, por seus esforços e por todo aparato externo, farão crer em sua grandeza.

20.8 Falarão algo que tu julgarias próprio de uma alma elevada, tal como Calígula, que, tendo se irritado contra o céu, cujos estrondos perturbavam as pantomimas — que ele imitava com mais entusiasmo do que assistia —, e por causar susto durante o divertimento, devido aos raios (pena que bem pouco certeiros), chamou Júpiter para uma luta até a morte, bradando aquele verso de Homero: "Ou me arrebatas ou eu a ti!".

20.9 Quanta loucura! Achou que nem sequer de Júpiter poderia sofrer dano, ou que até mesmo a Júpiter poderia ele infligir dano. Não acho que essa frase tenha tido pouco peso para incitar a mente dos conjurados. De fato, pareceu-lhes o cúmulo da paciência tolerar alguém que não podia tolerar Júpiter.

XXI

21.1 Nada, portanto, nem mesmo quando parece ser violenta e desprezar deuses e homens, nada há na ira de grandioso nem de nobre. Ou então, se para alguém a ira parece produzir uma alma elevada, que lhe pareça também o amor pelo luxo; este deseja repousar em marfim, vestir-se de púrpura, cobrir-se de ouro, deslocar terras, cercar águas do mar, formar quedas em rios, erguer bosques suspensos.

21.2 Que lhe pareça própria de uma alma elevada também a avareza; esta se deita sobre montes de ouro e prata e cultiva campos que têm nomes de províncias e, sob cada capataz, possui territórios mais extensos do que os que eram sorteados aos cônsules.

21.3 Que lhe pareça própria de uma alma elevada também a libido; ela atravessa a nado estreitos de mar, castra grupos de meninos, expõe-se à espada do marido, desprezando a morte. Que lhe pareça própria de uma alma elevada também a ambição; ela não se contenta com os cargos anuais, mas, se lhe é possível, deseja ocupar com um único nome o calendário, dispor por todo o orbe inscrições suas.

21.4 Todas essas coisas, não importam quais o seu êxito e sua dimensão, são estreitas, miseráveis, desprezíveis; somente a virtude é sublime e elevada, e nada é grandioso se ao mesmo tempo não for sereno.

LIVRO II

I

1.1 O primeiro livro, Novato, encerrou matéria mais amigável. É realmente fácil o descenso pela ladeira dos vícios. Agora é preciso vir a temas mais áridos. Indagamos, então, se a ira se inicia por um juízo ou por um impulso, ou seja, se é espontaneamente movida ou, como a maior parte do que se origina dentro de nós, sem que disso tenhamos consciência.

1.2 A discussão, no entanto, deve descer a essas questões para que possa, depois, alçar-se a pontos mais elevados. Com efeito, em nosso corpo, também, os ossos, os nervos e as articulações, a estrutura do todo e os órgãos vitais, em nada atraentes à vista, são dispostos primeiro; depois aqueles elementos dos quais vem todo atrativo da face e da fisionomia; e após tudo isso, é vertida a última cor, que mais encanta os olhos, já concluído o corpo.

1.3 Sem dúvida, o que move a ira é a ocorrência da ideia de uma injúria, mas indagamos se ela segue de imediato essa ideia e se ela se exterioriza sem que o consinta a alma ou se é movida com o assentimento desta.

1.4 Aceitamos que a ira nada ousa por si mesma, mas, sim, com a aprovação da alma, pois tomar a ideia de uma injúria recebida e desejar sua vingança, e juntar uma coisa à outra — que não se deve sofrer agressão e que se deve obter vingança —, isso não é um impulso da alma suscitado sem a nossa vontade.

1.5 O primeiro movimento é simples, o outro é complexo e compreende vários passos: perceber algo, indignar-se, condenar, cobrar vingança. Esses processos não podem ocorrer se a alma não deu assentimento aos estímulos pelos quais estava sendo atingida.

II

2.1 "Qual é a pertinência dessa questão?", perguntas. É para que saibamos o que é a ira, pois se ela nasce contra nossa vontade, nunca irá se curvar à razão. Todos os movimentos que não são feitos por nossa vontade são invencíveis e inevitáveis, como o arrepio ao sermos aspergidos de água fria, o asco a certos contatos; diante de notícias muito ruins, eriçam-se nossos pelos, alastra-se um rubor diante de palavras insolentes e segue-se uma vertigem quando se olha para precipícios. Ainda que nenhuma dessas sensações esteja em nosso poder, a razão não tem como persuadir a que não sejam produzidas.

2.2 A ira é evitada por preceitos. É efetivamente um vício voluntário da alma, não desses que ocorrem por certa condição da sorte humana e que, por isso, sucedem até com as pessoas mais sábias, devendo incluir-se entre eles também aquele primeiro impulso que nos move depois da suposição de uma injúria.

2.3 Este sobrevém até em meio a divertidos espetáculos teatrais e leituras de antigas histórias. Muitas vezes, parecemos ficar irados com Clódio, ao exilar Cícero, e com Antônio, ao matá-lo. Quem não se exalta contra as armas de Mário, contra as proscrições de Sula? Quem não se enfurece com Teódoto e Áquila, e com o próprio menino que ousou um crime nada pueril?

2.4 O canto, às vezes, e sua veloz modulação nos estimula, bem como aquele som marcial das trombetas. Move nossas mentes tanto uma pintura medonha quanto a triste visão dos mais justos suplícios.

2.5 Daí é que rimos para os que nos riem e nos contrista a multidão dos aflitos, e nos inflamamos diante de disputas alheias. Tais sentimentos não são iras, tanto quanto não é tristeza o que contrai nossa fronte à vista de um naufrágio encenado, tanto quanto não é temor o que percorre a alma dos leitores quando Aníbal, depois de Canas, sitia nossas muralhas, mas todas essas coisas são movimentos de almas que, todavia, não querem ser movidas; não são paixões, mas princípios que preludiam as paixões.

2.6 Assim, pois, a trombeta excita os ouvidos de um velho militar, em plena paz e já em traje civil, e o ruído das armas excita os cavalos de campanha. Dizem que Alexandre, enquanto Xenofanto cantava, lançou sua mão às armas.

III

3.1 Nada dessas coisas que impelem fortuitamente a alma deve ser chamado de paixão: a alma, por assim dizer, sofre-as mais do que as produz. Portanto, a paixão não é ser movido em função de imagens que nos ocorrem dos fatos, mas entregar-se a elas e seguir esse movimento fortuito.

3.2 Realmente, se alguém considera um indício de paixão e um sintoma do estado da alma a palidez e as lágrimas caindo, a excitação de um desejo obsceno ou um suspiro profundo, um olhar repentinamente mais acerbo ou algo semelhante a tais coisas, engana-se e não entende que estes são impulsos do corpo.

3.3 Assim, não só o mais bravo guerreiro por vezes empalideceu enquanto se armava, como também, depois de dado o sinal de combate, os joelhos do mais feroz soldado tremeram um pouco e o coração de um grande general palpitou

antes que as hostes se entrechocassem, e no mais eloquente orador, enquanto se preparava para falar, ficaram rígidas as extremidades de seus membros.

3.4 A ira não apenas deve ser movida, mas deve extravasar. Ela é de fato um impulso. Nunca, porém, existe um impulso sem o assentimento da mente, pois não é possível ser tratada a vingança e o castigo sem que o saiba a alma. Alguém se julgou lesado, quis vingar-se, mas, dissuadido por algum motivo, aplacou-se de imediato: a isso não chamo ira, a esse movimento da alma obediente à razão. A ira é aquela que transpõe a razão, que a arrebata consigo.

3.5 Portanto, aquele primeiro abalo da alma, que a ideia de injúria incutiu, não é ira tanto quanto não o é a própria ideia de injúria. Aquele impulso seguinte, que não apenas recebeu a ideia de injúria, mas a aprovou, é ira, concitação da alma que procede à vingança por vontade e discernimento. Não há a menor dúvida de que o temor contenha em si a fuga, e a ira, o impulso agressor. Vê, então, se julgas que é possível ou buscar ou prevenir algo sem o assentimento da mente.

IV

4.1 E para saberes como têm início as paixões ou crescem ou se exacerbam, há um primeiro movimento involuntário, como uma preparação da paixão e certa ameaça; um outro, com uma vontade não contumaz, como se fosse preciso eu me vingar, já que fui ofendido, ou fosse preciso castigar essa pessoa, já que cometeu um delito. Um terceiro movimento é já incontrolado: ele não quer se vingar se for necessário, mas de qualquer maneira; ele derrota a razão.

4.2 Aquele primeiro impacto na alma não podemos evitar pela razão assim como nem aquelas sensações que dissemos acontecer aos nossos corpos: que o bocejo alheio não estimule o nosso, que os olhos não se fechem ante a súbita aproximação dos dedos. Essas coisas não pode a razão vencer, o hábito, talvez, e a assídua observação as atenuam. Aquele segundo movimento, que nasce de um juízo, é eliminado por um juízo.

V

5.1 É preciso ainda examinar o seguinte: se é fato que os que comumente ficam irados e se regozijam com sangue humano porventura se enfurecem quando matam aqueles de quem não receberam injúria, e nem julgam tê-la recebido, tal como foi o caso de Apolodoro ou o de Fálaris.

5.2 Isso não é ira, é ferocidade, pois não causa um malefício porque recebeu uma injúria, mas está disposta inclusive a recebê-la, desde que possa causar um mal.

Não são para sua vingança que lhe são requeridos açoites e lacerações, mas para seu prazer.

5.3 O que ocorre, então? A origem desse mal vem da ira, que, por sua frequente prática e satisfação, quando chegou ao esquecimento da clemência e expulsou da alma todo laço humano, converte-se finalmente em crueldade. Assim, pois, riem e se regozijam, desfrutam intenso prazer e estão muito distanciados da feição dos irados, sendo cruéis por diversão.

5.4 Dizem que Aníbal falou assim, quando viu um fosso cheio de sangue humano: "Que belo espetáculo!". Quanto mais belo lhe teria parecido se tivesse enchido um rio ou um lago! O que é supreendente, se és intensamente cativado por esse espetáculo, pois que nasceste no sangue e desde criança te afizeste às matanças? Há de acompanhar-te uma fortuna que irá favorecer por vinte anos tua crueldade e dará por toda parte a teus olhos um grato espetáculo: hás de vê-lo ao redor do Trasimeno, de Canas e, finalmente, ao redor de tua Cartago.

5.5 Há pouco, Voleso, procônsul da Ásia sob o divino Augusto, depois de, com uma segure, ter abatido trezentos num só dia, caminhando entre os cadáveres com semblante soberbo, como se tivesse feito algo magnífico e digno de se contemplar, proclamou em grego: "Que régia façanha!". Tivesse ele sido um rei, o que teria feito? Isso não foi ira, mas um mal maior e insanável.

VI

6.1 "A virtude", afirma-se, "tal como é benevolente com as ações honrosas, deve, da mesma forma, mostrar-se irada com as ações torpes." E se alguém afirmasse que a virtude deve ser tanto baixa quanto elevada? Ora, quem diz isso quer que ela seja exaltada e rebaixada, ainda que o contentamento diante do que é feito com retidão seja notável e grandioso; a ira, diante do erro alheio, é sórdida e própria de um coração mesquinho.

6.2 E jamais a virtude irá se expor a imitar os vícios enquanto os reprime. Ela deve castigar sua própria ira, que não é melhor em comparação a nada, por vezes é até pior do que esses delitos com os quais ela se enfurece. Comprazer-se e alegrar-se é próprio e natural da virtude: irar-se não está em conformidade com a sua dignidade, não mais do que abater-se. Ora, a tristeza é companheira da iracúndia, e naquela, toda ira torna a cair, ou após arrepender-se ou após sofrer um revés.

6.3 E se for próprio do sábio irar-se com os erros, mais irado ele ficará com os erros maiores e estará frequentemente irritado. Segue-se disso que o sábio não

apenas ficaria irado, mas seria irascível. Ora, se nem uma ira intensa nem frequente acreditamos que tenha lugar na alma do sábio, por que não o liberaríamos totalmente dessa paixão?

6.4 De fato, não pode haver medida se ele há de sentir-se irado pelo que cada um tenha feito. Ele será, sem dúvida, ou iníquo, se ficar irado de maneira igual com delitos desiguais, ou extremamente irascível, se tantas vezes se inflamar quantas um crime tiver merecido sua ira.

VII

7.1 E o que é mais indigno do que o estado de espírito de um sábio depender da maldade alheia? Sócrates deixará de poder retornar para casa com o mesmo semblante com que dela havia saído? Ora, se o sábio deve sentir-se irado com o que foi feito de errado e exaltar-se e entristecer-se por crimes, nada é mais desventurado que o sábio; toda a sua vida transcorrerá às voltas com a iracúndia e o abatimento.

7.2 Que momento pois haverá em que não veja fatos reprováveis? Quantas vezes tiver saído de casa, deverá andar no meio de celerados e avarentos, perdulários e devassos, felizes com esses vícios. Seus olhos não se voltarão a parte alguma sem que encontrem o que os deixe indignados: sucumbirá se, de si próprio, tiver exigido ira sempre que uma causa a pedir.

7.3 Esses milhares de pessoas que se apressam ao fórum no alvorecer: quão torpes seus litígios e ainda mais torpes as testemunhas que as acompanham! Um desaprova as últimas disposições de seu pai, das quais teria sido melhor não ser merecedor; outro disputa com a própria mãe; outro se apresenta como delator de um crime do qual é réu manifesto; elege-se um juiz para condenar atos que ele próprio cometeu e o público, aliciado pela bela palavra do advogado, se põe favorável a essa má causa.

VIII

8.1 Por que descrevo casos individuais? Quando vires o fórum lotado de gente, e o Campo de Marte repleto pela afluência da multidão, e o circo em que o público comparece em sua maior parte, saibas disto: ali existem tantos vícios quantos homens.

8.2 Entre esses que vês trajando toga, não há paz alguma: um é levado a destruir o outro por um ligeiro ganho, ninguém obtém lucro senão com o dano de outrem, odeiam quem é feliz, desprezam o infeliz, não suportam alguém

superior, oprimem o inferior, são incitados por desejos diversos, querem que tudo se arrase em troca de um leve prazer ou espólio. Sua vida não é diferente da dos que convivem e lutam com os mesmos parceiros numa escola de gladiadores.

8.3 É esse um agrupamento de feras, com a diferença de que elas são mansas entre si e se abstêm de morder seus semelhantes, já eles são saciados pela mútua laceração. Somente nisto diferem dos animais: no fato de que estes se tornam mansos com quem os alimenta, e a raiva dos homens devora exatamente quem os nutriu.

IX

9.1 Nunca o sábio deixará de sentir ira caso tenha uma vez começado: tudo é repleto de crimes e vícios. Comete-se-os em maior número do que se poderia sanar pela punição. Disputa-se num amplo certame de maldades. A cada dia é maior o desejo de praticar uma falta e menor a vergonha. Depois de expulso o respeito pelo que é melhor e mais justo, onde bem lhe pareça, a cobiça se impõe. Já nem são furtivos os crimes: eles se dão diante dos olhos; a maldade se mostra em público e se fortalece no coração de todos, a ponto de a inocência não ser rara, mas nula.

9.2 Acaso foram indivíduos ou pequenos grupos que violaram a lei? De todos os lados, como se a um sinal dado, eles se insurgem para confundir o lícito e o ilícito: [...] o hóspede não está a salvo do anfitrião, nem, de seu genro, o sogro; é rara a afeição mesmo entre irmãos; um homem ameaça de morte a esposa; ela, o marido; terríveis madrastas misturam acônitos cor de anil; o filho indaga antes do tempo a idade do pai.

9.3 E que pequena parcela de crimes é essa? O poeta não descreveu guarnições rivais pertencentes a um mesmo partido, juramentos conflitantes de pais e filhos, chamas lançadas à pátria pela mão de um cidadão, batalhões de violentos cavaleiros circulando à procura de esconderijos de proscritos, fontes contaminadas por venenos, pestes intencionalmente produzidas, trincheiras escavadas para sitiar os próprios pais, cárceres lotados, incêndios que consomem cidades inteiras, tiranias mortíferas, reuniões clandestinas para aniquilar reinos e bens públicos, atos tidos como gloriosos, que são crimes enquanto é possível reprimi-los, raptos, estupros e nem mesmo uma língua que tenha se abstido de torpezas.

9.4 Acrescenta então os perjúrios coletivos de nações, os acordos rompidos e tudo que não opondo resistência é integrado ao despojo do mais forte, conluios, furtos, fraudes, calotes, para os quais não bastam nossos três fóruns. Se queres que

o sábio se enfureça tanto quanto a indignação pelos crimes o exige, ele não haveria de enfurecer-se, mas de ensandecer.

X

10.1 Será melhor pensares o seguinte: não se deve sentir ira contra os erros. Que diríamos se alguém se irritasse com os que dão passos inseguros na escuridão; e com os surdos que não escutam suas ordens; e com as crianças porque, descuidando dos deveres, se voltam para jogos e divertimentos tolos com seus companheiros? E se quisesses irar-te com os que adoecem, os que envelhecem, os que se cansam? Entre outros incômodos da condição mortal, há também este: a turvação de nossa mente e não apenas a inevitabilidade de errar, mas o amor pelos erros.

10.2 Para que não fiques irado contra cada indivíduo é preciso perdoar a todos, é preciso conceder vênia ao gênero humano. Se te irritares com os jovens e com os velhos porque erram, irrita-te com as crianças: elas vão errar. Alguém por acaso se irrita com crianças cuja idade ainda não dispõe de discernimento? Ainda maior e mais justa é a desculpa de ser um homem do que a de ser criança.

10.3 Nascemos nessa condição, expostos a doenças da alma não menos numerosas que as do corpo, seres que não são obtusos ou ineptos, mas que utilizamos mal nossa perspicácia, sendo exemplos de vícios uns para os outros. Alguém que segue os que antes tomaram um mau caminho, como não teria ele desculpa uma vez que se extraviou por uma via coletiva?

10.4 A severidade do general se mostra aos soldados individualmente, mas é necessária vênia quando o exército inteiro desertou. O que tolhe a ira do sábio? A multidão dos faltosos. Ele entende o quanto seria não só injusto mas arriscado irar-se contra um vício coletivo.

10.5 Heráclito, toda vez que saía e via tantos em torno de si a viver mal — mais do que isso, a morrer mal —, chorava, compadecia-se de todos que se aproximavam alegres e felizes, sendo terno seu coração, porém frágil demais, e ele próprio estava entre os que deviam ser lamentados. Por outro lado, dizem que Demócrito nunca aparecia em público sem sorrir, tanto não lhe parecia sério tudo que era tratado a sério. Onde há lugar aqui para a ira? Ou se deve rir de tudo ou se deve chorar.

10.6 O sábio não ficará irado com os que erram. Por quê? Porque sabe que ninguém nasce, mas se torna sábio; sabe que, em cada época, pouquíssimos se convertem em sábios; porque tem completo conhecimento da condição da vida

humana, e nenhum homem sensato se enfurece contra a natureza. Iria ficar admirado de não penderem frutos nas matas silvestres? Iria se admirar de espinheiras e sarçais estarem repletos de ervas inúteis? Ninguém se enfurece quando é a natureza a defensora do vício.

10.7 Desse modo, o sábio, sereno e justo diante dos erros, não como inimigo, mas como alguém que corrige os que erram, todo dia sai à rua com esta intenção: "Vão me aparecer muitos que são viciados no vinho, muitos gananciosos, muitos ingratos, muitos avaros, muitos que são acossados pelas fúrias da ambição". Todas essas coisas ele vai olhar tão benévolo quanto um médico a seus doentes.

10.8 Acaso aquele cujo navio, depois de avariada sua estrutura, abre água por todo lado, enfurece-se com os nautas e com o próprio navio? Antes acorre e obstrui uma parte da água, outra parte ele faz escoar, veda as fendas visíveis, com um esforço contínuo combate as que são invisíveis e que ocultamente causam infiltração nos porões, nem se detém pelo fato de brotar o mesmo tanto que havia escoado. É preciso um longo tratamento contra males contínuos e fecundos, não para que desapareçam, mas para que não vençam.

XI

11.1 "É útil a ira", dizem, "porque evita o menosprezo, porque atemoriza os maus." Primeiro, a ira, se é equivalente a quanto ameaça, pela própria razão que a faz inspirar terror é também odiosa; ora, é mais perigoso ser temido do que desprezado. Mas se ela não tem força, fica mais exposta ao desdém e não escapa ao ridículo: o que é, de fato, mais frívolo do que uma ira que tumultua no vazio?

11.2 Depois, certas coisas, por serem mais aterradoras, não são, por isso, preferíveis, e eu não desejaria que se dissesse isto a um sábio: "Esta arma que é das feras é também do sábio: causar temor". Como? Não se teme a febre, a podagra, a úlcera maligna? Acaso há por isso algo de bom nessas coisas? Ao contrário, sendo todas repudiadas, disformes e repulsivas, por isso mesmo são temidas. Assim, a ira em si é disforme e muito pouco temível, porém é temida por muitos, tal como uma máscara disforme o é pelas crianças.

11.3 Que dizer do fato de que o temor sempre recai sobre seus causadores e de que ninguém é temido ficando seguro ele próprio? Que te ocorra, aqui, aquele verso de Labério que, pronunciado no teatro durante a guerra civil, atraiu para si a simpatia dos espectadores tal como se tivesse sido emitida a voz do sentimento público: "Há de muitos temer alguém que muitos temem".

11.4 Assim, a natureza estabeleceu que tudo o que é grande por meio do temor alheio não está livre de seu próprio medo. O quanto ficam assustados os corações dos leões aos mais leves ruídos! Uma sombra, uma voz ou um odor insólito inquietam as mais bravias feras: tudo o que provoca terror também treme. Portanto, não há razão para que qualquer sábio deseje ser temido, nem para que alguém julgue a ira como algo considerável porque ela serve para atemorizar, já que até mesmo as coisas mais desprezíveis são temidas, como venenos, ossos pestilentos e mordidas.

11.5 Não é de admirar quando um cordão adornado com penas detém enormes bandos de feras e as lança sobre armadilhas, o qual, por essa própria reação por ele produzida, é chamado de espantalho. Coisas fúteis são motivo de terror para criaturas fúteis. O movimento de um carro e a visão das rodas girando reconduzem os leões para a jaula; o grunhido dos porcos aterra os elefantes.

11.6 Assim, a ira é temida do mesmo modo que uma sombra o é pelas crianças e uma pena vermelha, pelas feras. Ela mesma não tem em si nada de firme ou de forte, mas abala os espíritos frívolos.

XII

12.1 "A maldade", afirma-se, "deve ser eliminada da natureza se quiseres eliminar a ira; mas não se pode fazer nenhuma dessas duas coisas." Primeiramente, alguém pode não ter frio apesar de, pela lei da natureza, ser inverno e pode não ter calor, apesar de estar nos meses de verão: ou ele está protegido, por virtude do lugar, contra a intempérie da estação, ou a resistência de seu corpo prevaleceu sobre ambas as sensações.

12.2 Em seguida, inverte o argumento: é forçoso que elimines de tua alma a virtude antes de acolher a ira, dado que os vícios não coexistem com as virtudes e que ninguém pode ser ao mesmo tempo colérico e virtuoso tanto quanto enfermo e sadio.

12.3 "Não é possível", afirma-se, "eliminar toda a ira da alma, nem a natureza humana permite isso." Ora, nada existe tão difícil e árduo que a mente humana não possa vencer e uma assídua meditação não possa levar à familiarização, e nenhuma paixão é tão feroz e soberana que não possa ser domada pela disciplina.

12.4 Tudo o que o espírito ordenou a si próprio ele obteve: alguns conseguiram nunca rir; alguns privaram seu corpo de vinho; outros, de sexo; outros, de líquidos; um outro, contentando-se com um breve sono, prolongou uma vigília infatigável; aprendeu-se a correr sobre cordas finíssimas e traiçoeiras, a carregar

pesos enormes, quase intoleráveis para as forças humanas, a mergulhar em profundidades imensas e suportar as águas do mar sem respirar.

12.5 Há mil outras coisas nas quais a pertinácia transcendeu todo obstáculo e mostrou que não é difícil nada daquilo a que a própria mente se impõe resistir. Para esses casos a que pouco antes me referi, não houve remuneração alguma ou mesmo uma que fosse digna de esforço tão pertinaz. De fato, o que de magnífico consegue quem se adestrou a caminhar por cordas esticadas, a submeter os ombros a um fardo enorme, a não permitir aos olhos o sono, a penetrar no mar profundo? E, no entanto, seu esforço alcançou o objetivo do trabalho sem uma grande recompensa.

12.6 Não recorreremos à paciência, nós a quem espera tamanho prêmio: a tranquilidade inalterável de uma alma feliz? Quão valioso é escapar do maior dos males, a ira, e junto com ela, da raiva, da violência, da crueldade, do furor e de outras paixões que são suas companheiras!

XIII

13.1 Não há por que buscarmos para nós uma defesa e uma licença justificada, dizendo que a questão é útil ou inevitável. A qual vício faltou, por fim, um defensor? Não há por que dizer que não se pode extirpar a ira: padecemos de males curáveis e, como nascemos para o bem, se quisermos nos emendar, a própria natureza nos ajuda. Nem é árduo e áspero, como pareceu a alguns, o caminho para as virtudes: facilmente nos aproximamos delas.

13.2 Não venho até vós como mentor de ideias vãs. É fácil o trajeto para uma vida feliz: apenas empreendei-o sob bons auspícios e com a boa ajuda dos deuses. Muito mais difícil é fazer o que fazeis. O que é mais repousante do que a quietude da alma? O que é mais fatigante do que a ira? O que é mais leniente do que a clemência? O que é mais atribulativo do que a crueldade? A pudicícia descansa, a libido é ocupadíssima. Enfim, o cuidado de todas as virtudes é fácil, os vícios são cultivados com alto custo.

13.3 A ira deve ser eliminada. Isso em parte reconhecem também aqueles que dizem que ela deve ser atenuada. Seja excluída por inteiro, não será de proveito algum. Sem ela, com mais justiça e facilidade serão suprimidos os crimes, os maus serão punidos e modificados para melhor. Tudo que o sábio deve empreender, ele o fará sem o auxílio de qualquer meio nocivo, e não irá introduzir nada cujos limites ele precise observar atentamente.

XIV

14.1 Assim, nunca deve ser admitida a ira; deve-se às vezes simulá-la, se é preciso estimular os ânimos fracos dos ouvintes, tal como instigamos, com esporas e tochas sob o ventre, os cavalos que demoram a largar na corrida. Às vezes, devese incutir medo naqueles em que a razão não tem eficácia. Irritar-se não é verdadeiramente mais útil do que afligir-se ou temer.

14.2 "Como, então? Não ocorrem motivos que provocam a ira?" Mas é aí que mais se deve impor-lhe resistência. Nem é difícil vencer-lhe o ímpeto quando também os atletas, ocupados com a parte de si mais sem valor, suportam, no entanto, golpes e dores a fim de exaurir as forças de quem os machuca, e ferem não quando a isso os aconselha a sua ira, mas a ocasião.

14.3 Dizem que Pirro, o maior dos instrutores de luta, costumava advertir os que ele treinava para que não se irritassem. A ira, é certo, perturba a técnica e olha somente onde possa agredir. Assim, a razão aconselha em geral a paciência; a ira, a retaliação, e quando podíamos ter nos livrado de males incipientes, em maiores nos vemos lançados.

14.4 A alguns, a afronta de uma só palavra, recebida sem serenidade, os relegou ao exílio, e os que não quiseram suportar em silêncio uma leve injustiça foram cobertos de gravíssimos males e, indignados por alguma diminuição sofrida em sua mais plena liberdade, atraíram sobre si o jugo servil.

XV

15.1 "Para comprovar", diz alguém, "que a ira tem em si algo de nobre, verás povos livres que são os mais iracundos, como os germanos e os citas." Isso ocorre porque as índoles por natureza fortes e sólidas, antes que sejam abrandadas pela disciplina, são propensas à ira. De fato, certas qualidades são inatas apenas nas melhores índoles, tal como a terra fértil, mesmo sem cultivo, cria árvores robustas e é frondoso o bosque de um solo fecundo.

15.2 De igual maneira, também as índoles fortes por natureza sofrem a iracúndia, e as que são ígneas e férvidas nada contêm de franzino e miúdo, mas seu vigor é imperfeito tal como o de todos os seres que se desenvolvem sem arte própria, apenas por dom da natureza. Mas se não são logo domados, os que eram predispostos ao fortalecimento, habituam-se à audácia e à temeridade.

15.3 Como? Às almas mais dóceis não estão ligados vícios mais leves, como a compaixão, o amor, a timidez? Assim, posso te apontar exemplos frequentes de

boa índole por meio também de seus males, mas nem por isso deixam de ser vícios, ainda que sejam indícios de uma natureza superior.

15.4 Depois, todos esses povos livres, devido à sua ferocidade, à maneira dos leões e dos lobos, assim como não podem viver na servidão, não podem também governar. Com efeito, não possuem o vigor da natureza humana, mas o de um ser feroz e intratável. Ora, ninguém pode governar se também não puder ser governado.

15.5 Desse modo, o poder esteve geralmente nas mãos dos povos que se valem de um clima mais ameno. Aqueles que estão expostos às friagens do norte são "ásperas índoles", como diz o poeta, "e muito semelhantes a seu clima".

XVI

16.1 "Em animais considerados os mais nobres", alega-se, "encontra-se muita ira." Erra quem aduz, como exemplo para o homem, aqueles seres em que o impulso está em lugar da razão. Mas nem no caso deles esse fator é o mesmo para todos: a iracúndia é de ajuda para os leões; o temor, para os cervos; para o gavião, o ataque; para a pomba, a fuga.

16.2 E que dizer de tampouco ser verdade que os melhores animais sejam os mais iracundos? Eu consideraria as feras, cujo alimento provém da caça, quanto mais iradas, melhores; mas poderia louvar a sujeição dos bois e dos cavalos, obedientes aos freios. Porém, qual o motivo para fazer o homem voltar-se para exemplos tão estéreis quando se tem o cosmos e Deus, a quem o homem, dentre todos os viventes, é o único a conhecer, para ser o único a poder imitá-lo?

16.3 "Os que são tidos como os mais espontâneos", afirma-se, "são os iracundos." De fato, são confrontados com os fraudulentos e astuciosos e parecem espontâneos porque são transparentes. Eu, no entanto, não diria que são espontâneos, mas incautos: aos tolos, luxuriosos e perdulários impomos essa denominação e a todos os vícios de pouca astúcia.

XVII

17.1 "Um orador irado", afirma-se, "é às vezes melhor." Não, mas o que imita o irado, pois mesmo os atores, ao declamarem, movem o público não por estarem irados, mas por bem representar o irado. E diante dos juízes, igualmente, não só numa assembleia, mas sempre que é preciso compelir a nosso arbítrio a mente dos outros, nós simularemos ora a ira, ora o medo, ora a compaixão, para incutir isso nos outros, e muitas vezes o que as paixões verdadeiras não teriam

produzido, a imitação das paixões produziu. "É lânguida a alma que carece de ira", dizem.

17.2 É verdade se ela não possui nada mais vigoroso do que a ira. Não é preciso ser um bandido ou sua vítima, ser compassivo ou cruel: a alma de um é branda demais, a do outro, dura demais. Seja temperado o sábio, e nas ações a serem realizadas com maior energia, empregue não a ira, mas o vigor.

XVIII

18.1 Visto que tratamos das questões em torno da ira, passemos a seus remédios. São de dois tipos, segundo penso: um para não cairmos na ira e outro para, estando nela, não cometermos erros. Tal como, no cuidado de nosso corpo, uns são os preceitos para proteger a saúde e outros para restituí-la, assim também devemos de um modo repelir a ira e, de outro, detê-la. Para evitá-la, serão dados alguns preceitos concernentes ao percurso completo da vida: eles serão divididos entre os relativos à educação e os relativos às etapas subsequentes.

18.2 A educação requer o máximo de atenção, havendo ela de ser de enorme proveito. É sem dúvida fácil moldar as almas ainda tenras, mas dificilmente são cortados os vícios que cresceram conosco.

XIX

19.1 A mais disposta à iracúndia é a natureza da alma ardente. Pois, dado que existem quatro elementos — fogo, água, ar e terra —, existem propriedades similares a eles: quente, frio, árido e úmido. E assim, a mistura dos elementos produz as variedades de lugares, animais, corpos e costumes; por conseguinte, as índoles inclinam-se mais para um elemento, na medida em que nelas tenha sido mais abundante a força dele. Por isso, certas regiões denominam-se úmidas; outras, áridas, quentes ou frias.

19.2 As mesmas são as diferenças nos animais e nos homens: importa quanto cada um contenha em si de úmido e de quente. Conforme a porção que nele prevalecer de um elemento, daí advirá seu modo de ser. A natureza ardente produzirá os iracundos; o fogo de fato é ativo e pertinaz. A mistura com o frio produz os tímidos; o frio de fato entorpece e contrai.

19.3 Do mesmo modo, pretendem alguns dos nossos que a ira é incitada no peito, ao efervescer o sangue em torno do coração. A causa de que este seja preferencialmente apontado como o local da ira não é outra senão porque, em todo o corpo, a parte mais quente é o peito.

19.4 Aqueles em que há mais umidade, neles a ira cresce aos poucos, porque o calor não lhes está disponível, mas é adquirido com o movimento. Assim, as iras das crianças e das mulheres são mais aguçadas do que violentas, e mais leves enquanto estão no início. Nas idades secas, a ira é veemente e robusta, mas sem evolução, não sofre muito acréscimo porque o frio se segue ao calor, logo declinante. Os velhos são difíceis e queixosos, como os doentes e os convalescentes e aqueles cujo calor se esgotou por cansaço ou diminuição do sangue.

19.5 Na mesma situação estão os consumidos de sede e fome e os que têm o corpo exangue, mal alimentado e enfraquecido. O vinho acende as iras, porque aumenta o calor. Segundo a natureza de cada um, aquecem-se alguns estando ébrios; outros, estando feridos. Não há outra causa para que os mais irascíveis sejam os ruivos e enrubescidos, cuja cor, por natureza, é tal qual costuma vir a ser a dos demais em plena ira, pois o sangue deles é fluido e agitado.

XX

20.1 Mas, do mesmo modo que a natureza torna alguns propensos à ira, podem incidir muitas outras causas de mesmo poder que a natureza: uns foram conduzidos a essa condição por uma doença ou uma lesão em seu corpo; outros, pelo trabalho ou pela constante vigília e inquietações noturnas, desejos e amores. Qualquer outra coisa que tenha sido nociva ao corpo ou à alma dispõe a mente enferma para as queixas.

20.2 Mas tudo isso são fatores iniciais e suas causas. Maior poder tem o hábito, que, caso seja inveterado, alimenta o vício. Mudar a natureza é verdadeiramente difícil e, uma vez mesclados os elementos de cada um ao nascer, não é possível alterá-los. Mas é útil conhecê-los por este motivo: para que se privem as índoles ardentes do vinho, o qual Platão julga que se deva negar às crianças e veta que se incite o fogo com fogo. Nem mesmo se deve enchê-los de alimentos, pois os corpos se dilatam e, junto com o corpo, as almas intumescem.

20.3 Que uma atividade os exercite sem os cansar, para que seu calor diminua, não a ponto de consumir-se, e se dissipe aquela fervência excessiva. Os jogos também serão úteis. O prazer moderado relaxa a alma e a equilibra.

20.4 Para os temperamentos mais úmidos e os mais secos e frios não há risco decorrente da ira, mas é preciso temer os vícios mais paralisantes: o medo, a renitência, a desesperança e a desconfiança. Assim, é preciso abrandar e animar tais índoles e atraí-las para a alegria. E porque uns são os remédios que se devem usar contra a ira, outros, contra a tristeza, e esses males devem ser tratados por

meios não apenas dessemelhantes, mas contrários, sempre atacaremos aquele mal que se mostrar exacerbado.

XXI

21.1 Será de grande proveito, afirmo-te, que as crianças tenham desde logo uma educação saudável. É difícil, porém, conduzi-las, porque devemos ter cuidado para não nutrirmos nelas a ira ou não abatermos sua índole.

21.2 O caso exige observação diligente, pois uma e outra — tanto aquilo que se deve intensificar quanto aquilo que se deve reprimir — alimentam-se de meios semelhantes, porém as semelhanças facilmente enganam mesmo quem estiver atento.

21.3 Cresce, na liberdade, o espírito; na servidão, ele se abate; eleva-se quando recebe elogio e é levado a ter confiança em si, mas essas mesmas ações geram insolência e iracúndia. Assim, é preciso conduzir o espírito da criança entre um e outro procedimento, de tal maneira que ora utilizemos os freios, ora as esporas.

21.4 Não se lhe permita nada que seja humilhante ou servil. Nunca lhe seja necessário suplicar, nem lhe seja útil pedir; antes se faça concessão a uma de suas demandas em vista não só de suas ações anteriores, mas de suas boas promessas para o futuro.

21.5 Em competições com colegas, não deixemos que seja vencida nem que se enfureça. Empenhemo-nos para que se torne amiga daqueles com quem costuma rivalizar, para que na disputa se acostume a querer não hostilizar, mas vencer. Sempre que triunfar e fizer algo digno de elogio, não lhe permitamos vangloriar-se nem jubilar-se, pois ao deleite sobrevém a exultação, à exultação, a jactância e a excessiva estima de si.

21.6 Daremos a ela certo relaxamento, mas não a debilitaremos na indolência e ociosidade, e a manteremos longe do contato dos prazeres, pois nada produz mais iracundos do que uma educação mole e complacente. Por esse motivo, quanto mais formos indulgentes com um filho único e quanto mais permitirmos aos que são órfãos, mais corrompida será sua alma. Não resistirá às ofensas aquele a quem nada jamais foi negado, cujas lágrimas a mãe, solícita, sempre enxugou, quem foi defendido contra o preceptor.

21.7 Não vês como quanto maior a fortuna, maior a ira que a acompanha? Ela aparece principalmente nos ricos, nos nobres e nos magistrados, quando tudo que em sua alma havia de leviano e fútil alteou-se com a brisa afortunada. A prosperidade nutre a iracúndia quando uma multidão de aduladores sussurra a

ouvidos soberbos: "Vais deixar ele te responder? Tu não te medes por tua alta posição; tu te rebaixas", e outras palavras a que mentes saudáveis e desde cedo bem estruturadas a custo resistiram.

21.8 Desse modo, a infância deve ser afastada da adulação: que ela ouça a verdade. E que por vezes sinta temor, sempre mostre respeito, levante-se em reverência aos mais velhos. Nada obtenha por força da ira: o que lhe tenha sido negado ao chorar seja-lhe oferecido ao mostrar-se em calma. E tenha a riqueza dos pais à vista, não à disposição. Sejam-lhe repreendidos os malfeitos.

21.9 Será conveniente dar às crianças professores e pedagogos tranquilos: tudo que é novo adapta-se ao que lhe está próximo e cresce à sua semelhança. Os adolescentes logo passam a reproduzir os costumes de suas nutrizes e pedagogos.

21.10 Um menino educado junto a Platão, depois de retornar para os pais, quando viu seu pai vociferando, disse: "Junto de Platão nunca vi isso". Não duvido que teria mais rapidamente imitado seu pai do que a Platão.

21.11 Antes de tudo, que seja frugal sua alimentação, não luxuosa sua roupa e seu teor de vida seja semelhante ao de seus iguais. Aquele a quem desde o início tiveres tornado igual a muitos não ficará enfurecido por alguém lhe ser comparado.

XXII

22.1 Mas isso diz respeito a nossos filhos. No nosso caso, de fato a fortuna do nascimento e a educação já não dão mais lugar nem para vício, nem para preceito. É preciso regular as etapas subsequentes da vida.

22.2 Assim, devemos lutar contra as causas primeiras. A causa da iracúndia é a impressão de se ter sofrido uma injúria, na qual não se deve crer facilmente. Nem se deve logo aceder a indícios, mesmo claros e manifestos, pois alguns, falsos, trazem a aparência de verdadeiros.

22.3 Sempre se deve aguardar: o passar do tempo revela a verdade. Não sejam os nossos ouvidos fáceis às acusações. Suspeitemos e estejamos cientes deste vício da natureza humana: acreditarmos de bom grado no que involuntariamente ouvimos e nos irarmos antes de efetuar um julgamento.

22.4 Que dizer de sermos impelidos não apenas por acusações, mas por suspeitas, e que, depois de interpretar o olhar e o riso alheio no pior sentido, sentimos ira contra inocentes? Assim, é preciso defender a causa da parte ausente contra nós mesmos e nossa ira deve ser mantida em suspenso. Pode-se de fato aplicar uma pena adiada, não se pode revogar a que foi aplicada.

XXIII

23.1 É conhecido aquele tiranicida que foi apanhado antes de ter concluído sua missão e sofreu tortura ordenada por Hípias para que indicasse seus cúmplices; ele nomeou os amigos que cercavam o tirano e os que sabia terem máximo apreço pela salvação dele. Depois de mandar matar um a um, conforme iam sendo nomeados, Hípias perguntou-lhe se restava algum: "Somente tu", respondeu ele. "Não deixei nenhum outro a quem fosses caro." A ira fez com que o tirano emprestasse sua mão ao tiranicida, matando com sua própria espada os seus defensores.

23.2 Ainda mais magnânimo foi Alexandre. Depois de ter lido uma carta de sua mãe em que ela o advertia contra o veneno de seu médico Filipo, não convencido, bebeu a poção que dele recebera. No tocante a seu amigo, acreditou mais em si mesmo.

23.3 Foi digno de ter um amigo inocente e digno de torná-lo. E eu louvo ainda mais esse fato em Alexandre porque ninguém foi tão sujeito à ira. Ora, nos reis, quanto mais rara a moderação, mais louvável ela é.

23.4 Fez isso também o célebre Caio César, que, após a guerra civil, se utilizou da vitória com enorme clemência. Ao ter encontrado caixas com cartas enviadas a Cneu Pompeu por aqueles que pareciam ter estado ou no partido oposto ou em nenhum dos dois, incinerou-as. Embora fosse habitualmente moderada sua cólera, preferiu, porém, não incitá-la. Julgou o tipo mais grato de perdão desconhecer o que cada um havia praticado.

XXIV

24.1 A credulidade produz grande parte do mal. Por vezes, nem se deve ouvir, já que em certos casos é melhor ser enganado que desconfiar. Há de se eliminar da mente a suspeita e a conjectura, estímulos os mais falazes: "Aquele me saudou de modo pouco amável; aquele não foi receptivo ao meu beijo; aquele encerrou logo a conversa; aquele não me convidou para jantar; a aparência dele me pareceu bem hostil".

24.2 Não faltará argumento para a suspeita: é preciso simplicidade e apreciação benevolente das coisas. Não creiamos em nada além do que nos vier diante dos olhos e for evidente, e toda vez que nos tiver parecido vã nossa suspeita, repreendamos a credulidade, pois tal censura irá nos habituar a não crer com facilidade.

XXV

25.1 Daí se segue também que não nos deixemos irritar por coisas mínimas e insignificantes. É pouco ativo nosso escravo ou a água um tanto quente para beber ou está desarrumado o leito ou a mesa foi posta com negligência: exaltar-se por essas coisas é insânia. É doente e de saúde deplorável quem se encolhe com uma leve brisa; são fracos os olhos que se ofuscam diante de uma roupa branca; é um dissoluto aquele cujo flanco lhe dói pelo esforço alheio.

25.2 Dizem ter existido um tal Mindíride, da cidade dos sibaritas, que, ao ver alguém que cavava e erguia bem alto a enxada, proibiu-o de fazê-lo em sua presença, queixando-se de ter se fatigado. O mesmo se queixou de passar mal por ter se deitado sobre pétalas de rosa amassadas.

25.3 Quando os prazeres corromperam juntamente a alma e o corpo, nada parece tolerável, não por sofrer condições duras, mas por ser delicado quem sofre. Pois qual o motivo para que nos deixe em fúria a tosse de alguém ou um espirro, uma mosca espantada com pouco cuidado, um cão à nossa frente ou a chave que caiu das mãos de um escravo descuidado?

25.4 Irá tolerar com calma os insultos de um concidadão e as injúrias lançadas numa assembleia popular ou na cúria essa pessoa cujos ouvidos o ruído de um banco arrastado ofende? Irá suportar a fome e a sede de uma expedição militar no verão esse que se enfurece com o escravo que dissolve mal o gelo? Assim, nada alimenta mais a iracúndia do que o luxo desregrado e intolerante. Com dureza deve ser tratada a alma para que não sinta um golpe se não for pesado.

XXVI

26.1 Ficamos irados ou com aqueles dos quais nem sequer podemos receber uma injúria ou com aqueles dos quais poderíamos receber uma injúria.

26.2 Dentre os primeiros, alguns são desprovidos de senso, como um livro que às vezes jogamos fora por ter sido escrito com letras muito miúdas e o rasgamos por estar cheio de erros, como as vestimentas que retalhamos porque nos desagradam. Quanto é estúpido irar-se contra essas coisas que não merecem nem sentem nossa ira!

26.3 "Mas é evidente que nos ofendem os que as produziram." Primeiro, em geral ficamos irados antes que em nossa mente seja feita essa distinção. Depois, talvez também os próprios autores tragam justificativas válidas: um não pôde fazer melhor do que fez nem aprendeu mal para te deixar injuriado; outro não

fez assim com intuito de ofender-te. Por último, o que é mais delirante do que despejar contra as coisas a bile acumulada contra os homens?

26.4 Ora, tal como é próprio de um louco irar-se com essas coisas que são inanimadas, assim também com os animais, que não nos causam nenhuma injúria porque não podem querê-la; não há de fato injúria se não for decorrente de uma decisão. Assim, podem ser nocivos a nós tal como o ferro ou a pedra, mas injúria não nos podem causar.

26.5 Ademais, alguns julgam ser depreciados quando os mesmos cavalos são obedientes a um cavaleiro e rebeldes com outro, como se por reflexão, não pelo hábito e pela técnica de manejo, os animais fossem mais submissos a uns que a outros.

26.6 Ora, assim como é estúpido irar-se com estes, igualmente com as crianças e com os que não estão muito distantes do discernimento infantil, pois todas essas faltas, diante de um juiz imparcial, apresentam em favor da inocência a irreflexão.

XXVII

27.1 Existem alguns seres que não podem ser nocivos e não têm nenhuma outra força que não seja benéfica e salutar, como os deuses imortais, que nem querem prejudicar, nem podem, pois a natureza deles é dócil e plácida, estando tão longe de injuriar os outros quanto a si mesmos.

27.2 Pessoas insanas, portanto, e que ignoram a verdade, imputam-lhes a violência do mar, as chuvas excessivas, a persistência do inverno, enquanto nenhuma dessas coisas que nos são nocivas ou proveitosas são dirigidas propriamente a nós. Com efeito, não somos no mundo a causa do retorno do inverno e do verão: essas coisas têm suas próprias leis, conforme as quais se exercem os atos divinos. Nós nos superestimamos se nos vemos como dignos de que fenômenos tão importantes sejam movidos por nossa causa. Por conseguinte, nada disso ocorre no intuito de nos injuriar, mas ao contrário, nada há que não reverta em nossa preservação.

27.3 Dissemos que há os que não podem ser nocivos e alguns que não querem. Entre estes últimos estarão os bons magistrados, nossos pais, nossos preceptores e os juízes, cuja punição deve ser recebida assim como o escalpelo, a abstinência e outras coisas que para serem benéficas nos torturam.

27.4 Foi-nos aplicada uma punição: ocorra-nos não apenas o que estamos padecendo, mas o que tenhamos feito. Submetamos nossa vida a um conselho. Se

quisermos dizer a nós mesmos a verdade, julgaremos que ao nosso delito cabe pena maior.

XXVIII

28.1 Se queremos ser juízes imparciais em todas as questões, primeiramente disto nos persuadamos: que dentre nós não há ninguém sem culpa. Pois uma enorme indignação origina-se deste pensamento: "Não cometi falta nenhuma", "nada fiz". Na verdade, nada reconheces. Indignamo-nos por termos sido castigados com uma advertência ou reprimenda, sendo que cometemos um erro nesse momento ao acrescentarmos a arrogância e a contumácia a nossas faltas.

28.2 Quem é este que se proclama inocente perante todas as leis? Ainda que fosse assim, que limitada inocência é ser bom perante a lei! Quão mais extensa é a regra dos deveres do que a de nosso direito! Quanto nos exige a devoção, a benevolência, a generosidade, a justiça, a lealdade, exigências que estão todas fora dos códigos legais!

28.3 Mas nós não podemos ser fiéis nem mesmo àquela tão estrita fórmula de inocência: uma coisa foi a que fizemos, outra a que meditamos; uma a que elegemos, outra a que favorecemos. Em alguns casos somos inocentes por falta de êxito.

28.4 Pensando nisso, sejamos mais benevolentes com os que cometem uma falta, confiemos nos que nos repreendem. De todo modo, não nos irritemos com os homens bons — de feito, com quem não, se até com os bons? —, muito menos com os deuses. Sem dúvida, não por falha deles, mas por uma lei relativa aos mortais, padecemos tudo que nos acontece de prejudicial. "Mas nos acometem doenças e dores." De todo modo, havemos de nos liberar deste domicílio putrefeito que nos coube em sorte.

28.5 Dirão que alguém falou mal de ti: pensa se não o fizeste primeiro, pensa de quantos falas mal. Pensemos, insisto eu, que uns não nos fazem injúria, mas a devolvem, que outros a fazem em nosso favor, uns a fazem obrigados, outros sem saber, que até os que a fazem por querer e intencionalmente não estão, apesar da injúria que nos fazem, buscando somente a injúria: ou se deixaram levar pelo deleite de um gracejo ou fizeram algo não para nos causar dano, mas porque não podia alcançar seu objetivo se não nos passasse para trás. Por vezes a adulação ofende enquanto lisonjeia.

28.6 Cada um que recordar quantas vezes incorreu em falsa suspeita, quantos obséquios seus a fortuna revestiu com a aparência de injúria, a quantas pessoas,

depois de odiá-las, começou a amar, não poderá irar-se de pronto, sobretudo se, em silêncio, disser para si mesmo a cada ocorrência que o ofender: "Também eu cometi isso".

28.7 Mas onde encontrarás um juiz tão imparcial? Aquele que cobiça a esposa de alguém e julga o fato de ela ser de outro como motivo bastante justo para amá-la, ele mesmo não quer que sua própria esposa seja olhada. O mais enérgico guardião da lealdade é o traidor, é o próprio perjuro que faz perseguição às mentiras e o caluniador tolera de muito malgrado sofrer um processo; não quer que se atente contra o pudor de seus jovens escravos quem não preserva o seu próprio.

28.8 Temos sob os olhos os vícios alheios, a nossas costas estão os nossos. Daí por que um pai pior que o filho recrimina seus demorados festins e nada perdoa à luxúria alheia quem nada tenha negado à sua. De um lado, o tirano se enfurece contra o homicida; de outro, pune os furtos quem saqueia os templos. Há uma grande parte dos homens que não se sente irada com os delitos, mas com os delituosos. A reflexão sobre nós mesmos nos tornará mais moderados, se nos consultarmos: "Nós também por acaso cometemos algo semelhante? Erramos desse mesmo modo? Convém-nos condenar tais coisas?".

XXIX

29.1 O maior remédio para a ira é o adiamento. Pede a ela em seu início não que perdoe, mas que pondere. Ela tem fortes impulsos iniciais; irá deixá-los, caso espere. E não tentes eliminá-la no todo; será inteiramente vencida ao ser consumida em suas partes.

29.2 Dentre essas coisas que nos ofendem, umas nos são reportadas, outras nós mesmos as ouvimos e vemos. Quanto às que nos foram relatadas, não devemos logo lhes dar crédito: muitos mentem para enganar; muitos, porque foram enganados. Um capta um favor por meio de uma acusação e forja uma injúria a fim de parecer condoer-se por ela ter sido feita. Existe a pessoa maligna e que gostaria de romper amizades consolidadas. Existe o insuflador, que deseja assistir aos combates e observar de longe e em segurança os que pôs em conflito.

29.3 Se fosses julgar sobre uma pequena soma, sem uma testemunha, não aceitarias a causa, uma testemunha sem prestar juramento não valeria, irias conceder defesa a ambas as partes, irias conceder-lhes tempo, não as ouvirias uma vez só. De fato, a verdade mais reluz quanto mais amiúde ela vem a nossa mão. Condenas de imediato um amigo? Antes de ouvi-lo, antes de interrogá-lo, antes

de lhe permitir conhecer seu acusador ou seu crime, te enfureces com ele? Já ouviste de fato o que é alegado por ambas as partes?

29.4 Essa mesma pessoa que delatou deixará de falar se tiver de apresentar provas: "Não vás me forçar a depor", dirá, "eu, se colocado lá na frente, negarei. Além disso, nunca mais te direi nada". Ele, ao mesmo tempo, não só instiga, como se retira da disputa e do combate. Não querer dizer-te algo se não for em segredo é quase nada dizer-te: o que há de mais injusto do que, em sigilo, dar crédito e, em público, irar-se?

XXX

30.1 De certas ofensas somos nós mesmos testemunhas. Nelas deveremos investigar a natureza e a intenção daqueles que as praticam. É uma criança: faça-se concessão a sua idade, ela não sabe se está agindo mal. É um pai: ou ele nos foi tão benéfico que tem até o direito de nos injuriar, ou talvez seja uma mercê o motivo por que somos ofendidos. É uma mulher: ela erra. Recebeu-se uma ordem: quem se exalta contra uma necessidade exceto um injusto? Recebeu-se um ferimento: não é injúria sofrer o que tenhas praticado primeiro. Ele é um juiz: creias na sentença dele mais do que na tua. Ele é um rei: se ele pune um culpado, cedas à justiça; se um inocente, cedas à fortuna.

30.2 É um animal desprovido de fala ou um ser semelhante a esse: tu, se te enfureces, o imitas. É uma doença ou uma calamidade: ela passará mais ligeira por quem a suportar. É um deus: tanto perdes tempo ao dirigires tua ira contra ele quanto ao rogares que ele dirija a dele contra outro. É um bom homem o que fez essa injúria: não creias. É mau: não te admires. Ele receberá de outro a punição que deve receber de ti, e aquele que agiu mal já a recebeu de si mesmo.

XXXI

31.1 São dois, como disse, os fatores que incitam a iracúndia: primeiro, que nos pareça ter recebido uma injúria — sobre isso falou-se o bastante; depois, que nos pareça tê-la recebido injustamente — sobre isso há que se falar. Os homens julgam certas coisas como injustas porque não deveriam sofrê-las, outras, porque não as teriam esperado. Consideramos imerecidas as que são imprevistas.

31.2 Assim, nos afetam principalmente o que ocorre contra nossa esperança e expectativa. Não é outro o motivo para que, com as pessoas de casa, os mínimos fatos nos irritem; entre amigos, chamamos injúria uma negligência sua.

31.3 "Como, então", pergunta alguém, "as injúrias dos inimigos nos afetam?" É porque não as esperávamos ou, certamente, não tão graves. Isso se deve ao nosso excessivo amor-próprio. Julgamos que devemos ser invioláveis até aos nossos inimigos. Cada um tem dentro de si a alma de um rei, de modo que deseja atribuir livre poder a si, mas não contra si.

31.4 Ou a ignorância ou a arrogância nos deixam iracundos. Por que é de admirar que os maus empreendam más ações? Que há de novo se um inimigo é nocivo, um amigo nos ofende, um filho incorre em um deslize, um escravo comete uma falta? Dizia Fábio que, para um general, a desculpa mais vergonhosa era dizer: "Não levei isso em conta". Eu acho que é a mais vergonhosa para um homem. Leva em conta e espera tudo: mesmo nas boas índoles existirá algo mais rude.

31.5 A natureza humana produz almas insidiosas, produz ingratas, produz cobiçosas, produz impiedosas. Quando julgares os costumes de um indivíduo, pensa sobre os da coletividade. Onde for maior tua satisfação, maior temor hás de sentir; onde tudo te parecer tranquilo, aí os fatores nocivos não estão ausentes, mas em repouso. Sempre considera que haverá algo que te ofenda: um timoneiro confiante nunca solta por inteiro as velas sem dispor de equipamentos para rapidamente recolhê-las.

31.6 Pensa antes de tudo no seguinte: o ímpeto nocivo é repulsivo e execrável, e é absolutamente alheio ao homem, por cuja benevolência até criaturas ferozes se amansam. Olha a cerviz dos elefantes, submetida ao jugo, e lombo de touros impunemente pisoteados por crianças e mulheres, que saltam por cima deles, e serpentes rastejando em volta de taças e de ombros, num deslizar inofensivo, e, no espaço doméstico, ursos e leões que se mostram mansos com os tratadores, e feras que adulam seu dono. Será uma vergonha trocar de costumes com os animais.

31.7 É um sacrilégio ser nocivo à pátria; portanto, também a um cidadão, pois este é parte da pátria — as partes são sagradas se o todo é venerando —; consequentemente, também a um homem, pois este é teu concidadão em uma cidade maior. E se as mãos quisessem fazer mal aos pés, e os olhos às mãos? Assim como entre si todos os membros estão em harmonia porque interessa ao todo que cada um deles seja preservado, assim também os homens pouparão cada um dos indivíduos porque foram gerados para a coletividade, e a sociedade, por outro lado, não pode manter-se preservada senão pela conservação e pelo amor de suas partes.

31.8 Nem mesmo as víboras, as cobras-d'água ou algum outro animal nocivo por sua mordida ou ataque, nós abateríamos se posteriormente pudéssemos amansá-los ou fazer com que não representassem perigo para nós ou para os outros. Por conseguinte, nem mesmo ao homem seremos nocivos porque errou, mas para que não erre, e a punição não será nunca referente ao passado, mas ao futuro, pois não há ira, mas precaução. Realmente, se é preciso punir todo aquele que possui um caráter vicioso e maléfico, a punição não excluirá ninguém.

XXXII

32.1 "Mas a ira contém de fato algum prazer e é doce devolver uma dor." De modo algum, pois se é honroso, no caso dos favores, recompensar benefícios com benefícios, não o é recompensar injúrias com injúrias. Ali, é vergonha ser suplantado; aqui, suplantar. "Vingança" é uma palavra desumana e, no entanto, acolhida como justa, e a retaliação não difere muito senão em grau. Quem devolve uma dor erra apenas de modo mais perdoável.

32.2 Alguém que não conhecia Marco Catão agrediu-o no banho, por inadvertência — pois quem lhe faria uma injúria conhecendo-o? Momentos depois, Catão disse a esse homem, que procurava desculpar-se: "Não me lembro de ter sido agredido".

32.3 Julgou melhor não reconhecer a injúria do que vingá-la. "Nenhum malefício", indagas, "foi feito ao agressor depois de tamanha petulância?" Não, mas ao contrário, foi-lhe feito um bem enorme: passou a conhecer Catão. É próprio de uma grande alma desdenhar as injúrias. O tipo mais ultrajante de vingança é não considerar alguém digno de que contra ele se busque vingança. Muitos, ao vingarem leves injúrias, cravaram-nas fundo em si mesmos. É grande e nobre aquele que, à maneira de uma enorme fera, escuta indiferente os ladridos de cães pequeninos.

XXXIII

33.1 "Sofreremos menor desprezo", diz alguém, "se nos vingarmos de uma injúria." Se chegamos à vingança como um remédio, venhamos a ela sem ira, não como se fosse doce vingar-se, mas como se fosse útil. Muitas vezes, porém, foi melhor dissimular do que se vingar. As injúrias dos poderosos devem ser suportadas com ar alegre, não apenas com paciência. Irão fazê-las de novo se acreditarem que as fizeram bem. Isto têm de pior as almas insolentes devido a sua elevada fortuna: dos que ultrajaram, também sentem ódio.

33.2 É bem conhecida a frase daquele que envelheceu em convivência com reis; quando alguém o interrogou sobre como alcançara coisa tão rara num palácio, a velhice, respondeu-lhe: "Recebendo injúrias e agradecendo-as". Por vezes, é tão inconveniente castigar uma injúria que não convém sequer reconhecê-la.

33.3 Depois que Caio César pôs na prisão o filho de Pastor, ilustre cavaleiro romano, irritado por sua elegância e pelo trato de seus cabelos, enquanto o pai lhe rogava que concedesse a salvação do filho, como se o tivessem lembrado do suplício, mandou que aquele fosse imediatamente levado à morte. Porém, para que não agisse de forma completamente desumana em relação ao pai, convidou-o para jantar naquele mesmo dia.

33.4 Pastor veio com o semblante nada repreensivo. César ergueu-lhe um brinde numa taça e colocou junto a ele um guarda. O infeliz padeceu isso como se bebesse o sangue de seu filho. César fez trazer-lhe perfume e uma guirlanda e ordenou vigiar se os usaria. Usou-os. Naquele dia em que enterrara o filho, ou melhor, em que não o enterrara, punha-se à mesa como um conviva entre cem e, velho, sofrendo de gota, sorvia brindes que seriam pouco louváveis até mesmo pelo nascimento de seus filhos, e nem uma lágrima, entretanto, derramou, nem permitiu que sua dor irrompesse por sinal algum. Ceou como se rogasse em favor do filho. Perguntas por que razão? Ele tinha outro.

33.5 E Príamo, então? Não dissimulou sua ira e abraçou os joelhos de um rei, levou a seus próprios lábios aquela mão funesta e banhada com o sangue de seu filho e depois ceou? Porém, sem perfume, sem guirlanda, e seu crudelíssimo inimigo exortou-o, com muitas palavras consolatórias, a que se servisse de alimento, não a que esvaziasse enormes copos tendo um guarda postado acima da cabeça.

33.6 Eu teria desprezado aquele pai romano se tivesse temido por si, mas foi o afeto que lhe reprimiu a ira. Ele se fez digno de que lhe fosse permitido retirar-se do banquete para recolher os restos mortais do filho. Nem mesmo isso lhe permitiu o jovem soberano, bondoso nesse momento e amável: com brindes constantes, provocava o velho, aconselhando-o a que aplacasse sua dor. Por sua vez, ele se mostrou alegre e esquecido do que naquele dia havia passado. Teria perecido seu outro filho se o conviva não tivesse agradado ao carrasco.

XXXIV

34.1 Portanto, devemos nos abster da ira, quer seja um igual aquele que se há de agredir, quer seja um superior ou um inferior. Contender com um igual é arriscado, com um superior é loucura, com um inferior é baixeza. É próprio de

um homem pusilânime e mesquinho revidar a quem o morde. Os ratos e as formigas, se lhes diriges a mão, voltam-te as presas. Os seres fracos julgam ser atacados se são tocados.

34.2 Ficaremos mais brandos se meditarmos em que nos foi útil alguma vez aquele contra quem nos iramos e, em vista de seus méritos, a ofensa será remida. Ocorra-nos também o seguinte: quanta estima há de nos trazer a fama de clemência, quantos amigos úteis o perdão já nos granjeou.

34.3 Não alimentemos ira contra filhos de inimigos particulares ou de inimigos públicos. Entre os exemplos da crueldade de Sula está o fato de ter banido da república os filhos dos proscritos. Nada é mais injusto do que alguém tornar-se herdeiro do ódio a seu pai.

34.4 Pensemos, sempre que nos for difícil perdoar, se a todos nós é útil ser inexoráveis. Com que frequência pediu perdão aquele que o negou! Com que frequência alguém prostrou-se aos pés daquele a quem havia rechaçado dos seus! O que é mais honorável do que transformar a ira em amizade? Que aliados mais fiéis tem o povo romano do que os que estiveram entre seus mais ferrenhos inimigos? O que seria hoje o Império se uma salutar previdência não houvesse integrado os vencidos aos vencedores?

34.5 Alguém te mostrará ira. Tu, em resposta, desafia-o com teus favores. Cai sem demora a inimizade com a deserção da parte contrária. Sem dupla não há luta. Mas a ira vai combater nos dois lados. Vem o confronto. O melhor foi quem primeiro recuou o passo; vencido foi quem venceu. Ele te atingiu; retrocede, pois revidando lhe darás mais frequente ocasião e pretexto para ferir-te, e não poderás depois retirar-te quando quiseres.

XXXV

35.1 Alguém quiçá desejaria ferir com tal violência o inimigo, a ponto de deixar a mão no ferimento e não poder retirá-la após o golpe? Ora, a ira é como um dardo: é difícil despegá-la. Nós nos provemos de armas ligeiras, de uma espada precisa e hábil; não evitaremos os impulsos da alma, violentos, dificultosos e incontroláveis?

35.2 Só nos apraz a velocidade que detém o passo onde foi ordenada e não ultrapassa os limites fixados, que pode ser controlada e reconduzida da corrida para o andar normal. Sabemos que os nervos estão doentes quando se movem a despeito de nós. Está velho ou enfermo quem corre quando quer andar.

Consideraremos mais sãos e vigorosos os movimentos da alma que se dão conforme nosso arbítrio, não os que são levados pelo seu próprio.

35.3 Nada, porém, mostrou-se tão útil quanto examinar, primeiro, a deformidade de algo, depois sua periculosidade. Em nenhuma outra paixão a face é mais transtornada. Ela torna feios os mais belos rostos, converte as feições mais tranquilas em ferozes. Todo encanto abandona os irados, e se sobre eles um manto foi disposto com esmero, irão arrastar a vestimenta e abandonar todo cuidado de si. Se, por natureza ou por arte, não é disforme a aparência de seus cabelos soltos, eles ficam eriçados juntamente com a alma. Intumescem-se as veias, o peito é agitado por uma respiração ofegante, a erupção raivosa da voz dilata o pescoço. Então, ficam trêmulos os membros, inquietas as mãos, agitado todo o corpo.

35.4 Qual julgas ser o estado da alma cuja imagem exterior é tão feia? Quão aterradora é sua feição dentro do peito, ardente sua respiração e intenso o seu ímpeto, que haverá de explodir se não extravasar!

35.5 Tal qual a aparência dos inimigos ou das feras embebidas na matança, ou se dirigindo à matança; tais quais os monstros infernais imaginados por poetas, cingidos de serpentes e soprando fogo; tais quais as mais funestas deusas dos infernos, que saem para incitar guerras e disseminar a discórdia entre os povos e lacerar a paz; assim para nós deve figurar a ira, seus olhos ardendo em chamas, ela ecoando sibilos e mugidos, gemidos e gritos, ou se algum ruído existe mais abominável do que esses, brandindo armas com ambas as mãos — de fato, nem cuida de se proteger —, torva, cruenta, cheia de cicatrizes e machucada por seus próprios golpes, o andar vesano, envolta em basto nevoeiro, atacando, devastando, pondo em fuga, sendo alvo do ódio de todos, sobretudo do seu próprio, ávida por que pereçam terras, mares e céu se de outro modo não puder ser nociva, ao mesmo tempo deletéria e detestável.

35.6 Ou então, se te agrada, seja ela tal qual aparece em nossos poetas: "um açoite sangrento agita Belona com a destra" ou "com o manto rasgado, caminha Discórdia exultante"; ou então, se possível, imagine-se para essa terrível paixão uma face ainda mais terrível.

XXXVI

36.1 Como diz Séxtio, foi útil a alguns irados olhar-se no espelho. Perturbou-os tão grande mudança em si mesmos. Como que levados para diante dos próprios olhos, não se reconheceram. E quão pouco da real deformidade aquela imagem refletida reproduzia!

36.2 Se essa alma pudesse ser mostrada e pudesse refletir-se em alguma matéria, confundiria nosso olhar por ser escura e manchada, fervente, disforme e intumescida. Mesmo agora, quando ocultada entre ossos, carnes e tantos entraves, é tão grande sua deformidade; o que seria então se ela se mostrasse nua?

36.3 Podes acreditar que ninguém verdadeiramente tenha sido afastado da ira por causa de um espelho. E por quê? Quem veio ao espelho para se modificar já havia se modificado. Para os irados, nenhuma imagem é de fato mais encantadora do que aquela atroz e horrenda, e querem até parecer como tais.

36.4 É preciso observar atentamente o seguinte: a quantos a ira foi nociva por si própria. Uns, pela fúria excessiva, romperam as veias, e um grito emitido além da força física deu vazão ao sangue, um humor emerso com ímpeto de seus olhos turvou-lhes a visão e, enfermos, sofreram uma recaída em suas doenças. Não há via mais rápida para a insânia.

36.5 Desse modo, muitos fizeram com que a loucura se seguisse à ira e não recuperaram o estado mental que haviam rechaçado. O furor levou Ájax à morte; sua ira, ao furor. Rogam a morte para seus filhos, a pobreza para si, a ruína para sua casa, e negam sua ira não menos que os insanos sua loucura. Tornam-se inimigos de seus melhores amigos e dignos de serem evitados pelos mais caros; esquecidos das leis, exceto enquanto meio de infligir o mal, instáveis diante de ninharias, nem pela palavra nem pelo dever se mostram acessíveis, empreendem tudo pela força, prontos tanto a lutar com espadas quanto a cravar-se nelas.

36.6 Foram deveras tomados pelo maior dos pecados, que supera todos os vícios. Outros males se introduzem paulatinamente; a força deste é repentina e integral. Por fim, ele subjuga todas as outras paixões, vence o amor mais ardente, e assim os amantes transpassaram os corpos amados e jazeram entre os braços daqueles que mataram. A avareza, que é o mal mais endurecido e menos flexível, foi espezinhada pela ira, forçada a dispersar suas posses e a lançar fogo em sua casa e nos bens acumulados. Ora, o ambicioso não se desfez de suas insígnias, que tanto estimava, e não rejeitou a honraria que lhe foi deferida? Não há paixão sobre a qual a ira não exerça domínio.

LIVRO III

I

1.1 O que mais desejaste, Novato, agora tentaremos fazer: extirpar da alma a ira, ou ao menos refreá-la e inibir seu ímpeto. Às vezes é preciso fazer isso de modo explícito e aberto, quando uma força menor desse mal o permite; às vezes de forma oculta, quando ela está ardente demais e se exacerba e cresce com qualquer impedimento. Depende do tamanho de suas forças, quão intactas estejam e se é preciso rechaçar a ira e fazê-la retroceder ou se devemos ceder-lhe espaço, até que diminua a tempestade inicial, para que ela não leve consigo os remédios.

1.2 Há que se adotar um expediente consoante o caráter de cada um, pois alguns são vencidos por súplicas, outros insultam e ameaçam os que a eles se mostram submissos. Uns aplacaremos pelo medo. Outros, a censura os desviou de seu intento; ou uma confissão de culpa; ou a vergonha; ou a demora, lento remédio para uma doença desenfreada, a que se deve em último caso recorrer.

1.3 As demais paixões admitem adiamento e podem ser tratadas mais lentamente; porém nesta, a violência impetuosa e autoimpulsora não progride aos poucos, mas, ao ter início, já é total. Não atrai a alma, à maneira de outros vícios, mas a arrasta e incita, deixando-a sem controle e ávida até mesmo de causar um malefício generalizado. Não se enfurece apenas contra aquilo a que visou, mas contra o que lhe vier à frente.

1.4 Os demais vícios impelem a alma, a ira precipita-a. Ainda que uma pessoa não possa resistir a suas paixões, ao menos é possível impor obstáculos a elas. A ira, não menos do que raios e procelas — e se há outras coisas impossíveis de deter, já que não avançam, mas caem —, vai intensificando mais e mais sua força.

1.5 Outros vícios apartam-se da razão, este, da sanidade; outros apresentam acessos brandos e um aumento dissimulado; dá-se, porém, um mergulho da alma na ira. Assim, coisa alguma nos oprime que seja mais atônita e sujeita às próprias forças e, se tem êxito, é arrogante; se frustrada, insana. Nem mesmo rebatida é levada ao desânimo: quando a fortuna lhe subtrai um adversário, volta suas mordidas contra si própria. E não importa o tamanho daquilo que a despertou, pois pelos motivos mais fúteis ela assoma ao grau mais extremado.

II

2.1 Não isenta idade alguma, não excetua nenhum grupo humano. Certos povos, mercê da pobreza, não conhecem o luxo; alguns, por serem laboriosos e errantes, afugentaram a preguiça; aos que têm costumes rudes e uma vida agreste, são desconhecidos o embuste e a fraude e todo mal que nasce no fórum. Nenhum povo há que a ira não instigue, poderosa tanto entre gregos quanto entre bárbaros, não menos perniciosa para os que temem as leis quanto para os que definem seus direitos pela medida de suas forças.

2.2 Enfim, as demais paixões acometem indivíduos, a ira é a única que por vezes é contraída coletivamente. Nunca um povo inteiro ardeu de amor por uma mulher, nem toda uma cidade lançou sua esperança no dinheiro e no lucro. A ambição apossa-se individualmente de cada pessoa; a imoderação não é um mal público. Lançou-se por vezes na ira um agrupamento em massa.

2.3 Homens e mulheres, velhos e crianças, os maiorais e os populares entraram em consenso, e a multidão inteira, concitada por pouquíssimas palavras, antecipou-se ao próprio concitador. Correu-se prontamente às armas e às chamas, e guerras foram declaradas aos vizinhos ou travadas com os concidadãos.

2.4 Casas inteiras foram queimadas com toda a família, e aquele que, há pouco, por sua estimada eloquência, era tido em muita honra, expôs-se à ira de seu próprio discurso. Legiões atiraram dardos contra seu comandante. A plebe toda dissentiu dos patrícios. O Senado, que é o conselho do Estado, sem aguardar as tropas nem ter nomeado um general, escolheu chefes repentinos para sua ira e, perseguindo nobres varões pelas casas da cidade, assumiu em suas mãos o suplício.

2.5 Foram violadas embaixadas após ter sido rompido o direito das nações, e um ódio nefando levantou a cidade. Não houve tempo para que diminuísse a conturbação pública, mas esquadras foram logo lançadas e lotadas de soldados tumultuários. Sem disciplina, sem auspícios, o povo sai sob o comando de sua ira carregando objetos fortuitos e tomados como armas. Em seguida, com grande ruína, ele expiou a temeridade dessa ira audaciosa.

2.6 Este é o desfecho para bárbaros que se arrojam em guerras ao acaso: quando a ideia de uma injúria abalou suas almas instáveis, são logo impelidos e, para onde a sanha os arrastou, caem como avalanches sobre as legiões, em desordem, intrépidos, incautos, em busca do próprio risco. Alegram-se em ser feridos, em debruçar-se no ferro, em arremeter com o corpo contra os dardos e em morrer com seu próprio ferimento.

III

3.1 "Não há dúvida", dizes, "de que é grande e pestífera essa força; por isso, mostra como deve ser sanada." Na verdade, como disse nos livros anteriores, Aristóteles ergue-se como defensor da ira e nos veta extirpá-la. Ele diz que ela é o aguilhão da coragem e, quando eliminada, a alma torna-se inerme, preguiçosa e inepta para grandes esforços.

3.2 Assim, é necessário demonstrar sua fealdade e ferocidade, colocar diante dos olhos quão monstruoso é um homem em fúria contra outro homem, e com quanta impetuosidade arruína a si mesmo, maligno não sem seu próprio malefício, e fazendo afundar o que não pode ser submergido senão junto de quem faz submergir.

3.3 Como, então? Alguém chama sensato a esse homem que, como se colhido por uma tempestade, não vai por si, mas é empurrado, e fica escravo de um mal ensandecido, que não delega sua vingança, mas é ele próprio quem a cobra, e sevicia ao mesmo tempo com seu ânimo e sua mão, carrasco daqueles que lhe são mais queridos e cuja perda em breve há de chorar?

3.4 Alguém atribui à virtude essa paixão, como sua auxiliar e companheira, ela que turva a sensatez sem a qual a virtude nada realiza? Instáveis e sinistras, bem como eficazes para seu próprio mal, tais são as forças com que a doença e seu acesso fizeram erguer o doente.

3.5 Não há, portanto, motivo para julgares que eu perca tempo com questões supérfluas quando eu infamo a ira, supondo ser dúbia a opinião que se tem sobre ela, se existe um filósofo, e um dos mais ilustres, que indica funções para ela a ponto de convocá-la como útil e provedora de energia nos combates, na realização de tarefas e no tocante a toda e qualquer ação que exija algum ardor.

3.6 Para que a ninguém tal opinião possa enganar, como se em algum momento, em algum lugar, a ira houvesse de ter utilidade, é preciso exibir-lhe a própria raiva, desenfreada e aturdida, e expor-lhe seu instrumental, os cavaletes e os distensores, os ergástulos, as cruzes e as chamas acesas em torno de corpos semienterrados, e ainda o gancho arrastando cadáveres, os vários tipos de grilhões, os vários de suplícios, as lacerações de membros, as inscrições na fronte, as jaulas de feras enormes. Entre esses instrumentos, coloque a ira, com seu estridor funesto e horrendo, sendo ela mais terrível do que tudo isso com que dá vazão a sua fúria.

IV

4.1 Ainda que haja dúvida quanto aos demais aspectos, certamente nenhuma paixão tem pior semblante, como descrevemos nos livros anteriores: áspero e acerbo, ora pálido, após o refluxo e a fuga do sangue, ora avermelhado e igual a um ensanguentado, depois que lhe voltou ao rosto todo calor e ânimo, ficando intumescidas as veias, com os olhos ora trêmulos e saltitantes, ora fincados e aderentes, com o olhar fixo.

4.2 Acrescenta-se o ruído dos dentes que se entrechocam, como desejando devorar alguém, igual a javalis quando aguçam suas presas desgastando-as. Acrescenta-se o estalido dos dedos quando as mãos se trituram, e o peito golpeado amiúde, os arquejos contínuos e os gemidos arrastados e profundos, a postura instável, as palavras distorcidas por gritos súbitos, os lábios trêmulos e por vezes cerrados, sussurrando algo sinistro.

4.3 Por Hércules, a face das feras, quer as instigue a fome, quer o ferro cravado em suas vísceras, é menos medonha, mesmo quando, numa última mordida, semiânimes, investem contra seu caçador, em comparação com a de um homem inflamado pela ira. Pois, havendo ocasião de escutar-lhe os gritos e as ameaças, suas palavras são iguais às de uma alma supliciada!

4.4 Acaso não desejará, cada um, afastar-se da ira, depois de perceber que ela começa, antes de tudo, causando-lhe um mal? Então, os que exercem a ira em sua máxima potência e a consideram uma comprovação de suas forças, e ainda incluem a pronta vingança entre os grandes bens de uma grande fortuna, não queres que eu os advirta do quanto não é poderoso aquele que é cativo de sua ira, mas, ao contrário, não pode nem mesmo ser considerado livre?

4.5 A fim de que cada um esteja atento e por si só se examine, não queres que eu os advirta de que enquanto outros males da alma são próprios das piores pessoas, a iracúndia penetra até mesmo em homens instruídos e sãos, a ponto de que alguns digam que a iracúndia é um indício de espontaneidade e comumente se creia que os mais afáveis são os mais sujeitos a ela?

V

5.1 "Para que", indagas, "interessa isto?" Para que ninguém se julgue a salvo dela, quando também os brandos e os plácidos por natureza ela convoca para a sevícia e a violência. Do mesmo modo como contra um mal contagioso de nada adianta a força do corpo e o diligente cuidado com a saúde, pois ele invade indistintamente os fracos e os robustos, assim também da ira tanto provém

perigo para as índoles inquietas quanto para as moderadas e calmas, nas quais ela é bem mais deformante e perigosa, na medida em que nelas provoca maior alteração.

5.2 Mas como proponho, em primeiro lugar, não sentir ira, em segundo, cessá-la, em terceiro, medicar também a ira alheia, direi, de início, como não incidimos na ira; depois, como nos liberamos dela; finalmente, como moderamos o irado e o aplacamos e reconduzimos à sanidade.

5.3 Teremos garantia de não ficar irados se, um após o outro, tivermos exposto diante de nós todos os traços negativos da ira e a tivermos corretamente avaliado. Em nosso íntimo, devemos acusá-la e condená-la, perscrutar seus males e trazê-los a lume, e, para que se evidencie sua essência, deve-se compará-la com os piores vícios.

5.4 A avareza adquire e amealha para alguém melhor gastar; a ira é dispendiosa, a poucos é gratuita. Um senhor iracundo obrigou quantos escravos a fugir, quantos a morrer! Quanto a mais ele perdeu, enfurecendo-se, do que valia o incidente pelo que se punha em fúria! A ira acarretou a um pai o luto, a um marido, o divórcio, a um magistrado, o ódio, a um candidato, a derrota.

5.5 É pior que a luxúria, visto que esta desfruta de um prazer próprio, aquela, da dor alheia. Ela supera a malignidade e a inveja, pois estas querem que alguém se torne infeliz; aquela quer torná-lo. Deleitam-se estas com males fortuitos; aquela não pode esperar a fortuna, quer fazer sofrer quem odeia, não vê-lo sofrer.

5.6 Nada é mais opressivo que as rivalidades; estas, a ira provoca. Nada é mais funesto que a guerra; nela, a ira dos poderosos irrompe. De resto, até aquela ira da plebe e do simples cidadão é uma guerra inerme e sem vigor. Além disso, pondo de lado o que logo há de seguir-se a ela, os danos, as insídias, a perpétua inquietação gerada por mútuas rivalidades, a ira sofre punição enquanto a inflige. Ela abdica da natureza humana: esta exorta ao amor; ela, ao ódio; esta ordena ser útil; ela, ser nocivo.

5.7 Acrescenta-se que, embora a indignação dela venha de uma excessiva autoestima, a ponto de parecer animosa, ela é fraca e mesquinha. De fato, não há como alguém não ser menor do que aquele pelo qual se julga menosprezado. Mas a alma grande e capaz de sincera autoavaliação não vinga a injúria, pois não a sente.

5.8 Assim como dardos ricocheteiam de um obstáculo duro e o impacto causa dor em quem golpeia objetos sólidos, nenhuma injúria pode fazer uma grande alma senti-la, pois é mais frágil do que aquilo que tenta atingir. Quão belo é

desdenhar, como se impenetrável a qualquer dardo, todas as injúrias e contumélias! A vingança é confissão de dor; não é magnânimo aquele que se dobra à injúria. Lesou-te alguém mais poderoso ou mais fraco do que tu: se mais fraco, poupa-o; se mais poderoso, poupa-te a ti.

VI

6.1 Não há prova mais certa de grandeza do que não poder acontecer-te coisa alguma que instigue tua reação. A parte superior do mundo, mais ordenada e próxima dos astros, nem se condensa em nuvem, nem se precipita em tempestade, nem gira em ciclone: ela está isenta de todo tumulto. Já as inferiores são atingidas por raios. Do mesmo modo, a alma elevada, sempre calma e assentada numa estância tranquila, retendo abaixo de si tudo que leva a contrair ira, é comedida, venerável e equilibrada. Nada disso encontrarás no homem irado.

6.2 Quem, pois, entregue à indignação e em fúria, não repeliu de início um constrangimento? Quem, desatinado por um impulso e desabando sobre alguém, não lançou longe todo respeito que em si próprio possuía? Quem, depois de incitado, atinou com o número ou com a ordenação dos deveres? Quem moderou a língua? Quem teve domínio de alguma parte de seu corpo? Quem, depois de arrojar-se, pôde manter controle de si?

6.3 Será útil para nós aquele salutar preceito de Demócrito, segundo o qual é um estímulo à nossa tranquilidade se evitarmos no âmbito privado e no público nos ocuparmos com tarefas numerosas ou maiores do que nossas forças. Nunca, para aquele que se desdobra em muitos afazeres, o dia transcorre tão feliz que não surja, de um homem ou de uma situação, uma ofensa que disponha sua alma para a ira.

6.4 Assim como quem caminha apressado por locais frequentados da cidade acaba por esbarrar em muitas pessoas e, em um ponto, lhe é inevitável escorregar, em outro deter-se, em outro enlamear-se, também nas atividades de nossa vida, diversificadas e errantes, muitos obstáculos e motivos de queixas ocorrem: um iludiu nossa esperança, outro a dilatou, outro a rompeu; nossos planos não fluíram conforme o determinado.

6.5 A ninguém a boa fortuna é tão afeiçoada que de toda parte responda a quem tenta numerosas ações. Segue-se, portanto, que aquele para quem algumas coisas marcharam contra o planejado fique impaciente com homens e situações, e pelos mais leves motivos se irrite ora com uma pessoa, ora com uma tarefa, ora com um lugar, ora com sua fortuna, ora consigo.

6.6 Desse modo, para que a alma possa estar calma, ela não deve agitar-se, nem, como eu disse, fatigar-se com atividades numerosas ou de grande peso, almejadas para além de nossas forças. É fácil acomodar nos ombros cargas leves e transportá-las para esta ou aquela parte sem que caiam, mas as que por mãos alheias nos foram impostas penosamente sustentamos, e pouco adiante as derrubamos, vencidos. Mesmo quando nos mantemos em pé sob um fardo, sendo incapazes desse peso, cambaleamos.

VII

7.1 Deves saber que nas atividades públicas e domésticas o mesmo acontece. As tarefas descomplicadas e fáceis obedecem a quem as executa; as de grande porte e acima da capacidade de quem as assume não se dão a um fácil manejo e, caso sejam empreendidas, oprimem e arrastam a pessoa que as administra, e quando parecerem já dominadas, tombam junto com ela. Assim, com frequência fica frustrada a vontade daquele que não se lança a tarefas que lhe são fáceis, mas quer que sejam fáceis aquelas a que se lançou.

7.2 Sempre que tentares fazer algo, mede-te a ti mesmo e, ao mesmo tempo, aquilo a que te propões e os recursos que te fazem preparado, pois irá tornar-te áspero o pesar decorrente de uma obra inacabada. É importante se alguém é de índole ardente ou, então, fria e submissa: um revés provocará ira em quem é valoroso, tristeza em quem é lânguido e sem energia. Portanto, não sejam nossas ações nem pequenas, nem audaciosas e desmedidas. Estenda-se nossa esperança a um limite imediato; não tentemos nada que nos deixe admirados depois de tê-lo alcançado, inclusive por ter tido êxito.

VIII

8.1 Tomemos cuidado para não receber uma injúria, dado que não sabemos suportá-la. É preciso viver com quem é bastante sereno, de trato muito fácil, pouco ansioso e mal-humorado. Assumimos as qualidades dos que convivem conosco e, assim como certas doenças do corpo se transmitem por contato, também a alma passa seus males para os que lhe estão próximos.

8.2 O ébrio atraiu convivas para o amor ao vinho, um grupo de despudorados corrompeu até o homem valente e de natureza pétrea, a avareza transferiu seu vírus a quem junto dela se encontrava. Do mesmo modo agem as virtudes, mas com o resultado oposto: tornam dócil tudo o que têm a seu lado. Não é tão benéfico para a saúde física uma estância benfazeja e um clima salutar quanto para as almas pouco vigorosas o contato com pessoas melhores.

8.3 Perceberás o poder que tem esse fator se vires até feras amansar-se em nosso convívio e a nenhum animal, mesmo feroz, permanecer sua índole depois de longo tempo em companhia de um homem; é rebatida toda a sua aspereza e é paulatinamente desaprendida entre criaturas plácidas. Acrescenta-se a isso que não apenas pelo exemplo se torna melhor quem vive junto a pessoas tranquilas, mas também não encontra motivos para irar-se nem exercitar seu vício. Desse modo, ele deve evitar todos que souber serem passíveis de provocar sua iracúndia.

8.4 "Quem são esses?", perguntas. Muitos que, por causas variadas, provocam em ti o mesmo efeito: o soberbo te ofenderá pelo menosprezo, o sarcástico, pela afronta, o petulante, pela injúria, o invejoso, pela malignidade, o briguento, pela contestação, o jactante e mentiroso, pela leviandade. Não aguentarás ser temido por um suspeitoso, ser vencido por um obstinado, sofrer o desdém de um pernóstico.

8.5 Elege os que são simples, fáceis no trato, comedidos, que não provoquem tua ira e que a suportem. Serão ainda mais úteis os humildes, afetuosos, dóceis, sem, porém, chegar à adulação, pois a excessiva lisonja ofende os iracundos. Um amigo nosso era sem dúvida um homem bom, mas muito irascível, a quem não era mais seguro lisonjear do que injuriar.

8.6 Sabe-se que o orador Célio foi excessivamente iracundo. Com ele, segundo dizem, jantava na sala de sua casa um cliente de excepcional paciência, mas era difícil para este, vendo-se em sua companhia, evitar desavença com o homem a seu lado. Achou melhor aceitar tudo que o anfitrião dissesse e assumir papel secundário. Célio não tolerou seus assentimentos e exclamou: "Diz algo contra, para sermos dois!". Porém, irritado por não se encolerizar e vendo-se sem adversário, logo ele mesmo parou.

8.7 Elejamos, portanto, se somos conscientes de nossa irascibilidade, de preferência estes que seguem nosso semblante e nossas falas. Por certo nos farão susceptíveis e nos levarão ao mau costume de nada ouvir contra nossa vontade, mas será útil dar a nosso vício um intervalo e um descanso. Mesmo os que por natureza são difíceis e indômitos irão suportar quem os afaga: ninguém é áspero e agressivo a uma carícia.

8.8 Sempre que uma disputa for mais longa e violenta, procuremos parar no início, antes que ganhe força: a contenda alimenta-se a si mesma e retém os que nela entraram mais fundo. É mais fácil abster-se de um combate do que dele retirar-se.

IX

9.1 Os irascivos devem renunciar também a atividades intelectuais mais intensas, ou devem exercê-las sem chegar realmente ao cansaço, e sua mente não deve ficar envolvida em ocupações penosas, mas entregar-se a artes amenas: que a leitura de poemas a acalme e a história a entretenha com suas narrativas; que seja tratada de forma bastante suave e delicada.

9.2 Pitágoras apaziguava com a lira as perturbações da alma. Quem, todavia, ignora que os clarins e as trombetas são estimulantes, tal como são calmantes certos cantos, que trazem relaxamento à mente? São úteis aos olhos turvos as imagens verdes e perante certas cores a vista enferma repousa, enquanto outras a afetam pelo brilho. Tal qual, os estudos prazerosos acalmam as mentes doentes.

9.3 Devemos evitar o fórum, a participação em defesas, os tribunais e tudo que faz ulcerar nosso mal, e igualmente acautelar-nos do cansaço físico, pois ele consome tudo que há em nós de dócil e plácido e estimula as asperezas.

9.4 Por isso, os que não confiam em seu estômago, ao seguirem para a realização de tarefas de maior importância, moderam, pelo alimento, a bile, que é ativada ao máximo pela fadiga, seja porque esta compele o calor para as partes centrais e prejudica o sangue, retendo a circulação por veias debilitadas, seja porque o corpo, extenuado e enfermo, deita seu peso sobre a alma. Certamente por essa mesma causa são mais irascivos os que estão abatidos pela má saúde ou pela idade. A fome e a sede, também, pelas mesmas razões, devem ser evitadas: elas exasperam e inflamam o ânimo.

9.5 Diz um velho ditado que a pessoa fatigada procura rixa. Mas isso se dá tanto com o faminto quanto com o sedento, e com todo homem consumido por algo. De fato, assim como as feridas doem a um leve toque, e depois até ante a suspeita de um toque, assim também a alma afetada pela paixão ofende-se por ninharias, a ponto de algumas — uma saudação, uma carta, um discurso, uma pergunta — as incitarem à briga. Nunca os doentes são tocados sem que se queixem.

X

10.1 Desse modo, o melhor é medicar-se na primeira sensação do mal; e, então, conceder o mínimo de liberdade inclusive a suas próprias palavras e inibir o impulso.

10.2 É fácil, porém, interceptar as próprias paixões tão logo surjam: as doenças dão sinais prévios. Do mesmo modo que os sinais da tempestade e da chuva

chegam antes delas próprias, existem certos prenúncios da ira, do amor e de todas essas procelas que atormentam nossa alma.

10.3 Os que costumam ser acometidos de ataque epilético percebem que já se aproxima a crise se o calor abandona as extremidades, a visão fica turva e há um tremor nos músculos, se a memória lhes escapa e a cabeça gira. Assim, eles previnem a causa inicial com os remédios habituais e repelem tudo que pelo odor e pelo gosto lhes perturba a alma, ou combatem com cataplasmas o calafrio e o enrijecimento, ou então, se foi pouco útil a medicina, evitam a multidão e tombam sem testemunhas.

10.4 É vantajoso conhecer sua própria doença e reprimir os efeitos dela antes que se alastrem. Vejamos o que mais nos incita: a alguém movem as injúrias vindas de palavras, a outro, as que vêm dos fatos. Este quer que se poupe sua nobreza, este outro, sua beleza; este deseja ser tido como o mais elegante, aquele, como o mais douto; este é intolerante com a soberba, aquele, com a contumácia; aquele outro não reputa os escravos como dignos de sua ira, este dentro de casa é cruel, fora, é dócil; aquele julga ser uma injúria receber uma solicitação, este, não recebê-la, uma afronta. Não são todos feridos na mesma parte. É preciso, então, saber o que é frágil em ti para que o protejas o mais possível.

XI

11.1 Não convém tudo ver, tudo ouvir. Que passem por nós muitas injúrias; na maioria dos casos, quem as ignora, não as recebe. Não queres ser iracundo? Não sejas curioso. Quem indaga o que foi dito contra si, quem desenterra maledicências, mesmo quando tidas em segredo, inquieta-se por conta própria. Uma interpretação particular faz com que pareçam injúrias. Assim, é preciso ignorar umas, rir-se de algumas e a outras, perdoar.

11.2 A ira deve ser restringida de muitas maneiras. A maioria das ofensas pode ser convertida em troça e pilhéria. Dizem que Sócrates, atingido por um murro na cabeça, não disse nada senão que estava aborrecido porque não era possível saber quando se devia andar de capacete.

11.3 Não importa de que modo foi feita a injúria, mas como foi suportada. Não vejo por que seria difícil praticar a moderação, quando sei que inclusive a índole soberba dos tiranos, decorrente não só de sua condição como de suas prerrogativas, reprimiu a crueldade que lhes é familiar.

11.4 Ao menos Pisístrato, tirano dos atenienses — é o que se relata —, quando um conviva embriagado proferiu muitas palavras contra sua crueldade, não

faltaram os que lhe quisessem prestar apoio e de um lado e de outro o atiçassem. Ele, no entanto, com ânimo sereno, mostrou-se tolerante e, aos que tentavam irritá-lo, respondeu que não se inflamaria com aquele homem mais do que se alguém, com os olhos vendados, tivesse trombado com ele.

XII

12.1 Grande parte das pessoas produz motivos para queixas por suspeitar algo falso ou por valorizar algo desimportante. Com frequência a ira vem até nós; com mais frequência nós até ela. Nunca é preciso convidá-la: mesmo quando nos sobrevém, que ela seja rejeitada.

12.2 Ninguém diz a si mesmo: "Isto que agora me provoca ira, ou eu próprio já fiz ou poderia ter feito". Ninguém avalia a intenção de quem faz, mas propriamente o que foi feito. No entanto, é aquela que deve ser examinada: se desejou ou se foi acidental, se agiu obrigado ou por engano, se foi levado por ódio ou por uma recompensa, se cedeu ao próprio desejo ou se se prestou ao de outro. Alguma coisa é fruto da idade de quem agiu mal, outra, de sua condição, de modo que tolerar e aceitar é humano ou útil.

12.3 Coloquemo-nos no lugar daquele contra quem nos iramos: ora, o que nos faz iracundos é o julgamento parcial de nossa causa, pois o que desejaríamos infligir não queremos sofrer.

12.4 Ninguém se permite tempo. No entanto, o maior remédio para a ira é o adiamento, para que o primeiro fervor comece a perder força e a névoa que comprime a mente diminua ou fique menos densa. Algumas das coisas que te precipitavam na ira, uma só hora, não um dia todo, as abrandará; algumas evanescerão por completo. Se a protelação que se buscou não tiver tido efeito algum, ao menos ficará claro haver reflexão e não ira. Se quiseres conhecer a natureza de algo, confia-a ao tempo: não se discerne com exatidão nada que esteja em pleno fluxo.

12.5 Não pôde Platão obter de si esse tempo ao se irritar com um escravo, mas ordenou que ele baixasse de imediato a túnica e oferecesse os ombros ao açoite, para que o golpeasse com a mão. Tão logo se deu conta de que estava irado, tal como havia levantado a mão, deteve-a suspensa e estancou, prestes a bater. Pouco depois, um amigo, que por acaso havia chegado, perguntou-lhe o que estava fazendo. Ele disse: "Estou punindo um homem iracundo".

12.6 Estático, conservava aquele gesto, degradante para um homem sábio, de quem está prestes a ferir, esquecido já do escravo, pois havia encontrado outro a

quem preferia castigar. Assim, absteve-se de seu poder contra os seus e, excessivamente alterado diante daquela falta qualquer, disse: "Tu, Espeusipo, castiga esse moleque com o açoite, pois eu estou irado".

12.7 Não o golpeou pelo mesmo motivo que teria levado outro a golpear. "Estou irado", disse ele, "farei além do necessário; vou fazê-lo com prazer. Que não esteja esse escravo em poder de quem não está em poder de si mesmo." Alguém quer confiar uma punição a um irado, quando Platão, ele próprio, retirou de si tal poder? Nada te seja lícito enquanto estás irado. Por que razão? Porque vais querer que tudo te seja lícito.

XIII

13.1 Luta contigo mesmo: se queres vencer a ira, ela não pode te vencer. Começas a vencê-la se ela é ocultada, se a ela não se dá saída. Encubramos os sinais e, o quanto é possível, mantenhamo-la oculta e secreta.

13.2 Isso se fará com grande incômodo nosso, pois ela deseja saltar para fora e incendiar os olhos e transmutar a face. Mas, se lhe foi permitido mostrar-se fora de nós, ela ficará em cima de nós. Que seja ela encerrada no retiro mais fundo do peito, e seja por nós conduzida, não nossa condutora. Ou antes, desviemos para o sentido contrário todos os seus indícios: que o rosto se descontraia, a voz fique mais suave, o passo mais lento; aos poucos, às disposições exteriores se conformam as interiores.

13.3 No caso de Sócrates, era sinal de ira abaixar a voz, falar pouco. Ficava então aparente que ele se refreava. Era, assim, flagrado pelos amigos e censurado, e, no entanto, não lhe desagradava a reprovação dessa ira latente. Como não se alegraria ele de que sua ira, embora muitos a percebessem, ninguém a sentisse? Teriam-na, porém, sentido, se ele não tivesse dado aos amigos o mesmo direito de censurá-lo que ele havia exigido para si em relação a eles.

13.4 Quanto mais devemos nós fazer isso! Roguemos a nossos melhores amigos que conosco usem ao máximo de liberdade, sobretudo quando não pudermos minimamente aturá-la, e não deem aprovação a nossa ira. Recorramos a eles contra esse mal poderoso e que nos é grato enquanto estamos em nosso juízo, enquanto sobre nós temos poder.

13.5 Os que aguentam mal o vinho e temem o desatino e a petulância de sua embriaguez, encarregam os seus de os retirarem do festim; os que têm experiência de sua intemperança na doença, proíbem que se lhes obedeça durante a enfermidade.

13.6 O melhor é prover obstáculos para vícios conhecidos e, antes de tudo, dispor a alma de tal modo que, mesmo atingida por fatos muito adversos e súbitos, ela não sinta ira ou, quando esta se originou da gravidade de uma injúria inesperada, ela a reprima no fundo do peito e não confesse sua indignação.

13.7 Ficará evidente que é possível fazê-lo se eu apresentar uns poucos exemplos, dentre uma multidão imensa, a partir dos quais se pode aprender estas duas coisas: quanto mal traz a ira quando ela se serve de todo o poderio de gente influente; e quanto pode dominar a si mesma quando se viu oprimida por um medo maior.

XIV

14.1 A Cambises, um rei por demais dado ao vinho, Prexaspes, um de seus mais caros amigos, aconselhava a beber com mais parcimônia, dizendo-lhe ser torpe a embriaguez em um rei, pois os olhos e ouvidos de todos o seguiam. A isso, responde aquele: "Para que saibas que nunca perco a lucidez, irei já te provar que, depois do vinho, tanto meus olhos quanto minhas mãos estão aptos aos seus ofícios".

14.2 Ele bebe, então, mais fartamente do que em outras ocasiões, em taças maiores, e, já pesado e vinolento, manda o filho de seu crítico dirigir-se para o lado de fora da porta e ficar parado, com a mão esquerda levantada sobre a cabeça. Então, estica o arco e crava bem no coração do jovem — ali, de fato, dissera que mirava. Depois de rasgar-lhe o peito, expôs a seta fixada no coração e, voltando-se para o pai, perguntou-lhe se tinha a mão bastante certeira. Ele, por sua vez, negou que Apolo pudesse ter disparado de modo mais exato.

14.3 Que os deuses o destruam, esse que se mostrou um escravo mais por sua alma do que por sua condição! Ele elogiou um fato do qual já era demais ter sido espectador. Julgou ser ocasião para lisonjas o peito de seu filho aberto em duas partes e o coração palpitando sob o ferimento. Devia contestar-lhe a glória e chamar o rei a novo disparo, para que lhe aprouvesse mostrar, no próprio pai, uma mão mais certeira.

14.4 Oh, rei cruento! Oh, digno de que contra ele se voltassem os arcos de todos os súditos! Ainda que tenhamos execrado aquele que encerra banquetes com suplícios e mortes, aquele dardo foi elogiado de modo mais terrível do que atirado. Veremos como o pai deveria ter se portado, detendo-se diante do cadáver do filho e daquela morte da qual fora tanto testemunha quanto causa. Do que tratamos agora fica evidente: a ira pode ser suprimida.

14.5 Ele não amaldiçoou o rei, não emitiu palavra alguma, nem ao menos própria de um infortunado, embora visse trespassado tanto o seu coração quanto o do filho. Pode-se dizer, com razão, que ele devorou suas palavras. De fato, se algo fosse dito como um irado, nada teria podido fazer como pai.

14.6 Pode parecer, afirmo, que ele, naquela circunstância, se comportou com mais sabedoria do que quando dava preceitos sobre moderação ao beber àquele a quem era preferível que bebesse vinho em vez de sangue, a quem o fato de suas mãos estarem ocupadas com copos representava paz. Assim, esse homem acrescentou-se ao número daqueles que, com perdas enormes, mostraram o quanto aos amigos dos reis custaram seus bons conselhos.

XV

15.1 Não tenho dúvida de que também Hárpago tenha persuadido de algo semelhante ao seu rei e dos persas, o qual, ofendido, lhe serviu à mesa como repasto seus filhos e perguntou-lhe, seguidamente, se os pratos estavam de seu agrado. Então, logo que o viu completamente saciado com seus próprios males, mandou trazerem as cabeças e interrogou-o sobre como havia sido recebido. Não faltaram palavras ao infeliz nem seus lábios cerraram: "Na casa de um rei", disse ele, "toda ceia é agradável".

15.2 Que proveito obteve com essa adulação? O de não ser convidado para o que sobrara. Não vedo a um pai condenar a ação de seu rei, não lhe vedo buscar punição digna para tão atroz monstruosidade, mas por agora concluo que, mesmo nascida de males imensos, a ira pode ser ocultada e compelida a expressar-se com palavras contrárias a ela.

15.3 Necessária é essa contenção da dor, principalmente a quem coube em sorte esse gênero de vida e a quem foi convidado à mesa de um rei: assim se come na casa régia, assim se bebe, assim se responde; é preciso sorrir ante seus próprios mortos. Se a vida vale o sacrifício, veremos; essa é outra questão. Não consolaremos tão triste masmorra, não exortaremos a suportar o mando de carnífices: mostraremos em toda servidão uma via aberta para a liberdade. Se está enferma a alma e por causa de seus defeitos é infeliz, para ela é lícito pôr fim junto consigo a suas mazelas.

15.4 Direi não só àquele a quem coube um rei que atinge com setas o peito de seus amigos, como àquele cujo senhor satura pais com as vísceras dos filhos: "Por que gemes, insano? Por que esperas que algum inimigo te vingue pela perda de tua gente ou voe para cá, desde longe, um rei poderoso? Para onde quer que voltes o olhar, ali está o fim de teus males. Vês aquele local escarpado? Por lá se desce à

liberdade. Vês aquele mar, aquele rio, aquele poço? A liberdade está assentada em seu fundo. Vês aquela árvore acanhada, ressequida, estéril? Pende dali a liberdade. Vês tua cerviz, teu pescoço, teu coração? São vias de escape da servidão. Mostro-te saídas por demais operosas e que exigem muita coragem e energia? Buscas qual seja o caminho para a liberdade? Qualquer veia em teu corpo".

XVI

16.1 Ao menos pelo tempo em que nada nos pareça tão intolerável que nos faça abandonar a vida, removamos nossa ira de qualquer situação em que estivermos. É perniciosa aos de condição subalterna; de fato, toda indignação faz crescer seu tormento e tanto mais pesado ela sente o mando quanto maior a intolerância com que o sofre. Assim a fera aperta os laços enquanto se agita; assim as aves, enquanto sacodem para arrancar o visgo, fazem-no impregnar-se nas penas todas. Nenhum jugo é tão apertado que não cause menos lesões a quem o carrega sobre si do que a quem o enjeita. Há um só alívio para os grandes males: suportá-los e obedecer a suas exigências.

16.2 Mas, embora seja útil aos súditos a contenção de suas paixões, e principalmente desta, que é raivosa e desenfreada, mais útil é ela aos reis: está tudo arruinado quando a fortuna lhes permite o que aconselha a ira, e por longo tempo não pode ser mantida uma dominação que para o mal de muitos é exercida; pois esta é posta em risco quando os que se queixavam separadamente o medo comum os uniu. Assim, numerosos governantes foram assassinados ora por indivíduos, ora pela massa, quando uma comoção pública os levou a congregar contra um único homem suas iras.

16.3 No entanto, muitos reis usaram de sua ira como uma insígnia régia, tal como Dario, que, depois de tomar o poder ao mago, foi o primeiro a governar os persas e grande parte do Oriente. Como tivesse declarado guerra aos citas, que lhe cercavam o lado oriental, Oeobazo, nobre ancião, rogou-lhe que deixasse, para consolo do pai, um de seus três filhos, e dispusesse dos serviços dos outros dois. Dario prometeu mais do que lhe era rogado, disse que mandaria todos de volta e os abandonou mortos diante dos olhos do pai. Cruel seria se os tivesse levado com ele.

16.4 Mas quão mais tratável era Xerxes! A Pítio, pai de cinco filhos que pediu a dispensa militar de um, ele permitiu escolher qual quisesse e, depois, colocou o escolhido cortado em duas partes, de um e outro lado da estrada e, com tal vítima, purificou seu exército. E assim o exército teve o fim que merecia: vencido

e posto em debandada por larga extensão, contemplando sua ruína, que se estendia por todo lado, caminhou por entre seus cadáveres.

XVII

17.1 Tal ferocidade esses reis bárbaros exibiram em sua ira, eles que não se haviam imbuído em nenhuma instrução, em nenhuma cultura literária. Porém, do seio de Aristóteles, eu citarei o rei Alexandre, que, durante um banquete, com sua própria mão trespassou Clito, que lhe era muito querido e fora educado junto dele, porque o adulava pouco e mostrava-se renitente em passar de homem livre e macedônio à servidão própria de um persa.

17.2 Já Lisímaco, igualmente amigo seu, ele atirou a um leão. Acaso então Lisímaco, depois de, por felicidade, ter escapado aos dentes do leão, foi ele próprio mais brando ao reinar?

17.3 Ora, deformou totalmente Telésforo, seu amigo ródio, após fazer deceparem-lhe as orelhas e o nariz, e o nutriu por longo tempo numa jaula, como um novo e raro animal, pois a deformidade de seu rosto truncado e mutilado o tinha feito perder a feição humana. Acresciam-se a isso a fome e as crostas de sujeira em seu corpo largado em meio às próprias fezes.

17.4 Calejados, além do mais, seus joelhos e suas mãos, os quais a estreiteza do local o obrigava a usar como pés, e ulceradas pelo atrito as laterais do tórax, não menos repulsivo do que aterrador era seu aspecto para os visitantes; e por sua punição, tendo-se tornado um monstro, deixara também de provocar compaixão. No entanto, apesar de aquele que padecia tais horrores ser inteiramente dessemelhante de um homem, mais dessemelhante era quem lhe causara aquilo.

XVIII

18.1 Quem dera tivessem tais sevícias permanecido entre os exemplos estrangeiros, e não tivesse sido transferida para os costumes romanos, junto com outros vícios adventícios, também a barbárie dos suplícios e das iras! Marco Mário, a quem o povo erguera estátuas em cada quarteirão, a quem dirigia súplicas com incenso e vinho, a este homem Lúcio Sula ordenou que fossem quebradas as pernas, vazados os olhos, amputadas a língua e as mãos, e, como se o matasse a cada ferimento, lacerou pouco a pouco, um por um, os seus membros.

18.2 Quem era o executante dessa ordem? Quem senão Catilina, já a exercitar as mãos em todo tipo de crime? Era ele que o desmembrava diante do túmulo de

Quinto Cátulo, infligindo tamanho ultraje às cinzas de um varão tão amável, sobre as quais um homem de péssimo exemplo, embora popular e amado de forma não tanto imerecida quanto excessiva, vertia gota a gota o seu sangue. Digno era Mário de sofrer aqueles tormentos; Sula, de ordenar; Catilina, de executar, mas indigna a República de receber em seu corpo as espadas tanto de seus inimigos quanto de seus vingadores.

18.3 Por que busco fatos antigos? Há pouco Calígula em um só dia golpeou com açoite Sexto Papínio, cujo pai fora cônsul, Betilieno Basso, seu próprio questor, filho de seu procurador, e outros, tanto senadores quanto cavaleiros romanos. Torturou-os não para obter informações, mas para comprazer-se.

18.4 Depois, foi tão impaciente em adiar o deleite que sua crueldade exigia — em abundância e sem demora —, que, em uma alameda dos jardins de sua mãe na qual o alpendre é separado de uma ribeira, ao caminhar com matronas e senadores, degolou alguns deles à luz de uma luminária. O que o açodava? Que risco, privado ou público, uma só noite lhe trazia? Quão pouco teria sido esperar a luz do dia, para que não matasse senadores do Estado romano calçando pantufas.

XIX

19.1 Quanto foi arrogante sua crueldade, para nosso tema é útil saber, embora a alguém possa parecer que nos afastamos do assunto e desviamos em digressão. Mas a própria arrogância fará parte da ira que é violenta acima dos limites habituais. Golpeou com açoitadas os senadores, mas ele próprio tornou possível dizer: "Isso costuma ocorrer". Torturou por todos os meios que, na natureza, são os mais terríveis: com cordas, borzeguins, cavalete, fogo, com seu próprio rosto.

19.2 E, neste ponto, vai alguém objetar: "Grande coisa se ele deu fim a três senadores, como que a escravos sem valor, entre açoitadas e chamas, sendo um homem que considerava trucidar o Senado inteiro e desejava que o povo romano tivesse uma só cabeça, para que num único golpe, num único dia, pudesse reunir seus crimes, dispersos por tantos lugares e ocasiões". Existe algo tão inaudito quanto uma execução noturna? Embora os latrocínios costumem ocultar-se nas trevas, as punições, quanto mais notórias, mais servem de exemplo e correção.

19.3 E, aqui, alguém me responderá: "Aquilo que te causa tanta admiração é, para essa fera, algo cotidiano; para isso vive, para isso vela, para isso lucubra". Não se encontrará, por certo, nenhum outro que tenha mandado tapar, com uma esponja, a boca de todos aqueles contra quem ordenava punição, para não emitirem palavra. Alguma vez se negou a alguém prestes a morrer ter por onde

gemesse? Ele temeu que uma dor derradeira lançasse palavras livres demais, que viesse a ouvir algo que não quisesse. Sabia, pois, serem inumeráveis as coisas que pessoa alguma ousaria imputar-lhe, a menos que estivesse a ponto de morrer.

19.4 Caso esponjas não fossem encontradas, mandava que se rasgassem as vestimentas dos infelizes e enfiassem os trapos pela boca. Que crueldade é essa? Permita-se a eles exalar o último suspiro, dá um canal para a saída da alma, permita-se a ela escapar sem ser pelo ferimento.

19.5 Seria longo acrescentar que também os pais dos mortos, na mesma noite, executou, enviando centuriões a suas casas. Pois, como homem compassivo, livrou-os do luto. Não é, pois, meu propósito descrever a crueldade de Calígula, mas da ira que se atiça não apenas contra um indivíduo, mas despedaça nações inteiras, que flagela cidades e rios e coisas imunes a toda sensação de dor.

XX

20.1 Assim, o rei dos persas fez cortar o nariz de toda uma população na Síria, fato do qual deriva o nome do lugar: Rinocolura. Julgas que ele os poupou por não ter lhes cortado a cabeça? Deleitou-se com um novo gênero de castigo.

20.2 Algo semelhante teriam sofrido os etíopes, chamados macróbios por causa da longuíssima extensão de sua vida. Pois contra eles, por não terem acolhido a escravidão com as mãos estendidas para o alto e aos emissários que lhes foram enviados terem dado respostas francas, que os reis chamam afrontosas, Cambises fremia e, sem ter feito provisões, sem ter explorado os caminhos, através de vias intransitáveis e lugares áridos arrastava toda uma hoste de guerreiros. Durante a primeira parte da marcha faltava-lhe o necessário, e não os supria de coisa alguma a região estéril, inculta e que desconhecia vestígio humano.

20.3 De início, socorriam sua fome as partes mais tenras das folhagens e os brotos na copa das árvores; em seguida, o couro amolecido ao fogo e tudo que a necessidade transformava em alimento. Quando, em plenos areais, também se extinguiram as raízes e as ervas, e apareceu uma solidão desprovida até de animais, sorteou-se um em cada dez e tiveram um alimento mais cruel que a fome.

20.4 Mostrava-se ainda impelido pela ira esse rei temerário, embora uma parte do exército ele houvesse perdido, outra parte devorado, até que receou ser também ele próprio chamado ao sorteio. Somente então deu sinal para retirada. Eram-lhe reservadas, nesse ínterim, aves nobres e transportados por camelos os

utensílios de seus banquetes, enquanto seus soldados sorteavam qual teria uma morte ruim, qual teria uma vida pior.

XXI

21.1 Esse homem dirigiu sua fúria contra uma nação desconhecida e inofensiva, porém capaz de senti-la; Ciro enfureceu-se contra um rio. Quando, na intenção de atacar a Babilônia, ele se apressava para a guerra, cujos momentos mais decisivos estão nas oportunidades de ação, tentou atravessar por um vau o rio Gindes, então extensamente alargado, ainda que seja pouco seguro fazê-lo mesmo quando este se ressentiu do verão e ficou reduzido ao mínimo.

21.2 Ali, o desaparecimento de um dos cavalos brancos que puxavam o carro real causou no rei forte comoção. Jurou, então, que aquele rio que havia desfalcado a comitiva régia ele reduziria a ponto de poder ser atravessado e pisado por mulheres.

21.3 Em seguida, transferiu para ali todo o aparato de guerra e aplicou-se às obras até que o leito do rio, dividido em cento e oitenta canais, fosse dispersado em trezentos e sessenta regatos e ficasse seco devido ao fluxo em sentidos diversos.

21.4 Perdeu, desse modo, não só tempo, grande dano nas grandes conjunturas, como também o ardor dos soldados, a quem o trabalho inútil debilitou, e ainda a oportunidade de um ataque a tropas desprevenidas ao empreender contra um rio uma guerra que ele havia declarado a um inimigo.

21.5 Esse furor — pois que outro nome lhe darias? — atingiu também os romanos. Calígula destruiu uma belíssima propriedade em Herculano porque nela sua mãe estivera algum tempo confinada e, com isso, tornou renomada a má fortuna desse edifício, pois enquanto estava em pé, navegávamos ao largo dali, mas agora se pergunta a causa de sua demolição.

XXII

22.1 Esses são exemplos a serem meditados para que os evites; os próximos, ao contrário, são para serem seguidos, modelos de moderação e brandura, nos quais não faltou motivo para ira nem meios para vingança.

22.2 De fato, o que teria sido mais fácil para Antígono do que ordenar à morte dois soldados rasos que, encostados na tenda real, faziam o que os homens fazem com enorme risco e prazer: falavam mal de seu próprio rei? Antígono ouvira tudo, pois uma cortina se interpunha entre os falantes e o ouvinte; ele a moveu ligeiramente e disse: "Afastai-vos para que o rei não vos ouça".

22.3 Ele também, certa noite, depois de ter escutado alguns de seus soldados lançando todo tipo de maldição contra o rei por os haver conduzido por aquela trilha e para um insuperável lodaçal, aproximou-se dos que mais penavam e, após livrá-los, sem revelar por quem eram ajudados, disse: "Agora maldizei Antígono, por cuja falha caístes nesta lástima; porém, desejai o bem de quem vos tirou desta voragem".

22.4 Ele mesmo, com ânimo dócil, tolerou o escárnio tanto de inimigos quanto de cidadãos. Assim, como os gregos estivessem sitiados numa pequena fortaleza, e, por sua confiança no local, menosprezassem o inimigo e zombassem muito da feiura de Antígono, ora rindo de sua baixa estatura, ora de seu nariz achatado, ele disse: "Fico feliz e conto com boa sorte, pois tenho Sileno em meu acampamento".

22.5 Depois de ter sujeitado pela fome esses sarcásticos, serviu-se deles como prisioneiros do seguinte modo: os que eram úteis para a milícia distribuiu-os nas tropas, entregou os demais ao pregoeiro, e negou que o teria feito caso não fosse útil para quem tem uma língua tão maligna ter um senhor.

XXIII

23.1 Seu neto foi Alexandre, que arrojava sua lança contra os próprios convivas, e que, dos dois amigos a que fiz referência acima, um ele atirou a uma fera, o outro, a si mesmo. Desses dois, no entanto, o que foi atirado ao leão sobreviveu.

23.2 Esse vício ele não herdou de seu avô, nem mesmo de seu pai. Pois se houve em Filipe alguma virtude, foi a paciência com as afrontas, poderoso instrumento para a manutenção de um reino. Demócares, chamado "Parresiastes" por causa de sua língua excessiva e insolente, viera até ele junto de outros emissários atenienses. Ouvida com benevolência a delegação, Filipe falou-lhes: "Dizei-me o que eu poderia fazer que fosse grato aos atenienses". Demócares tomou a palavra e disse: "Enforcar-te".

23.3 A indignação dos circunstantes ergueu-se diante de tão bárbara resposta. Filipe ordenou que se calassem e que deixassem ir são e salvo aquele Tersites. "Mas vós", disse ele, "emissários restantes, anunciai aos atenienses que são muito mais arrogantes os que dizem tais coisas do que os que as ouvem sem puni-las."

23.4 Muitas coisas também dignas de memória fez e disse o divino Augusto, pelas quais fica evidente que a ira não o dominou. O historiador Timágenes falou certas coisas contra ele, outras contra sua esposa e toda a sua família, e não se

perderam suas palavras: de fato, o gracejo imprudente tem mais circulação e fica na boca das pessoas.

23.5 César Augusto com frequência o aconselhou a que usasse a língua com mais moderação; como perseverava, proibiu-o de entrar em sua casa. Timágenes depois envelheceu na convivência de Asínio Polião e foi disputado por toda a sociedade. A porta fechada de César não fez com que fosse barrado em nenhuma outra porta.

23.6 A obra de história que escreveu depois disso recitou em público e lançou ao fogo livros que continham os atos de César Augusto. Manteve a inimizade de César. No entanto, ninguém temeu sua amizade, ninguém o evitou como a quem fora atingido por um raio; houve quem lhe oferecesse acolhimento quando sofreu tamanha queda.

23.7 César, conforme eu disse, tolerou isso pacientemente, sem nem se molestar por aquele ter suprimido elogios a si e a seus feitos; nunca se queixou com quem acolheu seu inimigo.

23.8 Tão somente isto ele disse a Asínio Polião: "Theriotrofeîs" [Estás nutrindo uma fera]. Quando este, logo, lhe preparava uma escusa, interrompeu-o dizendo: "Desfruta, meu Polião, desfruta!". E como Polião lhe dissesse: "Se ordenas, César, agora mesmo proíbo a ele a entrada em minha casa", respondeu-lhe: "Pensas que eu faria isso, quando fui eu que vos reconduzi à amizade?". Deveras, certa vez Polião ficara furioso com Timágenes e não tivera outro motivo para abandonar o sentimento senão o fato de César passar a tê-lo.

XXIV

24.1 Que cada um fale para si do seguinte modo sempre que desafiado: "Acaso sou mais poderoso que Filipe? Dele, no entanto, falou-se mal impunemente. Acaso tenho mais poder em minha casa do que teve Augusto em todo o mundo? Ele, no entanto, contentou-se em afastar-se de seu ofensor."

24.2 Por que razão eu iria punir com açoites e grilhões uma resposta em tom mais alto de meu escravo, um ar demasiado insolente e um resmungo que mal chega até mim? Quem sou eu cujos ouvidos seria um sacrilégio ferir? Muitos perdoaram seus inimigos; eu não perdoaria preguiçosos, negligentes, tagarelas?

24.3 Que sirva de escusa para a criança sua idade, para a mulher, seu sexo, para o estrangeiro, a falta de vínculos, para a pessoa de casa, a intimidade. Ofendeu-nos pela primeira vez: pensemos quanto tempo nos agradou; ofendeu-nos outras

vezes e amiúde: toleremos o que por longo tempo toleramos. É um amigo: fez sem intenção; é um inimigo: fez o que devia.

24.4 Concedamos crédito a quem é bem atinado, isentemos quem é demasiado tolo. Diante de quem quer que seja, repliquemos a nós mesmos o seguinte: também os homens mais sábios muitas faltas cometeram, não há ninguém tão precatado que por vezes não falhe em sua diligência, ninguém é tão amadurecido que o acaso não force sua compostura a uma ação de maior fúria, ninguém é tão temeroso de ofensas que não incida nelas enquanto as evita.

XXV

25.1 Tal como para um homem humilde, em meio a seus males, é um consolo que a fortuna dos grandes também seja titubeante, e com maior resignação chora discretamente o seu filho quem viu até de um palácio serem conduzidos pungentes funerais, também com resignação suporta ser ofendido por um, desprezado por outro, quem percebe que nenhum poder é tão grande que não lhe advenha uma injúria.

25.2 E, se até os mais sábios se equivocam, quem não dispõe de uma boa justificativa para o erro? Repassemos quantas vezes, em nossa juventude, fomos pouco diligentes nos deveres, pouco comedidos na conversa, pouco temperantes no vinho. Se alguém está irado, concedamos a ele tempo para que possa discernir o que tenha feito: ele próprio se castigará. Admitamos que ele deva, enfim, receber punição: não há por que ajustarmos contas com ele.

25.3 Disto não haverá dúvida: destacou-se da multidão e situou-se mais alto alguém que desprezou quem lhe fez provocação; é próprio da verdadeira grandeza não mostrar-se sensível a uma agressão. Assim a fera bravia volta-se lenta ao ladrido dos cães; assim a onda se atira em vão contra o enorme rochedo. Quem não se enfurece mantém-se erguido, sem se abalar com a injúria; quem se enfurece vê-se transtornado.

25.4 Mas aquele que há pouco coloquei acima de todo incômodo retém em seus braços o bem supremo e responde não apenas a um homem, mas à própria fortuna: "Ainda que tudo faças, és pequena demais para turvar minha serenidade. Veta-te isto a razão, à qual confiei o comando de minha vida. Há de me ser mais nociva a ira do que a injúria. E por que mais? Desta última, o limite é certo, a outra, até onde pode me levar é duvidoso".

XXVI

26.1 "Não posso tolerar!", afirmas, "é penoso aguentar uma injúria." Estás mentindo, pois quem não poderia suportar a injúria se pode tolerar a ira? Ademais, ages de modo tal que suportas não só a ira como a injúria. Por que suportas a raiva de um doente, as palavras de um louco, as mãos atrevidas de uma criança? Certamente porque parecem não saber o que fazem. Que importa o vício que torna cada um desatinado? O desatino é justificativa igual para todos.

26.2 "Como, então?", indagas, "isso lhe ficará impune?" Supõe ser esse o teu desejo; no entanto, não ficará. De fato, a maior punição para uma injúria é tê-la feito, e ninguém é mais duramente afetado do que aquele que é entregue ao suplício do arrependimento.

26.3 Depois, é preciso atentar para a condição humana para que sejamos juízes justos de tudo o que acontece; é iníquo, porém, quem reprova em cada indivíduo um vício comum a todos. Não se destaca, entre os seus, a cor do etíope, nem é, entre os germanos, impróprio para um homem o cabelo ruivo e preso por um nó; não julgarás notável ou feio em um indivíduo nada que para sua gente é generalizado. Esses exemplos a que me referi se justificam pela característica habitual de uma região ou de um lugar isolado; vê agora quanto é mais justa a indulgência sobre o que está disseminado por todo o gênero humano.

26.4 Todos somos irrefletidos e imprevidentes, todos somos irresolutos, queixosos, aduladores — por que escondo com palavras tão suaves uma ferida comum? —, todos somos maus. Assim, tudo que se reprova em outro poderá ser encontrado em seu próprio seio. Por que notas a palidez de um, a magreza de outro? É uma pandemia. Sejamos, assim, mais complacentes uns com os outros: somos maus, vivemos entre maus. Apenas uma coisa pode nos tornar serenos: um pacto de mútua condescendência.

26.5 "Ele já me injuriou, eu a ele ainda não." Mas talvez já tenhas ofendido alguém; talvez ofendas. Não consideres esta hora ou este dia, examina toda a disposição de tua mente: mesmo se nada de mau fizeste, podes fazê-lo.

XXVII

27.1 Quanto é preferível sanar uma injúria a vingá-la! A vingança consome muito tempo e a muitas injúrias ela se expõe enquanto sofre por só uma; por mais tempo nos iramos do que sofremos com a ofensa. Como é melhor tomar o sentido contrário e não opor vícios a vícios! Acaso alguém pareceria estar em seu

juízo se revidasse a uma mula com coices ou a um cão com mordidas? "Essas criaturas", afirmas, "não sabem que agem mal."

27.2 Primeiro, quanto é injusto aquele para quem a condição de ser homem é prejudicial para obter seu perdão! Depois, se o fato de carecer de entendimento subtrai de tua ira as demais criaturas, na mesma situação deveria estar para ti todo homem que também careça de entendimento. Pois, que importa se ele possui outros atributos distintos daqueles dos seres irracionais se nele é similar isto que justifica os irracionais em seus erros: a turvação da mente?

27.3 Ele errou: foi a primeira vez? Foi a última? Não há por que acreditares nele se tiver dito: "Não o farei de novo". Não apenas ele errará como ainda outra pessoa o fará contra ele, e toda a vida se desenrolará entre erros. Criaturas indóceis devem ser tratadas com docilidade.

27.4 O que no luto se costuma dizer com muita eficácia também na ira se dirá: "Vais deixar disso algum dia ou nunca?". Se algum dia, quanto é preferível deixar a ira a ser deixado por ela! Acaso há de sempre permanecer essa agitação? Vês que vida sem paz prenuncias para ti? Pois como verdadeiramente será ela para alguém sempre exaltado?

27.5 Ademais, ainda quando por ti tiveres conseguido inflamar-te e renovar seguidamente as causas que te deixam incitado, a ira se dispersará espontaneamente e o tempo lhe subtrairá as forças: quanto melhor é que ela seja vencida por ti do que por si mesma!

XXVIII

28.1 Tu te irritas com este, depois com aquele; com os escravos, depois com os libertos; com os pais, depois com os filhos; com os conhecidos, depois com os desconhecidos: por toda parte, pois, os motivos sobejam, exceto se a alma acorreu como intercessora. O furor te arrebatará deste para aquele motivo, então para um terceiro, e seguidamente originará novos irritamentos: a raiva será contínua. Vamos, infeliz, quando vais amar? Que tempo precioso perdes numa coisa maligna!

28.2 Quanto era agora preferível fazer amigos, aplacar inimigos, servir aos interesses públicos, voltar tua atenção para questões domésticas em vez de olhar ao redor para ver que mal podes fazer a uma pessoa, que ferimento infligir à dignidade dela, a seu patrimônio ou a seu corpo, quando isso não te poderia ocorrer sem confronto e perigo, mesmo se te debatesses com um inferior!

28.3 Ainda que recebas alguém amarrado e exposto a todo suplício, a teu bel-prazer, com frequência a violência excessiva deslocou no agressor uma articulação ou perfurou-lhe um nervo nos dentes que ele havia quebrado. A muitos a iracúndia deixou mancos, a muitos, debilitados, inclusive quando topou com matéria resistente. Além do mais, nada é de natureza tão fraca que possa sucumbir sem risco de quem o espanca. Às vezes a dor, às vezes o acaso, iguala os fracos aos mais vigorosos.

28.4 E não é verdade que a maior parte das coisas com as quais nos iramos mais nos injuria do que nos fere? Ora, faz muita diferença se alguém se opõe à minha vontade ou não a satisfaz, se me rouba ou não me oferta. E, não obstante, colocamos no mesmo plano se alguém nos furta ou nos recusa, se destrói nossa esperança ou a posterga, se age contra nós ou em prol de si, por amor a outro ou por ódio a nós.

28.5 Alguns têm de fato motivos não apenas justos para se erguer contra nós, mas também honoráveis: um defende o pai; outro, o irmão; outro, a pátria; outro, o amigo. No entanto, não perdoamos aqueles que fazem algo que desaprovaríamos se não o fizessem, e, o que é inacreditável, geralmente fazemos bom juízo do ato e mau juízo de quem age.

28.6 Mas, por Hércules, um homem magnânimo e justo olha admirado seus inimigos mais valentes e os mais obstinados pela liberdade e salvação da própria pátria e deseja para si semelhantes concidadãos, semelhantes soldados.

XXIX

29.1 É sórdido ter ódio de quem elogias; mas mais sórdido é odiar alguém por ele ser digno de compadecimento: quando um prisioneiro, depois de súbita queda na servidão, mantém restos de sua liberdade e não acorre ligeiro a serviços vis e extenuantes; quando, indolente por causa do ócio, não acompanha, correndo, o cavalo e o carro de seu senhor; quando, em meio a longas vigílias cotidianas, o sono o oprimiu, fatigado; quando recusa o trabalho no campo ou não o enfrenta com vigor, por ter sido transferido da servidão ociosa na cidade para uma dura faina.

29.2 Devemos distinguir se alguém não pode ou não quer: absolveremos muitas pessoas se começarmos por julgá-las antes de ficarmos irados. Mas, na realidade, seguimos o primeiro impulso; depois, embora motivos vãos nos tenham concitado, perseveramos para não parecermos ter começado sem causa e — o que é o mais injusto — a injustiça da ira nos torna mais obstinados. De fato, nós a

mantemos e a fazemos crescer, como se fosse prova de alguém irar-se com justiça o fato de irar-se com intensidade.

XXX

30.1 Quanto melhor é perceber como são fúteis e inofensivos os próprios motivos iniciais! O que vês acontecer com os animais irracionais, o mesmo irás deparar no homem: nos deixamos perturbar por coisas frívolas e vãs. A cor vermelha excita o touro, ante uma sombra a serpente se ergue, um lenço incita ursos e leões: todas as criaturas que por natureza são ferozes e raivosas sobressaltam-se diante de trivialidades.

30.2 O mesmo acontece com pessoas de índole inquieta e insensata: sentem-se atingidas pela suposição dos fatos, a ponto de, às vezes, chamarem injúrias os benefícios modestos, que se tornam matéria muito farta, ou por certo muito acerba, de irritação. Com efeito, ficamos irados com as pessoas mais queridas porque nos proveram benefícios menores do que esperávamos e do que outros auferiram, embora o remédio para ambos os casos esteja à nossa disposição.

30.3 Foi mais favorável a outro: que nossa sorte nos deleite sem comparações. Nunca será feliz aquele a quem for torturante a felicidade de outro. Possuo menos do que esperava: talvez eu tenha esperado mais do que devia. Esse ponto é o mais temível, daqui nascem as iras mais destruidoras e que hão de atacar tudo o que houver de mais sagrado.

30.4 O divino Júlio foi executado por maior número de amigos que de inimigos, cujas esperanças, impossíveis de satisfazer, ele não atendera. Ele, na verdade, o quis — de fato, ninguém fez da vitória uso mais liberal, da qual nada para si reivindicou, exceto o poder de repartir-lhe os frutos —, mas de que maneira poderia suprir a tão ímprobos desejos, já que todos igualmente cobiçassem o que só um podia cobiçar?

30.5 Assim, desembainhadas as espadas em torno de seu assento, viu seus companheiros, como Tílio Cimbro, pouco antes acérrimo defensor de seu partido, e outros, pompeianos somente depois de Pompeu. É isso que volta contra os reis suas armas e compele os mais fiéis a ponto de cogitarem a morte daqueles pelos quais, e perante os quais, haviam feito voto de morrer.

XXXI

31.1 Ninguém que olha para os bens alheios agrada-se dos seus: então, contra os deuses também nos iramos por alguém nos preceder, esquecendo-nos de quantos

homens ficaram para trás e como é enorme a inveja que segue às costas de quem de poucos tem inveja. Tão grande, no entanto, é o mau-caratismo dos homens, que, apesar de terem recebido muito, é para eles motivo de ofensa o fato de que poderiam ter recebido mais.

31.2 "Ele concedeu-me a pretura, mas eu havia esperado o consulado; concedeu-me os doze fasces, mas não me fez cônsul ordinário; ele quis que por meu nome fosse denominado o ano, mas faltou-me o sacerdócio; fui admitido em um colégio sacerdotal, mas por que em um só? Ele elevou ao máximo minha dignidade, mas em nada contribuiu para meu patrimônio; deu-me coisas que devia dar a qualquer um, nada me ofertou de seu."

31.3 Agradece, antes, pelo que recebeste; espera o restante e fica contente por ainda não estar repleto: é prazeroso ter algo a esperar. A todos ultrapassaste: alegra-te de ser o primeiro no coração de teu amigo. Muitos te vencem: considera quanto é maior o número dos que antecedes frente ao dos que segues. Queres saber qual é o teu maior defeito? Fazes cálculos errados: valorizas muito o que deste, pouco o que recebeste.

XXXII

32.1 Em cada caso, um motivo diferente deve nos demover: contra uns, tenhamos medo de nos irar; contra outros, tenhamos escrúpulos; contra outros, impeça-nos o desdém. Grande coisa teremos feito, sem dúvida, se mandarmos um pobre escravo para o calabouço! Por que nos apressamos em logo açoitá-lo, em quebrar de imediato suas pernas? Esse poder não se perderá se for adiado.

32.2 Deixa que venha o momento em que tenhamos o comando de nós mesmos: agora falaremos sob domínio da ira; quando ela tiver passado, então veremos em que valor deve ser estimada a contenda. Deveras, nos enganamos principalmente nisto: recorremos ao ferro e à pena capital, e com grilhões, cárcere e fome punimos o que deve ser castigado com leves pancadas.

32.3 "Como?", replicas, "tu ordenas que consideremos quão diminutas, míseras e pueris são todas as coisas pelas quais parecemos atingidos?" Eu, na verdade, a nada mais poderia persuadi-los senão a adotar um ânimo robusto e a ver quão pequenas e banais são as coisas pelas quais nos pomos em litígio, corremos, ficamos ofegantes; as quais não devem receber atenção de ninguém cujo pensamento esteja voltado ao que é elevado e grandioso.

XXXIII

33.1 Em torno de dinheiro é que há maior vociferação: fatiga os tribunais, põe pais e filhos em confronto, mistura venenos, entrega espadas tanto a assassinos quanto a legiões. Ele está impregnado de nosso sangue. Por causa dele, as noites de esposas e maridos retumbam com brigas e a turba pressiona os tribunais dos magistrados, reis infligem sevícias e rapinam, além de destruírem cidades erguidas pelo longo trabalho de séculos para ir à cata de ouro e prata sob suas cinzas.

33.2 Olha-se com agrado para esses baús de moedas deixados num canto: é por causa deles que homens gritam até que saltem seus olhos; por eles as basílicas ressoam com o frêmito dos julgamentos e, chamados de longínquas regiões, juízes tomam assento, prontos para julgar de qual das duas partes a cobiça é mais justa. E se, nem por causa de um baú, mas por um punhado de moedas ou um denário não computado por um escravo, um velho moribundo e sem herdeiro arrebenta de cólera?

33.3 E se, por causa de um lucro de um milésimo, um usurário doente, com pés e mãos retorcidos, mãos que nem lhe serviam para computar os ganhos, grita e, por intimações, reivindica seus asses até em meio aos acessos da doença?

33.4 Se tu pusesses diante de mim toda a riqueza vinda de todas as minas que neste momento escavamos, se lançasses à plena luz tudo o que os tesouros enterrados escondem, pois a avareza reconduz ao solo o que ela malignamente extraiu, todo esse acúmulo eu não julgaria digno de contrair a fronte de um homem de bem. De quanto riso devemos cercar o que nos provoca lágrimas!

XXXIV

34.1 Agora, vamos, percorre a lista dos demais estímulos, os alimentos, as bebidas e, em função de tais coisas, a suntuosidade que visa à ostentação, as palavras injuriosas, os gestos corporais pouco honoríficos, os asnos indóceis e os escravos preguiçosos, as suspeições e as interpretações maldosas da palavra alheia, em razão das quais somos levados a enumerar entre as injustiças da natureza a linguagem concedida ao homem. Acredita-me, essas coisas pelas quais não superficialmente nos encolerizamos são superficiais e comparáveis às que provocam nas crianças brigas e querelas.

34.2 Nada do que fazemos tão enraivecidos é grave nem importante. É disto, eu insisto, que provêm vossa ira e loucura: dais grande valor a coisas pequenas. Este quis tirar-me a herança; aquele me caluniou diante de quem eu havia longo

tempo captado, visando a suas disposições derradeiras; este cobiçou minha amante.

34.3 O que devia ser um vínculo de afeição — o fato de querer a mesma coisa — é causa de discórdia e ódio. Um caminho estreito provoca brigas entre os transeuntes, uma via extensa e larga não causa nem mesmo esbarrões entre as pessoas. Essas coisas que desejais, visto que são exíguas e não podem ser transferidas a um sem serem tomadas a outro, geram lutas e discussões nos que anseiam igualmente por elas.

XXXV

35.1 Ficas indignado por ter-te respondido um escravo ou um liberto, tua esposa ou teu cliente; depois, tu te queixas de que da república foi suprimida a liberdade, a mesma que em tua casa suprimiste. Ao contrário, se quem interrogaste ficou calado, chamas isso contumácia. Que ele fale, fique calado ou ria!

35.2 "Na frente de seu senhor?", perguntas. Ainda melhor, na frente do páterfamílias. Por que gritas? Por que vociferas? Por que pedes o açoite no meio do jantar por falarem os escravos, por no mesmo local não coexistir a multidão do comício e o silêncio da solidão?

35.3 Para isto tens ouvidos, para que recebam não somente sons melodiosos e suaves, emitidos com doçura e em harmonia. É preciso que ouças tanto o riso quanto o choro, lisonjas e protestos, notícias alegres e tristes, as vozes dos homens e o frêmito e os ladridos dos animais. Por que te assustas com o grito de um escravo, com o tinido do bronze ou o bater de uma porta? Mesmo sendo tão delicado, tens de ouvir os trovões.

35.4 Isto que sobre os ouvidos foi dito transfere para os olhos, que não sofrem menos de repugnância se foram mal habituados: ofendem-se por uma mancha, pela sujeira, pela falta de brilho da prata e pelo lago pouco translúcido até o fundo.

35.5 Certamente esses olhos, que não toleram senão o mármore variegado e lustroso pelo trato recente, que não toleram uma mesa senão aquela cuja madeira se distingue pela abundância dos veios, que em casa não querem sob os pés senão materiais mais preciosos que o ouro, esses olhos, quando fora, contemplam, com toda a serenidade, as ruas imundas e lamacentas e a maior parte dos passantes em farrapos, as paredes dos cortiços carcomidas, rachadas e desiguais. Que outra razão há, portanto, para que no espaço público não se choquem e, em casa, se

incomodem, senão a opinião, imparcial e resignada fora, irritadiça e queixosa em casa?

XXXVI

36.1 Todos os nossos sentidos devem ser levados ao fortalecimento; são por natureza resistentes se a alma parou de corrompê-los, esta que deve ser cotidianamente convocada a prestar contas. Isto fazia Séxtio, terminado o dia, depois de se recolher ao descanso noturno, interrogava sua alma: "Qual de teus males hoje sanaste? A que vício te opuseste? Em que estás melhor?".

36.2 Cessará tua ira e será mais moderada sabendo que diariamente terá de apresentar-se ao juiz. Que há de mais belo que esse costume de examinar todo o seu dia? Que sono é aquele que advém após a inspeção de si, tranquilo, profundo e livre, quando a alma foi elogiada ou advertida e, como um auto-observador e um censor secreto, ela chega ao conhecimento de seus hábitos!

36.3 Utilizo-me desse recurso e diariamente advogo minha causa diante de mim mesmo. Logo que foi apagada a luz e minha esposa, já ciente de meu costume, fez silêncio, perscruto todo o meu dia e repasso meus atos e palavras. Nada escondo de mim, nada omito. De fato, por que eu temeria algum de meus erros quando poderia dizer:

36.4 "Trata de não fazer mais isso; por agora te perdoo. Naquela altercação falaste de modo muito combativo. Não discutas, depois disso, com ignorantes; não querem aprender os que nunca aprenderam. Àquele, tu o advertiste com mais franqueza do que devias; desse modo, não o emendaste, mas o ofendeste. No mais, vê não apenas se é verdadeiro o que dizes, mas se aquele a quem te diriges tolera a verdade; quem é bom se compraz em ser advertido, já os piores toleram com muita resistência quem os corrige."

XXXVII

37.1 Num jantar, atingiram-te os gracejos de algumas pessoas e palavras lançadas para provocar teu ressentimento: lembra de evitar companhias vulgares. Depois do vinho fica mais desatado o atrevimento deles, pois nem mesmo sóbrios têm pudor.

37.2 Viste um amigo irado com o porteiro de um advogado ou de uma pessoa rica por ter barrado sua entrada, e por causa dele tu mesmo ficaste irado com este escravo da mais baixa condição. Ficarás irado com um cão acorrentado? Até este, depois de muito latir, amansa-se ao lhe jogarem comida.

37.3 Retira-te mais para longe e dá risada! Às vezes, uma pessoa se julga alguém porque guarda uma porta assediada pela multidão de pleiteantes; às vezes, aquele que está no interior sente-se feliz e afortunado e considera como marca de um homem venturoso e influente a sua porta difícil; ele não sabe que a mais dura porta é a do cárcere. Pressupõe em tua mente que deverás passar por muitos sofrimentos. Acaso alguém se admira de ter frio no inverno, de ter náusea no mar, de ser sacudido numa viagem? É forte a alma diante dos males para os quais vem preparada.

37.4 Colocado em local menos honorável, começaste a te enfurecer com teu anfitrião, com o encarregado dos convites, até com aquele que sobre ti obteve preferência. Insensato, que importância tem a parte que ocupas do leito? Um estofado pode fazer-te mais honorável ou mais torpe?

37.5 Não viste alguém com bons olhos porque falou mal de teu talento. Admites isso como regra? Então Ênio, por quem não te encantas, teria te odiado; e Hortênsio te revelaria hostilidade; e Cícero, se risses de seus poemas, seria teu inimigo. Tal qual um candidato, não podes suportar com serenidade as votações?

XXXVIII

38.1 Alguém te fez uma afronta: acaso foi maior do que aquela feita a Diógenes, o filósofo estoico, em quem um jovem petulante cuspiu quando ele discutia precisamente a respeito da ira? Ele o tolerou calma e sabiamente: "De fato, não me sinto irado", disse ele, "mas estou em dúvida se deveria irar-me."

38.2 Quanto melhor fez nosso Catão! Enquanto sustentava a defesa de uma causa, o bem conhecido Lêntulo, faccioso e descontrolado, como lembram nossos pais, lançou-lhe em plena fronte uma espessa cusparada, acumulada o máximo possível por ele. Aquele enxugou o rosto e disse: "A todos irei afirmar, Lêntulo, que estão enganados os que te chamam desbocado".

XXXIX

39.1 Já conseguimos, Novato, bem dispor nossa alma: ou ela não sente iracúndia ou fica acima dela. Vejamos como aliviar a ira alheia. Com efeito, não apenas queremos ficar sãos, mas também sanar.

39.2 O impulso inicial da ira não ousaremos acalmar com palavras. É surdo e desatinado; iremos dar-lhe tempo. Os remédios são úteis quando se atenuam os sintomas. Não apalpamos os olhos inchados para não acirrar, ao tocá-los, a força

que os enrijece, ou o mesmo com outros males enquanto se mostram agudos; o repouso cura os sintomas iniciais das doenças.

39.3 "Quão pouco eficaz é teu remédio", afirmas, "se aplaca a ira quando ela por si mesma declina!" Primeiro, ele faz com que a ira decline mais depressa; depois, protege para que não haja recaída; do mesmo modo, irá burlar o impulso inicial que ele não ousa abrandar. Há que se remover todos os instrumentos de vingança, simular ira a fim de que, parecendo um auxiliar e um parceiro no ressentimento, se tenha mais autoridade para aconselhar, há que inventar delongas e, na busca de uma punição maior, adiar a do presente.

39.4 Com todo artifício, dar-se-á repouso ao furor. Se este for muito veemente, há que incutir-lhe vergonha ou medo quando não se pode detê-lo; se mais fraco, há que introduzir assuntos agradáveis ou novos e distraí-lo pelo desejo de conhecêlos. Dizem que um médico, devendo tratar a filha de um rei e não podendo fazêlo sem uma incisão, enquanto cuidava delicadamente do seio inchado, inseriu o escalpelo encoberto por uma esponja. A menina teria relutado contra o remédio, se este tivesse sido aplicado às claras; mas ela, porque não o esperava, suportou a dor. Não se curam certos males sem um ardil.

XL

40.1 Vais dizer para alguém: "Fiques atento para que tua ira não seja um deleite para teus inimigos"; e para outro: "Fiques atento para que tua magnanimidade e tua força, reconhecidas por muitos, não decaiam"; e ainda a outro: "Por Hércules!, estou indignado e não consigo achar limite para meu ódio, mas é preciso esperar o momento. Ele vai receber punição; guarda isso na tua alma. Quando puderes, tu lhe devolverás inclusive o acréscimo pelo atraso".

40.2 Repreender uma pessoa irada, e ademais irritar-se com ela, é incitá-la. Tu a abordarás de forma flexível e branda, a menos que fores um personagem suficientemente importante para coibir sua ira, como o fez o divino Augusto quando jantava na casa de Védio Polião. Um dos escravos deste quebrara um vaso de cristal. Védio mandou que o agarrassem para sofrer uma morte bem pouco usual: a ordem era lançá-lo às moreias que ele mantinha, enormes, em um viveiro. Quem não teria pensado que ele o fazia por extravagância? Era crueldade.

40.3 Escapou, o jovem escravo, das mãos que o prendiam e refugiou-se aos pés de César, na intenção de nada mais lhe pedir senão que morresse de outra forma, que não servisse de repasto. César sentiu-se tocado pelo teor inédito da crueldade e ordenou que no mesmo instante ele fosse libertado e que, em contrapartida, na

sua frente fossem quebrados todos os vasos de cristal e, com eles, se enchesse o viveiro.

40.4 César viu-se assim no dever de castigar o amigo; fez ele bom uso de suas prerrogativas: "Ordenas que homens sejam retirados de um banquete e dilacerados em um tipo novo de punição? Se um cálice teu foi quebrado, serão dilaceradas as vísceras de um homem? Teus prazeres te permitem chegar a ponto de mandar alguém ser levado ao suplício bem ali onde se encontra César?".

40.5 Assim, alguém que possui tanto poder que possa atacar a ira desde uma posição mais elevada deve maltratá-la, contanto, porém, que ela se mostre tal qual há pouco me referi: feroz, monstruosa, sanguinária, já insanável a não ser que tema algo maior.

XLI

41.1 Concedamos a nossa alma a paz que lhe será proporcionada pela meditação assídua de preceitos salutares, pelas boas ações e pela mente voltada para o desejo unicamente do que é honroso. Obtenha satisfação nossa consciência, não nos esforcemos para a fama; que ela nos siga, mesmo sendo má, contanto que a mereçamos boa.

41.2 "Mas o vulgo admira ações impetuosas e as pessoas arrojadas desfrutam de honrarias, as que são tranquilas são tidas por indolentes." Talvez num primeiro olhar, mas tão logo o equilíbrio da vida confirme que aquela não era fraqueza de alma, mas sim paz, a mesma multidão as venera e cultua.

41.3 Nada, portanto, tem em si de útil essa paixão terrível e hostil, mas, ao contrário, traz todos os males, o ferro e o fogo. Depois de calcar o pudor, ela manchou de sangue as mãos, dispersou os membros dos filhos, nada deixou livre de crime, não considerou glória, não temeu infâmia, incorrigível quando se enrijeceu e passou da ira ao ódio.

XLII

42.1 Fiquemos livres desse mal, depuremos dele nossa mente e o extirpemos desde suas raízes, que, mesmo tênues, renascerão onde quer que tenham aderido. E não devemos moderar a ira, mas removê-la totalmente — que moderação de fato pode haver para uma coisa má?

42.2 Isso, porém, nos será possível desde que nos empenhemos. Nada será mais útil que meditar sobre nossa condição de mortais. Cada um diga para si e para o outro: "De que vale proclamar nossas iras, como se tivéssemos nascido para a

eternidade, e dissipar uma brevíssima existência? De que vale investir na dor e no tormento de outrem os dias que podemos despender em um prazer honroso? Esses bens não comportam prodigalidade, nem temos tempo a perder.

42.3 Por que nos atiramos à luta? Por que chamamos a nós os combates? Por que, esquecidos de nossa debilidade, sustentamos ódios imensos e, apesar de frágeis, nos erguemos para destroçar? Essas inimizades que mantemos com ânimo implacável, logo uma febre ou algum outro mal do corpo as impedirão de sustentar-se; já a morte, ao interpor-se, apartará uma dupla encarniçada.

42.4 Por que nos amotinamos e, sediciosos, conturbamos nossa vida? Mantém-se sobre nossa cabeça o destino. Ele computa os dias que passam e se aproxima cada vez mais. Esse momento que destinas para a morte alheia talvez esteja próximo da tua".

XLIII

43.1 Por que não colhes tua vida breve e a ofereces, tanto a ti quanto aos outros, plena de paz? Por que não tornar-te amável para todos enquanto vives, e saudoso quando tiveres falecido? Por que desejas derrubar quem se dirige a ti de uma altura demasiado elevada? Por que tentas pisotear, por meio de tuas prerrogativas, quem ladra contra ti, pessoa se não ínfima e desprezível, ao menos acrimoniosa e molesta aos superiores? Por que com um escravo, por que com um senhor, por que com um rei, por que com teu cliente te enfureces? Resiste um pouco: eis que vem a morte para tornar-vos iguais.

43.2 Costumamos ver, durante os espetáculos matutinos na arena, a luta entre um touro e um urso amarrados um ao outro, aos quais espera, depois de se maltratarem, o seu algoz. O mesmo fazemos: atacamos alguém amarrado a nós quando está iminente o fim do vencido e do vencedor. Antes terminemos tranquilos e em paz o pouco que nos resta; a ninguém seja odioso nosso cadáver.

43.3 Com frequência, um grito de incêndio na vizinhança dissolve uma briga, e o aparecimento de um animal feroz aparta o bandido e a vítima. Não há tempo de atracar-se com males menores quando se apresenta um medo maior. Que temos nós com lutas e emboscadas? Acaso desejas algo mais do que a morte para esse com quem te enfureces? Mesmo mantendo-te quieto ele morrerá. Desperdiças teu esforço se queres fazer algo que haverá de ocorrer.

43.4 "Não quero matá-lo em absoluto", afirmas, "mas infligir-lhe o exílio, a ignomínia, a ruína." Perdoo mais ao que deseja a seu inimigo um ferimento do que ao que lhe deseja uma ulceração. Este, pois, tem não apenas a alma maligna,

mas pequena. Quer cogites em suplícios extremos, quer naqueles mais leves, quanto é curto o tempo em que aquela pessoa sofre tortura ou em que tu obténs, da tortura alheia, um contentamento maldoso! Logo exalaremos esse nosso espírito.

43.5 Nesse ínterim, enquanto o arrastamos, enquanto estamos entre os homens, cultivemos a benevolência. Não sejamos motivo de temor para alguém, nem de perigo. Desprezemos os danos, as injúrias, os gritos de insulto, os sarcasmos, e toleremos com magnanimidade nossos breves aborrecimentos. Enquanto olhamos para trás — é o que se diz — e nos viramos, já nossa morte estará presente.

SOBRE A TRANQUILIDADE DA ALMA

De Tranquillitate Animi

A SERENO

Tradução de José Eduardo S. Lohner

I

1.1 SERENO: Quando me examino, Sêneca, alguns vícios se mostram tão aparentes que eu poderia tocá-los, outros ficam mais obscuros e ocultos, alguns não são contínuos, mas retornam em intervalos, os quais eu diria que são os mais molestos, como inimigos que vagueiam e atacam de improviso, não nos permitindo ficar de prontidão, como na guerra, nem em descanso, como na paz.

1.2 Sobretudo, percebo em mim o seguinte hábito — e por que não confessaria a verdade, como a um médico? —: nem estou de todo liberado dos males que temia e detestava, nem, por outro lado, estou entregue a eles. Encontro-me num estado tal que, apesar de não ser o pior, é igualmente lastimável e penoso: não estou doente nem saudável.

1.3 Não é o caso de me dizer que todas as virtudes são tênues no início e com o tempo ganham consistência e robustez; não ignoro também que as que se esforçam pela imagem exterior se fortalecem com o passar do tempo; refiro-me ao prestígio e à fama decorrentes da eloquência e a tudo que nos advém da aprovação alheia. Tanto as que nos dotam de méritos verdadeiros quanto as que são adornadas de algum artifício para agradar esperam anos até que pouco a pouco o decorrer do tempo lhes traga colorido. Mas eu temo que o hábito, que confere permanência às coisas, crave mais fundo em mim esse vício. O longo trato nos leva a amar tanto o que é mau quanto o que é bom.

1.4 Que enfermidade é essa, de uma alma que hesita entre duas vias, sem inclinar-se com força nem para o bem, nem para o mal, não posso explicar-te de uma vez, mas por partes. Direi o que acontece comigo — tu encontrarás o nome da doença.

1.5 Sinto um extremo apreço pelo comedimento, reconheço: não me agrada um aposento decorado com luxo, nem a vestimenta tirada de um baú, alisada por pesos e mil tormentos que a forcem a ter brilho, mas aquela simples e de uso doméstico, que não é guardada nem trajada com cuidados.

1.6 Agrada-me não a comida que um grupo de servos prepara e depois assiste-me a comer, nem a que é pedida muitos dias antes ou servida por muitas mãos, mas a que é acessível e fácil, que não tem nada de exótico ou refinado, aquela que em lugar nenhum vai faltar, não é pesada para o bolso ou para o corpo, e que não sairá por onde entrou.

1.7 Agrada-me um criado sem refinamentos e um doméstico simples, a prata grosseira de um pai de vida agreste, sem o nome de um artesão, e não a mesa vistosa pelo mármore variegado, ou renomada na cidade pela extensa sucessão de donos elegantes, mas a que é de uso comum, a qual não retenha de prazer os olhos de nenhum conviva nem o inflame de inveja.

1.8 Bem eu me contentava com tudo isso quando me fere a alma um aparato de criados treinados, domésticos vestidos com mais esmero do que num desfile, ornados de ouro, e um grupo de escravos lustrosos, em uma casa preciosa até mesmo nos pisos, tendo-se dissipado fortunas por todos os cantos, inclusive no teto cintilante, e uma multidão em busca e em companhia desse esbanjar de patrimônio. Que dizer das águas transparentes até o fundo e que fluem ao redor dos convivas, que dizer dos jantares dignos de um cenário desse?

1.9 Ao retornar de uma longa pausa de frugalidade, envolveu-me o luxo com seu intenso esplendor e ecoou ao meu redor. Titubeia um pouco meu olhar. Minha alma resiste ao luxo com mais facilidade que meus olhos. Recuo, assim, não pior, porém mais triste. Não avanço tão altivo em meio às minhas fraquezas; ataca-me uma mordida secreta e me pergunto se não seria melhor tudo aquilo. Nenhuma dessas coisas muda meu estado; nenhuma, porém, deixa de me abalar.

1.10 Gosto de seguir o que mandam os preceitos e de inserir-me na vida pública, gosto dos cargos e das prerrogativas, não, evidentemente, da púrpura ou de assumir função com direito a lictores, mas para estar mais apto a servir e ser útil para amigos e parentes, para todos os cidadãos e, por fim, para todos os homens. Resoluto, sigo Zenão, Cleanto, Crisipo, dos quais, porém, nenhum se ocupou da política, mas nenhum a deixou de lado.

1.11 Quando algo me golpeia a alma, não habituada ao confronto, quando algo imerecido me ocorre, tal como o são muitos fatos em qualquer vida humana, quando algo não flui com facilidade ou, então, situações de pouca importância me exigem muito tempo, recolho-me no ócio e, como também o fazem os rebanhos fatigados, são mais velozes meus passos para casa. Agrada-me restringir minha vida entre as paredes de casa: "Ninguém me subtraia um dia sem nada me restituir digno de tamanho dispêndio; que minha alma se dedique a si mesma,

cultive-se, nada faça que lhe seja alheio, nada que deva ser levado a um juiz. Que seja possível apreciar a tranquilidade livre de inquietações de âmbito público e privado".

1.12 Porém, depois que uma leitura edificante ergueu minha alma e exemplos renomados me estimularam, minha vontade é lançar-me ao foro, dispensar minha palavra a um, minha ajuda a outro — mesmo se ela não for útil em nada, apenas tentar sê-lo —, reprimir no foro a soberba de alguém que se ufane de sua condição próspera.

1.13 Na escrita, considero de fato melhor ter em vista o conteúdo e falar em função deste e entregar, enfim, as palavras a ele, para que, onde as levar, possa ser acompanhado de uma linguagem despojada: "Qual a necessidade de compor obras duradouras? Não queres empenhar-te para que os pósteros não silenciem teu nome? Nasceste para a morte, menos pesares provoca um funeral silencioso. Assim, para ocupar o tempo, escreve algo em estilo simples, para teu proveito, não para apregoar tua glória. Requer-se menor esforço de quem estuda visando a cada dia".

1.14 De novo, quando minha alma se eleva pela magnitude dos pensamentos, tornase ambiciosa com as palavras e anseia por expressar-se com a mesma elevação com que se sente inspirada, e a linguagem se excede em direção à magnificência do conteúdo. Esquecido, então, de uma norma e de um critério mais restritivo, vejo-me levado a um modo de expressão sublime e com uma voz que já não é a minha.

1.15 Para não percorrer longamente cada situação, em todos os casos me persegue essa fraqueza de boas intenções. Receio nela deslizar pouco a pouco ou, o que é mais preocupante, que eu permaneça sempre suspenso, igual a quem está prestes a cair, e que talvez haja mais problemas do que eu próprio consiga perceber. Realmente, olhamos com familiaridade os fatos domésticos e o interesse próprio sempre ofusca nosso juízo.

1.16 Penso que muitos teriam podido alcançar a sabedoria se não tivessem pensado tê-la alcançado, se não tivessem dissimulado algumas de suas imperfeições, saltado por cima de outras com os olhos vendados. Certamente, não há por que julgar que nós sucumbimos mais pela adulação dos outros do que pela nossa. Quem ousou dizer para si a verdade? Quem, postado no meio de veneradores e bajuladores, não foi, porém, quem mais lisonjeou a si próprio?

1.17 Peço, então, se tens algum remédio com que possas pôr fim a essa minha flutuação, que me consideres digno de dever-te minha serenidade. Sei que não

são perigosas essas oscilações da alma, nem acarretam nada de alarmante. Para expressar-te por uma exata comparação aquilo de que me queixo, não me sinto atormentado pela tempestade, mas pela náusea. Portanto, elimina esse meu mal, qualquer que seja ele, e socorre quem padece mesmo a avistar terra.

II

2.1 SÊNECA: Ah! meu caro Sereno, há certo tempo me pergunto silenciosamente o que eu poderia comparar que se assemelha a tal afecção da alma, e eu não a aproximaria a nenhum outro caso senão ao daqueles que, tendo se livrado de uma longa e grave enfermidade, são afetados por pequenas indisposições e, vez ou outra, por leves mal-estares; quando superaram esses resquícios, ficam, porém, inquietos por suspeitas e, já sãos, estendem a mão aos médicos e, sem razão, receiam qualquer calor de seu corpo. O corpo deles, Sereno, não está pouco sadio, mas pouco habituado à saúde, tal como o mar tranquilo apresenta alguma ondulação, sobretudo quando em repouso depois da tempestade.

2.2 Assim, não há necessidade daqueles procedimentos mais duros já ultrapassados por nós, às vezes contrariar-te ou enfurecer-te, ou então pressionar-te com severidade, mas daquilo que vem por último: ter confiança em ti e acreditares que avanças pela via certa, sem deixar-te desviar pelos rastros dos muitos que perambulam por todo lado, de quem vagueia em torno do próprio caminho.

2.3 No entanto, o que desejas é grandioso e elevado e se avizinha do divino: não sofrer perturbação.

2.4 Essa condição de estabilidade da alma os gregos chamam euthymía, sobre a qual há um esplêndido livro de Demócrito; eu a chamo "tranquilidade" — não é necessário imitar e verter as palavras com base em sua forma; é exatamente o conceito tratado que deve ser designado por um nome, e este deve ter o valor da denominação grega, não sua forma. Portanto, indagamos como a alma possa sempre se encaminhar num curso equilibrado, seja propícia para si, olhe alegre para sua condição e não interrompa esse contentamento, mas permaneça num estado plácido, sem jamais exaltar-se ou deprimir-se: isso será a tranquilidade. Indaguemos de maneira geral como se poderia chegar a ela: desse remédio de uso comum tu tomarás quanto quiseres.

2.5 Por enquanto, é preciso expor abertamente o vício, diante do qual cada um reconhecerá a sua parte. Ao mesmo tempo, tu perceberás quanto é menor a atribulação que tens com o desgosto de ti do que a daqueles que, presos a uma

aparência faustosa e fatigando-se por trás de um título imponente, se mantêm nessa hipocrisia mais por amor-próprio do que por vontade.

2.6 Todos estão na mesma situação, tanto esses que se sentem atormentados pela instabilidade, pelo tédio e pela constante mudança de propósito, para os quais sempre agrada mais aquilo que deixaram de lado, quanto aqueles que ficam entorpecidos e bocejantes. Acrescenta aqueles que, bem à maneira dos que têm sono difícil, se viram e se ajeitam de um modo e de outro, até que encontram repouso pelo cansaço: eles reformulam a todo momento seu modo de vida e, no fim, acabam naquele em que os surpreende não o ódio da mudança, mas a velhice, que resiste à inovação. Acrescenta também aqueles que são pouco volúveis, não por uma questão de constância, mas de inércia, e vivem não como querem, mas como começaram.

2.7 Enfim, são inumeráveis as características próprias desse vício, mas um só o seu efeito: o descontentamento consigo mesmo. Isso se origina de um desequilíbrio da alma e de desejos tímidos ou mal satisfeitos, em que tais indivíduos não ousam o quanto desejam ou não conseguem e se alongam por completo na esperança. São sempre instáveis e volúveis, o que inevitavelmente acontece com tudo que se acha pendente. Vão por todos os meios em direção a seus desejos, preceituam a si atitudes desonrosas e difíceis e se obrigam a elas, quando fica sem recompensa seu esforço, tortura-os sua desonra inútil, não por terem desejado algo vicioso, mas por tê-lo desejado em vão.

2.8 Então, são tomados não só pelo arrependimento do que tentaram, como também pelo temor de reincidir. E se introduz neles a agitação de uma alma que não consegue encontrar saída, pois eles nem podem dominar seus desejos, nem obedecer-lhes, e sofrem ainda a hesitação de uma vida que pouco se expande e a degradação de uma alma que fica entorpecida em meio ao malogro de seus desejos.

2.9 Tudo isso é mais grave quando, por aversão a uma penosa infelicidade, buscaram refúgio no ócio, nos estudos solitários, ocupações que não pode suportar uma alma disposta à vida pública, ansiosa por atuar, inquieta por natureza e que, sem dúvida, encontra pouca satisfação em si. Por isso, suprimidas as distrações que os próprios afazeres oferecem aos que vivem atarefados, sua alma não suporta o lar, a solidão, as paredes, vê-se a contragosto abandonada a si mesma.

2.10 Daí o tédio e o desgosto consigo, e a instabilidade de uma alma que não se detém em parte alguma, essa resignação triste e dolorosa diante da própria

inatividade, sobretudo quando envergonha reconhecer as causas de sua condição e o constrangimento provoca um tormento interior; os desejos reclusos e reprimidos, sem saída, estrangulam um ao outro. Daí a tristeza e o abatimento e mil flutuações de uma mente vacilante, que esperanças incipientes mantêm suspensa e, depois de frustradas, tristonha. Daí a disposição de abominar sua própria inatividade, de se queixar de não ter nada que fazer e de invejar com máxima hostilidade o crescimento alheio, pois a inércia estéril alimenta sua inveja e, assim, desejam que os outros sejam destruídos porque eles não puderam progredir.

2.11 Em seguida, dessa aversão aos êxitos alheios e da desesperança dos seus resulta uma alma enfurecida contra a própria sorte, que reclama de sua época, se recolhe em seu canto e se deita sobre sua própria dor enquanto sente desgosto e vergonha de si mesma. Por natureza, a alma humana é ativa e propensa a movimentos. Para ela, é grato todo pretexto para excitar-se e distrair-se, mais grato para as índoles piores, que de bom grado se desgastam em suas ocupações. Assim como certas úlceras buscam mãos para avivá-las e têm prazer em serem tocadas, e deleita as escamações do corpo tudo que as exaspera, igualmente, eu diria, para essas mentes em que irromperam desejos, tal como úlceras malignas, são motivo de prazer a amargura e o sofrimento.

2.12 Existem, de fato, certas coisas que, acompanhadas de alguma dor, são prazerosas a nosso corpo, como virar-se e mudar para um lado que ainda não está cansado e se arejar numa ou noutra posição, tal qual o Aquiles de Homero, ora de bruços, ora recostado, dispondo-se em várias posturas, o que é próprio de quem está doente: não tolerar nada muito tempo e usar as mudanças como remédios.

2.13 Daí serem empreendidas viagens ao acaso e percorridos litorais, e uma inconstância sempre hostil ao presente põe-se à prova ora no mar, ora em terra. "Agora vamos para a Campânia." O que é refinado logo causa fastio: "Visitemos lugares agrestes, os bosques de Brútio e os da Lucânia". Porém, em meio a essas regiões ermas requer-se algo de ameno, no qual os olhos voluptuosos sejam aliviados do longo desarranjo de lugares horrendos: "Que se vá para Tarento e seu badalado porto e invernos moderados, e sua região bastante opulenta mesmo para a antiga população dali". "Já alteramos nossa jornada em direção à cidade": os ouvidos deles ficaram privados por longo tempo dos aplausos e ruídos, é agora prazeroso desfrutar inclusive do sangue humano.

2.14 Empreende-se uma viagem depois da outra e substituem-se uns espetáculos por outros. Como diz Lucrécio: "Assim, cada um sempre foge de si mesmo". Mas

de que adianta se não consegue escapar de si? A própria pessoa se persegue e vai em seu encalço como insuportável companhia.

2.15 Assim, devemos saber que o vício que padecemos não é dos lugares, mas nosso. Somos fracos para tolerar tudo; não suportamos fadiga, nem prazer, nem a nós, nem coisa alguma por muito tempo. Isso levou alguns à morte porque, sempre mudando seus propósitos, acabavam dando voltas no mesmo lugar sem deixar espaço para novidade: a vida e, inclusive, o mundo começaram a ser para eles motivo de fastio, e infiltrou-se neles o pensamento que é próprio de quando definham os prazeres: "Até quando o mesmo?".

III

3.1 Queres saber que auxílio eu penso que se deva empregar contra esse tédio. O melhor, como diz Atenodoro, seria deter-se nos afazeres, na administração pública e nos deveres jurídicos. De fato, assim como alguns passam o dia ao sol, a se exercitar e a cuidar do corpo — e para os atletas o que há de mais útil a fazer é, na maior parte do tempo, nutrir seus músculos e sua força física, ao que unicamente se dedicam —, outros preparam sua alma para os confrontos das atividades civis, para quem o que há de mais belo é consagrar-se a essa ocupação, pois, quando se tem o propósito de tornar-se útil aos concidadãos e a todos os homens, a um só tempo exercita-se e aprimora-se quem se tenha lançado a essas obrigações, administrando interesses coletivos e particulares na medida de sua capacidade.

3.2 "Porém", afirma o filósofo, "diante de tão insana ambição dos homens, de caluniadores que distorcem para o mal as boas intenções, visto que a sinceridade dificilmente está segura e que sempre há de nos ocorrer mais obstáculos do que êxitos, é preciso de fato retirar-se do foro e da vida pública. Mas uma alma elevada tem onde demonstrar largamente sua atuação mesmo no âmbito privado. Ao passo que a energia dos leões e de outros animais é refreada nas jaulas, o mesmo não ocorre com os homens, cujas ações mais importantes se dão na solidão.

3.3 Ele, porém, se afastará de tal modo que, onde quer que seu ócio o mantenha oculto, ele irá querer ser útil a indivíduos e a comunidades com seu talento, sua voz e seu conselho. Não é útil ao Estado só quem promove candidatos, defende réus e delibera sobre a paz e a guerra, mas quem exorta a juventude, quem instila a virtude nas almas, em meio a tamanha escassez de bons preceitos, quem agarra e puxa os que estão decaindo na corrida pelo dinheiro e pelo luxo e, se nada mais

consegue, ao menos os retarda; esse homem, no âmbito privado, realiza atividade pública.

3.4 Acaso aquele que, como pretor, em casos entre estrangeiros e cidadãos, ou apenas entre cidadãos, profere, aos que se apresentam, as fórmulas indicadas por um assessor é mais importante do que quem diz o que é a justiça, o afeto, a tolerância, a coragem, o desprezo da morte, o conhecimento dos deuses ou como é gratuito o bem da boa consciência?

3.5 Portanto, se transferires aos estudos filosóficos o tempo que tiveres subtraído às obrigações sociais, não terás abandonado nem descumprido teu dever. De fato, exerce função militar não apenas quem está na linha de frente e defende a ala direita ou esquerda, mas também quem vigia as portas e está incumbido de uma posição menos perigosa, mas não supérflua, cumpre vigília e protege o arsenal. Essas funções, embora não levem a derramar sangue, fazem parte das tarefas militares.

3.6 Se te entregares àqueles estudos, escaparás a todo fastio existencial, não desejarás que chegue a noite por tédio do dia e não serás um peso para ti, nem supérfluo para os outros. Atrairás muitos para tua amizade e afluirão para ti os melhores. Mesmo que obscura, a virtude nunca fica oculta, mas manda sinais de si: todo aquele que for digno seguirá seus rastros.

3.7 Com efeito, se excluímos todo tipo de relacionamento e renunciamos ao gênero humano, concentrados tão somente em nós, a essa solidão carente de toda diligência irá sobrevir a falta de realizações: começaremos a erguer edifícios, a demolir outros, a recuar o mar e a desviar correntes de água apesar da dificuldade dos terrenos, e a desperdiçar o tempo que a natureza nos deu para consumir.

3.8 Alguns de nós nos servimos dele com parcimônia, outros com prodigalidade; alguns o despendemos de modo que possamos prestar contas, outros, de modo que não tenhamos sobra alguma — e nada é mais vergonhoso do que isso. É frequente que um homem de idade avançada não tenha outro argumento com que comprove ter vivido longo tempo exceto seus anos."

IV

4.1 Caríssimo Sereno, parece-me que Atenodoro se sujeitou demais às circunstâncias de sua época, pôs-se em retirada rápido demais. Eu não negaria que por vezes se deve ceder, mas recuando pouco a pouco, preservando as

insígnias e a dignidade militar. Encontram mais respeito e garantias junto a seus inimigos os que se rendem de armas em punho.

4.2 Eis o que penso que a virtude e aquele que aspira à virtude devem fazer: se prevalecer a fortuna e ela anular a capacidade de agir, não se deve logo virar as costas sem as armas e fugir em busca de abrigo, como se houvesse algum lugar em que a fortuna não pudesse persegui-lo, mas aplique-se com maior parcimônia a suas obrigações e, de forma seletiva, encontre algo em que possa ser útil à comunidade.

4.3 Não pode integrar o exército: postule cargos públicos. Deve viver como um particular: seja um orador. Foi-lhe imposto silêncio: apoie os cidadãos como testemunha tácita. É perigoso até mesmo seu ingresso no foro: nas residências, nos espetáculos, nos jantares, porte-se como bom companheiro, amigo fiel, conviva comedido. Perdeu direito às obrigações sociais: exerça o direito às humanas.

4.4 Por isso, numa atitude magnânima, não nos confinamos numa cidade única, mas estendemos nossas relações ao mundo e professamos que a pátria para nós é o universo, a fim de poder dar à virtude um campo mais vasto. Vedaram teu acesso ao tribunal e proibiram-te a tribuna e as assembleias: olha atrás de ti que tamanhas vastidões te estão abertas, quantas nações. Nunca te será interditada uma parte tão grande que não reste outra maior.

4.5 Mas cuida que não seja este um vício radical teu: não queres ser administrador público se não for como cônsul, prítane, cérix ou sufete. E, então, não quererias ser um militar se não fosse como general ou tribuno? Mesmo se outros ocupem o escalão de ataque e a sorte tiver te colocado entre os da terceira linha, combate, pois, com tua voz, com tuas exortações, com teu exemplo, com o teu moral. Inclusive com as mãos decepadas, encontra o que oferecer aos teus no combate aquele que, apesar de tudo, permanece de pé e apoia com teus gritos.

4.6 Deves fazer algo semelhante: se a fortuna tiver te apartado das primeiras posições na política, permanece de pé e, apesar de tudo, presta apoio com teus gritos; se alguém tiver agarrado tua garganta, permanece de pé e, apesar disso, presta apoio com teu silêncio. Nunca é inútil o trabalho de um bom cidadão: ele é ouvido e visto, é útil com seu semblante, seu gesto de assentimento, sua tácita obstinação e com o próprio andar.

4.7 Assim como certas substâncias salutares surtem efeito por seu odor, sem passar pelo paladar e pelo tato, também a virtude propaga seu benefício mesmo à distância e sem ser visível. Quer ela se expanda e atue livremente, quer tenha

precários canais de manifestação e seja obrigada a recolher as velas, quer fique muda e inativa, bloqueada num beco sem saída, quer se mostre franqueada, em qualquer situação ela é útil. Por que achas pouco útil o exemplo de uma virtuosa inação?

4.8 Desse modo, é de longe melhor combinar o ócio com as atividades públicas sempre que uma vida atuante sofrer impedimentos fortuitos ou obstrução pelas condições políticas. Nunca estão bloqueadas todas as vias a ponto de não haver oportunidade para uma ação honesta.

V

5.1 Acaso podes encontrar uma cidade mais desafortunada do que foi Atenas no período em que os trinta tiranos a dilaceraram? Eles mataram mil e trezentos cidadãos, dentre os mais notáveis. E não ficaram só nisso, mas sua crueldade por si mesma se incitava. Nessa cidade havia o areópago, o tribunal mais escrupuloso; nela havia um Senado e um colegiado semelhante ao Senado. Reunia-se cotidianamente o triste agrupamento de carrascos, e essa cúria sinistra ficava reduzida a tiranos. Então, podia aquela cidade ter descanso, na qual havia tantos tiranos quantos eram os seus auxiliares? Não podia sequer ser oferecida alguma esperança de recuperar a liberdade, nem era aparente a possibilidade de algum remédio contra tão grande força maligna. Onde poderiam buscar para essa infeliz cidade tantos Harmódios?

5.2 Sócrates, porém, movia-se nesse meio: consolava senadores que se lamentavam, exortava os que desesperavam da situação política, aos ricos que temiam por suas posses ele repreendia o arrependimento tardio de sua perigosa avareza e, para os que desejassem imitá-lo, figurava como um grande exemplo ao avançar livre por entre os trinta potentados.

5.3 Essa mesma Atenas, porém, matou-o no cárcere. A liberdade não tolerou a liberdade deste que, impunemente, havia insultado um esquadrão de tiranos. Vale notar que, de um lado, numa situação política opressiva, um homem sábio encontra ocasião para se manifestar, e, de outro, numa situação próspera e feliz, reinam o dinheiro, a inveja e mil outros vícios da inércia.

5.4 Portanto, dependendo de como se apresentar a situação política, do que nos permitir a fortuna, assim nos expandiremos ou nos retrairemos; de todo modo, nos manteremos em movimento e não imobilizados pelas amarras do medo. Ao contrário, será um homem quem, diante dos perigos que de todo lado o ameaçam, diante de armas e grilhões que vibram à sua volta, não irá expor ao dano ou esconder sua virtude, pois cobrir-se não é preservar-se.

5.5 Parece-me que Cúrio Dentato dizia preferir estar morto a viver como morto. O remate dos males é deixar o número dos vivos antes de morrer. Mas se cairmos em uma época em que a vida política for impraticável, será necessária a iniciativa de reivindicar mais tempo para o ócio das letras e, tal como em uma navegação arriscada, buscar a todo momento um porto, e não esperar até que os riscos nos abandonem, mas nos desvencilhar deles por nós mesmos.

VI

6.1 Deveremos, primeiro, examinar a nós mesmos, depois, as atividades que iremos empreender e, por último, as pessoas devido às quais ou com as quais o faremos.

6.2 Antes de tudo é necessário avaliar-se, porque em geral nos parece que podemos mais do que somos capazes. Um irá errar por confiar em sua eloquência, outro exigiu de seu patrimônio mais do que ele podia suportar, outro forçou o corpo frágil com uma tarefa extenuante. A timidez de alguns é pouco adequada para as atividades públicas, que requerem uma feição firme. A contumácia de outros não se ajusta ao palácio. Alguns não têm a ira sob controle e qualquer indignação os leva a palavras temerárias. Outros não sabem conter a espirituosidade e não se abstêm de piadas perigosas. Para todos esses o ócio é mais útil do que a ocupação. A índole arrojada e sem freio deve evitar os estímulos de uma liberdade que lhes será nociva.

6.3 Deve-se, depois, avaliar o que empreendemos e comparar nossa capacidade com tudo que pretendemos realizar. A capacidade de quem atua deve ser sempre maior do que a exigida pela obra; é inevitável que uma carga muito pesada para quem a leva o sobrecarregue.

6.4 Além disso, certos afazeres não são tão importantes quanto fecundos e geram muitas dificuldades. Estes, dos quais nasce nova e complexa tarefa, também hão de ser evitados. Não se deve avançar para um lugar de onde não haja livre regresso; convém assumir aquelas tarefas cujo fim se possa impor ou pelo menos esperar, e afastar-se daquelas que se alongam conforme avançamos e não terminam onde propusemos.

VII

7.1 É preciso, sobretudo, fazer distinção entre os homens, se são dignos de lhes dedicarmos parte de nossa vida, se os alcança o gasto de nosso tempo, pois alguns chegam até a imputar nossos serviços como em proveito próprio.

7.2 Atenodoro diz que nem sequer jantaria na casa de quem não se sentisse por isso em dívida com ele. Acho que percebes que ele muito menos iria à casa daqueles que servem à mesa o equivalente aos serviços de seus amigos, que enumeram os pratos como nas distribuições públicas de alimentos, como se estivessem sendo largos para honrar os outros. Retira deles testemunhas e espectadores: não lhes dará prazer uma pândega secreta.

7.3 É necessário considerar se nossa natureza é mais apta para a realização de ações ou para o recolhimento do estudo e da contemplação, e nos inclinar para onde chamar nossa vocação. Isócrates agarrou Éforo e o retirou do foro por considerá-lo mais útil para compor obras de história. Os talentos forçados respondem mal; quando a natureza resiste, o esforço é vão. Nada, porém, pode deleitar a alma tanto quanto uma amizade leal e afetuosa. Que tamanho bem existe onde há corações dispostos a acolher todo segredo em segurança, cuja cumplicidade possas temer menos que a tua, sua conversa alivie a inquietude, sua opinião auxilie uma escolha, sua alegria dissipe a tristeza, sua figura cause prazer! Claro que escolheremos, quanto possível, os que estiverem livres de paixões, pois os vícios serpeiam e se transferem para quem estiver mais próximo e são nocivos por contato.

7.4 Desse modo, assim como em uma epidemia se deve ter cuidado para não ficar próximo de pessoas já contaminadas e febris, porque correremos perigo e adoeceremos devido a sua própria respiração; também, ao selecionar as índoles de nossos amigos, nos empenharemos em nos unir aos menos infectados. O início de uma doença está em juntar corpos sadios com enfermos. Eu não poderia aconselhar-te a seguir ou atrair quem não seja um sábio. Onde, pois, encontrarás esse homem que procuramos por tantos séculos? Valha como o melhor o menos mau.

7.5 É difícil que te fosse facultada uma escolha mais feliz se procurasses os bons entre Platões e Xenofontes e aquela progênie da casta socrática, ou se te ocorresse a possibilidade da época de Catão, que produziu inúmeros homens dignos de nascer no século de Catão, bem como muitos dos piores já conhecidos e perpetradores dos maiores crimes. Uns e outros eram de fato necessários para que se pudesse distinguir um Catão. Era preciso haver tanto os bons, diante dos quais ele se fizesse aprovar, quanto os maus, nos quais ele comprovasse o seu valor. Já agora, em meio a tamanha escassez de homens bons, faça-se uma escolha menos seletiva.

7.6 Principalmente evitem-se os tristes e os que tudo lamentam, aos quais não há caso que não motive suas queixas. Ainda que demonstre sólida lealdade e

benevolência, porém, um companheiro atormentado e que geme por tudo é um inimigo para a serenidade.

VIII

8.1 Passemos aos patrimônios, motivo maior das desventuras humanas. Sim, se comparares todas as outras pelas quais nos angustiamos — mortes, enfermidades, medos, saudades, padecimentos de dores e fadigas — com aqueles males que nosso dinheiro nos proporciona, esta parte irá pesar muito mais.

8.2 Assim, devemos refletir sobre quanto é mais leve a dor de não ter do que a de perder, e entenderemos que para a pobreza é tanto menor o motivo de tormento quanto é menor o de perda. Erras, pois, se achas que os ricos suportam reveses com mais ânimo: para os corpos maiores e para os menores é igual a dor de um ferimento.

8.3 Bíon dizia com graça que não é menos penoso aos calvos do que aos cabeludos sentir arrancar-lhes os pelos. Vale notar o mesmo com relação aos pobres e aos abastados: é igual para eles o sofrimento, pois a ambos está aderido seu dinheiro e não se pode arrancá-lo sem que o sintam. Mas, como eu disse, é mais tolerável e mais fácil não adquirir do que perder, e por isso verás mais alegres aqueles para os quais nunca se voltou a fortuna do que os que ela abandonou.

8.4 Viu isso Diógenes, homem de grande alma, e fez com que nada lhe pudesse ser tirado. Tu chamas isso pobreza, inópia, carência, impõe à despreocupação o nome depreciativo que quiseres: eu acharei que alguém não é feliz se me encontrares outro a quem de nada se possa privar. Ou estou enganado ou é como estar em seu próprio reino a condição de ser o único, no meio de avarentos, embusteiros, ladrões e bandidos, a quem não se pode lesar.

8.5 Se alguém duvida da felicidade de Diógenes pode duvidar também da condição dos deuses imortais, se eles são infelizes porque não têm propriedades, nem jardins, nem campos dispendiosos de lavradores estrangeiros, nem grandes aplicações na praça de negócios. Não te envergonha, quem quer que sejas, ficar pasmo diante das riquezas? Vamos, olha para o universo: verás deuses desnudos, tudo ofertando, nada possuindo. Consideras pobre ou semelhante aos deuses imortais esse homem que se despiu de tudo que é fortuito?

8.6 Tu rotulas como mais feliz Demétrio Pompeiano, que não teve vergonha de ser mais abastado que Pompeu? Era-lhe diariamente referido o número de seus

escravos como o efetivo de um exército a seu general, ele que muito tempo antes devia ter tido como riqueza dois servidores e um aposento pouco espaçoso.

8.7 Já o único escravo de Diógenes fugiu e ele não julgou valer trazê-lo de volta, embora lhe fosse indicada sua localização. Disse ele: "É vergonhoso que Manes possa viver sem Diógenes e Diógenes sem Manes não o possa". Ele me parece ter dito: "Podes fazer teu trabalho, Fortuna, pois na casa de Diógenes já não há nada que é teu. Fugiu meu escravo; ou antes, eu é que fui embora livre".

8.8 Uma família requer vestuário e alimentação, é preciso cuidar de numerosos ventres de animais vorazes, comprar roupas, vigiar mãos muito rapaces e utilizar os serviços de quem se lamenta e tudo maldiz. Quanto é mais feliz quem não deve dar nada a ninguém, exceto a quem lhe é mais fácil negar: a si mesmo!

8.9 Porém, já que não temos tanta robustez na alma, devemos, em todo caso, reduzir nossos patrimônios para ficarmos menos expostos à fortuna. Na guerra, são mais hábeis os corpos que podem se resguardar sob suas armas do que os que as excedem e de todo lado seu tamanho os expõe aos ferimentos. O melhor limite para o dinheiro é aquele em que nem nos deixa cair na pobreza, nem da pobreza nos distancia.

IX

9.1 Mas essa medida irá nos satisfazer se antes a parcimônia nos tiver satisfeito, sem a qual não há bens que sejam suficientes nem que sejam amplos o bastante, ainda mais quando está a nosso alcance o remédio e pode a mesma pobreza converter-se em riqueza com o auxílio da frugalidade.

9.2 Acostumemo-nos a afastar de nós a pompa e a levar em conta a utilidade das coisas, não seus ornamentos. Que a comida sacie a fome; a bebida, a sede; a libido flua como necessário; aprendamos a nos firmar em nossos próprios membros, a compor nossa forma de vida e de alimentação não segundo modismos, mas como recomendam os antigos costumes; aprendamos a aumentar a temperança, a coibir o luxo, a moderar a vaidade, a abrandar a iracúndia, a olhar a pobreza com olhos serenos, a cultivar a frugalidade, mesmo se muitos se envergonhem disso, a aplicar remédios baratos em nossas necessidades naturais, a manter como se sob grilhões esperanças descabidas e uma alma debruçada sobre o futuro, a nos empenhar em buscar riquezas em nós e não na fortuna.

9.3 Nunca é possível que tantas variações e iniquidades do acaso sejam de tal modo afastadas, que muitas tempestades não desabem sobre aqueles que estendam ao mar largas velas. É preciso encolher-se num canto apertado para

escapar dos dardos. Por isso, exílios e desgraças converteram-se às vezes em algo salutar e males maiores foram sanados com incômodos mais leves. Quando a alma não é sensível a preceitos e não pode ser curada de forma mais branda, por que não cuidar dela impondo-lhe a pobreza, a ignomínia e a ruína, assim contrapondo um mal a outro? Acostumemo-nos, portanto, a jantar sem estar cercado de pessoas, a depender de poucos escravos, a dispor das roupas para a finalidade com que foram criadas e a ter uma habitação mais modesta. Não apenas nas corridas e competições do circo, mas também nas arenas da vida é preciso fazer curvas mais fechadas.

9.4 Mesmo a despesa com os estudos, que é a mais meritória, tem justificativa até o momento em que tem limite. Para que incontáveis livros e bibliotecas, se o dono, durante toda a sua vida, mal pôde ler os títulos? A quantidade sobrecarrega quem está aprendendo, não o instrui, e vale muito mais entregar-se a poucos autores do que vaguear por muitos.

9.5 Quarenta mil livros arderam em Alexandria. Outro pode ter louvado esse belíssimo monumento da opulência de reis, tal como Tito Lívio, que disse ter sido essa uma obra notável do refinamento e da solicitude real. Não foi refinamento aquilo, ou solicitude, mas luxo intelectual; ou melhor, nem sequer intelectual, visto que eles haviam constituído aquele acervo não para o estudo, mas para exibição, tal como aqueles que ignoram até mesmo as primeiras letras usam os livros não como instrumentos de estudo, mas ornamentos das salas de jantar. Assim, disponhamos dos livros em quantidade suficiente, não para decoração.

9.6 "É mais honorável", dizes, "gastar nisso do que em vasos de Corinto e em pinturas." Em todas as coisas, é vicioso o que é excessivo. Que razão tens para perdoar o indivíduo que anda à cata de armários em cedro e marfim, que busca coletâneas de autores desconhecidos ou menosprezados e que no meio de tantos milhares de livros fica bocejante, ao qual dão grande prazer as lombadas e etiquetas de seus volumes?

9.7 Pois verás na casa de pessoas as mais indolentes tudo o que há de oratória e de história, estantes erguidas até o teto. Já se destaca como um ornamento necessário de uma casa, juntamente com a sala de banho e as termas, também uma biblioteca. Eu compreenderia perfeitamente se esse equívoco se devesse a um desejo excessivo de estudar, mas agora essas obras seletas de talentos consagrados, reproduzidas juntamente com os bustos de seus autores, são compradas com vistas à aparência e ao adorno das paredes.

X

10.1 Mas foste cair num tipo difícil de vida e, sem o saberes, a sorte, seja ela comum ou individual, armou-te um laço que não podes nem desfazer nem romper. Pensa nos que têm os pés acorrentados: primeiro, suportam mal o peso e os entraves em suas pernas; depois, quando se propuseram a não se indignar com aquilo, mas a se resignar, a necessidade os ensina a suportar com firmeza, e o hábito, com facilidade. Encontrarás em qualquer tipo de vida diversão, relaxamento e prazeres se quiseres considerar leves os teus males, em vez de odiosos.

10.2 Nenhum título torna para nós mais meritória a natureza: como soubesse para quais desventuras nascemos, ela concebeu como lenitivo de nossas desgraças o hábito, que logo nos familiariza com as realidades mais penosas. Ninguém resistiria se adversidades permanentes mantivessem a mesma intensidade do primeiro momento.

10.3 Todos estamos vinculados com a fortuna. Para uns a corrente é de ouro e frouxa, para outros, apertada e encardida. Mas o que importa? A mesma vigilância cerca a todos e mesmo os que aprisionaram estão presos, exceto se achas mais leve a algema que vai na mão esquerda. Um vai atado às honras, outro, às riquezas; alguns são oprimidos por sua nobreza, outros, por sua origem humilde; sobre a cabeça de uns pesa uma tirania alheia, sobre a de outros, a sua própria; alguns são retidos num só local pelo exílio, outros, pelo sacerdócio. Toda vida é uma escravidão.

10.4 É preciso acostumar-se à sua condição, queixar-se dela o mínimo possível e agarrar toda vantagem que ela tenha em torno de si. Nada é tão amargo que uma alma resignada não encontre ali algum motivo de reconforto. Muitas vezes, áreas exíguas puderam estender-se a muitos usos pela arte de um projetista, e uma eficiente disposição tornou habitável um espaço, ainda que diminuto. Aplica a razão às dificuldades: o que é rijo pode amolecer, o que é estreito, alargar-se e o que é pesado, ser menos opressivo para os que o suportam de maneira sábia.

10.5 Além disso, não se deve deixar que vão longe os desejos, mas permitamos que saiam pela vizinhança, pois não aceitam ficar de todo reclusos. Posto de lado o que é impossível ou difícil de fazer, sigamos no encalço do que está perto e que faz sorrir nossa esperança, mas tenhamos consciência de que tudo é igualmente irrelevante, por fora tem faces diversas, por dentro, um vazio uniforme. E não invejemos os que estão mais elevados: o que parecia estar nas alturas está defronte a um precipício.

10.6 Pelo contrário, aqueles que uma sorte ruim colocou nessa posição arriscada ficarão mais seguros ao diminuir a altivez dessa condição — por si mesma altiva — e trazer sua fortuna, o mais que puderem, para o plano comum. Há, por certo, muitos a quem é necessário manter-se preso em seu fastígio, do qual, exceto caindo, não podem descer; atesta, porém, que este é exatamente o seu maior ônus: verem-se obrigados a pesar sobre os outros e não estarem erguidos acima deles, mas suspensos. Eles deveriam, por sua justiça, brandura, sentimento humanitário, sua mão larga e benigna, prover para si muitos apoios, visando a uma queda propícia, na esperança de se sentirem mais seguros enquanto suspensos. Mas nada poderá nos resguardar tanto das instabilidades da alma quanto sempre fixar um limite para seu engrandecimento, e não conceder à fortuna a decisão de determiná-lo, mas pararmos, por nós mesmos, muito aquém dele; exemplos nos sirvam de advertência. Assim, por um lado, alguns desejos irão aguilhoar nossa alma e, por outro, tendo sido delimitados, não a conduzirão ao descomedimento e à incerteza.

XI

11.1 Esta minha fala diz respeito a pessoas imperfeitas, fracas e desequilibradas, não ao sábio. Este não deve andar com passo tímido nem tateante. É tanta sua autoconfiança que ele não hesita em ir ao encontro da fortuna, nem diante dela jamais largaria seu posto. Ele nem tem onde temê-la, pois enumera não só escravos, posses e dignidades, mas também seu próprio corpo, olhos e mãos e tudo o que torna a vida tão estimada, incluindo a si mesmo, entre os bens passageiros, e vive como quem os tomou emprestados e há de devolvê-los sem tristeza a quem os pedir de volta.

11.2 Não se julga sem valor por saber que não pertence a si mesmo, mas fará tudo com tanta diligência, tanta circunspecção quanto um homem consciencioso e íntegro costuma cuidar do que lhe foi confiado. E quando lhe for mandado devolver, não se queixará com a fortuna, mas dirá: "Agradeço por aquilo que possuí e mantive sob guarda.

11.3 Foi de fato com alto custo que conservei teus bens, mas, já que assim ordenas, dou-os, cedo-os a ti agradecido e de bom grado. Se algo ainda quiseres que eu tenha de ti, eu o conservarei; se é outra tua decisão, eu te entrego e restituo essa prataria trabalhada e gravada, minha casa e escravos". A natureza terá reclamado o que anteriormente nos creditou e lhe diremos: "Recebe uma alma melhor do que a que deste. Não busco escapatória nem me recuso. Coloco voluntariamente à tua disposição o que em minha inconsciência me deste. Toma-o".

11.4 O que há de grave em retornar ao lugar de onde vieste? Viverá mal todo aquele que não souber morrer bem. Desse modo, deve-se primeiro reduzir o apreço por essa dádiva e ter o sopro vital entre as coisas sem valor. Como diz Cícero, consideramos detestáveis os gladiadores se desejam obter a vida a todo custo e os aplaudimos se ostentam menosprezo por ela. Note que o mesmo acontece conosco, pois amiúde a causa de uma morte é o temor de perecer.

11.5 A própria fortuna, que se diverte consigo mesma, diz: "Para que eu te preservaria, animal maligno e medroso? Receberás ainda mais ferimentos e perfurações porque não sabes estender o pescoço. Já tu não só viverás mais tempo como também morrerás com mais desembaraço porque recebes com valentia o ferro sem retirar a nuca e sem opor-lhe as mãos".

11.6 Quem temer a morte jamais fará nada como homem vivo; já quem tiver consciência de que essa foi a condição fixada quando estava sendo concebido viverá segundo esse decreto e, ao mesmo tempo, com idêntica robustez de alma, fará com que nada do que lhe aconteça seja inesperado. Pois prevendo tudo que pode acontecer como se fosse ocorrer, atenuará o impacto de todos os males, que não trazem nada de novo para os que estão preparados e à sua espera; aos que se sentem seguros e na expectativa somente de eventos felizes chegam pesados.

11.7 Há doenças, cativeiro, desabamento, incêndio; nada disso é repentino. Eu sabia em companhia do que a natureza me havia enclausurado. Tantas vezes na minha vizinhança se ouviram gritos de adeus; tantas vezes, diante de minha porta, fachos e círios precederam um funeral prematuro. Com frequência ecoou a meu lado o estrondo de um edifício a desabar. Muitos daqueles que haviam se unido a mim no foro, na cúria, numa conversa a noite os levou e separou as mãos ligadas pela amizade. Eu me admiraria se algum dia me acometessem perigos que sempre vagaram ao meu redor? A maioria dos homens não pensa na tempestade ao embarcar em um navio.

11.8 Nunca terei escrúpulos em citar um mau autor se a matéria for boa. Publílio, mais vigoroso do que autores trágicos e cômicos, sempre que abandonou as bobagens dos mimos e as palavras destinadas às arquibancadas mais altas, entre muitas outras máximas mais virtuosas do que o coturno, não apenas do que os mimos, diz também esta: "O que sucedeu com um pode se dar com qualquer um". Se alguém se compenetrar disso e olhar todos os males alheios, cuja quantidade diária é enorme, como se a trajetória deles fosse livre para seguir também em sua direção, irá se armar muito antes de ser atacado. Depois do perigo, já tarde nossa alma se alinha contra ele.

11.9 "Não achei que isso aconteceria" e "Alguém jamais poderia acreditar que isso ocorreria?". Ora, por que não? Que riquezas existem que não possam seguilas de perto a indigência e a fome e a mendicância? Que dignidades cuja toga pretexta e o bastão augural e o calçado patrício não sejam acompanhadas de infâmia e de uma nota censorial e de mil máculas e de um extremo desprezo? Que reino existe sem que lhe estejam preparados a ruína e o aniquilamento e um tirano e um carrasco? E essas situações não estão separadas por grandes intervalos, mas o espaço de uma hora interpõe-se entre o trono e os joelhos do vencedor.

11.10 Saibas, portanto, que toda condição é variável e tudo o que ocorre com alguém pode ocorrer também contigo. És abastado: acaso és mais rico do que Pompeu? Este ficou sem pão e água depois que Calígula, parente seu por antigo ramo, tipo novo de anfitrião, lhe abriu o palácio dos Césares com a intenção de fechar-lhe o seu próprio. Embora possuísse tantos rios que nasciam em suas terras, tantos que ali desaguavam, mendigou por gotas que escorriam da chuva. Pereceu de fome e de sede no palácio de seu parente e, enquanto agonizava inane, este, como seu herdeiro, dedicava-lhe um funeral público.

11.11 Exerceste os cargos mais elevados: acaso tão importantes, tão inesperados ou tão abrangentes quanto os de Sejano? No dia em que o Senado o destituiu, o povo o fez em pedaços; nele os deuses e os homens haviam reunido tudo que podia ser acumulado, dele nada restou que o carrasco pudesse levar.

11.12 És um rei: não te remeterei a Creso, que, ainda vivo, viu sua pira ser acesa e apagada, tendo sobrevivido não só a seu reino, mas a sua própria morte; também não a Jugurta, a quem o povo romano assistiu num espetáculo público no mesmo ano em que o havia temido. Vimos Ptolomeu, rei da África, e Mitridates, da Armênia, em custódia dos guardas de Calígula; um foi enviado ao exílio, o outro desejava ser exilado com melhor garantia. Em meio a tanta variação, entre situações que oscilam para cima e para baixo, se não consideras tudo que pode acontecer como algo a se concretizar no futuro, concedes força às adversidades; estas, quem as viu de antemão pôde enfraquecê-las.

XII

12.1 O próximo ponto será não nos esforçarmos em coisas desnecessárias ou desnecessariamente, isto é, não cobiçar o que não podemos conseguir ou, tendo-o alcançado, percebermos tarde e depois de muito suor a vacuidade de nossos desejos. Ou seja, que o esforço não seja vão, sem efeito, ou o efeito indigno do esforço, pois, em geral, a tristeza o acompanha se não for obtido bom resultado ou se o resultado envergonha.

12.2 Devem-se reduzir as perambulações, quais as que se veem na maioria das pessoas que vagueiam por residências, teatros e pelo foro; oferecem seu serviço a interesses alheios, sempre parecendo atarefadas com algo. Se perguntares para algum quando sai de casa: "Para onde vais? Qual a tua intenção?", ele te responderá: "Não faço a mínima ideia, mas verei algumas pessoas, farei algo".

12.3 Vagueiam sem propósito, buscando atividades, e não fazem as que se propuseram, mas aquelas com que se depararam. Sua marcha é irrefletida e vã, qual a das formigas rastejando pelos arbustos, impelidas a subir até o topo e depois a descer até a raiz por nada. Uma vida semelhante é levada pela maioria dos homens, cuja inércia alguém, não sem razão, qualificou de incansável.

12.4 De alguns, que correm como se para acudir a um incêndio, terás compaixão; de tal modo empurram os que encontram pela frente e apressam a si e aos outros, quando, nesse ínterim, estiveram pressurosos para saldar alguém que não vai lhes responder, ou para acompanhar o funeral de uma pessoa desconhecida, ou para ver no tribunal a atuação de um reiterado litigante, ou para ver a cerimônia de uma reiterada nubente e, integrando o séquito de uma liteira, em certos momentos até a carregam. Depois, quando retornam para casa tomados de um cansaço inútil, juram não saber por que saíram e aonde foram, mas tornam a vaguear no dia seguinte por aqueles mesmos caminhos.

12.5 Assim, todo esforço deve remeter a algum motivo, ter em vista algum fim. O que se vê não é dedicação movendo pessoas incansáveis, mas insanos agitados por falsas imagens. Nem mesmo estes se deixam mover sem alguma esperança; estimula-os a visão de alguma coisa, com cuja vacuidade sua mente insensata não pôde atinar.

12.6 Do mesmo modo, são motivos vãos e fúteis que fazem circular cada um daqueles que saem para engrossar a massa; mesmo não tendo nada para fazer, a luz do dia os expulsa e, depois de ter em vão batido à porta de muitos e ter saudado todos os nomencladores, tendo sido barrados por muitos, descobrem que nenhuma daquelas pessoas é mais difícil de encontrar em casa do que a si mesmos.

12.7 Desse mal deriva aquele vício tão abominável: o de ficar à escuta e à procura de intrigas, no âmbito público e no privado, e ter conhecimento de numerosos fatos que nem é seguro contar, nem seguro ouvir.

XIII

13.1 Acho que em alusão a isso Demócrito disse assim, referindo-se, evidentemente, a ocupações fúteis: "Quem quiser viver tranquilo não empreenda muitas atividades, na esfera privada ou pública". Na verdade, se são necessárias, devem ser empreendidas não só muitas, mas inumeráveis atividades, tanto na esfera privada quanto na pública. Quando nenhum dever habitual nos chama, devemos restringir nossas ações.

13.2 De fato, quem faz múltiplas coisas a todo momento concede à fortuna poder sobre si. Quanto é mais seguro raras vezes pô-la à prova, mas sempre tê-la em mente e não prometer-se nada com base em sua lealdade: "Embarcarei se nada ocorrer", "Tornar-me-ei pretor se nada me impedir", "Terei êxito no negócio se não intervier nenhum problema".

13.3 É por isso que dizemos que nada acontece ao sábio contra seu pensamento. Não o apartamos dos infortúnios humanos, mas dos erros; para ele, tudo acontece não como ele quis, mas como pensou. Porém, antes de tudo, ele pensou que algo pudesse resistir a seus propósitos. Ademais, é forçoso que a dor de um desejo frustrado atinja mais levemente a alma de quem não tenha prometido a si sucesso de maneira alguma.

XIV

14.1 Nós devemos também ser flexíveis, para não nos apegarmos demais a nossas determinações, e convirá seguir para onde o acaso tiver nos desviado, não ter medo excessivo de mudar de decisão e de postura, contanto que não nos domine a inconstância, o vício mais hostil à paz de espírito. De fato, é inevitável não só que a obstinação seja inquieta e sofrida, da qual amiúde a fortuna extorque algo, mas também que seja muito mais penosa a inconstância, que não se detém em parte alguma. Ambas as atitudes são contrárias à tranquilidade: tanto não poder mudar quanto não aturar em nada.

14.2 De todo modo, a alma deve retirar-se de tudo que lhe é externo e voltar-se para si: tenha autoconfiança, alegre-se, valorize seus bens, distancie-se o quanto puder dos bens alheios e consagre-se a si mesma, não se ressinta das perdas, interprete positivamente até os fatos adversos.

14.3 Nosso Zenão, depois que lhe anunciaram o naufrágio e que todos os seus bens tinham ficado submersos, disse: "A fortuna ordena que eu fique mais desimpedido para filosofar". Um tirano ameaçava o filósofo Teodoro de morte sem sepultamento. Ele disse: "Tens motivo para te comprazer: em teu poder está

uma parcela de meu sangue; agora, quanto ao sepultamento, és tolo se achas que me importo se apodreço em cima ou embaixo da terra".

14.4 Júlio Cano, homem de primeira grandeza, a cuja admiração nem sequer obsta o fato de que tenha nascido em nossa época, tendo travado longa discussão com Calígula, ao se retirar, aquele novo Fálaris lhe disse: "Não te acalentes com uma tola esperança; ordenei que sejas executado", ao que ele respondeu: "Eu te agradeço, magnífico príncipe!".

14.5 Tenho dúvida sobre seu sentimento; ocorrem-me, com efeito, muitas possibilidades. Ele quis ser afrontoso e mostrar a dimensão de uma crueldade diante da qual a morte era um benefício? Ou recriminou aquele por sua cotidiana demência? É certo que lhe dirigiam agradecimentos inclusive pessoas cujos filhos tinham sido mortos e cujos bens, confiscados. Acaso recebeu de bom grado a morte, como se fosse sua liberdade? Seja como for, respondeu com grandeza de alma.

14.6 Dirá alguém: "Calígula pôde, em seguida, ordenar que ele vivesse". Cano não temeu isso; era conhecida a lealdade de Calígula em ordens desse tipo. Acreditas que ele tenha passado os dez dias que decorreram até sua execução sem nenhuma inquietude? Chega a ser inverossímil tudo que disse aquele homem, o que fez, quão tranquilo se manteve.

14.7 Ele se debruçava sobre o jogo no tabuleiro quando o centurião, puxando um grupo de condenados à morte, ordenou que ele também se levantasse. Ao ser chamado, contou as peças e disse a seu companheiro: "Vê se depois da minha morte não vais mentir que ganhaste!". Então, anuindo ao centurião, disse-lhe: "Serás testemunha de que eu estou um ponto à frente dele". Achas que Cano esteve mesmo jogando naquele tabuleiro? Era escárnio.

14.8 Estavam tristes seus amigos por perder um homem como esse. Ele lhes disse: "Por que estais abatidos? Vós vos perguntais se as almas são imortais; eu vou sabê-lo já". Não deixou de indagar a verdade, mesmo no momento final, e de submeter sua própria morte à investigação.

14.9 Seu filósofo acompanhava-o. Já não estava longe o túmulo em que se realizava um culto cotidiano a nosso divino César. Aquele lhe diz: "Em que estás pensando, Cano? Como te sentes?". Responde-lhe Cano: "Propus-me a observar, naquele tão rápido instante, se minha alma terá a sensação de sair do corpo". E prometeu que, se verificasse algo, iria percorrer os amigos e indicar-lhes qual era a condição das almas.

14.10 Eis a serenidade no meio de uma tempestade, eis um homem de alma digna de eternidade, o qual convoca seu destino para comprovação da verdade, o qual, naquele último passo, interroga sua alma já de partida e aprende algo não apenas até o momento da morte, mas a partir da própria morte. Ninguém filosofou por mais tempo. Não será por nós deixado à pressa esse grande homem, que merece zelosa menção. Legaremos tua imagem à memória de toda a posteridade, criatura luminosa, magnífica parcela dos crimes de Calígula!

XV

15.1 Mas de nada adianta eliminar os motivos de tristeza relativos a um indivíduo, pois nos invade às vezes um ódio do gênero humano. Quando chegamos a pensar sobre quão rara é a sinceridade, quão desconhecida a inocência e quase ausente a lealdade, exceto quando é vantajosa, e quando nos vêm à mente a quantidade de crimes exitosos e os ganhos e perdas igualmente execráveis de uma vida devassa, e a ambição que já não se contém nos próprios limites, a ponto de brilhar pela sordidez, nossa alma é lançada na escuridão e, como se banidas as virtudes, as quais não se pode mais esperar nem adianta possuir, alastram-se as trevas.

15.2 Assim, temos que nos guiar para a seguinte atitude: que os vícios das pessoas não nos pareçam odiosos, mas ridículos, e imitemos antes Demócrito do que Heráclito. Este último, toda vez que saía em público, chorava, aquele ria; para este, todas as coisas que fazemos pareciam desgraças, para aquele, idiotices. Portanto, tudo deve ter sua importância reduzida e ser tolerado com benevolência. É mais humano rir-se da vida do que deplorá-la.

15.3 Além disso, maior serviço presta ao gênero humano quem dele se ri do que quem o chora; o primeiro deixa-lhe alguma boa esperança, o outro, porém, queixa-se tolamente de uma realidade que desespera que possa ser corrigida. De um ponto de vista mais amplo, tem maior elevação a alma que não detém o riso do que a que não detém as lágrimas, pois aquela expressa um estado de alma mais descontraído e não considera nada importante, nada sério, nem mesmo triste vindo de tão aparatosa cena.

15.4 Cada qual pense nos motivos pelos quais ficamos alegres ou tristes e saberá que é verdade o que disse Bíon, que todas as atividades dos homens se assemelham muito aos estágios iniciais da existência, e que a vida deles não é mais sacrossanta ou séria do que sua concepção [...] que, nascidos do nada, são reconduzidos ao nada.

15.5 Mas é melhor aceitar com placidez os costumes sociais e os vícios humanos, sem ceder ao riso nem às lágrimas. É, por certo, uma eterna tristeza torturar-se pelos males alheios; deleitar-se com os males alheios é um prazer desumano, assim como é inútil o sentimento humano de chorar porque alguém enterra um filho e de reproduzir seu semblante.

15.6 Também em seus próprios males convém portar-se de modo que se conceda à dor o tanto que exige a natureza, não os costumes. Muitos derramam lágrimas para ostentá-las e têm os olhos secos quando lhes falta espectador, embora julguem torpe não chorar quando todos o estariam fazendo. É tão profunda a penetração desse mal, o de ficar dependente da opinião alheia, que se chega até mesmo a simular um sentimento tão espontâneo: a dor.

XVI

16.1 Vem a seguir um aspecto da realidade que costuma, não sem razão, nos entristecer e levar à inquietude. Quando a vida dos homens bons tem final desastroso, quando Sócrates é levado a morrer no cárcere, Rutílio, a viver no exílio, Pompeu e Cícero a estender o pescoço a protegidos seus, o célebre Catão, imagem viva das virtudes, lançando-se sobre a espada, a anunciar ao mesmo tempo a sua morte e a da república, é inevitável nos sentirmos torturados por a fortuna recompensá-los com prêmios tão injustos. E o que cada um de nós pode, então, esperar ao ver os melhores homens sofrerem os piores destinos?

16.2 Que pensar disso? Vê como cada um deles o suportou e, se foram valentes, lamenta sua perda com o mesmo ânimo, se pereceram de modo fraco e covarde, nada pereceu. Ou são dignos de que sua bravura cause regozijo ou indignos de que se lamente sua covardia. O que haveria de mais vergonhoso se, morrendo bravamente, os grandes homens nos tornassem pusilânimes?

16.3 Louvemos quem foi tantas vezes digno de louvor e digamos: "Tanto mais bravo é alguém, tanto mais feliz! Escapaste a todas as provações, à inveja, à doença, saíste do cárcere, aos deuses tu não pareceste digno de má fortuna, mas indigno de que a fortuna dali em diante pudesse algo contra ti". Aqueles que querem se retirar e, no momento da morte, se voltam para a vida, havemos de reclamar contra eles.

16.4 Não irei chorar por quem está alegre nem por quem chora: o primeiro enxugou ele próprio minhas lágrimas; o segundo, com suas lágrimas, fez por não ser digno de nenhuma. Irei eu chorar Hércules porque é consumido vivo, ou Régulo porque é perfurado por tantos cravos, ou Catão porque fere por cima de

suas próprias feridas? Todos esses, com um leve dispêndio de tempo, encontraram como se tornar eternos e, morrendo, chegaram à imortalidade.

XVII

17.1 Existe ainda um motivo de inquietudes não desprezável, se alguém se compõe com excessiva preocupação e não se mostra a ninguém ao natural. Tal é a vida de muitos: artificial, voltada para a ostentação; tortura-os uma incessante observação de si e temem ser flagrados com aparência diferente da de costume. Nunca nos sentimos liberados dessa obsessão, em que julgamos estar sendo avaliados a cada olhar que nos lançam. Na verdade, não só ocorrem muitas situações que a nosso malgrado nos desnudam, como também, mesmo que tanto cuidado consigo tenha êxito, não é, porém, agradável ou sossegada a vida dos que vivem sempre sob uma máscara.

17.2 Mas que enorme prazer há naquela simplicidade sincera e autenticamente desataviada, que nada encobre de sua natureza! Por outro lado, essa vida também se expõe ao risco de desapreço se tudo fica franqueado a todos. Existem, de fato, pessoas que se enfastiam de tudo que lhes está próximo. No entanto, para a virtude não há perigo de que seja depreciada quando aproximada aos olhos e é preferível ser menosprezado por causa da simplicidade do que se ver torturado por uma perpétua simulação. Apliquemos, porém, uma medida: é essencial distinguir a vida simples da displicente.

17.3 É também muito importante recolher-se em si mesmo, pois o trato com pessoas diferentes altera nosso equilíbrio, reaviva as paixões e exacerba tudo que há de fraco e mal curado em nossa alma. Contudo, é preciso mesclar e alternar essas duas coisas: a solidão e o contato social. Aquela nos fará ter saudade dos outros, esta, de nós; e uma será o remédio da outra, o ódio à turba terá cura na solidão, o tédio da solidão, na turba.

17.4 A mente não deve se manter invariavelmente no mesmo nível de tensão, mas ceder aos divertimentos. Sócrates não enrubescia de brincar com crianças pequenas, Catão relaxava no vinho sua alma fatigada pelas preocupações da vida pública e Cipião movia ao ritmo da música seu corpo afeito às marchas da guerra e do triunfo, não se requebrando maleável, como agora é habitual entre os que até mesmo ao andar se esparramam e vão além dos meneios femininos, mas da maneira viril como costumavam dançar aqueles antigos varões durante celebrações ou ocasiões festivas, sem prejuízo do decoro, mesmo diante do olhar de inimigos capturados.

17.5 É preciso dar repouso a nossas almas: descansadas, elas surgem melhores e mais ativas. Assim como não se deve cansar os campos férteis, pois logo uma fecundidade ininterrupta os deixará exauridos, também o esforço contínuo da alma irá quebrantar o seu ímpeto; recuperará o vigor depois de um pouco relaxada e repousada. Nascem da continuidade dos esforços certo desgaste e languidez na alma.

17.6 A enorme cupidez humana não os teria como alvo se o divertimento e o jogo não encerrassem algum prazer natural. Sua prática frequente irá tirar da alma toda substância e energia, pois também o sono é necessário à restauração; no entanto, se alguém o prolongar dia e noite, será como a morte. É bem diferente afrouxar algo ou decompô-lo.

17.7 Os legisladores instituíram dias festivos para a população se congregar a fim de divertir-se publicamente; desse modo intercalaram os trabalhos com a necessária proporção de descanso. E alguns homens destacados, como me referi, mensalmente se concediam férias por certos dias, para alguns não havia dia que não dividissem entre o ócio e as ocupações. Lembro-me do caso do grande orador Asínio Polião, que não mantinha nenhuma atividade além da décima hora. Nem sequer a correspondência ele lia depois dessa hora para que não lhe sobreviessem novas preocupações, mas durante aquelas duas horas deixava de lado o cansaço do dia inteiro. Alguns param no meio do dia e adiam para a parte da tarde alguma tarefa mais leve. Mesmo os nossos antepassados vetavam que se fizesse uma deliberação nova depois da décima hora. O soldado escalona as vigílias e os que retornam de uma expedição têm a noite livre.

17.8 Devemos ser complacentes com nossa alma e de tempos em tempos conceder-lhe o ócio para que lhe sirva de alimento e energia.

17.9 É preciso também fazer caminhadas, para que a céu aberto e ao ar livre a alma se expanda e se eleve. De vez em quando uma viagem e a mudança de paisagem dar-lhe-ão vigor, bem como o convívio social e doses a mais de bebida. Por vezes convém, inclusive, chegar à embriaguez, não a ponto de nos afundar, mas de imergir um pouco, pois ela dilui as preocupações, muda profundamente o estado de espírito e remedia a tristeza assim como algumas doenças. Não por dar liberdade à fala se chamou de Líber o inventor do vinho, mas porque libera a alma da servidão das preocupações, dá-lhe segurança e vividez e a torna mais ousada em tudo que tentar. Mas, tal como na liberdade, é igualmente salutar a moderação no vinho. Acredita-se que Sólon e Arcesilau se entregaram ao vinho e Catão era censurado por embriaguez — será mais fácil quem o censurou tornar honorável essa fraqueza do que indecoroso Catão. Não devemos fazê-lo com

frequência, a fim de que a mente não adquira o mau hábito; de vez em quando, porém, deve a alma extravasar-se, exultante e livre, e afastar por alguns momentos a sisudez do estado sóbrio.

17.10 Realmente, se acreditamos no poeta grego: "Por vezes é também prazeroso desatinar", ou em Platão: "Em vão alguém bateu à porta da poesia sem estar fora de si", ou ainda em Aristóteles: "Não houve grande engenho sem uma mescla de insânia", só uma mente alterada pode expressar algo grandioso e acima do comum.

17.11 Quando ela desprezou tudo o que é vulgar e costumeiro e por uma sagrada inspiração ergueu-se sublime, só então pôde entoar algo mais grandioso que a linguagem dos mortais. Não pode alcançar um pensamento elevado e situado num ponto inatingível enquanto permanece em si mesma. É preciso que ela abandone o estado habitual e se alucine e morda os freios e arraste seu condutor e o alce até um ponto que por si ele teria receado atingir.

17.12 Aí tens, meu caríssimo Sereno, os meios que permitem preservar a tranquilidade, os que permitem restituí-la, os que opõem resistência aos vícios que se insinuam furtivamente. Saibas, no entanto, que nenhum deles tem bastante eficácia para os que se empenham em salvaguardar esse frágil estado se um cuidado atento e assíduo não envolve a alma vacilante.

SOBRE A BREVIDADE DA VIDA

De Brevitate Vitae

A PAULINO

Tradução de José Eduardo S. Lohner

I

1.1 A maior parte dos mortais, Paulino, queixa-se da malignidade da natureza, porque somos gerados para uma curta existência, porque esse espaço de tempo que nos é dado transcorre tão veloz, tão rápido, que, com exceção de bem poucos, os demais a vida os deixa exatamente nos preparativos para a vida. E não é, conforme opinam, só a massa de insensatos que deplorou esse mal comum: esse sentimento provocou queixas também de homens ilustres. Daí aquela conhecida frase do maior dos médicos: "A vida **1.2** é breve, a arte é longa". Daí também o questionamento de Aristóteles, nada conveniente para um homem sábio, quando protesta contra a natureza pelo fato de ela ter concedido aos animais uma vida tão longa que eles podem durar cinco ou dez gerações, e ao homem, criado para tantas e importantes realizações, ter estabelecido um **1.3** limite tão inferior. Não dispomos de pouco tempo, mas desperdiçamos muito. A vida é longa o bastante e nos foi generosamente concedida para a execução de ações as mais importantes, caso toda ela seja bem aplicada. Porém, quando se dilui no luxo e na preguiça, quando não é despendida em nada de bom, somente então, compelidos pela necessidade derradeira, aquela que não havíamos **1.4** percebido passar, sentimos que já passou. É assim que acontece: não recebemos uma vida breve, mas a fazemos; dela não somos carentes, mas pródigos. Tal como amplos e magníficos recursos, quando vêm para um mau detentor, são dissipados num instante, ao passo que, por mais modestos que sejam, se entregues a um bom guardião, crescem pelo uso que se faz deles, assim também a nossa existência é bastante extensa para quem dela bem dispõe.

II

2.1 Por que nos queixamos da natureza? Ela se revelou benigna: a vida será longa se souberes utilizá-la. No entanto, um é dominado por uma avareza insaciável, outro, por um empenho laborioso em tarefas inúteis; um vive impregnado de vinho, outro se entorpece na preguiça; este se vê esgotado por uma ambição sempre dependente de julgamentos alheios; aquele, um desejo irrefreável de

comerciar o conduz por todas as terras e todos os mares na esperança de lucro; a cobiça de feitos militares atormenta alguns, sempre empenhados em levar perigo a outros ou inquietos pelo próprio. Há os que, por voluntária servidão, se consomem na veneração ingrata **2.2** de seus superiores. Muitos se detiveram na busca da sorte alheia ou na lamentação da sua; a grande maioria, que nada persegue ao certo, foi lançada a novos projetos por sua frivolidade volúvel, inconstante e descontente consigo mesma; a alguns não agrada nenhuma meta para a qual possam direcionar seu percurso, mas o destino os surpreende entorpecidos e bocejantes, de tal modo que eu não duvidaria ser verdadeiro o que no maior dos poetas vem afirmado à maneira de um oráculo: "É diminuta a parte da vida que vivemos". Realmente, todo o período restante **2.3** não é vida, e sim tempo. Por todo lado suas imperfeições os encalçam e circundam e não permitem que se reergam ou que levantem os olhos para discernir a verdade, mas os retêm submersos e fixados nos desejos. Nunca lhes é possível voltar-se para si mesmos. Se alguma vez lhes advém casualmente algum repouso, agitam-se, tal como em alto-mar, onde mesmo depois dos ventos subsiste a turbulência, **2.4** e jamais se veem desocupados de seus desejos. Achas que eu falo desses cujos males são incontestáveis? Olha aqueles para cuja felicidade todos acorrem: são sufocados pelos próprios bens. Para quantos as riquezas são opressivas! Quanto a eloquência de muitos e o encargo cotidiano de dar prova de seu engenho fazem verter sangue! Quantos empalidecem por seus prazeres contínuos! A quantos não deixou nenhuma liberdade o bando de clientes que os rodeia! Enfim, percorre todos esses, desde os mais humildes até os mais elevados: este invoca um defensor, aquele lhe presta assistência, um está em perigo, outro o defende, um outro o julga, ninguém reivindica ter a posse de si mesmo, um se consome por causa de outro. Informa-te sobre esses cujos nomes se conservam na memória; verás que eles são reconhecíveis pelas seguintes características: aquele é ligado a sicrano, este outro, a beltrano; ninguém pertence a si **2.5** próprio. Então é uma insensatez completa a indignação de alguns: eles se queixam do menosprezo dos que lhes são superiores porque não tiveram tempo para eles quando desejavam encontrá-los! Ousa queixar-se da soberba do outro alguém que para si mesmo nunca tem tempo? Aquele, porém, mesmo com expressão insolente, olhou para ti, quem quer que sejas, ouviu tuas palavras, admitiu-te a seu lado: tu jamais te dignaste a te observar e a te ouvir. Assim, não há razão para que censures em alguém essas obrigações, posto que, na verdade, sempre que tu as cumprias, não é que desejavas estar com a outra pessoa, mas não podias estar contigo mesmo.

III

3.1 É possível que todos os talentos que alguma vez brilharam nisto concordem unânimes: nunca ficarão estupefatos o bastante diante dessa turvação das mentes humanas. Não toleram que suas propriedades sejam ocupadas por ninguém e, se há uma pequena disputa sobre a medida de seus limites, recorrem a pedras e armas; já em suas vidas consentem que outros se instalem, e até mesmo introduzem eles próprios os que vão ser os possessores dela. Não se encontra ninguém que queira repartir seu dinheiro; já sua vida, quanto cada um a distribui entre muitos! São mesquinhos na retenção do patrimônio; mas, tão logo se trate de gastar tempo, são extremamente pródigos com **3.2** a única coisa em relação à qual a avareza é honrosa. Eu gostaria de abordar uma pessoa dentre as mais idosas da seguinte maneira: "Vemos que tu chegaste a um estágio avançado da vida humana, pesam-te nas costas cem anos ou mais. Vamos, faz o cômputo de tua existência: calcula quanto desse tempo um credor, quanto uma amante, quanto um rei, quanto um cliente te subtraiu, quanto uma desavença conjugal, quanto o castigo dos escravos, quanto o obrigatório ir e vir pela cidade; acrescenta as doenças que nos causamos por nós mesmos, acrescenta também o tempo que se perdeu sem uso: verás que tu tens bem menos **3.3** anos do que enumeras. Repassa na memória, sempre que estiveste seguro de uma decisão tua, quão poucos dias decorreram tal como havias planejado, em que momento estiveste disponível para ti, quando tua face manteve expressão normal, quando tua alma se manteve impassível, que obra realizaste em uma vida tão longa, quantas pessoas saquearam tua vida sem que tu percebesses o que perdias, quanto te subtraiu uma tristeza inútil, uma alegria tola, uma cupidez voraz, uma conversa fútil, quão pouco te foi deixado do que era teu. Compreenderás que estavas morrendo prematuramente". **3.4** Qual é então a causa disso? Viveis como se sempre havereis de viver, nunca vos ocorreu vossa fragilidade, não observais quanto tempo já transcorreu. Desperdiçais como se de uma fonte plena e abundante, quando, nesse ínterim, exatamente aquele dia que é doado a uma pessoa ou a uma tarefa talvez seja o último. Tendes medo de tudo **3.5** como mortais, desejais tudo como imortais. Tu vais ouvir muitos dizendo assim: "A partir dos cinquenta anos vou me retirar, aos sessenta me liberarei de minhas obrigações". E quem tomas como fiador de uma vida tão longa? Quem irá aceitar que as coisas se passem tal como dispões? Não te envergonha reservar para ti essas sobras de vida e destinar ao aprimoramento da alma apenas esse tempo que não poderias empregar em mais nada? Quanto é tardio começar a viver só quando é hora de terminar! Que estúpido esquecimento da condição mortal adiar para os

cinquenta e os sessenta anos as decisões sensatas, e então querer começar a vida num ponto até o qual poucos chegaram!

IV

4.1 De homens os mais poderosos e elevados a uma alta posição verás escaparem palavras pelas quais desejam e louvam o tempo disponível para si mesmos, e o preferem a todos os demais bens. Por vezes desejam descer daquele fausto, desde que se possa fazê-lo em segurança. De fato, mesmo que nada a ataque ou abale, a fortuna por si mesma desmorona sobre si. **4.2** O divino Augusto, que os deuses elevaram mais do que a nenhum outro, não deixou de solicitar repouso para si e de pedir afastamento da administração pública. Toda conversa sua sempre esteve voltada para este ponto: que ele esperava retirar-se. Porém, ele se distraía de suas fadigas com este doce consolo, mesmo que falso: o de que **4.3** um dia haveria de viver para si. Em uma carta enviada ao Senado, na qual prometera que seu repouso não estaria livre de uma função dignitária, nem seria discrepante de sua glória anterior, encontrei as seguintes palavras: "Mas isso pode ser mais ilusoriamente prometido do que realizado. No entanto, posto que a alegria real ainda demora, o desejo de um momento por mim tão almejado levou-me a experimentar de antemão algo desse prazer **4.4** pelo deleite de expressá-lo em palavras". O ócio pareceu-lhe um bem tão grande que ele o tomou antecipadamente em pensamento, posto que pelo usufruto não podia. Ele que via todas as coisas subordinadas exclusivamente a si, ele que ditava a sorte de homens e nações, com toda alegria imaginava aquele dia em que haveria de despojar-se **4.5** de sua grandeza. Ele havia experimentado quanto suor produziam aqueles bens que brilhavam por todo o mundo, quantas preocupações encobriam: levado a combater primeiro contra seus concidadãos, depois contra seus colegas, por fim, contra parentes, espalhou sangue por mar e por terra. Depois de ter circulado em guerra pelas províncias da Macedônia, Sicília, Egito, Síria, Ásia Menor e por quase todas as regiões do Império, ele direcionou para guerras externas os exércitos cansados do morticínio entre romanos. Enquanto pacifica os Alpes e doma inimigos que vieram a se integrar à plena paz imperial, enquanto estende as fronteiras além do Reno, do Eufrates e do Danúbio, na própria Roma afiavam-se contra ele as espadas de Murena, **4.6** Cepião, Lépido, Egnácio e de outros. Não havia ainda escapado das insídias desses opositores quando sua filha e tantos jovens nobres, entregues ao adultério como que a uma prática devocional, aterrorizavam sua idade já avançada, e ainda Iulo e de novo uma mulher em temível união com um Antônio. Mal havia extirpado essas

úlceras junto com os próprios membros, outras brotavam por baixo; tal como em um corpo com excesso de sangue, sofria-se sempre uma hemorragia em alguma parte. Assim, ele ansiava por retiro, em cuja esperança e projeção se acalmavam os seus sofrimentos. Esse era o voto daquele que podia satisfazer todos os votos.

V

5.1 Marco Cícero, fustigado entre Catilinas e Clódios, de um lado, e Pompeus e Crassos, de outro, aqueles, inimigos declarados, estes, amigos duvidosos, enquanto balança à deriva com a República e tenta detê-la em seu naufrágio, para no fim ser tragado com ela, nem tranquilo na prosperidade, nem capaz de tolerar as adversidades, quantas vezes não abomina até aquele seu consulado, **5.2** louvado por ele não sem motivo, mas sem limites! Que palavras lamentáveis ele exprime em uma epístola a Ático, depois de já derrotado Pompeu, o pai, quando então o filho procurava recompor na Hispânia suas forças dispersas! "Queres saber", diz ele, "o que faço aqui? Permaneço semilivre em minha vila de Túsculo." Outras palavras acrescenta, com as quais deplora a época anterior, queixa-se **5.3** da presente e desespera da que virá. Cícero se diz semilivre: mas, por deus, nunca um sábio recorrerá a um termo tão humilhante, nunca será semilivre uma pessoa de liberdade íntegra e sólida, independente, de pleno direito e mais elevada que as outras. Ora, o que pode estar acima daquele que está acima da fortuna?

VI

6.1 Lívio Druso, homem atuante e enérgico, depois de fazer aprovar leis revolucionárias, maléficas como as dos Gracos, sob apoio maciço de enorme grupo vindo de toda a Itália, sem ver claramente uma saída para sua política, que nem podia fazer avançar, nem, uma vez iniciada, era livre para abandonar, segundo se conta, execrava sua vida desde o início agitada, dizendo que só a ele nunca havia acontecido de ter alguns dias de descanso, nem mesmo quando rapaz. De fato, ainda adolescente e vestindo a pretexta, ousava fazer recomendações sobre réus diante dos juízes e exercer sua influência no foro, de modo realmente tão eficaz que há notícia de ele ter ganhado algumas **6.2** causas. Onde não iria dar tão prematura ambição? Era possível saber que essa audácia tão precoce resultaria em um mal enorme, fosse privado ou público. Assim, tarde ele se queixava de nunca ter tido férias, sendo desde rapaz sedicioso e molesto no foro. Discute-se se ele causou a própria morte; de fato, sucumbiu depois de

repentinamente sofrer um ferimento na virilha. Se duvidavam alguns de ter sido voluntária sua morte, ninguém, de ter sido oportuna. **6.3** Seria supérfluo mencionar muitas pessoas que, apesar de para os outros parecerem felicíssimas, deram contra si testemunho exato ao odiar toda atividade que emprenderam em seus anos. Mas, com tais lamentos, não modificaram nem os outros, nem a si próprias, pois seus sentimentos retornam ao padrão habitual logo depois de descarregados pelas palavras. **6.4** Mas, por deus, vossa vida, ainda que se estenda por mais de mil anos, estará confinada em um período muito estreito: já os vícios não deixarão de devorar época alguma. De fato, é forçoso que logo vos escape esse espaço de tempo que é dilatado por via da razão, ainda que por natureza ele corra. Realmente não podeis apanhar nem reter ou retardar a mais veloz de todas as coisas, contudo permitis que ela se vá como algo supérfluo e renovável.

VII

7.1 Ora, à frente de todos coloco aqueles que não têm tempo para nada, exceto para o vinho e os prazeres, pois ninguém tem ocupação mais torpe. Outros, mesmo quando dominados por uma imagem vã de glória, ao menos se equivocam faustosamente. Ainda que me enumeres homens avarentos ou iracundos, ou os que se obstinam em ódios injustos ou em guerras, todos esses erram com bastante virilidade: é desonrosa a degradação dos que se devotam ao **7.2** ventre e aos prazeres. Examina o tempo total dessas pessoas, olha quanto dele empregam em fazer cálculos, quanto em armar ciladas, quanto em recear, quanto em adular, quanto em ser aduladas, quanto as ocupam os processos judiciais, seus e os dos outros, quanto os jantares, que já se incluem entre seus deveres: verás como nem seus males, nem seus bens não lhes permitem tempo nem de respirar. **7.3** Enfim, é consenso que nenhuma atividade pode ser bem exercida por um homem ocupado, nem eloquência, nem estudos liberais, dado que seu espírito sobrecarregado não absorve nada de modo mais profundo, mas rejeita tudo como se lhe tivesse sido imposto. Nada é menos peculiar do homem ocupado do que viver. Não há coisa mais difícil de saber do que viver. São comuns e numerosos os que professam outros conhecimentos, alguns dos quais até mesmo crianças parecem ter tão perfeitamente aprendido que também podem ensinar. É preciso durante toda a vida aprender a viver e, o que talvez cause maior admiração, **7.4** é preciso durante toda a vida aprender a morrer. Muitos homens, dos mais importantes, tendo se desvencilhado de todos os seus entraves, posto que haviam renunciado a riquezas, cargos, prazeres, até o fim de seus dias trataram apenas disto: de saber viver. E, no entanto, muitos deles deixaram a

vida depois de confessar que ainda não tinham tal conhecimento, de modo que menos ainda o têm esses outros **7.5** que mencionei. Acredita-me, é próprio de um grande homem, daquele que está acima dos erros humanos, não permitir que tomem nada de seu tempo, e é por isto que a vida dele é muito longa: porque todo o tempo que lhe esteve disponível foi inteiramente reservado para si. Dele nada ficou sem uso e ocioso, nada esteve na dependência de outra pessoa, pois ele não encontrou nada que fosse digno de permutar por seu tempo, sendo dele um guardião bastante parcimonioso. Assim, o tempo foi para ele suficiente, mas é forçoso que tenha faltado para aqueles de cuja vida muito foi levado por uma multidão. **7.6** Nem é o caso de pensares que eles por vezes não se dão conta de seu dano: certamente ouvirás muitos desses que suportam o peso de uma grande prosperidade vez por outra exclamarem, no meio de um bando de clientes ou de ações processuais ou de outras honrosas misérias: "Não tenho o **7.7** direito de viver". Como poderias tê-lo? Todos aqueles que te invocam para si furtam-te de ti. Aquele réu, quantos dias teus auferiu? Quantos aquele candidato? Quantos aquela velha, cansada de enterrar seus herdeiros? Quantos aquele que se finge de doente para atiçar a cobiça dos que captam testamentos? Quantos aquele amigo poderoso, que vos tem com vistas não à amizade, mas a seu séquito? Repito, faz um balanço e confere os dias de tua vida: verás que **7.8** te sobraram bem poucos e residuais. Há quem, depois de obter a magistratura que cobiçara, anseia por deixá-la, logo dizendo: "Quando é que vai acabar este ano?". Outro patrocina os espetáculos públicos, que ele muito apreciou lhe terem sido sorteados, e então indaga: "Quando me livrarei disso?". Aquele outro é um advogado disputado por todo o foro, e o faz lotar com grande multidão, para além de onde pode ser escutado: "Quando", diz ele, "é que virá o período de recesso?". Cada um apressa sua vida e sofre a ânsia do **7.9** futuro e o tédio do presente. Mas aquele que emprega todo tempo em seu proveito, que dispõe cada dia como se fosse o último, nem anseia pelo dia seguinte nem o teme. De fato, que novo deleite já lhe poderia trazer uma hora qualquer? Tudo lhe é conhecido, tudo foi por ele experimentado até a saciedade. Do restante a fortuna disponha como quiser: a vida dele já está em segurança. É possível acrescentar-lhe algo, mas nada subtrair, e acrescentar-lhe, assim como a quem já está saciado e cheio, um alimento que ele pega sem **7.10** desejar. Então, não há motivo para pensares que alguém viveu longamente só por causa dos cabelos brancos ou das rugas: ele não viveu longo tempo, mas existiu longo tempo. É como se pensasses que navegou muito quem uma terrível tempestade surpreendera na saída do porto, impelindo-o para um

lado e outro sob ventos furiosos de diversas direções, e fazendo-o deslocar-se em círculo pelos mesmos lugares. Ele não nevegou muito, mas foi muito fustigado.

VIII

8.1 Fico sempre admirado quando vejo alguns solicitarem o tempo de outros e estes, aos quais se solicitou, o concederem muito facilmente. Ambos levam em conta aquilo para o que se solicitou tempo, mas nenhum dos dois o próprio tempo: é como se fosse nada o que se solicita, nada o que se concede. Joga-se com a coisa mais preciosa que existe. Engana-os, porém, o fato de tratar-se de algo incorpóreo, o fato de não ser aparente aos olhos, sendo-lhe por isso atribuído muito pouco valor, ou mesmo valor **8.2** quase nulo. As pessoas recebem com muito prazer pensões e auxílios, e nisso colocam seu empenho, atenção ou cuidados; ninguém valoriza o tempo. Usam-no com toda displicência, como se nada valesse. Mas verás essas mesmas pessoas, quando doentes, tocar os joelhos dos médicos se delas tiver se aproximado um risco iminente de morte, ou dispostas a despender todo seu patrimônio para preservar sua vida se temem uma pena capital, tamanha é a discrepância **8.3** de seus estados psíquicos. Mas, se fosse possível expor a cada um, do mesmo modo que a soma de seus anos passados, igualmente a de seus anos futuros, como ficariam alarmados de ver que lhes teriam restado poucos! Como os poupariam! Ora, é fácil gerir aquilo que, apesar de exíguo, é certo; com mais cuidado se deve conservar o que não se sabe quando irá faltar. **8.4** Porém, não há razão para pensar que eles ignoram quão precioso é o tempo: costumam dizer àqueles que mais amam que estariam dispostos a lhes dar uma parte de seus anos. Eles dão sem o perceber; dão, contudo, de modo que subtraem de si sem haver incremento para aqueles. Mas o próprio fato dessa subtração ignoram; por isso lhes **8.5** é tolerável o dano de um prejuízo inaparente. Ninguém vai restituir os teus anos, ninguém vai devolver-te de novo a ti mesmo. A vida segue a trajetória que iniciou e não retrocede ou detém seu curso. Não fará tumulto nem advertirá sobre sua velocidade: deslizará em silêncio. Ela não se prolongará por ordem de um rei, nem pelo favor do povo; transcorrerá do modo como foi determinada desde seu primeiro dia, não sofrerá nenhum desvio, nenhum retardo. O que irá acontecer? Tu estás ocupado, a vida se apressa; nesse ínterim, a morte irá chegar, para a qual, querendo ou não, terás de ter tempo.

IX

9.1 Pode haver algo mais insensato do que o pensamento de algumas pessoas? Digo aquelas que se jactam de sua prudência. Estão empenhadamente ocupadas para que possam viver melhor; planificam sua vida com dispêndio de vida. Dispõem seus planos num longo prazo. Ora, mas a maior perda de vida é a protelação: esta nos arranca um dia após o outro, rouba-nos o presente enquanto promete o futuro. O maior obstáculo à vida é a expectativa, que fica na dependência do amanhã e perde o momento presente. Tu dispões o que está nas mãos da Fortuna, deixas de lado o que está nas tuas. Para onde olhas? Para onde te projetas? Tudo o que há de vir repousa na incerteza. Vive de imediato! **9.2** Proclama-nos o maior dos poetas, cantando esta fórmula salutar, como que inspirado por lábios divinos: Para os tristes mortais, os melhores dias da vida são sempre os que fogem primeiro. (Virgílio, Geórgicas III, 66-7) "Por que tardas?", diz ele. "Por que ficas parado? Se não o utilizas, ele escapa." E, mesmo que o utilizes, ele escapará. Assim, deve-se velozmente lutar contra a rapidez do tempo disponível para nós, e como que logo beber de uma rápida torrente que não há de fluir para sempre. **9.3** Isso também diz o poeta à perfeição para censurar uma indecisão infinita, pois diz não "as melhores épocas", e sim "os melhores dias". Por que é que, seguro e indolente, em meio a tão intensa fuga do tempo, estendes em uma longa série os teus meses e anos, do modo que bem pareceu à tua avidez? Ele te fala do dia, e exatamente deste que está **9.4** em fuga. Há então alguma dúvida de que os melhores dias são os primeiros a fugir para os tristes mortais, isto é, para os ocupados? Seus espíritos ainda pueris são oprimidos pela velhice, à qual eles chegam desavisados e indefesos. De nada se precaveram: caíram nela de súbito e desprevenidos, sem terem percebido que diariamente ela **9.5** se aproximava. Assim como uma conversa, uma leitura ou uma reflexão mais profunda distrai os que estão em viagem, e eles se dão conta de que chegaram antes de ter notado que se aproximavam, assim também este trajeto de nossa vida, contínuo e tão rápido, que percorremos com o mesmo passo, em vigília ou dormindo, não é aparente para as pessoas ocupadas, exceto no fim.

X

10.1 Se eu quiser dividir em partes e em argumentos a tese que proponho, vão me ocorrer muitos pelos quais poderia provar que é brevíssima a vida das pessoas ocupadas. Fabiano, que não era um desses filósofos de cátedra, mas um daqueles verdadeiros e antigos pensadores, costumava dizer que contra os transtornos passionais é preciso lutar com força, não com argúcias, e repelir uma frente de

ataque não com pequenas escaramuças, mas com uma investida dura; esses transtornos deveriam ser esmagados, não sofrer meras escoriações. No entanto, para que àquelas pessoas se repreenda o seu desatino, deve-se instruí-las, não simplesmente lamentá-las. **10.2** A vida divide-se em três períodos: o que se foi, o que está sendo e o que há de vir. Desses, o que estamos atravessando é breve, o que havemos de atravessar é duvidoso, o que já atravessamos é certo. É este último de fato aquele sobre o qual a fortuna perdeu seu direito, o qual não pode ser reconduzido ao arbítrio de ninguém. Esse período os ocupados o perdem, pois não lhes sobra tempo para examinar o passado, e, se lhes sobrasse, seria desagradável a recordação de algo que lhes causaria **10.3** arrependimento. Assim, a contragosto consideram o tempo mal gasto, nem ousam recordar os momentos cujos vícios, mesmo os que serpeavam sob o encanto de algum prazer momentâneo, se mostram pelo reexame. Ninguém voltará de bom grado seu olhar ao passado, exceto quem submete todos os seus atos à própria censura, que nunca se deixa **10.4** enganar. Quem avidamente muito cobiçou, desprezou com soberba, venceu com insolência, enganou com insídias, roubou por cupidez, prodigamente dissipou, é forçoso que tema a própria memória. Ora, essa é a parte sagrada e intocável de nosso tempo, posta acima de todos os reveses humanos, subtraída ao reino da Fortuna, e que nem a penúria, nem o medo, nem o ataque de doenças podem atingir. Ela não pode ser conturbada nem tirada: a posse dela é perpétua e sem receios. Somente um a um os dias se mostram presentes para nós, e ainda fracionados em momentos. Porém, todos os dias do passado, tão logo ordenares, estarão diante de ti, a teu arbítrio irão deixar-se examinar detidamente; isso os **10.5** ocupados não têm tempo de fazer. É próprio de uma mente segura e tranquila percorrer todos os períodos de sua vida; as almas dos ocupados, como se estivessem atadas sob o jugo, não podem virar-se e olhar para trás. Portanto, a vida deles desaparece num abismo e, tal como de nada adianta verter líquido até a borda de um recipiente, se embaixo não há fundo que o receba e conserve, assim também não importa quanto tempo nos é concedido, se não há lugar onde ele possa depositar-se, se ele vaza por trincas e perfurações **10.6** de nossas almas. É brevíssimo o tempo presente, a ponto mesmo de que para alguns pareça inexistente. Está de fato sempre em curso, flui com rápida vazão, deixa de existir antes de chegar, não admite retardo, é tal qual o universo e os astros, cujo movimento sempre incansável nunca se detém no mesmo ponto. Portanto, aos ocupados diz respeito somente o tempo presente, que é tão breve que não se pode apreendê-lo, e mesmo este é subtraído deles por estarem divididos em muitas atividades.

XI

11.1 Em suma, queres saber quão pouco tempo eles vivem? Olha quanto desejam viver longo tempo. Velhos decrépitos mendigam em suas preces o acréscimo de uns poucos anos. Fingem ser mais novos, lisonjeiam-se com essa mentira e iludem-se tão prazerosamente quanto se junto com eles enganassem o destino. Porém, já quando alguma enfermidade os advertiu de sua condição mortal, quão apavorados eles morrem, não como se deixassem a vida, mas como se fossem arrancados! Gritam que foram estúpidos por não terem vivido e que, se acaso tiverem escapado daquele estado enfermo, viverão retirados de suas atividades. Então, refletem quão inutilmente amealharam aquilo que não viriam a usufruir, quanto todo seu esforço **11.2** caiu no vazio. Mas, para aqueles que levam uma vida longe de qualquer atribulação, por que não seria ela duradoura? Nenhuma parte dela é usurpada, nenhuma é dispersa aqui e ali, nenhuma se perde por negligência, nenhuma é dissipada com largueza, nenhuma é supérflua; toda ela, digamos assim, é rentável. Desse modo, por breve que seja, ela é plenamente suficiente, e por isso, quando vier o último dia, o sábio não hesitará em caminhar para a morte com passo firme.

XII

12.1 Talvez perguntes quem são os que eu chamo de ocupados. Não há por que pensares que me refiro só àqueles que são expulsos da basílica por cães enfim lançados contra eles, aqueles que vês faustosamente espremidos no meio da multidão dos próprios clientes, ou, de modo degradante, no meio de grupo alheio, aqueles cujas obrigações os fazem sair de suas casas para bater à porta de outros, aqueles a quem os leilões realizados pelo pretor deixam atarefados em razão de um lucro infame e que um **12.2** dia há de apodrecer. Para alguns, o tempo que têm para si é cheio de ocupações: em sua propriedade no campo ou em seu leito, em meio à solidão, mesmo que afastados de todos, são molestos a si próprios. Não se deve dizer que é ociosa a vida deles, mas uma indolente ocupação. Tu chamas de ocioso aquele que, com minucioso apuro, enfileira bronzes de Corinto, preciosos por causa da insânia de uns poucos, e consome a maior parte do dia com pedaços de cobre azinhavrados? Aquele que se senta diante dos ringues — realmente, que afronta!, padecemos de vícios que nem sequer são romanos! — e torce por uns rapazotes lutadores? Aquele que separa os grupos de suas crias em pares, segundo a idade e a cor, que faz alimentar **12.3** seus atletas mais recentes? Como? Chamas de ociosos os que passam muitas horas no cabeleireiro, durante as quais lhes aparam o que cresceu na noite anterior,

discute-se sobre cada fio de cabelo, arrumam as mechas desalinhadas ou as juntam sobre a fronte se estão faltando aqui e ali? E como se enfurecem se o cabeleireiro foi um pouco descuidado demais, como se fossem de um homem os cabelos que ele estava aparando! Como se irritam se algo foi cortado de sua juba, se algo dela se assentou fora de ordem, se ela toda não tem bom caimento em cachos! Qual desses homens não preferiria que se pusesse em desordem antes a República que seus cabelos? Qual não estaria mais preocupado com a beleza do que com a saúde de sua cabeça? Qual não preferiria estar mais bem penteado em lugar de ser mais honesto? É a esses que tu chamas de ociosos, que vivem ocupados entre o pente e o espelho? **12.4** Que dizer daqueles que, empenhados em compor, ouvir e aprender canções, contorcem a voz com inflexões de uma entonação absolutamente inepta — cuja correta emissão a natureza fez ser a melhor e a mais simples — e que estão sempre estalando os dedos, para marcar o compasso de algum canto que modulam interiormente, e dos quais se escuta um tácito cantarolar, mesmo quando são chamados a tomar parte em assuntos sérios, muitas vezes até tristes? Essas pessoas não usufruem de seu tempo, mas se ocupam **12.5** de nulidades. Seus jantares, por deus, eu não os colocaria entre seus momentos de pausa, quando vejo com que preocupação dispõem a prataria, com que diligência fazem arregaçar as túnicas de seus escravos eunucos, quão ansiosos com relação a como ficou o javali preparado pelo cozinheiro, com que rapidez, a um sinal dado, aqueles pajens depilados atendem à mesa, com quanta destreza as aves são cortadas em pedaços não desiguais, o cuidado com que tristes moleques limpam os restos cuspidos por convivas bêbados. É disso que lhes vem a fama de elegância e refinamento, e a tal ponto seus vícios os acompanham em todos os âmbitos de sua vida, que não podem beber nem comer sem ostentação. **12.6** Eu nem mesmo poderia enumerar entre os ociosos os que se fazem transportar aqui e ali em uma cadeira ou em uma liteira e se aprontam para as horas de seus passeios como se a estes não pudessem faltar; aqueles aos quais outra pessoa deve lembrar quando devem lavar-se, quando nadar, quando comer. A tal ponto se tornam lânguidas essas almas muito afetadas, que por si sós não podem saber **12.7** se têm fome. Ouço dizer que um desses afetados — se é que se deve chamar de afetação desaprender os hábitos humanos —, quando colocado em uma cadeira, depois de retirado do banho por várias mãos, interrogou: "Já estou sentado?". Este, que ignora se está sentado, tu achas que ele sabe se vive ou se enxerga ou se está ocioso? Eu não poderia facilmente dizer qual das duas coisas me dá mais pena: o fato de ele não saber isso ou o de fingir não saber. **12.8** De muitas coisas tais pessoas realmente se esquecem, mas de muitas também simulam esquecer.

Comprazem-se com alguns vícios como se fossem prova de sua boa fortuna: saber o que se faz parece coisa de gente muito simples e desprezível. E vais agora achar que mentem os mimos em muitas de suas críticas ao luxo! Por deus! Eles omitem muito mais do que inventam, e tanto avançou, nesta nossa época, engenhosa apenas nisso, uma quantidade tão grande de vícios inacreditáveis, que já podemos denunciar os mimos por negligência. É impensável haver alguém a tal ponto atolado nos prazeres que, para saber se está sentado, deve **12.9** fiar-se em outro! Ele, portanto, não é ocioso; deve-se-lhe dar outro nome: é um doente, ou melhor, um morto-vivo. É ocioso quem tem a percepção de seu ócio. Mas esse semimorto, a quem é necessária a indicação de alguém para perceber a posição do próprio corpo, como pode ser ele dono de algum momento de sua vida?

XIII

13.1 Seria longo percorrer exemplos de cada um daqueles cuja preocupação com jogos de tabuleiro ou com a bola ou com bronzear o corpo ao sol consumiu sua vida. Não são ociosos aqueles cujos prazeres exigem muito trabalho. Realmente ninguém duvidará de que produzem uma laboriosa nulidade os que se detêm no estudo de inúteis erudições literárias — essa legião já é grande também **13.2** entre os romanos. Foi dos gregos essa doença de indagar que número de remadores teria tido Ulisses, se primeiro teria sido escrita a Ilíada ou a Odisseia, além disso, se são do mesmo autor, e ainda outras coisas desse tipo, que, se alguém guarda para si, elas em nada ajudam sua consciência interior e, se as divulga, não iria parecer mais **13.3** douto, e sim mais tedioso. Eis que invadiu também os romanos esse desejo vão de aprender futilidades. Nesses dias ouvi alguém relatando quais ações teriam sido pela primeira vez realizadas por cada um dos comandantes romanos: a primeira batalha naval foi vencida por Duílio; o primeiro a ter exibido elefantes em um desfile triunfal foi Cúrio Dentato. Mas essas curiosidades, mesmo se não visam à verdadeira glória, ao menos giram em torno de exemplos de atos cívicos. Não é proveitoso tal conhecimento, no entanto é capaz de nos deter pela fútil **13.4** atração de seu conteúdo. Desculpemos aqueles que investigam também isto: quem teria primeiro convencido os romanos a embarcar em um navio — teria sido Cláudio, por isso mesmo cognominado Cáudice, dado que, entre os antigos, se chamava cáudice a junção de várias tábuas, de onde se denominam códices as tábuas legislativas, e ainda agora as embarcações que transportam provisões pelo Tibre são, desde antigo uso, chamadas de "codicariae". **13.5** É certo que possa ter interesse também o fato de que Valério Corvino foi quem primeiro venceu Messana, e o

primeiro da família dos Valérios a ser chamado Messana por ter lhe sido transferido o nome da cidade vencida; e, com a gradual alteração da pronúncia popular, veio a ser chamado Messala. Poderás talvez permitir que alguém se ocupe também com o fato de Lúcio Sula ter sido o primeiro a exibir no circo leões soltos — quando, ao contrário, eram exibidos acorrentados —, isso depois de o rei Boco ter lhe enviado atiradores para abatê-los? E é certo que se deveria relevar **13.6** igualmente o seguinte: acaso diz respeito a algo de bom o fato de Pompeu ter sido o primeiro a apresentar no circo uma luta de dezoito elefantes, tendo como oponentes homens indefesos, à imitação de um combate? Como principal cidadão e, segundo a fama, estando entre os antigos líderes de notável bondade, ele julgou um tipo de espetáculo digno de memória abater homens de uma nova maneira. Combate mortal? É pouco. Laceração? É pouco: sejam esmagados **13.7** sob uma massa imensa de animais. Era preferível que isso caísse no esquecimento, para que depois nenhum potentado viesse a aprender e a invejar ato tão desumano. Ah! quanta cegueira uma grande fortuna lança a nossas mentes! Ele então acreditou estar acima da natureza ao lançar um bando tão numeroso de infelizes a feras nascidas sob outros céus, ao atiçar uma guerra entre animais tão díspares, ao fazer derramar tanto sangue diante do povo romano, ele que em breve iria forçá-lo a verter ainda mais. Ele mesmo, porém, enganado depois pela perfídia alexandrina, entregou-se a um escravo ínfimo cujo golpe o trespassou; só então compreendeu a jactância fútil de seu cognome. **13.8** Mas, para voltar ao ponto de onde me afastei e, ainda nesse campo, mostrar a supérflua diligência de alguns, a mesma pessoa contava que Metelo, depois da vitória sobre os cartagineses na Sicília, durante seu triunfo foi o único de todos os romanos a ter conduzido à frente de seu carro cento e vinte elefantes capturados; que Sula foi o último dos romanos a ter ampliado o pomério, o qual, entre os antigos, nunca foi costume ampliar após a anexação de um território provincial, mas apenas de um itálico. Saber isso acaso seria mais útil do que saber que o monte Aventino estaria fora do pomério, como afirmava ele, por uma destas duas razões: ou porque a plebe teria se retirado para ali, ou porque, quando Remo realizou os auspícios naquele local, o voo das aves não teria sido favorável, e mais outros fatos incontáveis que ou são falsos ou parecem invenções? **13.9** Ainda que concedas que falam de boa-fé tudo isso, ainda que deem garantia do que escrevem, no entanto, essas informações diminuirão os erros de quem? Vão conter os desejos de quem? A quem farão mais corajoso, a quem mais justo, a quem mais generoso? O meu caro Fabiano dizia que às vezes duvidava se era melhor não se aplicar a estudo algum do que se envolver com os desse tipo.

XIV

14.1 De todos os homens, só os que estão disponíveis para a sabedoria são os "ociosos", só eles vivem, pois não apenas de seu tempo de vida são bons guardiões, mas acrescentam a este toda a eternidade. Todos os anos que passaram antes deles foram-lhes creditados. Se não somos em absoluto ingratos, aqueles tão preclaros fundadores de doutrinas sagradas nasceram para nós, prepararam a vida para nós. Por um trabalho alheio, somos conduzidos até as mais belas ideias, tiradas das trevas para a luz. Nenhuma época nos está vetada, temos acesso a todas, e se por meio da magnitude da alma desejamos sair das estreitezas da debilidade humana, há um espaço enorme de tempo para **14.2** percorrermos. É possível discutir com Sócrates, duvidar com Carnéades, repousar com Epicuro, vencer com os estoicos a natureza humana, com os cínicos ultrapassá-la. Já que a natureza nos permite participar de qualquer época, por que não nos voltarmos por inteiro deste exíguo e cadente trânsito temporal para aqueles períodos que são imensos, que são eternos, que são compartilhados com mentes melhores? **14.3** Esses que correm de um compromisso para outro, que inquietam tanto a si como os demais, depois de enlouquecer totalmente, depois de diariamente perambular pelas soleiras de todos, sem preterir nenhuma porta aberta, depois de fazer circular sua saudação interesseira por residências em locais os mais diversos, quão pouca gente eles poderão ver de uma **14.4** cidade tão imensa e enredada em variados desejos? Quantos haverá cujo sono ou desregramento ou grosseria irá barrá-los! Quantos haverá que, depois de longa e torturante espera, passarão por eles simulando pressa! Quantos evitarão aparecer no átrio repleto de clientes e escaparão por passagens secretas de sua casa, como se fosse menos grosseiro driblar do que não receber! Quantos, sonolentos e pesados pela farra da véspera, num bocejo de extrema arrogância, mal relaxando os lábios repetirão o nome, que lhes fora mil vezes sussurrado, daqueles coitados que interromperam o próprio sono para esperar o de outro! **14.5** Podemos dizer que se aplicam a obrigações verdadeiras aqueles que em sua intimidade vão querer estar diariamente com Zenão, com Pitágoras, com Demócrito e com os outros mestres de sabedoria, com Aristóteles e Teofrasto. Nenhum desses vai deixar de estar disponível, nenhum vai despedir quem vier a ele sem torná-lo mais feliz e mais afeiçoado a si, nenhum vai permitir que alguém se despeça dele com as mãos vazias; podem ser encontrados de noite ou de dia por todos os mortais.

XV

15.1 Nenhum deles te obrigará a morrer, todos te ensinarão; nenhum deles vai consumir os teus anos, mas te darão os seus em contribuição; de nenhum deles será perigosa a conversa, de nenhum será fatal a amizade, de nenhum onerosa a deferência. Levarás deles tudo o que quiseres; deles não dependerá que lhes tires o máximo que **15.2** possas conter. Que felicidade, que bela velhice aguarda quem se juntou à clientela deles! Terá com quem refletir sobre questões desde as menos até as mais importantes, a quem consultar diariamente sobre si próprio, de quem ouvir a verdade sem ofensa, elogio sem adulação, terá exemplos a cuja semelhança moldar-se. **15.3** Costumamos dizer que não estava em nosso poder determinar os pais que nos caberia, dados a nós pelo acaso; mas nos é possível nascer por nosso arbítrio. Existem as famílias das mais renomadas mentes: elege à qual desejas agregar-te. Receberás não só seu nome, mas até seus bens, que não deverão ser guardados com mesquinhez e egoísmo; **15.4** quanto mais os compartilhares, maiores se tornarão. Esses pensadores é que te darão uma via para a eternidade e te elevarão até aquele plano do qual ninguém decai. Esse é o único meio de prolongar a condição mortal, e até mesmo de convertê-la em imortalidade. Honras, monumentos, tudo o que por decretos a ambição impôs ou por seus esforços erigiu é logo destruído, nada uma velhice prolongada deixa sem demolir e remover. Mas ela não pode causar dano àquilo que a sabedoria consagrou. Nenhum lapso temporal poderá aboli-lo nem diminuí-lo; a época seguinte e a que sempre virá mais adiante contribuirão para venerá-lo, pois que de fato a inveja frequenta o que lhe está próximo, e de modo mais franco admiramos o que está situado longe. **15.5** Portanto, a vida do sábio é bastante extensa. Não há para ele o mesmo limite que para os outros. Só ele está liberado das leis do gênero humano, todos os séculos estão submetidos a ele tal como a um deus. Transcorreu certo tempo: ele o abarca na memória; está em curso: ele o utiliza; está por vir: ele o antevê. O que torna longa sua vida é a concentração de todos os tempos em um único.

XVI

16.1 Brevíssima e demasiado angustiosa é a vida daqueles que se esquecem do passado, negligenciam o presente e temem o futuro. Quando chegam a seus momentos derradeiros, tardiamente compreendem, os infelizes, que por tão longo **16.2** tempo estiveram ocupados em não fazer nada. Não há motivo para julgar que eles levam uma longa existência com base no argumento de que algumas vezes invocam a morte: atormenta-os a ignorância sobre suas emoções

instáveis e que incidem exatamente sobre aquilo que lhes causa medo; é por isto que com frequência anseiam pela morte: porque **16.3** a temem. Também não há por que julgar como prova de que vivem longo tempo o fato de às vezes o dia lhes parecer longo, ou de se queixarem de que as horas passam lentamente até a chegada do momento indicado para o jantar. De fato, se alguma vez suas ocupações os abandonam, inquietam-se por terem sido deixados com tempo para si e nem sabem como dispor dele ou gastá-lo. Assim, lançam-se a qualquer ocupação e é enfadonho todo intervalo entre uma e outra. Da mesma maneira, quando se anunciou a data de uma luta gladiatória, ou quando se espera a que fora marcada para algum outro espetáculo ou diversão, querem pular os dias **16.4** que faltam. Para eles, toda demora do evento esperado é longa, mas aquele momento que amam é breve e fugaz e muito mais breve por causa da doença deles: de fato passam de um desejo para outro e não podem deter-se em um único. Os dias, para eles, não são longos, mas detestáveis. Porém, ao contrário, quanto lhes parecem curtas as noites que **16.5** passam nos braços de prostitutas ou no vinho. Daí também o delírio dos poetas, que com suas ficções alimentam os desatinos humanos, segundo os quais Júpiter, seduzido pelo prazer do sexo, teria duplicado a noite. Que outra coisa seria inflamar nossos vícios senão designar os deuses como seus autores e dar à nossa doença, pelo exemplo da divindade, uma licença justificada? Podem não lhes parecer muito breves as noites que eles compram tão caro? Perdem o dia na espera da noite; a noite, no temor da alvorada.

XVII

17.1 Mesmo os seus prazeres são trépidos e perturbados por vários temores e, bem quando estão mais exultantes, sobrevém-lhes um pensamento inquietante: "Quanto tempo vai durar?". Por causa desse sentimento, reis lamentaram seu poderio, e não os deleitou a grandiosidade de sua boa fortuna, mas os aterrorizou o fim que um dia lhe adviria. **17.2** Ao estender seu exército ao longo de vastas campinas, sem poder perceber seu número, mas só sua dimensão, o mais insolente dos reis persas derramou lágrimas porque em cem anos ninguém restaria daquela tão numerosa massa de jovens. Mas ele próprio, que chorava, estava prestes a movê-los para seu destino e a fazer uns perecerem no mar, outros em terra, uns em combate, outros em fuga, e, num exíguo espaço de tempo, haveria de aniquilar aqueles por cujo centésimo ano ele temia. **17.3** E por que é que são receosas também suas alegrias? É que elas não se apoiam em motivos sólidos, mas são conturbadas pela mesma inconsistência da qual se originam. Por

outro lado, como pensas que são os momentos que eles próprios admitem como tristes, uma vez que também aqueles alegres, com os quais se exaltam e se transportam acima dos homens, **17.4** são tão pouco genuínos? Todos os seus maiores bens são motivo de inquietação e em sorte alguma é pior confiar do que na melhor delas: para salvaguardar a felicidade, é preciso outra felicidade, e devem-se fazer votos pelos próprios votos alcançados. De fato, é instável tudo o que nos advém de modo fortuito e, quanto mais elevada é uma situação, tanto mais está exposta à queda. Ora, a ninguém agrada a iminência de uma queda. Portanto, é por força a mais desditosa, não somente a mais breve, a vida daqueles que, com enorme esforço, adquirem algo que deverão possuir com esforço **17.5** ainda maior. Laboriosamente conseguem o que desejam; conservam angustiados o que conseguiram. Nesse ínterim, não se faz nenhuma reflexão sobre o tempo, que nunca mais vai tornar atrás. Novas ocupações substituem-se às antigas, uma esperança desperta outra, uma ambição, outra ambição. Não se busca o fim da infelicidade, muda-se-lhe a fonte. Os nossos cargos nos torturaram: mais tempo nos tomam os dos outros; deixamos de penar como candidatos: iniciamos como partidários de outros; desobrigamo-nos do aborrecimento de acusar: deparamos com o de julgar; deixou-se de ser membro do júri: passa-se a presidi-lo; envelheceu-se na administração remunerada de bens alheios: **17.6** é hora de ocupar-se das próprias riquezas. Mário deixou a farda: exerce o consulado. Quíncio apressa-se a escapar do cargo de ditador: será reconvocado a largar do arado. Cipião marchará contra os cartagineses ainda sem estar maduro para tamanha empresa; vencedor de Aníbal, vencedor de Antíoco, glória de seu consulado, garantia do de seu irmão, não fosse ele próprio a opor-se, seria colocado ao lado de Júpiter. Salvador da pátria, as lutas civis o perseguirão e, depois de desprezar, quando jovem, honras iguais às dos deuses, quando velho terá prazer em ambicionar um exílio altivo. Para inquietudes nunca faltarão motivos, ou felizes ou tristes. A vida irá se arrastar entre as ocupações. O tempo para si nunca será uma realidade, mas sempre um desejo.

XVIII

18.1 Separa-te então do vulgo, meu caríssimo Paulino, e depois de uma travessia agitada, não proporcional a teus anos, retira-te enfim para um porto bem tranquilo. Pensa quantas vagas afrontaste, quantas tempestades, de um lado, suportaste na vida privada, quantas, de outro, provocaste contra ti na vida pública. Já bastante se mostrou o teu valor por provas laboriosas e turbulentas; experimenta o que ele pode realizar no ócio. A maior parte de tua vida,

certamente a melhor, foi destinada à vida pública; toma um **18.2** pouco do teu tempo também para ti. Não te chamo para um repouso estéril ou inerte, não para que no sono e nos prazeres caros à turba mergulhes toda a índole vigorosa que há em ti; isso não é repousar. Encontrarás atividades mais importantes do que todas as que até agora diligentemente **18.3** exerceste, as quais empreenderás retirado e tranquilo. Tu realmente administras os recursos do orbe romano com o mesmo respeito que os alheios, com mesmo zelo que os teus, com o mesmo escrúpulo que os do Estado. Consegues estima em um cargo em que é difícil evitar o ódio. No entanto, acredita-me, mais vale saber gerenciar a própria **18.4** vida do que os celeiros estatais. Esse teu ânimo vigoroso, plenamente capaz das mais altas realizações, resgata-o desse ofício sem dúvida honroso, mas pouco adequado a uma vida feliz, e reflete que tu não te empenhaste desde a primeira infância no estudo das artes liberais para que te fossem confiados milhares de toneladas de grãos; deras promessa de algo maior e mais elevado. Ademais, não faltarão homens de integridade comprovada e de laborioso empenho. São bem mais aptos para o transporte de cargas os lerdos jumentos do que os cavalos de raça; quem alguma vez oprimiu com um fardo pesado a agilidade de um **18.5** puro-sangue? Reflete, além disso, sobre quanta preocupação envolve pôr-te à frente de tamanho encargo: lidas com o ventre humano. O povo esfomeado não aceita razões, nem se acalma com o que é justo, nem se dobra por nenhum apelo. Bem recentemente, poucos dias depois que morreu Caio César — sofrendo profundo desagrado (se é que nos infernos os mortos têm algum sentimento) por ver que, sobrevivendo-lhe o povo romano, restavam-lhe provisões para pelo menos sete ou oito dias, ele que então estendia pontes de navios em fila e se divertia com as reservas do império —, apresentava-se o pior dos males diante de nós, do mesmo modo que se estivéssemos sitiados: a escassez de alimentos. A imitação de um rei ensandecido, estrangeiro e desgraçadamente arrogante custou-nos quase o aniquilamento e a fome e, o que se segue à fome, um colapso **18.6** total. Que disposição de ânimo tiveram então aqueles que haviam sido encarregados de cuidar do abastecimento público de grãos, tendo de enfrentar pedras, ferro, incêndios e... Caio César? Com absoluta dissimulação encobriam tão grande mal ocultado nas vísceras do Estado, e evidentemente com razão, pois alguns males devem ser tratados mantendo-se desinformados os doentes; muitos morreram por conhecer sua doença.

XIX

19.1 Retira-te para essas ocupações mais tranquilas, mais seguras e maiores. Tu pensas que é a mesma coisa se cuidas para que o trigo seja transferido para os armazéns sem sofrer dano, quer seja por fraude, quer por negligência dos transportadores, para que não se estrague e fermente por retenção de umidade, para que corresponda à medida e ao peso, ou se, em vez disso, te ocupas desses estudos sagrados e sublimes, a fim de conhecer qual é a natureza de deus, qual a sua vontade, qual a sua condição, qual a sua forma, que destino aguarda tua alma, que lugar nos reserva a natureza depois de deixarmos nossos corpos, o que é que sustenta no centro do universo os corpos mais pesados, suspende no alto os leves, leva o fogo para a parte mais alta, impele os astros em suas trajetórias, e assim por diante, outros fenômenos **19.2** repletos de notáveis maravilhas? Queres tu deixar o chão para trás e contemplar pela mente essas coisas? Agora, enquanto o sangue está aquecido, os que têm vigor devem avançar para propósitos melhores. Aguarda-te, nesse modo de vida, grande número de belos conhecimentos, o amor e a prática das virtudes, o esquecimento dos desejos, o saber viver e morrer, um estado de profunda paz. **19.3** É triste realmente a condição de todas as pessoas ocupadas. No entanto, a mais triste é a daqueles que sofrem não pelas próprias ocupações, que dormem conforme o sono alheio, andam pelo passo alheio, amam e odeiam mediante ordens, sentimentos os mais livres de todos. Estes, se quiserem saber quanto é breve a própria vida, pensem que pequena parte é de fato sua.

XX

20.1 Assim, quando vires alguém portando já com frequência a toga pretexta, ou um nome celebrizado no foro, não invejes: essas coisas se adquirem com prejuízo da vida. Para que um só ano seja datado pelo nome deles, irão consumir todos os seus anos. A uns, antes que lutassem pelo cume da ambição, a vida abandonou nos reptos preliminares; a outros, depois de haverem conquistado, por mil desonras, o remate das honras, sobreveio-lhes o triste pensamento de terem se fatigado por uma inscrição num sepulcro; de alguns, sua avançada velhice, como se fosse a juventude, ao se dispor a novas esperanças, sucumbiu **20.2** inválida em meio a grandes e insaciáveis esforços. Que feio é para alguém, já idoso, perder o fôlego no tribunal, em defesa de litigantes totalmente desconhecidos, enquanto faz a peroração e tenta captar expressões de assentimento de um público inepto; que degradante é para alguém, cansado mais de viver do que de trabalhar, desfalecer no meio de seus compromissos; que degradante é morrer durante a

análise do livro de contas, sob o sorriso de um **20.3** herdeiro, mantido em longa espera. Não posso omitir um exemplo que me ocorre: Sêxtio Turânio foi um ancião de comprovada diligência, que, depois dos noventa anos, tendo recebido de Caio César, sem solicitação, a dispensa de seu cargo administrativo, mandou que o pusessem no leito e que sua família, em torno dele, o pranteasse como a um morto. A casa lastimava o retiro inativo de seu velho senhor e não pôs fim ao luto antes que o trabalho lhe fosse **20.4** restituído. Acaso é tão prazeroso morrer ocupado? Muitas pessoas apresentam esse mesmo estado de ânimo: seu desejo de trabalho tem duração maior que sua capacidade. Elas lutam com a debilidade do corpo e por nenhuma outra razão julgam pesada a velhice senão porque as exclui. A lei não mobiliza um soldado a partir dos cinquenta anos, não convoca um senador a partir dos sessenta; é mais difícil as pessoas obterem de si próprias a sua retirada do que da lei. **20.5** Nesse meio-tempo, enquanto se deixam rapinar e rapinam, enquanto interrompem o repouso uns do outros, enquanto se fazem mutuamente infelizes, a vida é sem frutos, sem prazer, sem nenhum proveito para a alma. Ninguém tem a morte diante dos olhos, todos estendem longe as esperanças, alguns até mesmo dispõem as coisas para depois de sua vida: sepulcros grandiosos, dedicatórias em obras públicas, oferecimento de jogos fúnebres e exéquias ambiciosas de glória. O certo é que os funerais dessas pessoas, como se tivessem vivido muito pouco, deveriam ser conduzidos sob fachos e círios.

SOBRE A VIDA FELIZ

De Vita Beata

A GÁLIO

Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves

I

1.1 Gálio, meu irmão, todos querem viver felizes; porém, quando procuram investigar o que torna uma vida feliz, a questão se mostra nebulosa. E é tão difícil alcançar a vida feliz que, quanto mais rápido alguém corre até ela, mais se afasta, caso se desvie do caminho. Quando esse caminho leva à direção contrária, a própria velocidade torna-se causa de maior intervalo. Então, devemos verificar, primeiro, o que estamos buscando e, em seguida, olhar ao redor para encontrar o caminho mais rápido até nosso objetivo, de modo que compreenderemos, nesse mesmo caminho, caso seja o correto, o quanto avançamos a cada dia e o quão próximos estamos daquilo a que nosso desejo natural impele. **1.2** De fato, se vagarmos para todo canto por muito tempo sem seguir um mestre, mas seguindo o barulho e a gritaria dissonante de muitas vozes nos chamando, a vida vai se acabando em errâncias, breve, mesmo se nos esforçarmos dia e noite em busca de boas mentes. É preciso entender, então, tanto para onde quanto por onde avançamos, não sem certo especialista que já tenha explorado as coisas que buscamos, uma vez que os termos aqui não são os mesmos que os que encontramos em outras peregrinações. Nelas, as fronteiras já conhecidas e os locais a quem podemos pedir informações nos impedem de vagar; mas aqui os caminhos mais conhecidos e mais célebres são os que mais enganam. **1.3** Nada devemos evitar mais do que seguirmos ao modo do gado que vai atrás do rebanho que já passou, caminhando não aonde se deve ir, mas para onde os outros vão. E nada nos implica males piores do que quando nos juntamos aos rumores, quando julgamos que as melhores coisas são as que foram recebidas com a maior concordância, ou quando vivemos com base em muitos exemplos, não da razão, mas da imitação. Daí deriva grande amontoado de quedas. **1.4** Isso acontece quando há um grande confronto entre os homens, em que a massa se pressiona, de modo que ninguém cai sem que outro caia sobre ele, e os primeiros são a desgraça dos que vêm depois — é isso que se pode ver acontecer na vida de todos. Ninguém erra somente quanto a si mesmo, mas é a causa e o autor do erro de outro. Faz mal implicar-se com os que antecederam e, na medida em que cada

pessoa prefere confiar em crença, não em julgamento — nunca há julgamento sobre a vida, mas somente a crença. E um erro trazido pela mão nos chacoalha e nos joga no chão. Perecemos por conta dos exemplos dos outros. Estaremos a salvo somente se nos separarmos da multidão. **1.5** Porém, no momento o povo, defendendo seu próprio mal, se coloca contra a razão. O mesmo acontece nas eleições, em que os que se espantam com os pretores eleitos são os mesmos que votaram neles, bastando que o favor caprichoso venha a se afastar deles. Aprovamos algo, e reprovamos a mesma coisa. Esse é o resultado de qualquer julgamento em que se apoie a maioria.

II

2.1 Quando se trata da vida feliz, não há por que você me responder ao modo das discussões no Senado: "Este lado parece estar em maioria". Pois é nisso que está o pior. Nas questões humanas, o bem não está no que agrada à maioria: a multidão é a prova do que há de pior. **2.2** Busquemos, então, o que é o melhor a fazer, e não o que é a prática mais comum, e o que pode nos colocar em posse da felicidade eterna, não o que é aprovado pelo vulgo, o pior intérprete da verdade. Chamo de "vulgo" tanto os que usam coroas quanto os que usam mantos, pois não enxergo a diferença das vestes que cobrem nossos corpos. Quanto ao ser humano, não confio no que vejo com os olhos, mas disponho de uma luz melhor e mais confiável para distinguir o verdadeiro e o falso. É o espírito que descobre o bem do espírito. Este, se tiver tempo para respirar e se voltar para si mesmo, ó, quanto ele vai se torturar e confessar a verdade a si mesmo, dizendo: **2.3** "Tudo que fiz até agora preferia não ter feito. Quando penso em tudo que disse, invejo os que não falam. Tudo o que desejei considero a execração dos meus inimigos. Tudo que temi, ó bons deuses, quão mais leve foi do que tudo que desejei! Gestei inimizades para com muitos, e retornei do ódio às graças, se é que há alguma graça entre os maus. Porém, ainda não sou amigo de mim mesmo. Esforcei-me muito para me afastar da multidão e me tornar notável por ter casado com um dote. O que estava fazendo, senão me colocar na trajetória dos projéteis e mostrar à malevolência onde eu poderia ser atingido? **2.4** "Você vê esses homens que louvam a elo quência, que perseguem as riquezas, que adulam em troca de favores, que exaltam o poder? Todos são seus inimigos, ou poderiam ser, tanto faz. O mesmo tanto de gente que se admira com eles também os inveja. Por que não busco algo que é bom para o uso, algo que eu possa sentir, em vez de algo que possa mostrar? Essas coisas, que os outros olham, diante das quais param e,

estupefatos, mostram aos outros, brilham por fora mas são miseráveis por dentro".

III

3.1 Para buscarmos algo que é bom não na aparência, mas sólido, constante e mais belo por dentro: devemos desenterrá-lo. Não está distante: será encontrado; basta saber para onde estender a mão. Até agora, é como se estivéssemos no escuro, derrubando sem querer exatamente o que desejamos. **3.2** Contudo, para não o conduzir por um caminho tortuoso, deixarei para trás as opiniões de outros — pois enumerá-las seria demorado, assim como refutá-las. Ouça a nossa. Porém, quando digo "nossa", não me amarro a qualquer outra autoridade entre os estoicos: tenho o direito de defender a minha. Assim, seguirei algum, me afastarei da opinião de outro; talvez, quando chamado a falar depois de todos, não reprovarei a posição deles, mas direi: "Gostaria de acrescentar o seguinte...". **3.3** Nesse meio-tempo, faço algo que é comum a todos os estoicos: concordo com a natureza das coisas. Não se afastar dela e formar-se de acordo com o seu exemplo e as suas leis — isso é a sabedoria. Feliz é a vida que convém a sua natureza. Isso não pode acontecer a não ser que, antes de tudo, a mente esteja sã, em posse perpétua de sua sanidade. E então deve estar forte e firme, capaz de aguentar com candura, adaptada ao seu tempo, cuidadosa com seu corpo e com o que lhe diz respeito, sem ansiedade, preocupada com o que mais instrui a vida, sem arroubos de admiração, pronta para usar a fortuna como um dom, e não a ela servir. **3.4** Você percebe, mesmo se eu não acrescentar, que a tranquilidade perpétua e a liberdade seguem se expulsarmos o que nos irrita ou aterroriza. Pois, tendo sido rejeitados os prazeres e os medos, no lugar das coisas que são pequenas e frágeis, prejudiciais por conta própria, surge uma enorme alegria, inabalável e estável, seguida por paz e concórdia da alma, uma grandeza com suavidade, porque toda ferocidade deriva de alguma fraqueza.

IV

4.1 O nosso bem também pode ser definido de outra forma, ou seja, a mesma proposição pode ser compreendida com outras palavras. Da mesma maneira que o mesmo exército pode ora se abrir mais espaçadamente, ora se fechar de modo mais compacto, ora se curvar em um arco na parte do meio, ora avançar com a frente reta, enquanto sua força, não importando como esse esteja disposto, é a mesma, bem como sua disposição em levantar-se pelas mesmas causas — assim a definição do bem maior pode às vezes ser espalhada e difundida, enquanto outras

vezes pode ser compactada e dirigida a si mesma. Será a mesma coisa, então, se eu disser: **4.2** "O bem maior é o espírito que despreza as coisas da fortuna, que se regozija com a virtude" ou "força invencível do espírito, perita nas coisas práticas, calma nas ações e dotada de grande humanidade e cuidado com aqueles com quem dialoga." Podemos também definir como: feliz é o homem a quem não haja mal ou bem senão o mal ou o bem do espírito, o homem que cultiva as boas virtudes, que se contenta com elas, a quem as coisas da fortuna não elevem nem quebrem, que sabe que não há bem maior do que aquele que pode dar a si mesmo, a quem o verdadeiro prazer será o desprezo dos prazeres. **4.3** Caso queira vagar ainda mais longe, é possível transformar uma forma em outra mantendo-se íntegra e salva a potência; o que nos impede de dizer que a vida feliz é um espírito livre, reto, impávido e estável, além do medo, além dos prazeres, para quem o único bem será a virtude; o único mal, a torpeza; e o resto, só um monte de coisas vis que nem acrescentam nem diminuem nada da vida feliz, que chega e vai embora sem aumentar nem minorar o bem maior? **4.4** É necessário que o espírito, assim fundamentado, seja acompanhado de uma contínua graça e uma alegria profunda, queira ele ou não. Que ele aproveite o que é seu e não deseje nada maior do que já tem em casa. Por que não consideraria essas coisas um sólido bem em comparação com as coisas diminutas e frívolas, com os movimentos finitos de um pequeno corpo? No dia em que alguém sucumbir ao prazer, sucumbirá também à dor. Pois você verá que servidão má e danosa será útil àquele possuído alternadamente pelos prazeres e dores, os domínios mais incertos e indomáveis. Portanto, deve-se encontrar um caminho para a liberdade. **4.5** E essa liberdade não pode ser atribuída a outra coisa, senão à negligência do destino. Então, esse bem inestimável surgirá, uma quietude da mente colocada em segurança, uma sublimidade, um enorme e firme gozo derivado da expulsão dos erros e do conhecimento da verdade, uma afabilidade e expansividade do espírito, coisas com as quais ele se deleitará não como bens, mas como derivadas de sua bondade.

V

5.1 Já que comecei a tratar do tema com liberalidade, pode ser chamado de feliz aquele que não deseja nem teme, por contar com o benefício da razão — uma vez que tanto as pedras quanto o gado carecem de temor e de tristeza, mas ninguém diria que são felizes por esse motivo, pois a eles não há compreensão da felicidade. **5.2** Coloque na mesma categoria os homens cuja natureza crua e cuja ignorância de si conduziram à categoria de gado e de bestas. Não há nada entre

aqueles e estes, pois estes não possuem razão e aqueles possuem uma razão depravada e habilidosa em perversidades, para seu próprio mal. Assim, não pode ser chamado de feliz aquele que tenha sido arremessado para longe da verdade. **5.3** A vida feliz, portanto, é estabelecida sobre o juízo correto, definido e imutável. Dessa forma, a mente é pura e desprovida de todos os males somente quando tiver escapado não apenas das feridas maiores, mas também dos pequenos arranhões. Está sempre preparada para manter sua posição e seu lugar, mesmo quando a fortuna é vingativa, irada e hostil. **5.4** E, no que diz respeito ao prazer, mesmo que flua por todos os lados, transborde em todas as vias, enfraqueça o espírito com suas ternuras e agencie coisa após coisa para nos incomodar no todo ou em partes, que mortal, se ainda lhe restar algum vestígio de humanidade, desejaria ser importunado dia e noite e dar atenção apenas ao corpo, tendo abandonado o espírito?

VI

6.1 "Mas o espírito também terá seus prazeres", diz alguém. Que tenha, e que se assente como árbitro da luxúria e dos prazeres. Que ele se encha de tudo que costuma agradar aos sentidos, e que então olhe para trás e, lembrando-se dos prazeres obsoletos, exulte com o que já se foi. E que agora olhe para os prazeres futuros e coloque suas esperanças em ordem, e, enquanto o corpo afunda em um glutão presente, lance seus pensamentos ao futuro. Isso me parecerá muito mais deplorável, já que é demência escolher os males no lugar dos bens. E ninguém é feliz sem sanidade; e ninguém é são se deseja coisas prejudiciais no lugar das coisas melhores. **6.2** Portanto, feliz é aquele correto em seu juízo; feliz é aquele que se contenta com o que quer que esteja presente, amigo de suas próprias coisas; e feliz é aquele cuja disposição seja totalmente aprovada pela razão.

VII

7.1 Isso veem também aqueles que consideram que o bem maior está nessa parte baixa do corpo. Assim, negam que se possa separar o prazer da virtude e afirmam que não se pode viver de forma honesta sem viver com prazer, nem viver com prazer sem viver de forma honesta. Não consigo ver como coisas tão diferentes podem estar unidas numa mesma comunhão. Por que, eu pergunto, o prazer não pode ser separado da virtude? Seria por que, eu suponho, todo o princípio das coisas boas deriva da virtude, e a partir das raízes da virtude surgem até mesmo as coisas amadas e desejadas? Porém, se essas coisas fossem inseparáveis, não veríamos as que são prazerosas mas não honestas, e outras coisas que são, na

verdade, as melhores do ponto de vista moral, porém ásperas, alcançadas através da dor. **7.2** Acrescente-se, agora, que o prazer vem até mesmo para as vidas mais torpes; a virtude não admite uma vida má; e os infelizes não vivem sem o prazer, mas o são justamente por conta do prazer, o que não aconteceria caso se misturasse com a virtude. A virtude sempre demanda prazer; mas nunca precisa dele. **7.3** Por que, então, combinar coisas distintas e até mesmo divergentes? A virtude é algo profundo, excelso, real, invicto, infatigável. O prazer é baixo, servil, fraco, efêmero, que age e habita nos bordéis e tavernas. A virtude você encontrará nos templos, no Fórum, na cúria, diante das muralhas, com mãos calejadas, queimadas de sol e sujas de terra. O prazer você encontrará normalmente bem escondido, nas sombras, nos banhos, saunas e espaços temidos pelos magistrados, cheios de pessoas suaves, fracas, moles e empapadas de cremes, pálidas ou maquiadas, embalsamadas com cosméticos. **7.4** O bem maior é imortal, não sabe como ir embora; não fica saciado nem arrependido. Uma mente correta, então, nunca vacila, nem é odiosa a si mesma; nem as melhores coisas mudam. Porém, o prazer extingue-se no momento em que mais nos deleita. Não tendo muito espaço, logo o preenche e torna-se tedioso, e murcha logo após o primeiro ímpeto. E nunca é definido pois sua natureza está em movimento. Não pode ter substância aquilo que vem e parte muito rápido, e que perecerá com seu próprio uso. Avança, ainda, com celeridade para o ponto em que cessa; e, enquanto começa, já olha para o fim.

VIII

8.1 O que dizer, então, se há prazer tanto nas coisas boas quanto nas coisas más, e que os torpes deleitam-se em sua vileza não menos do que os honrados em seus feitos egrégios? O motivo pelo qual os antigos nos ensinaram a perseguir a melhor vida em vez da mais prazerosa foi para que o desejo fosse guia, companheiro da vontade boa e correta. Mas é a natureza que se deve usar como guia; é ela que a razão observa e consulta. **8.2** Assim, viver bem é o mesmo que viver de acordo com a natureza. E o que isso significa, logo mostrarei. Se conservarmos diligentemente e sem medo os dons do corpo e os elementos apropriados da natureza como se fossem fugazes e perecíveis; se não nos submetermos à servidão; se as coisas alheias não nos possuírem; se as coisas agradáveis ao corpo, vindas de fora, quando nele tomarem lugar, como se fossem soldados auxiliares e leves no campo de batalha, não nos dominarem, mas nos servirem — finalmente tudo isso será, assim, útil para a mente. **8.3** Que o homem seja incorruptível pelos externos e insuperável, admirador apenas de si

mesmo, "confiante no espírito e preparado para ambas as coisas", um artífice da vida. Que sua confiança não seja sem conhecimento; que seu conhecimento não seja sem constância; que suas decisões, uma vez tomadas, permaneçam para si; e que nenhum de seus decretos seja alterado. Compreende-se, mesmo sem que eu acrescente, que um tal homem será bem composto e bem ordenado, e que em tudo que fizer será magnífico e gentil. **8.4** Que a razão seja estimulada pelos sentidos, e que tome daí seus princípios. Certamente não há outro lugar de onde tirar sua vontade, de onde receba seu ímpeto para a verdade. Que, então, a razão se volte para si. Pois mesmo o mundo que abarca todas as coisas e deus, o regente do universo, tendem, de fato, para as coisas externas, ficando, porém, voltados para dentro, para si mesmos. Que nossa mente faça o mesmo: quando tiver seguido os sentidos e tiver se estendido às coisas externas através deles, que tenha poder sobre eles e sobre si. **8.5** É desse modo que uma única força e um único poder serão criados, em harmonia, e que nascerá aquela razão bem definida, não dissidente, nem hesitante em suas opiniões, em suas compreensões e em sua persuasão. Quando essa razão se ordenou e consentiu em suas partes e, tal como eu diria, harmonizou-se, assim atingiu o bem maior. Nada de depravado, nada de lúbrico sobra, nada contra o que se bater ou em que escorregar. Tudo ela fará de acordo com seu comando e nada acontecerá de imprevisto, mas tudo que for feito resultará no bem, com facilidade, com preparação e sem tergiversação do agente. Pois a indolência e a hesitação demonstram o conflito e a inconstância. **8.6** Por isso, você pode aceitar com confiança que o bem maior é a concórdia do espírito. As virtudes deverão estar onde estiverem a unidade e o consenso. Os vícios é que são discordantes.

IX

9.1 "Contudo", dirá nosso oponente, "você cultiva a virtude por esperar que dela venha algum prazer." Primeiro, mesmo que a virtude venha a trazer algum prazer, não é por isso que a buscamos. Ela pode trazer ou não, mas não trabalha por ele. No entanto, seu esforço, embora em busca de outra coisa, também alcança o prazer. **9.2** Como num campo que tenha sido arado para os cereais, mas nascem flores aqui e ali; e, embora agradem aos olhos, um trabalho de tal monta não tenha sido realizado para essas plantas — outro foi o propósito do agricultor, mais importante —, tal prazer não foi o resultado nem a causa da virtude, mas um acessório, e não agrada porque deleita; mas, se agrada, também deleita. **9.3** O bem maior está no próprio julgamento e na disposição da melhor mente. Quando essa mente completou o seu percurso e se encerrou em suas

fronteiras, o bem maior está consumado e não deseja nada além disso. Pois não há nada fora da totalidade, não mais do que há além do fim. **9.4** Assim, você erra quando me pergunta por que busco a virtude, pois pergunta, assim, o que está além do mais elevado. Você me pergunta o que eu quero da virtude. Eu a quero por si mesma porque não tem nada melhor; ela é a própria recompensa. Talvez isso não seja o bastante? Quando eu lhe digo que "o bem maior é o rigor inquebrantável do espírito, a Providência, o sublime, a sanidade, a liberdade, a concórdia e o decoro", mesmo assim você exige algo maior, a que essas coisas possam se referir? Por que você me fala do prazer? Eu busco o bem do homem, não do ventre, que é mais espaçoso no gado e nas feras!

X

10.1 Então ele dirá: "Você distorce o que estou dizendo. Pois eu não nego que alguém possa viver com o prazer a não ser que viva ao mesmo tempo de forma honrada, o que não acontece com os animais ou com aqueles que medem o bem maior em termos de comida. Clara e abertamente, atesto que esta vida que chamo de prazerosa não pode ser alcançada senão com o acréscimo da virtude." **10.2** E quem ignora que os homens mais estúpidos estão fartos com esses seus prazeres? E que sua perversidade está repleta de prazeres e o próprio espírito sugere a si mesmo muitos tipos de prazeres depravados? Especialmente a insolência; uma valorização excessiva de si; a arrogância que os carrega para cima de todos os outros; um amor cego e improvidente por seus bens materiais; um fluxo de deleites e uma exultação por causas minúsculas e pueris; uma verbosidade, uma soberba em insultar com prazer; uma preguiça, uma dissolução de uma mente apática, que mal consegue ficar desperta? **10.3** A virtude chacoalha todas essas coisas e dá um puxão de orelha, avaliando os prazeres antes de admiti-los, e não valoriza muito as que não aprova, contentando-se não com seu uso, mas com a moderação nesse uso. E a temperança, ao diminuir os prazeres, restringe o bem maior. Você se regozija com os prazeres, eu os restrinjo; você goza do prazer, eu faço uso dele; você o considera o bem maior, e eu não o considero sequer um bem; você faz tudo por causa do prazer, e eu, nada.

XI

11.1 Quando digo que nada faço por causa do prazer, eu me refiro àquele sábio que admite que sente prazer. Porém, não chamo de sábio alguém que tenha algo acima de si, muito menos o prazer: se ele está preocupado com isso, de que modo resistirá ao sofrimento e ao perigo, à pobreza e às armadilhas que cercam a vida

humana de todos os lados? De que modo suportará a imagem da morte, as dores, o estraçalhar do mundo e um enorme número de inimigos violentíssimos, sendo vencido por adversário tão molenga? "Ele fará o que quer que o prazer o tenha persuadido a fazer." Mas, ora, você não vê quantas coisas o prazer tentará convencê-lo a fazer? **11.2** "Não poderá convencer a fazer nada torpe, pois está unido à virtude." De novo, você não vê que espécie de bem maior é o que tem necessidade de um guardião para que seja de fato bom? E como a virtude governará o prazer, se ela vier atrás dele, visto que seguir é para os que obedecem, e reger é para os que comandam? Você prefere colocar o que manda atrás? Vê-se que a virtude tem mesmo um ofício muito elevado: o de provar antes os prazeres! **11.3** Veremos, então, se a virtude ainda habita junto a vocês, onde foi tratada de forma tão insultuosa. A virtude não pode avançar até onde não pode manter o seu nome, se perder o seu território. Nesse meio-tempo, mostrarei que muitos foram sitiados pelos prazeres, esses em quem a fortuna derramou todos os seus dons, e que você terá que admitir que são maus. **11.4** Veja Nomentano e Apício digerindo o que chamam de "bens" das terras e do mar, passando em revista sobre as suas mesas animais de todos os povos e lugares. Veja esses mesmos homens olhando seu banquete de cima de uma pilha de rosas, seus ouvidos com os sons das vozes, seus olhos cheios de estupefação, seus palatos deleitando-se com sabores. Seus corpos inteiros são bombardeados com estímulos calmos e suaves e, para que seus narizes não parem de sentir, vários aromas são aspergidos no salão onde são realizados sacrifícios à luxúria. Esses você dirá que estão imersos em prazeres. Mas isso não acabará bem para eles, já que não gozam com o bem.

XII

12.1 "Será ruim para eles", dirá, "pois passam por muitas coisas que perturbarão seus espíritos, e opiniões contrárias inquietarão suas mentes." Concordo que seja dessa forma, mas, mesmo assim, sendo estúpidos, iníquos, sujeitos a golpes do arrependimento, esses ainda assim gozarão de enormes prazeres. Por isso, devemos admitir que estão tão afastados de tudo que é desagradável quanto de uma boa mente, e, o que acontece com muitos, que eles enlouquecem com uma loucura jocosa e que riem enquanto estão em fúria. **12.2** Por outro lado, os prazeres dos sábios são contidos, modestos e bastante frágeis. São restritos e um tanto imperceptíveis, de modo que vêm sem serem convocados e, uma vez que o fazem por conta própria, não são tidos em grande estima, nem recebidos com prazer por aqueles que os percebem, pois os sábios os misturam e os espargem em

suas vidas, assim como salpicam as coisas sérias com os divertimentos ou os gracejos. **12.3** Portanto, que eles parem de unir coisas que não convêm, de implicar o prazer na virtude, com o que estimulam o vício em muitas pessoas péssimas. Aquele que está mergulhado nos prazeres, sempre arrotando de bêbado, crê que vive também em virtude por saber que está vivendo em prazeres. Isso porque ouviu que não é possível separar o prazer da virtude, e então inscreve a sabedoria em seus vícios, pronunciando coisas abjetas. **12.4** Dessa forma, eles não caem em luxúria impelidos por Epicuro, mas, dedicados aos vícios, camuflam sua luxúria no seio da filosofia e acorrem ao local onde ouvem o prazer ser louvado. Não consideram o quanto aquele prazer de Epicuro — por Hércules, ao menos é assim que eu o percebo — é sóbrio e seco; antes, saem voando até o nome dele, em busca de um certo patrocínio e um tipo de véu para suas luxúrias. **12.5** Assim, eles perdem a única coisa boa em seus males: a vergonha pelos seus erros. Pois louvam as coisas pelas quais costumavam corar, vangloriam-se com o vício; por isso mesmo não é possível que ressurja a penitência quando um título de moralidade é dado a uma preguiça torpe. É por isto que o louvor ao prazer é perigoso: os preceitos morais estão escondidos no interior, e o que corrompe é o que aparece.

XIII

13.1 Eu mesmo sou da opinião — e direi isso sabendo que nossos colegas estoicos ficarão contrariados — de que Epicuro ensinava o que era correto e sagrado e, se você observar mais de perto, também o que era severo. Aquele prazer restringe-se ao pequeno e ao esguio, e o que nós propomos como lei para a virtude ele propõe para o prazer: ele o obriga a obedecer à natureza. E o que é o bastante para a natureza é pouco para a luxúria. **13.2** Então, o que acontece? Todo aquele que chama de felicidade o ócio preguiçoso e a alternância entre gula e luxúria busca uma boa autoridade para algo mau, e, quando chega induzido pelo nome brando, o prazer que segue não é o que ouve, mas o que traz junto; e, quando começa a considerar seus vícios como semelhantes a preceitos, indulgencia neles não de forma tímida nem em segredo, mas já se entrega a eles luxuriante e, a partir daí, com a cabeça descoberta. Assim, não direi o que a maioria dos nossos colegas dizem, que a seita de Epicuro é a precursora do que é vergonhoso, mas digo o seguinte: ela é criticada e sua fama é ruim, mas sem merecer. **13.3** Porém, quem pode saber disso sem ter sido admitido como um deles? Sua própria fachada dá espaço a histórias e estimula más esperanças. É como um homem muito forte vestindo um vestido: seu pudor e sua virilidade estão intactos; seu

corpo não demanda nada torpe; mas leva um tamborzinho nas mãos! Escolha-se um título honrado e uma inscrição que excite o espírito. A que existe foi criada pelos vícios. **13.4** Todo aquele que se aproxima da virtude deu uma amostra de sua índole nobre. Aquele que segue o prazer parecerá frágil, alquebrado, degenerado, que avança rapidamente às coisas torpes, a não ser que alguém distinga para ele os tipos de prazer, para que saiba quais estão confinados entre os desejos naturais e quais são levados adiante e são infinitos, de modo que, quanto mais são preenchidos, mais estão vazios e impreenchíveis. **13.5** Vamos lá: que a virtude venha em primeiro lugar, e todas as suas pegadas serão seguras. E o prazer é prejudicial quando é excessivo. Na virtude, não se deve temer o exagero, pois há um limite nela mesma. Não é bom aquilo que se esforça em sua própria magnitude. Além disso, para aqueles a quem se atribuiu uma natureza racional, o que se pode propor de melhor do que a razão? E se tal união é do seu agrado, se você quer alcançar a vida feliz com essa companhia, que a virtude vá na frente, acompanhada pelo prazer, orbitando o corpo tal como uma sombra. De fato, entregar a virtude, a mais excelsa senhora, como serva do prazer é atitude de alguém que não concebe nada de grandioso em seu espírito.

XIV

14.1 Que a virtude seja a primeira e porte esses símbolos. Mesmo assim, teremos prazer, mas seremos seus senhores e moderadores; poderá conseguir algo de nós se pedir, nunca à força. Todavia, os que concederam primazia ao prazer ficam sem ambos: pois perdem a virtude e eles mesmos não têm o prazer restante, mas o prazer é que os possui. Ou são torturados pela falta ou estrangulados pelo excesso; míseros se são abandonados pelo prazer, mais míseros ainda se atropelados por ele, assim como os que são presos pelo mar de Sirte estão ora em terra firme, ora arrastados pela torrente das águas. **14.2** Isso acontece pelo excesso de intemperança e por um amor cego por algo. Pois é perigoso que os que buscam coisas más no lugar das boas as obtenham. Assim como quando caçamos as feras com grande esforço e risco, e a posse daquelas capturadas é algo incômodo — pois com frequência elas estraçalham seus senhores —, assim se comportam os grandes prazeres: fazem um grande mal quando estão longe e, capturados, capturam. Quanto maiores e mais numerosos são, menor é aquele homem que a multidão considera feliz, e maior é a quantidade de coisas de que ele é escravo. **14.3** Gostaria de permanecer ainda com a mesma imagem dessa situação: aqueles que procuram os covis das bestas e consideram algo grandioso "capturar as feras com o garrote" e "circundar os amplos bosques com cães" a fim

de farejar seus rastros abandona coisas muito mais importantes e renuncia a muitos deveres. Assim, aquele que persegue insistentemente o prazer deixa tudo para trás e negligencia antes de tudo a liberdade, gasta tudo em favor de seu ventre, e não compra os prazeres para si, mas vende a si mesmo para os prazeres.

XV

15.1 "Mas então", ele diria, "o que impede que virtude e prazer sejam fundidos em uma só coisa, tornando-se, assim, o bem maior, sendo ao mesmo tempo agradável e honrado?". Porque uma parte do honrado não pode ser senão honrado e o bem maior não terá sua integridade se perceber que há algo em si que é diferente do melhor. **15.2** E a alegria que provém da virtude, embora seja algo bom, ainda assim não é parte do bem absoluto, não mais do que a alegria e a tranquilidade, mesmo que nasçam das causas mais belas. Pois essas coisas são bens, mas elas se seguem ao bem maior e não o completam. **15.3** Aquele que faz uma sociedade entre virtude e prazer, mas que seja desigual, pela fragilidade de um bem, enfraquece o que há de forte no outro, e subjuga a própria liberdade, que só é invencível se não reconhecer nada de mais precioso do que ela mesma. Porque ele começa a ter necessidade da fortuna, o que é a mais profunda servidão. Segue-se uma vida ansiosa, suspeita, amedrontada, temente ao acaso, suspensa no tempo do momento. Você não dá um fundamento pesado, imóvel, à virtude, mas ordena a permanecer em um local instável. E o que é mais instável do que a expectativa do que é fortuito e a variabilidade do corpo e das coisas que afetam o corpo? **15.4** Como essa pessoa pode obedecer aos deuses e receber o que quer que aconteça com bom espírito, não reclamar do destino e ser uma intérprete benevolente das coisas que acontecem consigo se é abalada pelas menores agulhadas dos prazeres e das dores? Pois ela nem será uma boa guardiã ou vingadora da pátria, nem uma defensora dos amigos, se ela converge em direção aos prazeres. **15.5** Portanto, que o bem maior ascenda até onde nenhuma força o desloque, para onde não seja alcançado nem pela dor, nem pela esperança, nem pelo medo, nem por nada que deteriore sua lei. Até ali, só a virtude pode ascender. O duro aclive deve ser vencido pelos passos da virtude. A virtude ficará forte e suportará o que quer que aconteça, não apenas com paciência, mas também de boa vontade, e saberá que toda a dificuldade dos tempos é a lei da natureza, e que, para um soldado suportar os ferimentos, contará cicatrizes e, morrendo, atravessado pela lança, amará o comandante por quem cai. Terá no espírito aquele velho preceito: siga os deuses! **15.6** Contudo, todo aquele que geme, que reclama, que chora, é forçado a seguir ordens, arrastado contra a

vontade a cumpri-las. Mas que demência é ser arrastado em vez de seguir. Por Hércules, que estupidez e ignorância de sua condição é se condoer por faltar algo a si ou porque algo mais duro aconteceu, assim como admirar-se com as coisas que acontecem tanto com os bons quanto com os maus, ou considerá-las indignas. Falo aqui de doenças, funerais, mutilações e outras coisas que nos abalam no transcurso da vida humana. **15.7** Tudo o que suportamos por conta da constituição do universo devemos observar com espírito elevado: fomos levados a esse julgamento, suportar as coisas mortais e não nos abalar quando não está em nosso poder evitá-las. Nascemos sobre o reino em que obedecer a deus é a liberdade.

XVI

16.1 Dessa forma, a verdadeira felicidade está na virtude. O que essa virtude tem a oferecer? Considerar nem bom, nem mau o que não diz respeito nem à virtude, nem à maldade; em seguida, ficar imóvel contra o mal e moldar, na medida do que é permitido, uma imagem de deus. **16.2** E o que a virtude promete a você em troca dessa expedição? Recompensas enormes e semelhantes às coisas divinas. Sem forçá-lo a nada, você de nada sentirá falta, será livre, estará seguro, isento de perigos. Nada que tentar será em vão, nada o impedirá. Tudo se passará de acordo com a vontade, nada de adverso acontecerá, nada contra a opinião ou a vontade. **16.3** "O quê? Então basta a virtude para se viver feliz?" E como não bastaria, sendo perfeita e divina, até mesmo transbordante? Pois o que pode faltar a algo colocado além dos desejos de todas as coisas? O que de fora é necessário para aquele que tem todas as suas coisas em si? Mas para quem tende à virtude, mesmo avançando muito, há a necessidade de alguma indulgência da fortuna enquanto luta entre as coisas humanas, até que desate esses nós e todos os laços mortais. Mas por que isso interessa? Porque uns estão agrilhoados; outros, amarrados; outros, mais estirados no potro; mas aquele que avançou em direção às coisas mais elevadas e se alçou a alturas maiores traz as correntes mais relaxadas, ainda que não livre, mas já como se o fosse.

XVII

17.1 Se algum desses que vivem ladrando contra a filosofia disser, como eles costumam dizer: "Então por que você fala com mais vigor do que vive? Por que abaixa a voz para os superiores e estima o dinheiro como um instrumento necessário? Por que se condói por alguma perda e derrama lágrimas ao saber da morte do cônjuge ou do amigo? Por que se preocupa com sua reputação e se deixa

atingir por palavras malignas? **17.2** "Por que sua fazenda é mais cultivada do que o uso natural demanda? Por que seus jantares não são de acordo com os seus preceitos? Por que seus móveis são tão brilhantes? Por que na sua casa se bebe vinho de uma safra mais velha que você? Por que há ouro disposto em sua casa? Por que foram plantadas árvores que fornecem apenas sombra? Por que sua esposa leva nas orelhas tesouros dignos de uma casa de ricos? Por que os meninos na escola de escravos se vestem com roupas suntuosas? Por que na sua casa o serviço de copeiras é uma arte e a prataria é disposta não de maneira espontânea, mas servida com perícia, e por que há um mestre-talhador de banquetes?" Pode acrescentar, se quiser: "Por que você tem posses além do mar? Por que tem mais coisas do que se tem notícia? Por que é tão torpemente negligente a ponto de não conhecer nem mesmo alguns servos e tão luxurioso que tenha mais deles do que consiga reter em sua memória?" **17.3** Mais tarde ajudarei com mais acusações e lançarei contra mim mais do que você consegue imaginar, mas agora respondo o seguinte: "Não sou sábio e, para alimentar a sua malevolência, também não serei. Exija de mim, então, não que eu seja igual aos melhores, mas melhor que os maus. É o bastante para mim retirar algo de meus vícios todos os dias e reprovar os meus erros." **17.4** "Eu não alcancei a saúde, e de fato não alcançarei. Estou preparando paliativos, e não remédios, para a minha gota, e me contento se ela vier mais raramente e se doer menos. Mas, comparado com os seus pés, que são débeis, eu sou um corredor." Não falo isso em meu favor — pois eu mesmo estou afundado em todos os vícios —, mas em favor daquele que realizou alguma coisa.

XVIII

18.1 "Você fala de um jeito e vive de outro", você me diz. Essa objeção, de sua cabeça maligna e inimiga dos melhores, foi feita contra Platão, contra Epicuro, contra Zenão. Mas todos falavam não sobre como eles mesmos viviam, mas sobre como deveriam viver. Falo da virtude, não de mim, e, quando acuso os vícios, acuso principalmente os meus. **18.2** Quando puder, viverei do modo que devo. Nem essa malignidade tingida com muito veneno vai me afastar das melhores coisas. Nem essa peçonha que você lança sobre os outros, com a qual se mata, me impedirá de perseverar a louvar a vida, não a que eu levo, mas a que sei que deve ser levada, ou de adorar a virtude e segui-la me arrastando mesmo a uma grande distância. **18.3** Devo esperar que tal malevolência mantenha alguém inviolado, quando nem Rutílio nem Catão foram respeitados? Deveria alguém se preocupar se se parece rico demais àqueles a quem Demétrio, o Cínico, não é

pobre o suficiente? Um homem vigoroso, que luta contra todos os desejos da natureza, mais pobre do que todos os outros cínicos, pois, quando se proibiram de ter posses, ele se proibiu de buscá-las, e negam que ele careça o suficiente! Pois veja você: ele ensinava não a ciência da virtude, mas a da pobreza.

XIX

19.1 Dizem que Diodoro, filósofo epicurista que há poucos dias pôs fim à vida com as próprias mãos, não agia de acordo com o decreto de Epicuro, por ter cortado a própria garganta. Alguns querem que esse ato seja visto como demência; outros, como temeridade. Ele, nesse meio-tempo, feliz e pleno de boa consciência, deu um testemunho de si enquanto abandonava a vida e louvou a quietude de uma vida passada no porto e na âncora, e falou o que você ouviu, contrariado, como se também tivesse que fazer: "Eu vivi e fiz o caminho que o destino cedeu". **19.2** Você discute sobre a vida de um e a morte de outro, e ladra, como um cachorrinho, quando vê pessoas desconhecidas, para a reputação de homens grandiosos por conta de alguma glória exímia. Pois você se desonera se ninguém parece bom, como se a virtude alheia fosse uma reprovação de todos os seus delitos. Compara coisas esplêndidas com seus atos sórdidos, e não entende o quanto perde com essa ousadia. Pois se aqueles que seguem a virtude forem avarentos, libidinosos e ambiciosos, quem será você, para quem o próprio nome da virtude é odioso? **19.3** Você nega que haja alguém que cumpra aquilo que diz ou que viva de acordo com seu próprio discurso. Isso não surpreende, já que falam coisas fortes, grandiosas, que se afastam de todas as tempestades humanas. Quando tentam se desvencilhar de suas cruzes — nas quais cada um prega os próprios pregos —, eles são levados mesmo assim ao suplício e pendurados cada um em seu poste. Aqueles que cuidam apenas de si são amarrados em tantas cruzes quantos são os seus desejos. Mas continuam maledicentes e magníficos na hora de insultar os outros. Eu acreditaria que eles teriam tempo de fazer isso, se não estivessem no alto de suas cruzes, cuspindo nos espectadores.

XX

20.1 "Filósofos não fazem o que falam." Na verdade, fazem muito do que falam, e o concebem com uma mente virtuosa. Pois então, se agissem de forma semelhante às coisas que dizem, o que seria mais feliz para eles? Por isso, não há motivo para que você despreze suas boas palavras e seus corações cheios de bons pensamentos. Seu empreendimento de estudos salutares deve ser louvado, mesmo quando fica aquém do efeito esperado. **20.2** Por que seria de se admirar, então,

que aqueles que avançam pelas encostas árduas não logram chegar até o alto? Se você é um homem, admire os que tentam coisas grandiosas, mesmo quando caem. É uma coisa nobre, confiando não nas forças, mas nas forças da sua natureza, tentar coisas elevadas e conceber na mente coisas mais elevadas do que as que podem ser realizadas até mesmo por aqueles adornados com um espírito grandioso. Aquele que propõe a si o seguinte: **20.3** "Encararei a morte com a mesma expressão com que encaro uma comédia. Eu me submeterei aos meus labores, não importa o quão grandes sejam, apoiando meu corpo com meu espírito. Desprezarei as riquezas igualmente, tanto as presentes quanto as ausentes, e não ficarei mais triste se estiverem longe, nem mais animado se fulgurarem ao redor de mim. Não serei sensível à fortuna, nem quando se aproxima, nem quando se afasta. Sempre verei todas as terras como minhas e a minha como de todos. Viverei como se soubesse que nasci para os outros e, em nome disso, agradecerei à natureza das coisas. Pois de que modo ela poderia cuidar dos meus interesses de forma melhor que essa? Ela me doou, sendo um, a todos; e todos a mim. **20.4** "O que quer que eu tenha, não guardarei com vileza nem esbanjarei com prodigalidade. Acreditarei que possuo apenas aquilo que tenha sido bem ofertado. Avaliarei benefícios não pelo número, nem pelo peso, e por nenhum outro critério senão o de quem o receberá. Nunca me será demais se alguém digno receber algo. Não farei nada por causa das opiniões, mas farei tudo pela consciência. Tudo que eu fizer pela consciência o farei acreditando que as pessoas estão olhando. **20.5** "Os limites do que eu for comer ou beber serão definidos pelos desejos da natureza, e não pelo encher e esvaziar de minha barriga. **20.6** "Serei agradável com meus amigos e suave e tranquilo com meus inimigos. Serei convencido antes de ser ordenado, e correrei a atender a pedidos honrados. Saberei que o mundo é a minha pátria, e que seus guardiões são os deuses, que ficam sobre mim e ao redor, os censores de meus ditos e feitos. E, quando a natureza chamar meu espírito de volta ou a razão o mandar embora, irei testemunhando que amei minha boa consciência, meus bons estudos, sabendo que a liberdade de ninguém foi diminuída por mim, muito menos a minha." Aquele que propuser fazer essas coisas, que quiser e tentar, trilhará o caminho até os deuses. E ele, mesmo que não os alcance, "cai com grande ousadia". **20.7** Vocês, de fato, ao odiarem a virtude e aquele que a cultiva, não fazem nada de novo. Pois olhos doentes temem o sol, e os animais noturnos dão as costas ao dia esplêndido, espantados com os primeiros raios, buscando suas tocas aqui e ali, ou, com medo da luz, escondem-se em fendas quaisquer. Gemam, exercitem suas línguas infelizes com invectivas contra os bons, abram a

boca, mordam: vocês vão quebrar os dentes muito antes de deixar alguma impressão.

XXI

21.1 "Mas então por que esse homem é um estudioso de filosofia e leva uma vida de riqueza? Por que diz que as riquezas devem ser desprezadas mas as possui? Diz que se deve desprezar a vida, mas ainda assim a vive? Que a saúde deve ser desprezada, contudo cuida da sua com extrema diligência e prefere que esteja em seu melhor estado? Acha que exílio é só uma palavra vazia e diz 'qual é o mal em ter que mudar de região?', mas, se puder, envelhece em sua pátria? E julga que não há diferença entre um tempo mais longo e um mais breve, porém, se nada o proíbe, estende sua vida e medra, plácido, em uma longa velhice?" **21.2** Ele diz que essas coisas devem ser desprezadas não para não as possuir, mas para não as possuir com preocupação. Não as afasta de si, mas, quando elas se afastam, ele as vê passar com tranquilidade. De fato, onde a fortuna poderá armazenar as riquezas de forma mais segura do que no lugar de onde pode ser recobrada sem reclamação daquele que a devolve? **21.3** Marco Catão, quando louvava Cúrio e Coruncânio, naquela época em que era um crime censorial ter umas poucas moedas de prata, possuía, ele mesmo, quatro milhões de sestércios, sem dúvida menos do que tinha Crasso, porém mais do que Catão, o Censor. **21.4** Se compararmos, ele ultrapassava seu ancestral por maior quantia do que era ultrapassado por Crasso. Contudo, se lhe chegassem mais riquezas, ele não as desprezaria. Pois o sábio não se considera indigno de quaisquer presentes da fortuna. Não ama as riquezas, mas prefere tê-las. Não as recebe no espírito, mas em casa. Uma vez possuídas, não as joga fora, mas as guarda e deseja administrar mais ingredientes à sua virtude.

XXII

22.1 Pois que dúvida há no fato de que nas riquezas há mais material para o sábio aplicar seu espírito do que na pobreza, já que nesta o único tipo de virtude será não se prostrar ou se deprimir, enquanto na riqueza há um campo aberto para a temperança, a liberalidade, a diligência, a disposição e a magnificência? **22.2** O sábio também não se desprezará, mesmo se for de baixa estatura, mas desejará ser mais alto. E permanecerá forte mesmo se seu corpo for frágil ou se perder um olho, preferindo, claro, ter um corpo mais robusto, ainda que saiba ter algo mais forte em si. A má saúde ele tolerará, mas a boa desejará. Há coisas que, mesmo pequenas num grande panorama, podem ser subtraídas sem a ruína do bem

principal e acrescentam algo à felicidade perpétua que nasce da virtude. **22.3** As riquezas afetam e animam o homem, assim como o vento favorável conduzindo o navegante, ou quando há um belo dia e um ponto ensolarado no meio do inverno profundo. **22.4** Quem, de fato, entre os sábios — e falo dos nossos sábios, para os quais a virtude é o único bem — nega que até mesmo as coisas que chamamos de indiferentes têm algum valor em si e que são preferíveis a outras? A algumas dessas coisas atribui-se um pouco de honra; a outras, muita. E, para que você não se engane, a riqueza está entre as coisas preferíveis. "Por que, então, você ri de mim quando a riqueza tem o mesmo papel para você que tem para mim?", você diz. **22.5** Quer saber como o papel não é o mesmo? Para mim, se for embora, a riqueza não levará nada a não ser a si mesma; enquanto você ficará pasmo, parecerá que foi abandonado por si mesmo, se ela o abandonar. Para mim, a riqueza tem alguma importância, mas para você ela tem a máxima importância. No fim das contas, sou dono da minha riqueza, mas a sua é dona de você.

XXIII

23.1 Assim, deixa de proibir os filósofos de terem dinheiro: ninguém sentenciou a sabedoria à pobreza. O filósofo terá amplas posses, mas não terão sido roubadas de ninguém, nem manchadas de sangue algum, mas sim conquistadas sem injúria, sem lucros sórdidos. Sua partida será tão honrada quanto sua chegada, e ninguém se lamentará por ela senão alguém maligno. **23.2** Pode empilhar as riquezas à vontade: são honradas aquelas que, mesmo sendo muito numerosas, ninguém pode chamar de suas, pois nada há que alguém possa de fato chamar de seu. O filósofo não afastará de si a benignidade da fortuna, nem se vangloriará ou se envergonhará por um patrimônio conquistado honestamente. Ele terá, sim, algo de que se vangloriar se, ao abrir sua casa e admitir que o povo veja sua riqueza, puder dizer: "Se alguém reconhecer algo seu, pode levar". **23.3** Que homem grandioso, rico da melhor maneira, se, depois de dizer isso, ainda possuir o mesmo tanto! O que eu digo é: se oferecer ao povo a possibilidade de vistoriar seus bens e ninguém encontrar algo ali em que possa pôr as mãos, ele será rico pública e orgulhosamente. O sábio não admitirá que nenhum denário entre em sua casa se entrar mal. Mas ele mesmo não repudiará ou excluirá as grandes riquezas, os presentes da fortuna, os frutos da virtude: qual seria a razão para lhes negar um bom lugar? **23.4** Que venham e sintam-se em casa. Ele não as deixará em qualquer lugar, nem as esconderá, pois uma coisa é resultado de um espírito descabido, e outra, de um temeroso e patético, como se o grande bem

estivesse guardado em seu cofre. Também, como disse, não as jogará para fora de sua casa. O que ele dirá, então? Que a riqueza é inútil ou que não sabe usar a riqueza? Assim como alguém pode percorrer um caminho com os próprios pés, mas prefere ir em um veículo, mesmo que possa ser pobre, ele preferirá ser rico. **23.5** Assim, terá posses, mas as tratará como se fossem leves e voláteis, e não suportará que sejam pesadas para si nem para outrem. Ele as doará — por que você já animou os ouvidos? Por que está abrindo os bolsos? Ele doará aos bons ou àqueles que puder tornar bons; doará selecionando com grande cuidado os mais dignos, uma vez que se lembra de que deve manter um registro do que gasta e do que ganha; doará por motivos corretos e elogiáveis, pois um mau presente está entre as perdas torpes. Seus bolsos serão acessíveis, mas não furados, e muito sairá deles, mas nada cairá.

XXIV

24.1 Se alguém acha que é fácil doar, erra. Tal ato é cheio de dificuldades, quando se decide doar com razoabilidade, e não ao acaso e de forma impetuosa. Para uns, eu concedo um mérito, um favor; para outros, devolvo. A este eu socorro; do outro sinto pena. Alguns eu mantenho por serem dignos de que a pobreza não os desvie do caminho nem os mantenha ocupados. A alguns não doo, mesmo que estejam em necessidade, pois, mesmo que assim o faça, ainda lhes faltará. A alguns eu oferecerei, a outros eu forçarei que recebam. Não posso ser negligente nesse assunto. Nunca me preocupo mais com o registro dos nomes das pessoas do que quando faço doações. **24.2** "O quê? Então doa esperando receber algo de volta?", pergunta você. Na verdade, esperando não desperdiçar; que a doação vá para um lugar em que não deva ser pedida novamente, e de onde possa ser devolvida. Que o favor seja depositado como se fosse um tesouro enterrado bem fundo, que não se deve desenterrar a não ser que seja necessário. Então? Como a própria casa do homem rico tem material abundante para fazer o bem! **24.3** Pois quem advoga que a generosidade deva ser dirigida apenas aos que usam toga? A natureza me obriga a ser útil aos homens. Que importa se escravos ou livres, se libertos ou nascidos livres, possuidores de liberdade dada pela justiça ou pelos amigos? Onde quer que esteja um ser humano, ali é o local para um favor. Assim, o dinheiro pode ser distribuído até mesmo entre seus muros e exercer a liberalidade, assim chamada não porque é devida aos livres, mas por advir de um espírito livre. Na casa do sábio, ela nunca é impingida aos torpes e indignos, nunca erra assim cansada que não flua com toda vazão cada vez que encontra alguém digno. **24.4** Não há motivos, portanto, para vocês ouvirem errado o que

é dito de forma honrada, corajosa e animosa pelos estudiosos da sabedoria. Atenta a isto primeiro: uma coisa é o estudioso da sabedoria; outra é o que alcançou a sabedoria. Aquele lhe dirá: "Falo da melhor maneira, mas ainda sou arrastado por muitos males. Não há por que você exigir que eu cumpra meu método, quando estou me fazendo e me formando, me elevando como um enorme exemplo. Se eu avançar até onde me propus, exija, então, que meus atos correspondam a meus ditos". Mas aquele que atingiu o auge do bem humano agirá com você de outra forma e dirá: "Primeiro, não deve se permitir julgamentos sobre os melhores que você. A mim já aconteceu de desagradar os maus, uma prova de que estou certo". **24.5** Mas, para lhe dar a razão que não nego a mortal algum, ouve o que eu prometo e o quanto estimo todas as coisas. Nego que a riqueza seja algo bom; se fosse, tornaria boas as pessoas. Agora, uma vez que aquilo que se vê entre os maus não pode ser chamado de bem, nego esse nome à riqueza. De toda forma, confesso que ela deva ser conquistada, é útil e traz grandes comodidades para a vida.

XXV

25.1 Ouça, então, o motivo pelo qual não considero a riqueza parte dos bens, e o que atribuo a ela de diferente de você, ainda que concordemos que deva ser conquistada. Pode me colocar na casa mais rica de todas, coloque ouro e prata onde seu uso seja comum; não me acharei melhor por conta dessas coisas que, embora estejam comigo, estão também fora de mim. Leve-me para baixo da ponte Sublício e jogue-me ali junto aos necessitados. Não vou me achar pior por ter sido colocado entre os que estendem suas mãos por esmolas. Que diferença faz, então, se alguém não tem um pedaço de pão ou não tem o poder de morrer? Prefiro, então, uma casa esplêndida à ponte. **25.2** Ponha-me entre mobília esplêndida e finos aparatos; não me considerarei mais feliz porque tenho vestimentas luxuosas, porque a púrpura pode ser estendida aos meus convivas. Agora mude a cena: não serei mais infeliz se meu pescoço cansado repousar num montinho de feno; se eu me deitar sobre um colchão circense, que vai perdendo o velho recheio pelas frestas. Bem, prefiro, então, exibir o que levo no espírito bem-vestido e bem calçado do que com ombros desnudos e pés descalços. **25.3** Que os meus dias todos avancem de acordo com meus votos; que novas alegrias sigam-se às velhas; não me congratularei por isso. Mude-se essa indulgência do tempo para o seu contrário, e o espírito será golpeado por todos os lados pelo dano, pelo luto, por assaltos variados, e não terei um minuto sem sofrimento; nem por isso me considerarei o mais infeliz dos homens entre as coisas mais

infelizes; nem por isso execrarei os meus dias, pois tomei providências para que nenhum dia conte como um dia nefasto. E então? Prefiro moderar os prazeres a aplacar as dores. **25.4** Sócrates lhe dirá o seguinte: "Tornem-me vencedor de todas as gentes, e que o luxuoso carro de Líber me conduza em triunfo desde o Oriente até Tebas; que os reis busquem as leis junto a mim; saberei sempre que sou um homem, até quando for saudado por todos como um deus. E logo depois acrescente a essa honra enorme uma transformação radical. Que eu seja usado como adorno na pompa de outro, soberbo e feroz; não serei mais humilde sendo arrastado sob o carro de outro do que quando seguia em pé à frente do meu". E então? Também prefiro vencer a ser capturado. **25.5** Desprezarei todo o reino da fortuna, mas, se me for dada uma escolha, preferirei o melhor. Tudo aquilo que vier para mim se tornará bom, mas às coisas ruins prefiro as mais fáceis e mais agradáveis, menos complicadas de lidar. Não há por que estimar que alguma virtude venha sem esforço: algumas precisam de esporas; outras, de freios. **25.6** Da mesma forma que um corpo na descida precisa ser contido e, ao contrário, em uma encosta árdua precisa ser empurrado, assim algumas virtudes estão descendo a ladeira; outras, subindo. Ou por acaso há alguma dúvida de que há o que escalar, que há de se esforçar, há que se batalhar, sofrer, ser forte, perseverante, e muitas outras coisas que se opõem à dura virtude e que sobrepujam a fortuna? E então? **25.7** Não é evidente que, ladeira abaixo, também há liberalidade, temperança e mansidão? Com esta última devemos conter nosso espírito, a fim de que não escorregue, enquanto nas outras o exortamos e incitamos ferozmente. Dessa forma, contra a pobreza, empregaremos as virtudes que sabem lutar, as mais corajosas; e contra a riqueza, as que são mais diligentes, que dão pequenos passos e suportam o próprio peso. **25.8** Quando dividimos as coisas assim, prefiro fazer uso daquelas que podem ser exercidas com mais tranquilidade do que aquelas cuja experiência é a do sangue e do suor. "Então, não vivo diferente do que falo", diz o sábio, "mas são vocês que ouvem diferente. Somente o som das minhas palavras chega aos seus ouvidos: mas vocês não procuram saber o que significam".

XXVI

26.1 "Qual é a diferença, então, entre mim, um tolo, e você, um sábio, se ambos queremos ter posses?". Enorme; a riqueza, entre os ricos, está na servidão; entre os tolos, no comando. O sábio não permite nada à riqueza, e a riqueza permite tudo a vocês. Você, como se alguém tivesse prometido que teria posse eterna da riqueza, se acostuma e se apega a ela. O sábio, porém, sempre pensa muito na

pobreza, mesmo quando está no meio das riquezas. **26.2** Um general nunca confia tanto na paz que não se prepare para a guerra, que, mesmo se não estiver sendo travada, foi proclamada. Você, insolente, fica deslumbrado com uma bela casa, como se ela não pudesse pegar fogo ou ruir; com as posses, como se transcendessem todo o perigo e como se fossem maiores do que aquilo que a fortuna tem forças para consumir. **26.3** Ocioso em meio à riqueza, você não se prepara para o risco de perdê-la, como os bárbaros que, sitiados por muitos homens, e ignorantes das máquinas de guerra, observam com preguiça os esforços dos sitiadores, sem entender para que servem aquelas coisas construídas à distância. O mesmo acontece com você; debilitado por conta de tantas posses, não percebe a iminência de tantos perigos de todos os lados, achando que vai colher cada vez mais espólios. **26.4** Não importa quem leve embora todas as riquezas de um sábio, sempre deixará para trás todas as suas outras coisas; pois ele vive feliz no presente e seguro no futuro. "Não há nada", diz Sócrates, ou qualquer outro que tenha a mesma influência e o mesmo poder contra as coisas humanas, "de que eu mais tenha me persuadido do que não levar a minha vida de acordo com as suas opiniões. Podem trazer as palavras costumeiras de todos os lados; não pensarei que vocês estão me atacando, mas vagando como crianças miseráveis". **26.5** Isso dirá aquele que atingiu a sabedoria, a quem o espírito, imune aos vícios, ordena que reprove os outros, não por ódio, mas como um remédio. A essas coisas, acrescentará as seguintes: "Sua avaliação não me incomoda em meu nome, mas no seu, pois odiar e difamar a virtude com seu clamor é a abjuração de toda a esperança no bem. Você não me injuria; também não injuria os deuses aquele que arrasa seus altares. Mas o mau propósito aparece, e também o mau plano, mesmo quando não podem prejudicar. **26.6** "Assim, aguento suas alucinações da mesma forma que Júpiter, o melhor e o maior, aguenta a inépcia dos poetas, alguns dos quais lhe impuseram asas; outros, chifres; outro o representou como um adúltero que passa a noite acordado; outro como muito feroz com os deuses; outro como iníquo para com os homens; outro como estuprador de nascidos livres e de parentes; outros como parricida e usurpador do reino alheio, até mesmo do paterno". Com tais coisas, nada conseguiram além de que o pudor de pecar diminuísse nos homens, se acreditassem que os deuses são assim. **26.7** "Contudo, mesmo que essas palavras não me firam, ainda aconselho, pelo seu próprio bem: observe a virtude, acredite naqueles que, tendo-a perseguido por muito tempo, proclamam que estão perseguindo algo grandioso e que parece maior a cada dia. Cultue-a como aos deuses, e também os que a professam assim como aos sacerdotes. 'Sempre que se

fizer menção aos escritos sagrados, favoreça com sua língua'". Tal palavra não vem, como muitos acham, de favor, mas ordena o silêncio, a fim de que o rito possa ser conduzido de forma adequada, sem nenhuma voz má perturbando. Tal ordem lhe é muito mais necessária a você, para que, toda vez que algo for proferido por aquele oráculo, escute com atenção, quieto. **26.8** Porém, sempre que alguém com um chocalho diz mentiras ao cumprir sua função, sempre que algum perito em dilacerar seus membros suja de sangue seus braços e ombros com a mão levantada, que alguma mulher rasteja pela rua ululando, que um velho vestido de linho, levando um ramo de louro e uma lanterna no meio do dia, sai gritando que algum deus está irado, "vocês logo correm, ouvem e afirmam que é algo divino, alimentando mutuamente seus estupores".

XXVII

27.1 Eis Sócrates, falando daquele cárcere que purificou só por ter entrado nele, e que tornou mais honesto do que toda cúria senatorial: "Que loucura é essa, que natureza inimiga dos deuses e dos homens, difamar as virtudes e violar o que é sagrado com discursos malignos? Se conseguirem, louvem os bons. Se não, passem reto. Pois se preferem exercer essa licença perniciosa, então lancem seus vitupérios uns contra os outros. Pois, quando lançam suas insanidades contra os céus, não lhes direi que cometem sacrilégio, mas sim que perdem seu tempo. **27.2** "Já forneci material para as chacotas de Aristófanes, e toda aquela corja de poetas cômicos derramou sua pilhéria envenenada em mim. Minha virtude foi iluminada, não manchada por elas; pois é melhor que seja alardeada e testada, e ninguém sabe melhor o tamanho da virtude do que aqueles que perceberam sua força ao tentar atacá-la. Ninguém conhece melhor a dureza da pedra do que aquele que se feriu nela. **27.3** "Eu me ofereço não de outra forma senão como um rochedo longínquo no mar, em que as ondas não param de bater, de qualquer lado que venham, mas nem por isso conseguem retirá-lo do lugar nem o consomem com suas incursões constantes por tantas eras. Levantem-se, ataquem: eu os vencerei pela resistência. Tudo que ataca o que é firme e insuperável exerce suas forças para o próprio mal. Da próxima vez, procurem algo mais mole e permeável para enfiar suas lanças. **27.4** "Mas vocês têm mesmo o tempo de escrutinar os males alheios e emitir julgamentos sobre qualquer pessoa? 'Por que esse filósofo vive de forma tão luxuosa? Por que seus jantares são tão lautos?' Vocês ficam olhando as chagas dos outros, mas estão todos cobertos por úlceras. É como se alguém zombasse de verrugas e pintas nos corpos mais belos enquanto está coberto de crostas horrendas. **27.5** "Acusem Platão de ter buscado dinheiro,

Aristóteles de ter aceitado, Demócrito de ter negligenciado, Epicuro de tê-lo usado. Acusem-me com Alcibíades e Fedro, e vocês vão se sair muito bem, tão logo consigam imitar até mesmo nossos vícios! **27.6** "Não seria melhor se olhassem para seus próprios defeitos, que penetram em vocês de todos os lados, alguns atacando de fora, outros ardendo nas próprias vísceras? As coisas humanas ainda não chegaram ao ponto em que, mesmo se tiverem pouca percepção da própria condição, reste tanto ócio que lhes deixe tempo para cansar a língua reprovando gente melhor que vocês".

XXVIII

28.1 "Isso você não entende, e leva uma expressão alheia à sua fortuna, assim como muitos que estão no circo ou no teatro sem saber que aconteceu alguma morte em família. Mas estou olhando de uma posição elevada, e vejo que as tempestades já estão se aproximando e logo mais vão irromper em aguaceiro ou que já estão bem próximas a ponto de arrastar todas as suas posses. O que mais? Pois, mesmo que não perceba, o furacão já não está levando seu espírito num turbilhão, você que foge das mesmas coisas e busca as mesmas coisas, seu espírito que ora está elevado às alturas, ora arrastado para baixo?"

SOBRE O ÓCIO

De Otio

A SERENO

Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves

I

1.1 [...] e nos recomendam os vícios com grande consenso. Mesmo que não tentemos outra coisa que seja positiva, o próprio afastamento da vida pública será útil. Nós mesmos ficaremos melhores. E então podemos nos retirar para junto da companhia dos melhores de todos os homens, e selecionar algum exemplo de como levar a vida. Só no ócio isso é possível. E só então é possível realizar aquilo que uma vez decidimos fazer, pois ninguém intervirá, com a ajuda do povo, para distorcer um julgamento ainda pouco firme; e então a vida, que separamos em propósitos muito diversos, poderá avançar com um único motor harmônico. **1.2** Pois, entre os males restantes, o pior é que nos alternemos nos vícios. Assim, não nos acontece de permanecer em um mal já conhecido. Uma coisa depois da outra nos dá prazer. E também nos incomoda que nossos julgamentos não apenas sejam perversos, mas também volúveis. Flutuamos, pegamos uma coisa depois da outra, abandonamos o que buscamos, buscamos de novo o que abandonamos, e nos alternamos entre nosso desejo e nossa penitência. **1.3** Dependemos todos dos julgamentos alheios, e enxergamos como melhores as coisas que são muito procuradas e louvadas, não as que devem ser procuradas e louvadas. E não estimamos uma via como boa ou ruim por si só, mas pela multidão de pegadas, nenhuma delas retornando. **1.4** Você dirá para mim: "'Mas o que é isso, Sêneca? Está mudando o seu discurso?' Decerto os seus estoicos dirão: 'Estaremos até o fim da vida em ação, e não desistiremos de dar atenção ao bem comum, de ajudar os indivíduos, de dar auxílio até mesmo aos inimigos, mesmo com uma mão senil. Nós somos aqueles que não oferecem vacância do serviço a nenhuma idade, e, como diz aquele homem eloquentíssimo: Espremamos os cabelos brancos com o elmo. Somos aqueles para os quais não há nenhum momento ocioso antes da morte, para quem, se as circunstâncias permitirem, nem mesmo a morte é ociosa.' Mas por que, em meio aos próprios preceitos de Zenão, nos fala dos preceitos de Epicuro? Se você se cansou do nosso discurso, por que não muda logo para o outro, em vez de trair o seu?". **1.5** Nesse momento, eu lhe responderei o seguinte: "Por acaso você não está esperando de mim algo além de ser

semelhante aos meus líderes? O que seria, então? Não irei para onde eles me jogarem, mas para onde me conduzirem".

II

2.1 Agora, então, provarei a você que não estou me afastando dos preceitos dos estoicos. Pois os próprios estoicos não se afastaram deles. Ainda assim, eu seria compreendido até mesmo se seguisse seus exemplos, não seus preceitos. Dividirei minha fala em duas partes: primeiro, que alguém pode se dedicar inteiramente à contemplação da verdade, buscar a razão no viver e exercê-la em segredo desde a primeira idade. **2.2** Segundo, que alguém que já tenha se exonerado de suas contribuições, com a vida já bem avançada, pode fazer o mesmo com juízo excelente e se empenhar em transmitir aos outros, ao modo das virgens Vestais, que, tendo dividido seus anos de ofício, aprendem primeiro a performar os ritos sagrados e, depois, ensinam o que aprenderam.

III

3.1 Mostrarei que isso também agrada aos estoicos, não porque me comprometi com a lei de nunca contrariar nenhum dito de Zenão ou de Crisipo, mas porque as próprias situações me fazem concordar com as suas posições. Quem sempre concorda apenas com a posição de um único não está no Senado, mas em uma seita. Ah, como seria se todas as coisas já tivessem sido defendidas, a verdade fosse transparente e aceita e nunca mudássemos de opinião! Na realidade, buscamos a verdade com os mesmos que a ensinam. **3.2** As duas escolas, o epicurismo e o estoicismo, divergem quanto a essa questão, mas as duas nos recomendam o ócio, embora por vias diferentes. Epicuro diz: "O sábio não participa da vida pública, exceto se algo o impelir". Zenão diz: "O sábio participará da vida pública, exceto se algo o impedir". **3.3** O primeiro busca o ócio por princípio, e o último, pelas circunstâncias. E essas circunstâncias são entendidas em sentido amplo. Se a coisa pública estiver mais corrompida do que for possível resolver, se estiver tomada por males, o sábio não se esforçará em algo tão inútil, nem se empenhará em algo que não trará benefício. Caso tenha pouca autoridade ou poder, caso o Estado não esteja pronto para admiti-lo, caso a saúde o impeça, ele não embarcará num caminho que sabe que não é capaz de percorrer, como não encaminharia um navio danificado ao mar, como não se alistaria no serviço militar sendo fisicamente frágil. **3.4** Porém, aquele que ainda tem tudo íntegro, antes de passar pelas tempestades, também pode se assentar em segurança, dedicar-se logo às boas artes, exercer o ócio ilibado como cultor das virtudes que

podem ser exercidas até mesmo pelos mais afastados das agitações. **3.5** Naturalmente, requer-se de um homem que seja útil a todos, se puder, ou a muitos; mas, se menos que isso, a poucos; ou se menos ainda, a seus próximos; ou, ainda, se menos, a si mesmo. Pois, quando alguém se torna útil aos outros, age em serviço comum. Assim como aquele que se torna pior não prejudica apenas a si mesmo, mas também a todos os que ele poderia beneficiar caso pudesse tornar-se melhor, assim todo aquele que se trata bem, por esse mesmo motivo, beneficia os outros, pois prepara o que lhes beneficiará.

IV

4.1 Tenhamos em mente que há duas repúblicas. Uma é vasta e realmente pública, e contém os deuses e os homens, e nela não olhamos para um lado ou para outro, mas medimos as fronteiras de nossa cidade com o curso do Sol. A outra é aquela na qual a nossa condição de nascimento nos confinou. Nesse caso, falo de cidades como Atenas, Cartago ou qualquer outra cidade que não pertença a todos os homens, mas apenas a alguns. Algumas pessoas dão atenção a ambas as repúblicas, a maior e a menor, enquanto alguns dão apenas à república menor, e outros apenas à maior. **4.2** A essa república maior podemos servir mesmo no ócio, e nem sei se não servimos ainda melhor no ócio, ao investigarmos a natureza da virtude, se é uma ou muitas, se é a natureza ou a arte que torna os homens bons, se é uma única coisa isso tudo que contém os mares, as terras e o que há nos mares e nas terras, ou se os deuses espalharam muitos corpos desse tipo; se toda a matéria é contínua e preenchida, a partir da qual todas as coisas são geradas, ou se é espalhada com o vazio misturado a todas as coisas sólidas; quem são os deuses; se é afastado que eles observam sua obra ou se eles a administram; se circundam sua obra de fora ou se estão imiscuídos em tudo; se o mundo é imortal ou se está entre as coisas perecíveis e com tempo de vida contado. O que oferece a deus aquele que contempla tais coisas? Que suas obras não fiquem sem testemunha.

V

5.1 Nós, estoicos, costumamos dizer que o sumo bem é o viver de acordo com a natureza, que nos leva a duas coisas: à contemplação e à ação. Passemos a provar a primeira afirmação. O que é, então? Não terá sido provada se cada um de nós se questionar sobre o quanto desejamos conhecer o que é desconhecido, e o quanto nos animamos com todos esses temas? **5.2** Alguns navegam e aguentam os labores de uma viagem extremamente longa apenas para conhecer algo remoto e

escondido. Isso é o que atrai a multidão aos espetáculos, isso é o que leva à exploração, à investigação, a revelar o que é antigo, a ouvir sobre os costumes de povos estrangeiros. **5.3** A natureza nos concedeu um engenho curioso e, consciente de sua arte e beleza, nos gerou como espectadores de tão magnífico espetáculo, propensa a perder seus frutos se, sendo tão grandiosa, tão gloriosa, conduzida tão sutilmente, tão brilhante e tão bela em tantos sentidos, mostrasse seus dons para o vazio solitário. **5.4** Para que você saiba que ela quis ser contemplada, e não apenas vista, observe o lugar que nos deu. Ela nos colocou bem em sua parte central e nos deu a todos uma visão geral. Não somente fez com que o homem ficasse em pé, mas também o tornou hábil para a contemplação de modo que pudesse perseguir os astros deslizando do Oriente ao Ocidente, capaz de verter seu rosto a todos os lados, com a cabeça no alto e com um pescoço flexível. Assim, conduzindo seis constelações durante o dia e seis durante a noite, desdobrou cada parte de si de tal modo que, a partir do que mostra aos nossos olhos, produz também o desejo pelas outras. **5.5** E não podemos ver todas, nem quão grandes ou numerosas, mas nossa visão se abre a uma via de investigação, e lança os fundamentos da verdade, para que a pesquisa transcorra das coisas visíveis às obscuras e encontre algo mais antigo que o próprio mundo: de onde vieram esses astros? Qual era o estado do universo antes de as coisas começarem a se separar de suas partes em corpos individuais? Qual foi a causa de se separarem quando estavam imersas e confusas? Quem atribuiu os locais para as coisas? Foi por sua própria natureza que as coisas pesadas desceram e as leves voaram ou se, para além de seu ímpeto e peso, alguém escreveu alguma lei mais elevada para os corpos individuais? É verdadeiro o argumento que tenta provar maximamente que os homens são parte do espírito divino, e como centelhas dos astros que desceram até a terra e acabaram ficando em um lugar que não era o seu? **5.6** Nosso pensamento rompe os monumentos celestes e não está contente em saber apenas aquilo que se mostra. Ele nos diz: "Eu busco aquilo que jaz além do mundo, para saber se é uma vastidão profunda ou se esse espaço se encerra em seus próprios limites. Qual é o estado das coisas excluídas, se são disformes e confusas, ocupando o mesmo espaço em todas as direções, ou são distribuídas de um modo específico? Estão ligadas a este mundo, ou muito afastadas dele, voando pelo vazio? O que existe são elementos individuais dos quais se compõe tudo que existe e o que vai existir, ou uma matéria contínua capaz de se alterar no todo? Esses elementos são contrários entre si ou, em vez de lutar entre si, conspiram para criar coisas diversas?". **5.7** Tendo nascido para investigar essas coisas, considera o quanto falta de tempo ao homem, mesmo se

ele reivindicar todo o tempo para si. Mesmo que ele não permita que seu tempo seja tomado por conta de sua boa natureza, mesmo que cuide para que não seja tomado por negligência, mesmo que conserve suas horas da maneira mais avarenta e que proceda até o limite extremo da vida humana, e mesmo que a fortuna não perturbe nada daquilo que a natureza lhe dispôs — ainda assim o ser humano é mortal demais para o conhecimento das coisas imortais. **5.8** Dessa forma, vivo de acordo com a natureza se eu me dedico todo a ela, se lhe presto admiração e culto. Pois a própria natureza quis que eu fizesse as duas coisas, ser ativo e livre para a contemplação. Faço ambos, mesmo que a contemplação não aconteça sem ação.

VI

6.1 "Mas é relevante", diz você, "saber se você se dedica a ela por conta do prazer, buscando nada além da contemplação assídua sem resultado, pois ela é doce e possui atrativos especiais". Contra isso, respondo que faz diferença saber em que estado de espírito você conduz a sua vida cívica, se está sempre inquieto e não toma para si nenhum tempo no qual passe a olhar das coisas humanas para as coisas divinas. **6.2** Desse modo, buscar riquezas sem nenhum amor pelas virtudes e sem o cultivo do intelecto, apenas executar trabalhos, é muito pouco recomendável — deve-se misturar essas coisas, conectá-las entre si. Da mesma forma, é um bem incompleto e pobre a virtude gasta no ócio e sem ação, que não demonstra aquilo que aprendeu. **6.3** Pois quem negará que a virtude deve testar seus progressos na prática, não apenas pensar sobre o que deve ser feito, mas às vezes também pôr a mão na massa e executar o que foi pensado, conduzindo-o à realidade? Pois se não há demora da parte do sábio, se o que falta não é o agente, mas as coisas a serem feitas, certamente será permitido que ele se detenha consigo mesmo? **6.4** O que vem à mente do sábio quando ele se retira ao ócio? Ele sabe que, então, também realizará ações pelas quais favoreça os pósteros. Nós, estoicos, dizemos com certeza que Zenão e Crisipo realizaram coisas mais importantes do que se tivessem liderado exércitos, ocupado cargos honrosos ou estabelecido leis. As leis que estabeleceram não foram para uma única cidade, mas para toda a espécie humana. E então por que um ócio como esse não conviria ao homem bom, se com ele é possível ordenar as épocas vindouras, que não atinge a poucos, mas a todos os povos de todas as nações, tanto os presentes quanto os futuros? **6.5** Em suma, pergunto: acaso viveram de acordo com seus preceitos Cleantes, Crisipo e Zenão? Você responderá sem dúvida alguma que sim, que eles viveram exatamente como disseram que se devia viver. Porém,

nenhum teve cargos públicos. E você dirá: "Mas eles não tiveram a fortuna nem a distinção que costumam fazer com que alguém seja admitido na vida pública". Porém, também não viveram na inatividade. Eles descobriram como fazer de sua própria quietude algo que favorece mais a humanidade do que toda a correria e o suor dos outros. Assim, mesmo sem atuação pública, percebemos que fizeram coisas muito importantes.

VII

7.1 Além disso, há três modos de vida, e costuma-se perguntar qual o melhor. Um dedica-se ao prazer; o outro, à contemplação, e o terceiro, à ação. Se de início deixarmos de lado nossas disputas e depusermos o ódio implacável que dedicamos aos que seguem caminhos diversos, vejamos que esses três modos chegam ao mesmo lugar por meio de títulos diferentes. Pois aquele que aprova o prazer não é desprovido de contemplação; o que se dedica à contemplação não é desprovido de prazer; e aquele cuja vida é destinada à ação não é desprovido de contemplação. **7.2** "Mas há uma grande diferença", diz você, "em saber se algo é o propósito principal ou se é acessório ao propósito principal". Certamente há uma grande diferença, mas um não existe sem o outro. O contemplador não contempla sem ação; o ativo não age sem contemplação; e o terceiro, o qual, concordamos, tem má estima, não aprova um prazer inerte, mas antes um prazer que ele torna firme para si por meio da razão. **7.3** Assim, até mesmo essa escola ligada aos prazeres é dada à ação. E como não seria, quando o próprio Epicuro diz que às vezes se afasta dos prazeres para buscar a dor, caso o arrependimento esteja rondando o prazer, ou quando prefere uma dor menor a uma pior? **7.4** E por que então eu digo essas coisas? Porque parece que a contemplação agrada a todos. Para alguns, é o que se busca. Para nós, é uma estação de ancoragem, não o porto.

VIII

8.1 Acrescente também que, pela prescrição de Crisipo, é permitido viver em ócio. Não digo apenas tolerar o ócio, mas escolhê-lo. Os nossos negam que o sábio acederá a qualquer cargo público. Mas o que importa o modo pelo qual o sábio chegará ao ócio, seja porque a posição pública não lhe esteja disponível, seja porque ele não esteja disponível à coisa pública, se a coisa pública não existir mais para ninguém? Pois sempre faltará para os que a buscam com desdém. E eu pergunto: a qual república o sábio se dirigirá? À dos atenienses, onde Sócrates foi condenado e da qual Aristóteles fugiu para não ser condenado? Onde a inveja

oprime as virtudes? Você não vai me dizer que é a essa república que o sábio quer se dirigir. **8.2** Então será à nação de Cartago, na qual a discórdia é constante e a permissividade é prejudicial aos melhores homens, onde há a mais elevada vileza para com a justiça e a bondade, crueldade desumana contra os inimigos, que acaba sendo hostil até com os seus próprios? Dessa também ele fugirá. **8.3** Se eu quisesse elencar cada uma das cidades, não encontraria nenhuma que toleraria, ou seria tolerada, pelo sábio. Mas, se não podemos encontrar nenhum Estado como o que imaginamos para nós, o ócio passa a ser necessário para todos, pois o que alguém poderia preferir no lugar do ócio não existe em lugar algum. **8.4** Se alguém me diz que o melhor é navegar, mas que não se deve navegar nesse mar porque ali costuma haver muitos naufrágios, e porque há muitas tempestades súbitas que arrastam o capitão para a direção contrária, creio que essa pessoa me aconselha a não navegar, não importa o quanto louve a navegação.

CONSOLAÇÃO A POLÍBIO

Ad Polybium de Consolatione

A POLÍBIO

Tradução de Alexandre Pires Vieira

I

1.1 Quanto às cidades e aos prédios públicos de pedra, se os compararmos com nossa vida, são firmes e duradouros; mas se os transferirmos para o domínio da Natureza, que destrói tudo e chama tudo de volta para o lugar de onde veio, são transitórios. O que, de fato, já fez mãos mortais que não seja mortal?

1.2 As sete maravilhas do mundo, e quaisquer maravilhas ainda maiores que a ambição de eras posteriores tenha construído, serão vistas um dia niveladas com o chão. Assim é: nada dura para sempre, poucas coisas duram até mesmo por muito tempo: todas são suscetíveis de decadência, de uma maneira ou de outra. As formas pelas quais as coisas chegam a um fim são múltiplas, mas ainda assim tudo que tem um começo tem um fim também. Alguns ameaçam o mundo com a morte e, embora você possa pensar que o pensamento é ímpio, todo esse universo, contendo deuses e homens e todas as suas obras, um dia será varrido e mergulhado uma segunda vez em sua escuridão e caos originais.

1.3 Chore, se puder, depois disto, pela perda de qualquer vida individual! Podemos chorar as cinzas de Cartago, Numantia, Corinto, ou qualquer cidade que tenha caído de um estado elevado, quando sabemos que o mundo deve perecer, embora não tenha lugar em que possa desabar. Chore, se puder, porque a Fortuna não o poupou, ela que um dia se atreverá a operar uma impiedade tão grande! Quem pode ser tão soberbo e tão insensatamente arrogante a ponto de esperar que essa lei da natureza, pela qual tudo termina, seja posta de lado no seu próprio caso, e que a sua própria casa seja isenta da ruína que ameaça o mundo inteiro?

1.4 É, portanto, um grande consolo refletir que o que aconteceu conosco, aconteceu a todos antes de nós e acontecerá a todos depois de nós. Na minha opinião, a natureza fez com que seus atos mais cruéis atingissem todos os homens, para que a generalidade de sua sorte os consolasse por suas dificuldades.

II

2.1 Também não será pequena ajuda para você refletir que a dor não pode fazer bem nem àquele a quem você perdeu nem a si mesmo, e você não gostaria de prolongar o que é inútil: pois, se pudéssemos ganhar alguma coisa com a dor, eu não deveria recusar a dar a seus infortúnios as lágrimas que os meus deixaram à minha disposição: Eu forçaria algumas gotas a fluir destes olhos, exaustos como estão com o choro sobre as minhas próprias aflições domésticas, se isso pudesse ser de alguma utilidade para você.

2.2 Por que hesita? lamentemos juntos, e eu mesmo farei minha essa querela: - "Fortuna, a quem todos acham mais injusta, pareceu até agora ter-se impedido de atacar alguém que, por seu favor, havia se tornado objeto de tal respeito universal que - a rara distinção para qualquer um - sua prosperidade não tinha despertado ciúmes; mas agora, eis que agora! Infligiu a você a ferida mais cruel que, enquanto César viver, ele poderia acolher, e depois de reconhecê-lo de todos os lados descobriu que só neste ponto ele estava exposto aos seus golpes. Que mais lhe poderia ter feito?

2.3 Deveria tirar-lhe a riqueza? ele nunca foi seu escravo: agora ele a afastou o máximo possível de si, e a principal coisa que ganhou com suas inigualáveis facilidades para acumular dinheiro foi o seu desprezo.

2.4 Se você tirar seus amigos? você sabe que ele é de uma disposição tão amável que poderia facilmente ganhar outros para substituir aqueles que pudesse perder: pois de todos os poderosos oficiais da casa imperial ele me parece ser o único que todos os homens desejam ter para seu amigo sem considerar quão vantajosa seria sua amizade.

2.5 Se lhe tirasses a reputação? Ela está tão firmemente estabelecida, que nem mesmo ela conseguiria abalá-la. Se lhe retirasse a saúde? você sabe que sua alma está tão fundamentada em estudos filosóficos, em cujas escolas ele nasceu e foi criado, que se elevaria superior a qualquer sofrimento do corpo. Você deveria tirar-lhe a respiração?

2.6 Quão pequena seria para ele uma lesão? A fama prometeu ao seu gênio uma das mais longas de suas vidas: ele mesmo cuidou para que sua melhor parte permanecesse viva, e se precaveu contra a morte pela composição de suas admiráveis obras de eloquência: enquanto a literatura for mantida em qualquer honra, enquanto o vigor do latim ou a graça da língua grega perdurar, ele

florescerá junto aos seus maiores escritores, com cuja genialidade se equiparou, ou, se a sua modéstia não me deixar dizer isto, associou a sua.

2.7 Este, pois, era o único meio que se podia conceber para lhe fazer um grande mal. Quanto melhor é um homem, mais frequentemente ele sofre com a sua ira indiscriminada, você que deve ser temido, mesmo quando está concedendo benefícios a alguém. Quão pouco lhe teria custado evitar esse golpe de alguém a quem seus favores pareciam ser conferidos de acordo com algum plano regular, e não ser jogado as cegas como é de costume"!

III

3.1 Acrescentemos, por favor, a estes motivos de reclamação a disposição do próprio jovem, cortada em meio ao seu primeiro crescimento. Ele era digno de ser seu irmão: você certamente não merecia receber nenhuma dor através de seu irmão, mesmo que ele não tivesse sido digno.

3.2 Todos os homens dão testemunho de seus méritos: ele se arrepende por você, e é elogiado por seus próprios méritos. Ele não tinha qualidades que você não teria o prazer de reconhecer. Você teria de fato sido bom para um irmão pior, mas a ele seu amor fraterno foi dado de forma ainda mais livre porque nele achou tão apropriado campo para seu exercício. Ninguém jamais foi obrigado a sentir sua influência recebendo erros em suas mãos, ele nunca usou o fato de você ser seu irmão para ameaçar ninguém: ele tinha moldado seu caráter conforme o padrão de sua modéstia, e refletia como você era uma grande glória e um grande fardo para sua família: o fardo que ele era capaz de suportar;

3.3 mas, ó Fortuna impiedosa, sempre injusto à virtude - antes que seu irmão pudesse saborear a felicidade de sua posição, ele foi chamado para longe. Estou bem ciente de que expresso meus sentimentos de forma inadequada; pois nada é mais difícil do que encontrar palavras que representem adequadamente grande pesar: ainda assim, lamentemos novamente por ele, se for de alguma utilidade fazê-lo:

3.4 "O que você quis dizer, Fortuna, por ser tão injusta e tão selvagem? você se arrependeu tão cedo de seu favor? Que crueldade foi cair sobre irmãos, romper um círculo tão amoroso por um ataque tão mortal; por que você trouxe o luto para uma casa tão repleta de jovens admiráveis, na qual nenhum irmão ficou aquém do alto padrão dos demais, e sem nenhuma razão arrancou um deles?

3.5 Portanto, então, a inocência escrupulosa da vida, a frugalidade antiquada, o poder de acumular vastas riquezas empunhadas com a maior abnegação, um

amor verdadeiro e imperecível pela literatura, uma mente livre da menor mancha de pecado, tudo isso nada aproveita: Políbio está em luto, e, advertido pelo destino de um irmão o que ele pode ter que temer pelo restante, ele teme pelas próprias pessoas que suavizam sua dor. Ó vergonha! Políbio está em luto e chora apesar de ainda gozar do favor de César. Sem dúvida, Fortuna, o que você visou em sua raiva impulsiva foi provar que ninguém pode ser protegido de seus ataques, nem mesmo pelo próprio César".

IV

4.1 Podemos continuar culpando o destino por muito mais tempo, mas não podemos alterá-lo: ele permanece duro e inexorável: ninguém pode movê-lo por reprovações, por lágrimas ou pela justiça. A fortuna nunca poupa ninguém, nunca faz concessões a ninguém.

4.2 Abstenhamo-nos, então, de lágrimas não proveitosas: pois nossa dor nos levará a juntar-nos a ele mais cedo do que nos trará de volta: e se ela nos torturar sem nos ajudar, devemos deixá-la de lado o quanto antes, e restaurar o tom de nossas almas após sua indulgência nessa vã consolação e no amargo luxo do infortúnio: pois a menos que a razão ponha um fim às nossas lágrimas, a Fortuna não o fará. Olhe em volta, para todos os mortais: em todos os lugares há razões amplas e constantes para chorar: um homem é levado ao trabalho diário pela miséria, outro é atormentado por uma ambição que nunca se abate, outro teme as riquezas que um dia desejou e sofre com a concessão de sua própria oração: um homem é feito miserável pela solidão, outro pelo trabalho, outro pelas multidões que sempre cercam sua antecâmara. Este homem chora porque tem filhos, aquele porque os perdeu. As lágrimas nos falharão mais cedo do que as causas para o seu derramamento.

4.3 Você não vê que tipo de vida deve ser aquela que a Natureza prometeu a nós homens quando ela nos faz chorar assim que nascemos? Começamos a vida desta maneira, e toda a cadeia de anos que se sucedem estão em harmonia. Assim passamos nossas vidas, e consequentemente devemos ser parcimoniosos em fazer o que temos que fazer com frequência, e quando olhamos para trás, para a massa de tristezas que paira sobre nós, devemos, se não cessar nossas lágrimas, de qualquer forma, reservá-las. Não há nada que deveríamos administrar com mais cuidado do que aquilo, que tantas vezes somos obrigados a gastar.

V

5.1 Também não será pouca ajuda para você considerar que não há ninguém a quem sua dor seja mais ofensiva do que aquele a quem é nominalmente concedida: ou ele não deseja que você sofra ou não entende por que você sofre.

5.2 Não há, portanto, razão para um serviço que é inútil se não for sentido por aquele que é o objeto do mesmo, e que lhe desagradaria se o fosse. Posso afirmar corajosamente que não há ninguém no mundo inteiro que tenha qualquer prazer em tirar de suas lágrimas. O que então? você supõe que seu irmão tem um sentimento contra você que ninguém mais tem, que ele deseja que se magoe por sua própria tortura, que ele deseja separá-lo dos negócios de sua vida, isto é, da filosofia e de César?

5.3 Isso não é provável: pois ele sempre rendeu a você como irmão, o respeitou como um pai, o reverenciou como um superior. Ele deseja ser lembrado carinhosamente por você, mas não para ser uma fonte de agonia a você. Por que, então, você deveria insistir em se apegar a uma dor que, se os mortos têm algum sentimento, seu irmão deseja pôr um fim? Se fosse qualquer outro irmão sobre cujo afeto poderia haver qualquer dúvida, eu poderia colocar tudo isso vagamente e dizer: "Se seu irmão desejasse que você fosse torturado com um luto sem fim, ele não mereceria tal afeição: se ele não o deseja, dispense a dor que os afeta a ambos: um irmão não natural não deveria, um bom irmão não desejaria ser assim lamentado", mas com alguém cujo amor fraterno foi tão claramente provado, podemos estar bem certos de que nada poderia magoá-lo mais do que você sofrer pela sua perda, que isso lhe provocasse agonia, que seus olhos, por mais imerecedores que sejam de tal destino, deveriam ser pela mesma causa continuamente enchidos e drenados de lágrimas incessantes.

5.4 Nada, no entanto, restringirá sua natureza amorosa dessas lágrimas inúteis tão eficazmente quanto a reflexão que você deveria mostrar a seus irmãos um exemplo, suportando corajosamente esse ultraje da Fortuna. Você deve imitar os grandes generais em tempos de desastre, quando eles têm o cuidado de provocar um comportamento alegre e esconder as desgraças por uma alegria manipulada, de modo que, se os soldados vissem seu líder derrubado, eles mesmos ficariam desanimados. Isto deve agora ser feito também por você.

5.5 Ponha um semblante que não reflita seus sentimentos e, se possível, expulse-o e esconda-o dentro de você para que não seja visto, e cuide para que seus irmãos, que acharão tudo de honrado que eles o virem fazendo, o imitem nisto e tirem coragem da vista de sua aparência. É seu dever ser tanto o conforto deles quanto

o consolo deles; mas você não terá poder para controlar o sofrimento deles se você ceder ao seu próprio sofrimento.

VI

6.1 Pode também mantê-lo longe do luto excessivo se você se lembrar que nada do que você faz pode ser feito em segredo: todos os homens concordam em considerá-lo como um personagem importante, e você deve manter este caráter: você está envolvido por toda aquela multidão de consoladores que estão espreitando em sua mente para aprender quanta força tem para resistir ao luto, e se você apenas sabe como se valer habilmente da prosperidade, ou se você também pode suportar adversidades com um espírito viril: a expressão de seus próprios olhos é vigiada.

6.2 Aqueles que são capazes de esconder seus sentimentos, podem deixá-los mais livres; mas você não é livre para ter qualquer segredo: sua sorte o colocou numa posição tão brilhante, que nada do que você faz pode ser escondido: todos os homens saberão como você suportou esta sua ferida, se você depôs seus braços no primeiro golpe ou se você se manteve firme. Há muito tempo, o amor de César o elevou, e suas próprias perseguições literárias o levaram, ao mais alto nível do estado: nada vulgar, nada de mau lhe convém: no entanto, o que pode ser mais mau ou mais feminino do que fazer-se vítima da dor?

6.3 Embora sua tristeza seja tão grande quanto a de seus irmãos, ainda assim você pode não se satisfazer tanto quanto eles: as ideias que o público formou sobre seu aprendizado filosófico e seu caráter tornam muitas coisas impossíveis para você. Os homens exigem muito, e esperam muito de você: você não deveria ter atraído todos os olhos para si mesmo, se você desejasse poder agir como quiser: como está, você deve fazer bem àquilo que prometeu. Todos aqueles que elogiam as obras de seu gênio, que fazem cópias delas, que precisam de seu gênio se não precisarem de sua riqueza, são como guardas colocados sobre sua mente: você não pode, portanto, nunca fazer nada indigno do caráter de um filósofo e sábio íntegro, sem que muitos homens se arrependam de que alguma vez o admiraram.

6.4 Você não pode chorar além da razão: nem isso é a única coisa que você não pode fazer: você não pode sequer permanecer adormecido após o amanhecer, ou retirar-se dos ruidosos problemas dos negócios públicos para o repouso pacífico do campo, ou refrescar-se com uma excursão de recreio quando se cansa de assistir constantemente aos deveres de seu trabalho, ou divertir-se vendo

diferentes espetáculos, ou mesmo organizar seu dia de acordo com seu próprio desejo. Muitas coisas são proibidas a você, que são permitidas aos mendigos mais pobres que se encontram em buracos e esquinas.

6.5 Uma grande fortuna é uma grande escravidão; você não pode fazer nada de acordo com seu desejo: você deve dar audiência a todos esses milhares de pessoas, você deve se encarregar de todas essas petições: você deve se animar, a fim de que toda essa massa de negócios que flui até aqui de todas as partes do mundo possa ser oferecida em devida ordem para a consideração de nosso excelente imperador. Repito, você mesmo está proibido de chorar, para que possa ouvir tantos peticionários que choram: suas próprias lágrimas devem ser secas, a fim de que as lágrimas daqueles que estão em perigo e desejam obter o amável perdão do bondoso coração de César possam ser secas.

VII

7.1 Estas reflexões lhe servirão como remédios parciais para sua dor, mas se você deseja esquecê-la completamente, lembre-se de César: pense com que lealdade, com que indústria você está obrigado a exigir os favores que ele lhe mostrou: verá então que você não pode mais afundar sob seu fardo do que aquele de quem os mitos nos dizem, aquele cujos ombros sustentaram o mundo.

7.2 Mesmo César, que pode fazer tudo, pode não fazer muitas coisas por esta mesma razão: sua vigilância protege o sono de todos os homens, seu trabalho garante seu lazer, seu trabalho garante seus prazeres, seu trabalho preserva suas férias. No dia em que César dedicou seus serviços ao universo, ele os perdeu para si mesmo, e, como os planetas que sempre seguem seu curso de forma incansável, ele nunca pode parar ou atender a qualquer caso seu.

7.3 De certa forma esta proibição é imposta a você também; você não pode considerar seus próprios interesses, ou dedicar-se a seus próprios estudos: enquanto César for dono do mundo, você não pode permitir nem alegria nem tristeza, ou qualquer outra coisa ocupar qualquer parte de você: você deve todo o seu ser a César.

7.4 Acrescente a isto que, uma vez que você sempre declarou que César lhe é mais caro que sua própria vida, você não tem o direito de reclamar de infortúnio enquanto César estiver vivo: enquanto ele estiver seguro, todos os seus amigos estão vivos, você não perdeu nada, seus olhos não só devem estar secos, mas felizes. Nele está tudo, ele está no lugar de tudo o mais para você: você não está

suficientemente agradecido por seu atual estado feliz se você se permitir chorar enquanto César estiver a salvo.

VIII

8.1 Vou agora apontar para você mais um remédio, de caráter mais doméstico, embora não de caráter mais eficaz. Sua tristeza é mais temível quando você se retirar para sua própria casa: enquanto sua divindade estiver diante de seus olhos, ela não poderá encontrar nenhum meio de acesso a você, mas César possuirá todo o seu ser; quando você tiver deixado sua presença, o luto, como se então tivesse a oportunidade de atacar, cairá em emboscada sobre você em sua solidão, e rastejará gradualmente sobre sua mente enquanto descansa de seu trabalho.

8.2 Não deve, portanto, permitir que nenhum momento seja deixado desocupado por perseguições literárias: em tais momentos, deixe que a literatura lhe pague a dívida que seu longo e fiel amor lhe impôs, deixe que ela o reclame para seu sumo sacerdote e adorador: em tais momentos, deixe que Homero e Virgílio estejam muito em sua companhia, esses poetas aos quais a raça humana deve tanto quanto todos devem a você, e eles especialmente, porque você os fez conhecer a um círculo mais amplo do que aquele para o qual eles escreveram. Todo o tempo que você confiar à guarda deles estará a salvo. Em tais momentos, na medida do possível, compile um relato dos atos de seu César, para que possam ser lidos por todas as idades futuras em um panegírico escrito por um de sua própria casa: pois ele mesmo lhe dará tanto o mais nobre sujeito quanto o mais nobre exemplo para montar e compor uma história.

8.3 Não ouso ir tão longe a ponto de aconselhá-lo a escrever em seu estilo elegante habitual uma versão das fábulas de Esopo, uma obra que nenhum intelecto romano tentou até agora. É difícil, sem dúvida, para uma mente que recebeu um choque tão grosseiro, levar a si mesma tão rapidamente a estas perseguições mais vivas: mas se ela é capaz de passar de estudos mais sérios para estes mais leves, você deve considerá-la como uma prova de que recuperou suas forças, e é ela mesma novamente.

8.4 No caso anterior, apesar de poder sofrer e se retrair, ainda assim será levado pela seriedade do assunto em consideração a se interessar por ele: mas, a menos que tenha se recuperado completamente, não suportará tratar de assuntos que devem ser escritos com um espírito alegre. Portanto, é preciso, primeiro, exercitar a mente sobre estudos sérios, e depois animá-la com estudos mais aprazíveis.

IX

9.1 Também será de grande alívio para você se interrogar com frequência assim: "sofro por minha causa ou por aquele que se foi? Se por minha causa, morre a jactância da ternura e começa a dor, apenas desculpável por ser honesta, mas, quando tem em vista a utilidade, degenerada do justo; nada, porém, convém menos a um homem bom do que contabilizar a morte do irmão.

9.2 Se sofro por causa dele, é preciso que uma ou outra destas considerações dê a última palavra: se nenhum sentimento têm os mortos, meu irmão livrou-se de todos os incômodos da vida, foi devolvido àquele lugar onde estivera antes de nascer e, livre de todo mal, nada teme, nada deseja, nada sofre: que loucura é essa, nunca deixar de sofrer por aquele que nunca sofrerá?

9.3 Se os mortos têm algum sentimento, agora o espírito de meu irmão, como que solto de uma longa prisão, enfim age por seu direito e arbítrio e usufrui do espetáculo das coisas da natureza, olha de cima todas as humanas, as divinas, de fato, cuja razão tão longamente procurara sem resultados, observa mais de perto. Assim, por que sou afligido pela falta daquele que está feliz ou não existe? Lamentar alguém feliz é inveja, quem não existe, loucura."

9.4 Acaso lhe comove o fato de que parece ter-se privado de coisas enormes e especialmente cercadas de boas? Quando achar que há muitas coisas que perdeu, pense que são mais as que não teme. A ira não o torturará, a doença não o afligirá, a suspeita não o perturbará, a inveja voraz e sempre inimiga do sucesso alheio não o perseguirá, o medo não o molestará, a leviandade da sorte transferindo rápido os seus dons não o inquietará...

9.5 Se bem considerar, mais foi afastado dele que tomado. Não usufruirá de riquezas, não usufruirá conjuntamente de sua posição e da dele; não receberá benefícios, não dará: você o considera infeliz porque perdeu essas coisas ou feliz porque não as deseja? Acredita em mim, aquele para quem a sorte é supérflua é mais feliz do que aquele por quem foi alcançada. Todos os bens que nos deleitam lisonjeando, embora falsamente prazerosos — o dinheiro, o cargo, o poder e muitos outros, diante dos quais a cobiça cega do gênero humano se encanta —, são possuídos com esforço e vistos com inveja; os mesmos a que abrilhantam, por fim, também oprimem; mais ameaçam do que são úteis; são arriscados e incertos, nunca seguros por inteiro: ainda que nada se tema quanto ao futuro, a própria guarda de uma grande felicidade é sem sossego.

9.6 Se quiser crer nos que veem a verdade mais profundamente, toda a vida é um suplício; lançados nesse mar profundo e inquieto, com marés alternadas que vêm e vão, ora erguendo-nos com progressos súbitos, ora destruindo-nos com maiores danos e frequentemente chacoalhando, nunca paramos num lugar estável: ficamos hesitantes e flutuamos, somos atirados uns contra os outros, às vezes naufragamos, sempre tememos.

9.7 Nesse mar tão tempestuoso e exposto a todo clima, nenhum porto a não ser a morte têm os navegantes. Assim, não inveje seu irmão: descanse. Finalmente livre, finalmente, seguro, finalmente eterno.

9.8 Tem César, todos os filhos dele e a você sãos e salvos, além dos irmãos comuns; antes que a sorte mudasse algo com respeito às suas graças, deixou-a ainda de pé e empilhando dons com mão cheia. Usufrui agora de um céu aberto e livre: elevou-se de um lugar humilde e humilde para aquele, qualquer que seja ele, que recebe no seio ditoso as almas soltas das amarras, e agora vaga ali livremente e enxerga todos os bens da natureza das coisas com o maior prazer. Não: seu irmão não perdeu a luz, mas obteve por sorte uma mais pura! Todos nós temos um caminho comum a esse.

9.9 Por que choramos o destino? Ele não nos deixou, mas antecedeu. É, acredite em mim, grande a felicidade de morrer em meio à própria felicidade. Nada há de certo sequer um dia inteiro. Quem pode dizer se a morte veio a seu irmão por malícia ou por bondade?

X

10.1 Aquele que é tão justo em todas as coisas quanto você, deve encontrar conforto no pensamento de que nenhum mal lhe foi feito pela perda de um irmão tão nobre, mas que você recebeu um benefício por ter tido permissão por tanto tempo para usufruir de seu afeto.

10.2 Aquele que não permite que seu benfeitor escolha sua própria maneira de lhe dar um presente, é injusto: aquele que não considera o que recebe como ganho, e ainda assim considera o que devolve como perda, é ganancioso: aquele que diz que foi injustiçado, porque seu prazer chegou ao fim, é ingrato: aquele que pensa que não ganhamos nada com coisas boas além do prazer presente delas, é um tolo, porque não encontra prazer em alegrias passadas, e não considera as que se foram como seus bens mais certos, já que não precisa temer que elas cheguem ao fim.

10.3 Um homem limita seus prazeres de forma muito restrita se acredita que só gosta daquelas coisas que toca e vê, se conta que as desfrutou por nada: pois todo prazer rapidamente nos deixa, vendo que ele flui para longe, flui através de nossas vidas, e desaparece quase antes de ter chegado. Devemos, portanto, fazer nossa mente viajar de volta no tempo passado, trazer de volta o que um dia tivemos prazer, e frequentemente refletir sobre isso em nossos pensamentos: a lembrança dos prazeres é mais verdadeira e mais digna de confiança do que sua realidade.

10.4 Considerem, então, entre suas maiores bênçãos, que você teve um excelente irmão: você não precisa pensar por quanto tempo mais você poderia tê-lo, mas por quanto tempo você o teve. A natureza o deu a você, assim como dá outros a outros irmãos, não como uma propriedade absoluta, mas como um empréstimo: depois, quando achou oportuno, o acolheu de volta e seguiu suas próprias regras de ação, em vez de esperar até que você tivesse entregado seu amor à saciedade.

10.5 Se alguém fosse ficar indignado por ter que pagar um empréstimo em dinheiro, especialmente se lhe tivesse sido permitido usá-lo sem ter que pagar nenhum juro, não seria considerado um homem irracional? A Natureza deu sua vida a seu irmão, assim como ela lhe deu a sua: exercendo seus legítimos direitos, ela escolheu pedir a um de vocês que pagasse seu empréstimo antes do outro: ela não pode ser censurada por isso, pois vocês sabiam as condições em que o receberam: vocês devem censurar as esperanças gananciosas das mentes dos homens mortais, que de vez em quando esquecem o que a Natureza é, e nunca se lembram de seu próprio destino, a menos que sejam lembrados disso.

10.6 Alegre-se, então, por ter tido um irmão tão bom, e seja grato por ter tido o uso e o prazer dele, embora tenha sido por um tempo mais curto do que você desejava. Reflita que o que você teve dele foi muito agradável, que o fato de tê-lo perdido é um fato comum à humanidade. Não há nada mais incoerente do que um homem lamentar que um irmão tão bom não tenha estado com ele o tempo suficiente, e não se regozijar que, mesmo assim, ele tenha estado com ele.

XI

11.1 "Mas", você diz, "ele foi levado inesperadamente". Cada homem é enganado por sua própria vontade de acreditar no que deseja, e opta por esquecer que aqueles que ama são mortais: no entanto, a natureza nos dá provas claras de que não suspenderá suas leis em favor de ninguém:

11.2 As procissões fúnebres de nossos amigos e de estranhos passam diariamente diante de nossos olhos, mas não nos damos conta delas, e quando acontece um

evento que toda nossa vida nos adverte que um dia acontecerá, chamamos isso de repentino. Isto não é, portanto, a injustiça do destino, mas a perversidade e a insaciável avareza universal da mente humana, que se indigna por ter que deixar um lugar para o qual só foi admitido em sofrimento.

11.3 Quão mais justo era aquele que, ao ouvir a morte de seu filho, fez um discurso digno de um grande homem, dizendo: "Quando eu o gerei, sabia que ele iria morrer um dia". De fato, você não precisa se surpreender com a possibilidade do filho de tal homem morrer corajosamente. Ele não recebeu como novidade a notícia da morte de seu filho: o que há de novo na morte de um homem, quando toda sua vida é apenas uma viagem rumo à morte? "Quando eu o gerei, eu sabia que um dia ele morreria", disse ele: e então acrescentou, o que mostrou ainda mais sabedoria e coragem: "Foi para isso que eu o criei".

11.4 Foi por isto que todos nós fomos educados: todos que são trazidos à vida têm a meta de morrer. Aproveitemos o que nos é dado, e devolvamo-lo quando for pedido: o destino impõe suas mãos sobre alguns homens em alguns momentos, e sobre outros homens em outros momentos, mas eles nunca passarão por nenhum deles por completo. Nossa mente deve estar sempre em alerta, e embora nunca deva temer o que é certo acontecer, deve estar sempre pronta para o que pode acontecer a qualquer momento. Por que preciso falar-lhes dos generais e dos filhos dos generais, dos homens enobrecidos por muitos consulados e triunfos, que sucumbiram a um destino impiedoso? Reinos inteiros junto com seus reis, nações inteiras com todas as tribos que as compõem, todos se submeteram à sua desgraça.

11.5 Todos os homens, não, todas as coisas anseiam pelo fim de seus dias: no entanto, nem todos chegam ao mesmo fim: um homem perde sua vida no meio de sua carreira, outro no início dela, outro parece pouco capaz de se libertar dela quando desgastado com uma idade avançada, e ansioso por ser libertado: vamos todos para o mesmo lugar, mas vamos todos para lá em momentos diferentes. Não sei se é mais insensato não conhecer a lei da mortalidade, ou mais presunçoso recusar-se a obedecê-la. Venha, tome em suas mãos os poemas do seu agrado daqueles dois autores sobre os quais seu gênio gastou tanto trabalho, que você parafraseou tão bem, que embora a estrutura do verso seja removida, seu encanto é preservado; pois você os transferiu de uma língua para outra tão bem como para efetuar a questão mais difícil de todas, a de fazer reaparecer todas as belezas do original em um discurso estrangeiro: entre suas obras, você não encontrará nenhum volume que não lhe ofereça inúmeros exemplos das

vicissitudes da vida humana, da incerteza dos acontecimentos, e das lágrimas derramadas por vários motivos.

11.6 Leia com que fogo você trovejou suas frases incandescentes: você se envergonhará de falhar de repente e ficar aquém da elevação de sua magnífica linguagem. Não cometa a falha de fazer com que cada um, que de acordo com sua capacidade admira seus escritos, se pergunte como uma alma tão frágil pode ter formado ideias tão resistentes e bem relacionadas.

XII

12.1 Afaste-se desses pensamentos que o atormentam, e olhe mais para essas numerosas e poderosas fontes de consolo que você possui: olhe para seus excelentes irmãos, olhe para sua esposa e seu filho. É para garantir a segurança de todos estes que a Fortuna o atingiu neste lugar: você ainda tem muitos em quem você pode se consolar.

12.2 Proteja-se da vergonha de deixar que todos os homens pensem que um único pesar tem mais poder sobre você do que estas muitas consolações. Você vê todos eles lançados no mesmo desânimo que você, e sabe que eles não podem ajudá-lo, não, que por outro lado eles olham para você a fim de encorajar a si mesmos: portanto, quanto menos instrução e quanto menos intelecto eles possuem, mais vigorosamente você deve resistir ao mal que caiu sobre todos vocês. O próprio fato de a dor de alguém ser compartilhada por muitas pessoas serve de consolo, porque se ela for distribuída entre um número assim, a parte que recai sobre você deve ser pequena. Nunca deixarei de recordar seus pensamentos a César.

12.3 Enquanto ele governa a terra, e mostra quão melhor um império pode ser mantido por bondade do que por armas, enquanto ele preside os assuntos da humanidade, não há perigo de que você sinta que perdeu alguma coisa: só neste fato você encontrará ampla ajuda e amplo consolo; levante-se, e fixe seus olhos em César sempre que as lágrimas se aproximarem deles; eles ficarão secos ao contemplar aquela luz maior e mais brilhante; seu esplendor os atrairá e os prenderá firmemente a si mesmo, de modo que eles não possam ver mais nada.

12.4 Aquele a quem você vê tanto de dia como de noite, de quem sua mente nunca se desvia para assuntos mais importantes, deve ocupar seus pensamentos e ser sua defesa contra a Fortuna; de fato, tão bondoso e gracioso como é para com todos os seus seguidores que já colocou muitos bálsamos curativos sobre esta sua ferida, e lhe forneceu muitos antídotos para sua tristeza. Por que, mesmo se ele

não tivesse feito nada disso, não é a mera visão e o pensamento de César em si o seu maior consolo?

12.5 Que os deuses e deusas o preservem por muito tempo na terra: que ele rivalize com os feitos do imperador Augusto, e o ultrapasse em longos dias! Enquanto ele permanecer entre os mortais, que nunca seja lembrado de que qualquer de sua casa é mortal: que ele treine seu filho por um longo e fiel serviço para ser o governante do povo romano, e o veja compartilhar o poder de seu pai antes que ele o suceda: que o dia em que sua parentela o reivindique para o céu seja muito distante, e que só nossos netos estejam vivos para ver isso.

XIII

13.1 Fortuna, afaste-se dele e mostre seu poder sobre ele apenas fazendo-lhe bem: deixe-o curar a longa doença de que a humanidade foi vítima; substitua e restaure tudo o que foi despedaçado pelo frenesi de nosso falecido soberano: que esta estrela, que derramou seus raios sobre um mundo derrubado e lançado na escuridão, brilhe sempre de forma brilhante.

13.2 Que ele possa dar paz à Germânia, abrir a Grã-Bretanha para nós, e conduzir através da cidade triunfos, tanto sobre as nações que seus pais conquistaram, como sobre as novas. Destes, sua clemência, a primeira de suas muitas virtudes, me dá esperanças de ser um espectador: pois ele não me derrubou de tal forma que nunca mais me levantará; não, ele não me derrubou de forma alguma; ao contrário, ele me apoiou quando eu fui atingido pela má sorte e estava cambaleando, e usou gentilmente sua mão divina para frear minha queda de cabeça: ele suplicou ao Senado em meu favor, e não apenas me deu minha vida, mas até mesmo a implorou por mim.

13.3 Ele cuidará de minha causa: que ele julgue minha causa como ele desejaria; que sua justiça a pronuncie bem ou que sua clemência a contemple: sua bondade para comigo será igual em ambos os casos, quer ele saiba que eu sou inocente ou escolha que eu deva ser considerado como tal. Entretanto, é para mim um grande conforto para minhas próprias misérias ver seus perdões viajando pelo mundo: mesmo do canto em que estou confinado, sua misericórdia foi desenterrada e restaurada para iluminar muitos exilados que haviam sido enterrados e esquecidos aqui por longos anos, e não tenho medo de que eu sozinho seja ignorado por ela. Ele sabe melhor o momento em que deve mostrar favor a cada homem: Vou me esforçar ao máximo para evitar que ele tenha que se corar quando ele vier até mim.

13.4 Ó quão abençoada é sua clemência, César, que faz os exilados viverem mais pacificamente durante seu reinado do que os príncipes viveram no reinado de Caio! Não tememos nem esperamos o golpe fatal a cada hora, nem ficamos aterrorizados sempre que um navio se aproxima: o senhor estabeleceu limites para a crueldade da Fortuna para conosco, e nos deu a paz presente e as esperanças de um futuro mais feliz. Você pode realmente ter certeza de que somente os relâmpagos são adorados até mesmo por aqueles que são atingidos por eles.

XIV

14.1 Assim, este príncipe, que é o consolador universal de todos os homens, a menos que eu esteja totalmente equivocado, já reanimou seu espírito e aplicou remédios mais poderosos a uma ferida tão grave do que eu posso: ele já o fortaleceu em todos os sentidos: sua memória excepcionalmente poderosa já lhe forneceu todos os exemplos que produzirão tranquilidade: sua eloquência praticada já mostrou diante de você todos os preceitos dos sábios.

14.2 Ninguém, portanto, poderia consolá-lo tão bem quanto ele: quando ele fala suas palavras têm maior peso, como se fossem palavras de um oráculo: sua autoridade divina esmagará toda a força de sua dor. Pense, então, que ele lhe fala da seguinte maneira: "A sorte não o escolheu como o único homem no mundo a receber um golpe tão severo: não há casa em toda a terra, e nunca houve uma, que não tenha algo por que lamentar": Vou passar por cima de exemplos retirados do plantel comum, que, embora sejam menos importantes, também são em número infinito, e direcionarei sua atenção para os fastos e anais públicos.

14.3 Você vê todas essas imagens que enchem o átrio dos Césares? Não há um desses homens que não tenha sido especialmente afligido por dores domésticas: nenhum desses homens que brilham ali como o ornamento dos tempos não foi torturado pela dor por alguns de sua família ou mais amargamente lamentado por aqueles que ele deixou para trás.

14.4 Por que preciso lembrá-lo de Cipião Africano, que ouviu a notícia da morte de seu irmão quando ele mesmo estava no exílio? Aquele que salvou seu irmão da prisão não pôde salvá-lo de seu destino. No entanto, todos os homens viram como o afeto fraterno de Cipião Africano era de igual valor: no mesmo dia em que Cipião Africano resgatou seu irmão das mãos do aparidor, ele, embora não ocupando nenhum cargo, protestou contra a ação do tribunal do povo. Ele velou por seu irmão tão magnanimamente quanto o havia defendido.

14.5 Por que preciso lembrá-lo de Cipião Emiliano, que quase ao mesmo tempo viu o triunfo de seu pai e o funeral de seus dois irmãos? Ainda assim, apesar de ser um rapaz e pouco mais do que um menino, ele suportou o luto repentino que se abateu sobre sua família no momento do triunfo de Paulo com toda a coragem que teve aquele que nasceu para que Roma não ficasse sem um Cipião e para que ela não ficasse sem uma Cartago.

XV

15.1 Por que eu deveria falar da intimidade dos dois Luculos, que foi quebrada somente pela morte deles? Ou dos Pompeus? A quem a crueldade da Fortuna não permitiu sequer perecer pela mesma catástrofe; pois Sexto Pompeu, em primeiro lugar, sobreviveu a sua irmã, por cuja morte foi rompido o laço firme de paz no império romano, e sobreviveu também a seu nobre irmão, a quem a Fortuna elevou tão alto a fim de que ela o pudesse lançar de uma altura tão grande como ela já havia lançado abaixo seu pai; no entanto, após esta grande desgraça, Sexto Pompeu foi capaz não só de suportar sua dor, mas até mesmo de fazer guerra.

15.2 Inúmeros casos me ocorrem de irmãos que foram separados pela morte: de fato, por outro lado, vemos muito poucos pares de irmãos envelhecendo juntos: no entanto, vou me contentar com exemplos de minha própria família. Ninguém pode ser tão desprovido de sentimento ou de razão a ponto de reclamar que a Fortuna o jogou de luto quando fica sabendo que ela própria desejou as lágrimas dos Césares.

15.3 O imperador Augusto perdeu sua querida irmã Octávia, e embora a natureza a destinasse ao céu, ela não relaxou suas leis para poupá-lo do luto enquanto estava na terra: não, ele sofreu todo tipo de luto, perdendo o filho de sua irmã, que se destinava a ser seu herdeiro. Em suma, para não mencionar suas tristezas em detalhes, ele perdeu seu genro, seus filhos e seus netos e, enquanto ele permaneceu entre os homens, nenhum homem foi mais frequentemente relembrado ser mortal. No entanto, sua alma, que era capaz de suportar todas as coisas, suportou todas essas pesadas tristezas, e o abençoado Augusto foi o conquistador, não apenas de nações estrangeiras, mas também de suas próprias tristezas.

15.4 Gaio César, neto do abençoado Augusto, meu tio-avô materno, nos primeiros anos de virilidade, quando Príncipe da Juventude Romana, enquanto se preparava para a guerra do Império Parta, perdeu seu querido irmão Lúcio, que também era Príncipe da Juventude, e sofreu mais com isso em sua mente do que

depois em seu corpo, embora suportasse as aflições com a maior piedade e fortaleza.

15.5 Tibério César, meu tio paterno, perdeu seu irmão mais novo Druso Germânico, meu pai, quando ele estava desbravando a mais profunda face da Germânia, e trazendo as tribos mais ferozes sob o domínio do império romano; ele o abraçou e recebeu seu último beijo, mas, mesmo assim, ele não só reprimiu sua própria dor, mas a dos outros, e quando todo o exército, não apenas triste, mas de coração partido, reclamou o cadáver de seu Druso para si mesmo, ele os fez lamentar apenas quando se tornou apropriado para os romanos lamentarem-se, e os ensinou que eles devem observar a disciplina militar não apenas na luta, mas também no luto. Ele não poderia ter controlado as lágrimas dos outros se não tivesse primeiro reprimido as suas próprias.

XVI

16.1 Marco Antônio, meu avô, que não ficou atrás de ninguém senão de seu conquistador, recebeu a notícia da execução de seu irmão no exato momento em que o Estado estava à sua disposição, e quando, como membro do triunvirato, não via ninguém no mundo superior a si mesmo no poder, não, quando, com exceção de seus dois colegas, todos os homens estavam subordinados a ele próprio.

16.2 Ó Fortuna arbitrária, que esporte você faz para si mesmo a partir das dores humanas! Na mesma época em que Marco Antônio foi entronizado com o poder de vida e morte sobre seus compatriotas, o irmão de Marco Antônio estava sendo levado à morte: no entanto Antônio suportou esta ferida cruel com a mesma grandeza de espírito com a qual havia suportado todas as outras cruzes; e chorou por seu irmão oferecendo o sangue de vinte legiões a suas hostes.

16.3 Entretanto, para passar por todas as outras instâncias, para não falar das outras mortes que ocorreram em minha própria casa, a Fortuna me assaltou duas vezes pela morte de um irmão; ela aprendeu duas vezes que poderia me ferir, mas não poderia me derrubar. Perdi meu irmão Germânico, que eu amava de uma maneira que qualquer um entenderá se ele pensar o quanto os irmãos carinhosos se amam; no entanto, contive minha paixão de luto a ponto de não deixar de lado nada que um bom irmão pudesse ser chamado a fazer, nem ainda fazer algo que um soberano pudesse ser culpado por fazer.

16.4 Pense, então, que nosso pai comum lhe cita estas instâncias, e que ele lhe aponta como nada é respeitado ou considerado inviolável pela Fortuna, que na

verdade ousa enviar procissões fúnebres da própria casa em que ela terá que procurar deuses: que ninguém se surpreenda por ela cometer qualquer ato de crueldade ou injustiça; pois como ela poderia mostrar qualquer humanidade ou moderação em suas relações com famílias particulares, quando sua fúria impiedosa tem tantas vezes enforcado o próprio pulvinar?

16.5 Ela não mudará seus hábitos apesar de censurada, não apenas pela minha voz, mas pela voz de toda a nação: ela manterá seu rumo apesar de todas as orações e reclamações. Sempre foi assim a Fortuna, e assim ela estará sempre em conexão com os assuntos humanos: nunca se abstém de atacar qualquer coisa, e nunca deixa nada em paz: ela se enfurece em toda parte terrivelmente, como sempre ousou fazer: ousará entrar para fins malignos naquelas casas cuja entrada se encontra através dos templos dos deuses, e pendurará sinais de luto em portas de louros.

16.6 No entanto, se ela ainda não tiver determinado destruir a raça humana: se ela ainda olhar com favor para a nação romana, que nossas orações públicas e privadas prevaleçam sobre ela para considerar sagrado de sua violência este príncipe, que todos os homens consideram sagrado, que lhes foi concedido por Deus para lhes dar descanso depois de seus infortúnios: que ela aprenda com ele a clemência, e que o mais brando de todos os soberanos lhe ensine a brandura.

XVII

17.1 Você deve, portanto, fixar seus olhos em todas as pessoas que acabo de mencionar, que ou foram deificadas ou eram quase parentes daqueles que foram deificados, e quando a Fortuna coloca suas mãos sobre você suporte calmamente, vendo que ela não respeita nem mesmo aqueles por cujos nomes nós juramos. É seu dever imitar a constância deles em perseverar e triunfar sobre o sofrimento, na medida em que é permitido a um simples homem seguir os passos dos imortais.

17.2 Embora em todos os outros assuntos o posto e o nascimento façam grandes distinções entre os homens, a virtude está aberta a todos; ela não despreza ninguém desde que ele se julgue digno de possuí-la. Certamente não se pode fazer melhor do que seguir o exemplo daqueles que, embora possam ter ficado zangados por não estarem isentos deste mal, decidiram, no entanto, considerar isto como a única coisa que os leva ao nível de outros homens, não como um mal feito a si mesmos, mas como a lei de nossa natureza mortal, e suportar o que lhes sucede sem amargura e ira indevidas, e ainda assim sem amargura ou espírito

covarde: pois não é humano não sentir nossas tristezas, e ao mesmo tempo não é humano não suportá-las.

17.3 Quando olho através do rol de todos os Césares que o destino enlutou de irmãs ou irmãos, não posso passar por cima daquele que é indigno de figurar na lista dos Césares, a quem a Natureza produziu para ser a ruína e a vergonha da raça humana, que destruiu completamente e destruiu o estado que agora se recupera sob o governo gentil do mais benigno dos príncipes.

17.4 Ao perder sua irmã Drusila, Caio César, um homem que não podia lamentar nem se regozijar como deveria um príncipe, absteve-se de ver e falar com seus compatriotas, não esteve presente no funeral de sua irmã, não lhe prestou o tributo convencional de respeito, mas tentou esquecer as tristezas causadas por esta morte mais angustiante, jogando dados em sua vila albanesa, e sentando-se no assento do juiz, e os compromissos usuais similares. Que vergonha para o Império! um imperador romano se consolou apostando por sua tristeza pela perda de sua irmã!

17.5 Este mesmo Gaio, com leviandade frenética, em um momento deixou crescer sua barba e seus cabelos, em outro vagou sem rumo ao longo da costa da Itália e da Sicília. Ele nunca se decidiu claramente se desejava que sua irmã fosse enlutada ou adorada, e durante todo o tempo em que ele erguia templos e santuários em sua honra punia aqueles que não manifestavam tristeza suficiente com as torturas mais cruéis: pois sua mente era tão desequilibrada a ponto de cair na depressão tanto quanto ficar eufórico e exultante com o sucesso.

17.6 Longe de todo romano seguir tal exemplo, seja para desviar sua mente de sua dor por diversões despropositadas, seja para estimulá-la por uma indecorosa sordidez e negligência, seja para ser tão desumano a ponto de consolar a si mesmo por ter prazer no sofrimento dos outros.

XVIII

18.1 Você, entretanto, não precisa mudar nenhum de seus hábitos comuns, uma vez que você se ensinou a amar aqueles estudos que, embora estejam em posição preeminente para aperfeiçoar nossa felicidade, ao mesmo tempo nos ensinam como podemos suportar o infortúnio de forma mais leve, e que são ao mesmo tempo a maior honra e o maior conforto de um homem.

18.2 Agora, portanto, mergulhe ainda mais profundamente em seus estudos, cerque agora sua mente com eles como fortificações, para que a dor não encontre nenhum lugar em que possa ganhar entrada. Ao mesmo tempo, prolongue a

lembrança de seu irmão inserindo algumas memórias dele entre seus outros escritos: pois esse é o único tipo de monumento que pode ser erguido pelo homem que nenhuma tempestade pode ferir, nenhum tempo destruir. Os outros, que consistem em pilhas de pedra, massas de mármore, ou enormes montes de terra amontoados ao alto, não podem preservar sua memória por muito tempo, porque eles mesmos perecem; mas os memoriais que o gênio arquiteta são eternos. Esbanje estes sobre seu irmão, embalsame-o neles: você fará melhor para imortalizá-lo por um trabalho eterno de genialidade do que chorar por ele com uma dor inútil.

18.3 Quanto à própria Fortuna, embora eu não possa agora mesmo pleitear sua causa diante de você, porque tudo o que ela nos deu agora é odioso para você, porque ela lhe tirou algo, ainda assim eu pleitearei sua causa assim que o tempo lhe tiver tornado um juiz mais imparcial de sua atuação:

18.4 De fato, ela concedeu muito a você para reparar o dano que lhe fez, e dará mais no futuro por meio de expiação: e, afinal, foi ela mesma quem lhe deu este irmão que lhe retirou. Tolere, então, a exibição de suas habilidades contra si mesmo, ou a participação com sua dor contra si mesmo: sua eloquência, pode, sem dúvida, fazer com que as ninharias pareçam grandes, e, inversamente, pode desacreditar e depreciar grandes coisas até que elas pareçam as mais insignificantes ninharias; mas deixe que ela reserve esses poderes e os use em algum outro assunto, e, no momento presente, dedique toda sua força à tarefa de consolá-lo.

18.5 No entanto, veja se mesmo esta tarefa não será desnecessária. A natureza exige de nós uma certa quantidade de tristeza, nossa imaginação acrescenta-lhe mais alguma coisa; mas eu jamais proibirei você de chorar em absoluto. Eu sei, de fato, que há alguns homens, cuja inteligência é mais áspera do que brava, que dizem que o homem sábio nunca choraria.

18.6 Parece-me que eles nunca podem ter estado na posição de enlutados, pois, caso contrário, sua desgraça teria sacudido toda sua filosofia arrogante e, por muito que fosse contra a vontade deles, os teria forçado a confessar seu pesar. A razão terá feito o suficiente se ela cortar de nosso pesar tudo o que for supérfluo e inútil: quanto a ela não nos permitir o luto, não devemos esperar nem desejar.

18.7 Deixem-na conter-nos dentro dos limites de uma dor de luto reprimido, que não participa nem da indiferença nem da loucura, e deixem-na manter nossa alma naquela atitude que se torna afeição sem excitação: deixe suas lágrimas fluírem, mas deixe-as um dia parar de fluir: lamente tão

profundamente quanto você quiser, mas deixe seus lamentos cessarem um dia: regule sua conduta de modo que tanto filósofos quanto irmãos possam aprová-la.

18.8 Sinta prazer em pensar frequentemente em seu irmão, fale constantemente dele e mantenha-o sempre presente em sua memória; o que você não pode conseguir fazer a menos que faça a lembrança dele agradável e não triste: pois é natural que a mente se retraia de um assunto que ela não pode contemplar sem tristeza. Pense em sua disposição para a vida em retiro, em suas habilidades para os negócios, em sua diligência em realizá-los, em sua lealdade à sua palavra. Conte a outros homens todos os seus ditos e feitos, e lembre-se dele: pense como ele era bom e como você esperava que ele se tornasse grande: pois que sucesso existe que você poderia não ter apostado com segurança que tal irmão conquistaria?

18.9 Juntei estas reflexões da melhor maneira que pude, pois minha mente está obscurecida e estupefata com o tédio do meu longo exílio: se, portanto, você as achar indignas da consideração de uma pessoa de sua inteligência, ou incapazes de consolá-lo em sua dor, lembre-se como é impossível para alguém que está cheio de suas próprias mágoas encontrar tempo para se dedicar às dos outros, e como é difícil se expressar na língua latina, quando ao redor não se ouve nada além de uma gíria estrangeira grosseira, que até mesmo bárbaros do tipo mais civilizado consideram com repugnância.

CONSOLAÇÃO A MÁRCIA

Ad Marciam de Consolatione

A MÁRCIA

Tradução de Monica Seincman

I

1.1 Se eu não soubesse, Márcia, que você não conhece nem a fraqueza de alma de seu sexo nem as outras imperfeições humanas e que seu caráter tem algo de outros tempos que o torna modelo, eu não ousaria abordar sua dor – esta dor que mesmo os homens nutrem e cultivam em si com tanta complacência – e não teria concebido a esperança, em condições tão ingratas, defendendo, diante de um juiz tão prevenido, uma causa tão irritante, procurando fazê-la ser absolvida de seu infortúnio. O que me deu confiança foi o vigor experimentado de sua alma, foi esta coragem que já se mostrou em uma ocasião maior.

1.2 Sabemos como você se conduziu em relação a um pai que você amava tão ternamente quanto a seus filhos, quase a ponto de não desejar que ele lhe sobrevivesse; ainda não estou muito certo, pois acontece de um grande amor se permitir desejos irracionais. Você fez tudo o que dependia de você para impedir que seu pai Cremuzio Cordo alcançasse a morte. Tendo-lhe sido bem demonstrado que, com os satélites de Sejano, este era o único meio que teria de escapar à servidão, você não favoreceu seu projeto, mas renunciou à luta e deixou correr abertamente suas lágrimas; você sem dúvida devorou seus gemidos, mas não os escondeu por trás de uma fronte alegre: e isto em uma época em que se mostrava devotamento quando não se traía os seus.

1.3 Mas, logo que uma mudança de regime deu-lhe a oportunidade, você tornou público o talento de seu pai, sobre o qual os carrascos se atiraram: você o ressuscitou de sua verdadeira morte, remetendo aos muitos monumentos públicos de nosso passado os livros de história que ele escreveu com seu sangue. O quanto não lhe deve a cultura romana? O fogo destruiu uma de suas mais notáveis eminências. O quanto não lhe deve a posteridade, a quem chegará em toda a sua pureza o fiel relato de uma testemunha que custou tão caro ao seu autor? O quanto ele próprio não lhe deve, ele cuja memória vive e viverá enquanto algum valor for dado à história de Roma, enquanto houver espíritos curiosos de reconstruir as ações dos ancestrais, enquanto se quiser saber o que é um romano, o que é um cidadão que, quando todas as cabeças se curvam e se

submetem ao jugo de Sejano, permanece indomável, o que é um homem cujo gênio, cuja alma, cujos braços são livres?

1.4 Que perda para a república, ó deuses! Se este gênio, cujos dois méritos incomparáveis – o talento e a liberdade – fizeram ser condenado ao esquecimento, não fosse trazido por você à luz! Ele é lido, sua glória resplandece: ele está em todas as mãos, em todos os corações; do tempo nada tem a temer; em contrapartida os próprios crimes de seus perseguidores, que foi deles o único feito na memória dos homens, logo ninguém mais a eles se referirá.

1.5 A grandeza de sua alma me impedia de considerar seu sexo, assim como de considerar a tristeza que depois de tão longos anos vela incessantemente sua face. E veja quão pouco pretendo surpreendê-la, usar seus sentimentos: desperto a lembrança de seus antigos sentimentos e, para persuadi-la de que esta nova ferida também não incurável, mostro-lhe a cicatriz de uma chaga igualmente grave. Os outros que usem da doçura e de procedimentos carinhosos; eu vou tomar sua dor corpo a corpo, e estes olhos doentes e esgotados, que, se você deseja a verdade, choram hoje mais por costume do que por aflição, vou domá-los, se você se dispuser, com sua ajuda, e, caso não se disponha, apesar de você: você deverá reter e segurar desesperadamente esta dor, à qual destina em seu coração o lugar deixado vazio por seu filho.

1.6 Se não, quando isto terá fim? Todos os remédios fracassaram: as consolações que seus amigos cansaram de lhe dirigir, as altas intervenções dos homens eminentes com quem tem parentesco, o trabalho, esta preciosa herança paterna; a todas estas vozes seu ouvido permanece surdo, e as vãs consolações que elas lhe oferecem quando muito um instante de distração. O próprio tempo, este grande remédio pelo qual a natureza apazigua até os mais terríveis tormentos, não exerceu sobre você nenhuma ação.

1.7 Três anos já se passaram, e sua dor nada perdeu de sua primeira vivacidade: ela desperta e se reanima a cada dia; ela toma como um direito a sua duração, acreditando ser desonroso acabar. Todos os vícios criam em nós raízes profundas se não os sufocamos quando nascem: o mesmo acontece com os sentimentos sombrios e deprimentes, que se atormentam a si mesmos sem cessar; acabam por se alimentar de sua própria amargura e o sofrimento se torna, para a alma infeliz, um tipo de prazer perverso.

1.8 Eu também teria preferido empreender sua cura desde o início: um tratamento benigno bastaria para deter o mal em sua raiz; contra um flagelo inveterado é necessária uma intervenção mais enérgica. Assim, as chagas do

corpo se curam sem dificuldade quanto mais frescas forem; é preciso cauterizá-las, sondar a profundeza das carnes, nela penetrar com o dedo, quando as deixamos infectar e degenerar em úlceras. Hoje, não mais posso usar de deferência e delicadeza para enfrentar uma dor tão endurecida: é necessário romper o obstáculo.

II

2.1 Sei que é comum, quando se admoesta alguém, começar pelos preceitos e acabar pelos exemplos. Mas às vezes é bom mudar de método. Pois os meios a empregar variam conforme os espíritos: uns cedem à razão; a outros é preciso alegar grandes nomes, cuja autoridade os ligue.

2.2 Os belos traços a cegam; vou deitar sob seus olhos dois ilustres exemplos que seu sexo e seu século me oferecem: o de uma mulher que se abandonou sem reserva ao desespero; e o de uma outra mulher que, atingida por um golpe semelhante e perdendo ainda mais, não deixou à infelicidade, no entanto, um longo império sobre sua alma, refazendo-se tão logo.

2.3 Octavia e Lívia, uma irmã, a outra esposa de Augusto, perderam cada uma um filho na flor da idade e que podiam ser considerados herdeiros do trono. Octavia viu morrer Marcelo, sobre quem seu tio e padrasto começava a descarregar as fadigas e as preocupações do poder, jovem homem com alma viva, espírito vigoroso, com uma temperança e uma moderação verdadeiramente maravilhosas para sua idade e em um meio como o seu, infatigável no trabalho, inimigo dos prazeres, capaz de sustentar, por mais esmagador que fosse, o fardo e, se assim posso falar, o edifício que seu tio se dispunha a lhe deixar sobre os ombros; Augusto soube escolher bases que não cederiam sob peso algum.

2.4 Durante todo o resto de sua vida, Octavia chorou e gemeu; jamais aceitou qualquer palavra de conforto; jamais se permitiu frequentar qualquer distração que fosse, absorvida por um pensamento único que a ocupava completamente. Ela foi durante toda a sua vida o que fora no dia das exéquias: não que lhe faltasse energia, mas ela se recusava qualquer alívio, temendo aumentar sua miséria caso perdesse a felicidade das lágrimas. Ela não quis imagem alguma desse filho tão ternamente amado; não sofria se dele lhe falassem.

2.5 Ela detestava todas as mães e mostrava um particular furor contra Lívia, cujo filho parecia haver herdado a felicidade que prometera ao seu. Não tendo prazer senão com a obscuridade e a solidão, distanciando-se inclusive de seu irmão, ela rejeitou os poemas compostos em louvor a Marcelo e as outras obras que

celebravam sua memória, e fechou os ouvidos a qualquer consolação. Furtando-se às cerimônias oficiais, detestando até a glória por demais viva da majestade fraterna, ela se escondeu em um profundo retiro. Rodeada por seus filhos e por seus netos, ela guardou até o fim suas vestes de luto, para a grande humilhação de todos os seus, que a viam, eles vivos, agir como se ela estivesse só no mundo.

III

3.1 Lívia perdeu seu filho Druso, grão-duque, se vivesse, e já grãcapitão; ele já havia penetrado até o coração da Germânia e lá plantado o estandarte de Roma em lugares em que mal se sabia da existência dos romanos. Morreu durante a campanha, objeto, ao longo de sua doença, do respeito dos próprios inimigos, que suspenderam seus ataques e não ousaram desejar sua própria vantagem. A essa morte que encontrou servindo a república acrescentavase a imensa desolação dos cidadãos, das províncias e de toda a Itália, que viu seu cortejo fúnebre, na passagem do qual munícipes e colonos precipitavam-se com gosto para lhe render uma suprema homenagem, ir até Roma, como em um cortejo triunfal.

3.2 A mãe não pôde recolher nem os últimos beijos de seu filho, nem as caras palavras de sua boca expirante. Ela seguiu durante esse longo trajeto os restos de seu Druso, e cada uma das inumeráveis piras cujas chamas via brilhar atravessando a Itália renovava, por assim dizer, sua perda e reavivava sua dor; mas, tão logo pôde depositá-lo em seu túmulo, ela aí sepultou ao mesmo tempo seu filho e sua dor. Não se afligiu além do que lhe permitiam as civilidades enquanto o imperador estava vivo, nem a equidade enquanto tinha outro filho. Depois não deixou de pronunciar o nome de Druso, de ter constantemente sua imagem diante de seus olhos, na intimidade ou em público, de gostar de falar e de ouvir falar dele; ela viveu com a sua lembrança – a lembrança daqueles que não mais estão, que não se poderia alimentar e cultivar em si quando ela se torna por demais cruel.

3.3 Escolha, pois, destes dois exemplos, aquele que lhe parece mais louvável. Se quiser seguir o primeiro, você se retirará de entre os vivos, terá aversão aos filhos dos outros, aos seus e até a este que você chora, você será um sinistro presságio para as mães que a encontrarão, você rejeitará os prazeres honestos e legítimos, sob pretexto de que ameaçarão seu infortúnio, você maldirá a luz do dia, da qual será prisioneira, e você se insurgirá contra a sua própria vida, lenta demais para dar fim à sua miséria; coisa vergonhosa entre todas e que não se esperará de uma alma que se fez conhecer melhor, você se mostrará tão extenuada de viver quanto incapaz de morrer.

3.4 Se tomar como modelo a conduta diferentemente razoável e humana da segunda mulher ilustre que citei, você não se consumirá de dor, você não se martirizará por prazer. E que loucura, ó deuses, castigar-se pelo infortúnio e aumentar voluntariamente seus males! A pureza, a delicadeza dos sentimentos dos quais você sempre deu prova em todas as circunstâncias marcar-se-ão aqui ainda: pois o sofrimento também tem seu pudor. E este jovem enfim, tão digno que seu nome e seu pensamento jamais lhe dão senão alegria, será muito mais honrado por você se somente se oferecer aos olhos de sua mãe, assim como no tempo em que vivia, em feições felizes e sorridentes.

IV

4.1 Não lhe proporei máximas demasiadamente rudes: não a convido a opor uma firmeza inumana às misérias da humanidade e não pretendo secar as lágrimas de uma mãe no dia mesmo dos funerais. Submetamo-nos juntos a um árbitro: a questão a ser debatida entre nós será de saber se nossas dores devem ser grandes ou se devem ser eternas.

4.2 Não duvido que o exemplo de Lívia, de quem era amiga particular, não tenha um grande valor a seus olhos: é ela quem a engaja em suas deliberações íntimas. No primeiro transporte da dor, no momento em que nossas feridas são as mais refratárias e as mais violentas, ela se deixou consolar por Areus, o filósofo de seu marido, e ela reconheceu que esta ajuda era preciosa para ela: ela lhe devia mais do que ao povo romano ao qual queria afligir com a sua tristeza; mais do que a Augusto, que, privado de um dos seus dois apoios, não necessitava além disso dos lamentos de seu meio; mais do que a seu filho Tibério, cuja ternura a impediu, apesar da crueldade de um luto ao qual o mundo inteiro se associava, de se sentir atingida senão no número de seus filhos.

4.3 Eis, eu suponho, como ele abordou e de que modo se dirigiu a uma mulher tão preocupada em manter sua reputação: "Até este dia, Lívia, até onde sei, eu que nunca me afasto de seu esposo e que sou o confidente não apenas daquilo que se revela ao público, mas dos movimentos mais secretos de seus corações, você soube por sua conduta não dar motivo para crítica alguma; e isto não apenas nas grandes ocasiões, mas mesmo nas mais cotidianas, você se impôs a jamais necessitar da indulgência da opinião pública, este juiz tão imparcial dos príncipes.

4.4 Ora, nada conheço de mais belo do que ver aqueles que são educados no âmbito supremo prodigalizarem o perdão em torno de si e jamais solicitá-lo para

si mesmos. Siga, pois, mais uma vez hoje a regra de toda uma vida, e cuide para não cometer nenhum erro, nenhuma imprudência, que tenha de se arrepender.

V

5.1 "Eu lhe suplico e lhe conjuro em seguida não se mostrar rebelde e intratável a seus amigos. Você não ignora que eles se perguntam qual deve ser sua conduta, se eles falarão de Druso diante de você ou se se proibirão, arriscando-se a ofender sua glória, parecendo tê-lo esquecido, ou ofender a você pronunciando o nome dele.

5.2 Quando estamos reunidos entre nós, evocamos suas ações e suas palavras com toda a admiração que lhe é devida; diante de você, nossas bocas se calam. Você assim se priva do maior dos prazeres, o de ouvir os louvores a seu filho, enquanto você daria a sua vida, tenho certeza, se fosse coisa possível, para perpetuá-los para sempre.

5.3 Sofra, pois, provoque mesmo os encontros em que se tratará dele; tenha um ouvido atento ao nome e à lembrança de seu filho e evite ver nisto uma tristeza a mais, como tantas pessoas que, em semelhantes circunstâncias, consideram como uma parte de sua infelicidade as consolações que lhe são oferecidas.

5.4 Até agora, você coloca todo o seu peso sobre o ponto dolorido; cega ao que ele tem de bom, você não considera de sua fortuna senão a face mais cruel. Seus olhos não se voltam para o tempo feliz em que desfrutava de seu filho, para o tempo de seus doces encontros, de suas caras carícias infantis, de seus progressos escolares: você se prende unicamente ao último aspecto das coisas e, como se a realidade não fosse suficientemente aterrorizante por si só, você a sobrecarrega com todas as crueldades possíveis. Eu lhe suplico, não queira a glória perversa de passar pela mais infeliz das mulheres.

5.5 Pense ao mesmo tempo que há muito pouco mérito em mostrar sua coragem na prosperidade quando a vida escoa sem obstáculos: um mar calmo e um vento favorável também não valorizam a habilidade do piloto; é preciso a tempestade para que uma alma se dê a conhecer. Assim, não se deixe aterrorizar; longe disso, reforce sua postura e, por mais violento que seja o choque, resista, passado o primeiro abalo, ao golpe que se abateu sobre sua cabeça. Nada pode atingir tanto a Fortuna quanto uma alma que não se perturba". Após o quê, ele lhe expunha que ela possuía um outro filho vivo e que lhe restavam netos daquele a quem perdera.

VI

6.1 É de você, Márcia, que se trata: é você que Areus apoiou; mude o nome, é a você que suas consolações se dirigiam. Consideremos, no entanto, Márcia, que a perda que você sofre supera as que as outras mães jamais experimentaram: não a lisonjeio, não diminuo sua infelicidade.

6.2 Se as lágrimas triunfam sobre o destino, lamentemo-nos; que nossos dias se passem a gemer, que nossas noites sem sono sejam apenas desolação; rasguemos com nossas mãos nosso peito mortificado e não poupemos nem mesmo o nosso rosto; entreguemonos a todos os furores de um desespero tão salutar. Mas, se nossos soluços não ressuscitam os mortos, se todo o nosso desamparo não muda uma sorte imutável e fixada desde sempre, se a morte não larga sua presa, cesse esta dor inútil.

6.3 Partindo daí, governemo-nos e não nos deixemos levar por sentimentos cuja violência nos dilacera. Vergonha do marinheiro a quem as vagas tiram o leme, que deixa suas velas baterem ao sabor dos ventos e abandona seu barco à tempestade; mas admiremos, até em seu naufrágio, aquele que o mar engoliu segurando o leme e lutando ainda.

VII

7.1 – No entanto, está conforme à natureza lamentar os seus. – Quem o contesta, desde que estes lamentos sejam moderados? A simples partida daqueles que nos são caros nos causa, tanto quanto a sua morte, uma irresistível emoção, que aperta os corações mais duros. Mas o preconceito para isto contribui mais do que é imposto pela natureza.

7.2 Veja quanto a dor dos animais é violenta, e no entanto como passa rápido: as vacas mugem um dia ou dois, a corrida louca e desordenada dos cavalos não dura mais do que isso; quando as bestas selvagens correram atrás de seus filhotes e erraram pelas florestas, quando muitas vezes voltaram à sua cova devastada, seu furor passa em um instante; o pássaro se agita com gritos cortantes em torno de seu ninho deserto: no instante seguinte, retoma tranquilamente seu voo. Nenhum animal lamenta por muito tempo sua progenitura, exceto o homem, que se faz cúmplice de sua dor e não se aflige proporcionalmente ao que sente, mas à medida em que se lhe é fixado.

7.3 Você quer provas de que a natureza não exige que nos esgotemos em lamentos? Inicialmente, o mesmo luto afeta uma mulher mais do que um

homem, um bárbaro mais do que uma pessoa civilizada, um ignorante mais do que uma pessoa instruída. Ora, quando uma coisa retira sua força da natureza, esta força permanece a mesma em todos os indivíduos; é patente que o que varia não emana da natureza. 4 O fogo queimará indiferentemente indivíduos de todas as idades, habitantes de todos os países, tanto homens quanto mulheres; o ferro fará sentir a não importa qual corpo sua faculdade de cortar: por quê? Porque é a natureza que lhes deu suas propriedades e jamais excluiu ninguém. Pela pobreza, pelo luto, pelo desprezo, todos são afetados diversamente, conforme seja mais ou menos infectado pelos preconceitos e que a falsa ideia que faz a priori das coisas que nada têm de terrível lhe tirem mais ou menos sua força e sua coragem.

VIII

8.1 Em seguida, quando uma coisa é obra da natureza, ela não diminui ao longo do tempo. A dor desaparece aos poucos: a mais persistente, aquela que cada dia vê renascer e que se insurge contra os remédios, enfraquece no entanto sob a ação soberana do tempo, que acalma todas as rebeliões.

8.2 Sua dor, Márcia, é ainda extrema, e já parece se atenuar: não é mais o violento desespero do início, é uma melancolia tenaz e obstinada, que o tempo apagará pouco a pouco. Cada vez que seu espírito se ocupar com outra coisa, ele se libertará mais e mais. Por enquanto, cuide-se; mas obrigar-se à tristeza não é mais como a ela se abandonar.

8.3 Como seria mais conforme à distinção de seu caráter colocar fim à sua dor, em vez de esperar que cesse, e não permitir que chegue o momento em que a dor a deixe contra a sua vontade! Rompa antes com ela.

IX

9.1 – De onde vem então, se ela não resulta de uma exigência da natureza, a obstinação que colocamos a nos desolar? – É que nós nunca imaginamos uma infelicidade antes do momento em que ela acontece. Acreditamos que estamos garantidos por um privilégio especial e que o caminho que tomamos é mais seguro do que o dos vizinhos: os infortúnios do outro não nos fazem compreender que eles são comuns a toda a humanidade.

9.2 Quantos funerais passam diante de nossa porta! e não pensamos na morte. Quantos falecimentos prematuros! e sonhamos com o tempo em que nossos bebês receberão a toga, serão oficiais, herdarão os bens paternos. Quantos ricos

são repentinamente reduzidos à mediocridade sob nossos olhos! e jamais nos vem ao espírito que nossa própria fortuna corre os mesmos riscos. É fatal que afundemos, no momento em que o choque nos surpreende; um golpe há muito esperado se amortece ao nos atingir.

9.3 Você percebe, então, que você é um alvo oferecido a todos os golpes e que as setas que trespassavam seus vizinhos deixaram de tocá-la em sua passagem. Pense que você anda quase sem armas no assalto de muralha, ou de uma posição fortemente ocupada pelo inimigo e praticamente inexpugnável: espere ser ferido, e diga para si mesmo que todas as pedras, flechas, lanças que voam ao acaso sobre sua cabeça foram lançadas contra você. Cada vez que alguém cair do seu lado ou atrás de você, grite bem alto: "Você não me enganará, Fortuna! Se eu sucumbo sob seus golpes, não será por não ter desconfiado ou me posto em guarda. Eu sei o que você está pensando: você abateu um outro, mas é a mim que você visava".

9.4 Quem, então, contemplando seus bens, os olha jamais como perecíveis? Quem de nós jamais ousou sonhar com o exílio, com a miséria, com a morte dos seus? E quem, pois, convidado a considerar isto, não rejeitou a advertência como um sinistro presságio e não lançou estas catástrofes diretamente sobre a cabeça de seus inimigos ou do conselheiro inoportuno?

9.5 "Não acreditei que isto aconteceria". Você não acredita que uma coisa aconteça quando sabe que ela é possível, quando você a vê chegar a cada dia a não se sabe quantas pessoas? Ah!o belo verso e que mereceria não vir dos palcos: O que pode atingir um pode atingir todos os outros. Este homem perdeu seus filhos: você pode perdê-los também. Este outro foi condenado: sua inocência corre o mesmo risco. Eis de qual aberração somos vítimas e por que falhamos no vigor quando os revezes que jamais previramos nos assaltam. Tiramos dos males presentes sua força quando os vimos vir de longe.

X

10.1 Quaisquer que sejam, Márcia, os bens exteriores cujo brilho nos cerca, filhos, honras, riquezas, vastos átrios e vestíbulos abarrotados de clientes cujo porte, reputação, mulher nobre ou bela, objetos diversos tributários de um destino movediço e caprichoso, eis aí tantos ornamentos que não são nossos e que apenas nos são emprestados. Nenhum deles nos é dado, no verdadeiro sentido do termo. O cenário que mobilia a cena é feito de acessórios emprestados, que será preciso devolver a seus proprietários: uns serão retomados no primeiro dia, outros no dia seguinte; muito poucos ficarão até o fim.

10.2 Assim, não nos iludamos: o que nos cerca não nos pertence; não passamos de depositários. Deles temos o uso e do desfrute por um tempo que o possuidor, senhor de suas liberalidades, limita a duração como lhe aprouver. Devemos estar sempre prontos a saldar uma dívida cujo vencimento não está fixado, e restituir sem reclamar à primeira requisição; somente os maus pagadores discutem com seus credores.

10.3 Nosso afeto por todos os nossos, por aqueles que queremos que nos sobrevivam em virtude da ordem dos nascimentos, assim como para aqueles que formam eles mesmos o voto legítimo de nos superar, deve considerar que não nos foi prometido nem tê-los para sempre, nem mesmo tê-los por muito tempo. Tragamos sempre à mente que os objetos aos quais nosso coração se liga são chamados a nos deixar, melhor ainda que eles nos deixem já: pensemos que a posse dos bens que temos da Fortuna não nos é garantida por nada.

10.4 Apresse-se em desfrutar de seus filhos, dê-lhes em troca todas as alegrias possíveis, e experimente sem delongas todos estes prazeres do coração: não a autoriza a contar com a noite seguinte, e este termo está ainda demasiadamente distante; eu deveria dizer: neste exato minuto. Corra! O inimigo está no seu encalço; logo ele dispersará seu pequeno grupo, romperá, fazendo-lhe dar altos gritos, sua sociedade familiar. Tudo é perda no mundo, e vocês se mostram, infelizmente!, incapazes de viver nesta fuga incessante.

10.5 Se você chora porque seu filho morreu, culpe a hora em que ele nasceu: seu fim lhe foi determinado desde o instante que veio ao mundo. Foi a este preço que ele lhe foi dado, é a sorte que o perseguirá desde o ventre de sua mãe.

10.6 Nós estamos sob a sujeição da Fortuna; seu jugo é rude e invencível, e devemos apenas nos submeter aos tratamentos, justos ou injustos, que sua fantasia nos inflige. Nossos corpos sofrerão suas violências, seus ultrajes, suas crueldades: ela queimará uns, tanto a título de castigo, quanto à guisa de remédio; ela carregará outros: tanto pela mão do inimigo, quanto pela de um concidadão; ela entregará estes sem recurso aos caprichos de um mar revolto e, quando tiverem lutado bastante contra as vagas, ela não os jogará nem mesmo sobre uma praia ou uma margem, mas os esconderá no ventre de alguma fera monstruosa; ela esgotará aqueles por doenças de toda espécie e os manterá longamente suspensos entre a vida e a morte. Como uma senhora caprichosa, imprevisível e indiferente ao que faz a seus escravos distribuirá a torto e a direito castigos e favores.

10.7 Para que serve se lamentar sobre os detalhes da existência? É toda vida que deveria nos afligir. Novos males nos avassalarão antes de nos libertarmos dos antigos. Dominemo-nos, pois, sobretudo vocês mulheres, que são imoderadas na dor, e manejemos as forças do coração humano, que devem atenuar tanto sofrimento.

XI

11.1 E que esquecimento é este, afinal, de sua própria condição e da de todos? Você nasceu mortal e gerou mortais. Sendo você mesma um corpo caduco e arruinado, onde pululam as doenças, você esperava ver sair de uma substância tão frágil seres sólidos e imortais?

11.2 Seu filho está morto: o que dizer, senão que ele atingiu o limite rumo ao qual os que nasceram, acredite, mais afortunados que eles andam sem detença? Toda esta multidão que se disputa no Fórum, que se diverte no teatro, que ora nos templos, caminha para este objetivo único mais ou menos rapidamente. O que você ama, o que você despreza, tudo se igualará na mesma cinza.

11.3 O célebre conhece-te, que figura entre os oráculos da Pítia, não tem outro sentido. O que é o homem? Um vaso que se quebrará ao menor abalo, ao menor movimento. Não é necessário um vendaval para reduzila a pó: um primeiro choque um pouco violento a deslocará. O que é o homem? Um corpo débil e frágil, desnudo, indefeso por sua própria natureza, que tem necessidade do auxílio alheio, exposto a todos os danos da Fortuna; pasto e vítima, quando exerceu bem seus músculos, da primeira fera vinda; moldado de matéria mole e inconsistente e brilhando somente por seus traços exteriores; incapaz de suportar o frio, o calor, a fadiga, mas que a corrupção e a ociosidade rapidamente teriam desagregado; à mercê de seus alimentos, com cuja carência se enfraquece, com cujo excesso se rompe; tendo mil penas e mil dificuldades para se conservar; cuja respiração é tão precária e tão pouco segura que um ruído desagradável batendo bruscamente em seus ouvidos o detém imediatamente; um corpo que é, em si mesmo, fonte inútil e perversa de perigos.

11.4 E nos espantamos, depois disso, com que ele morra, quando a morte precisa senão de um suspiro! Acaso é necessário um esforço colossal para abatê-lo? Um odor, um sabor, um cansaço, uma vigília, uma bebida, um alimento e tudo aquilo sem o que não pode viver, lhe são fatais. Não pode dar um passo, sem tomar imediatamente consciência de sua fraqueza: todos os climas lhe são nefastos; se beber uma água nova, se respirar um ar ao qual não estava habituado,

ao menor acidente, ao mais leve dano, ei-lo doente. Criatura fraca, frágil, que inaugura a existência pelas lágrimas, com quantas agitações este desprezível animal não enche o mundo! A quais projetos gigantescos não se entrega, esquecendo sua condição!

11.5 Imortalidade, eternidade, eis com o que sonha; ele formula planos para o tempo de seus netos e de seus bisnetos e, enquanto constrói assim o futuro, a morte cai sobre ele: mesmo aquilo que chamamos velhice é somente um ciclo de anos muito curto.

XII

12.1 Sua dor, se raciocinar, terá por objeto seu próprio prejuízo ou o de um defunto? O que a afeta na morte de seu filho? É não ter de forma alguma desfrutado esta criança? Ou é o pensamento de que poderia ter desfrutado mais se sua vida fosse um pouco mais longa? Se você responder que de forma alguma desfrutou dele, você tornará a sua perda mais suportável, pois se lamenta menos aquilo que nunca nos causou nem alegria nem prazer.

12.2 Se você reconhecer que você lhe deveu grandes alegrias, não é preciso se queixar do golpe que recebeu, mas sim felicitar-se pela ventura que teve. A educação dele por si só recompensou amplamente suas dores: pois a quem faremos crer que as pessoas que criam com a mais zelosa solicitude cãezinhos, pássaros e outros objetos com um apego tão frívolo tenham tanto prazer ao olhá-los, ao tocá-los, a receber as carícias destes animais estúpidos, e que, quando se trata de nossos filhos, a recompensa de nossos cuidados de educadores não esteja em sua própria educação? Mesmo que jamais lhe tenha servido por sua atividade, que jamais tenha velado conscienciosamente por seus interesses, que seus conselhos jamais o tenham ajudado, você o teve, o amou: isso não significa algo?

12.3 – Mas uma felicidade mais longa teria sido maior. – Você sempre esteve mais bem servida do que se não tivesse tido nada: se pudéssemos escolher ser felizes por pouco tempo ou jamais o ser, melhor seria ainda uma ventura efêmera do que a ausência total da felicidade. O que você preferiria, um ser degenerado que apenas preencheria o espaço e que seria seu filho apenas pelo nome, ou um filho dotado como o que você teve, tão precoce nos sentimentos quanto na inteligência, tão cedo casado, tão cedo pai, tão impaciente de realizar todos os seus deveres de homem, tão cedo sacerdote, e que dissemos urgir viver? É muito raro que um grande bem seja ao mesmo tempo um bem durável. Apenas as felicidades pouco sensíveis se prolongam e vão até o final. Os deuses imortais, que não deviam

deixar-lhe seu filho que por pouco tempo, ter-lho-ia dado tão perfeito, não sendo possível melhorar durante uma longa existência.

12.4 Você também não pode dizer que os deuses tenham-na escolhido especialmente para impedir de desfrutar seu filho. Percorra com os olhos a multidão de seus semelhantes, conhecidos e desconhecidos: você descobrirá em todos os lugares misérias maiores que as suas. Grandes generais sofreram esta provação, príncipes a ela foram submetidos; a fábula não isenta nem mesmo os deuses, sem dúvida para que encontremos um alívio para nossas feridas no pensamento de que seres divinos sucumbem também eles à morte. Olhe, repito, ao redor de você: você não me nomeará uma família, por mais infeliz que seja, cujo espetáculo de uma família mais infeliz ainda não possa consolar.

12.5 Eu não tenho, oh deuses!, uma opinião a seu respeito suficientemente desagradável para acreditar que eu suavizaria sua dor com o desfile diante de seus olhos de uma interminável série de aflitos: é necessário ter um coração bem invejoso para encontrar conforto no grande número de infelizes. Trarei, no entanto, alguns exemplos, não para lhe demonstrar que seu infortúnio é comum ao gênero humano (seria ridículo multiplicar as provas de nossa mortalidade), mas para fazê-la ver que não faltam homens que tenham suavizado os rigores da sorte por sua constância em suportá-las.

12.6 Comecemos pelo mais feliz de todos. Sila perdeu seu filho: este acontecimento não amorteceu em nada sua maldade, nem diminuiu a energia furiosa com a qual perseguia inimigos e cidadãos, e também não fez pensar que tomou erroneamente o sobrenome que se atribuiu após a morte deste filho, sem temer nem o ódio dos homens, cujos sofrimentos causavam sua excessiva felicidade, nem a cólera dos deuses, contra quem advogava tão vigorosamente a prosperidade de um Sila. Mas deixemos de lado, como um destes problemas que a história ainda não resolveu, a questão de saber como se deve julgar Sila (seus próprios inimigos confessarão que ele tomou da espada e a depôs intencionalmente), o ponto que nos interessa não será menos claro: um mal que não poupa nem mesmo os mais afortunados dos homens não é um mal tão temível.

XIII

13.1 Que a Grécia não fique tão orgulhosa deste pai que, sabendo com muito sacrifício da morte de seu filho, limitou-se a fazer com que o flautista se calasse e tirou a coroa de sua cabeça, terminando a cerimônia: temos o pontífice Pulvillo,

que procedia, com a mão sobre o batente da porta, a dedicatória do Capitólio, quando foi anunciado que seu filho morrera. Ele fez como se não tivesse escutado: recitou as fórmulas do ritual sem que o menor gemido interrompesse suas orações e, apesar de lhe falarem sobre seu filho, continuava a invocar a proteção de Júpiter.

13.2 Poderíamos crer que ele tivesse que refrear sua dor, este pai que a violência da primeira emoção não desviara dos altares em que realizava seu ministério e não sendo impedido de pronunciar as palavras propiciatórias? Não era ele digno, oh deuses!, da dedicatória memorável de que era encarregado e de seu alto sacerdote, este homem que a própria cólera dos deuses não desencorajou de adorá-los? E, no entanto, quando voltou para casa, seus olhos transbordaram de lágrimas: algumas palavras queixosas lhe escaparam, depois, tendo-se desvencilhado dos deveres ordinários relativos aos mortos, retomou sua expressão do Capitólio.

13.3 Para a época do famoso triunfo em que recebeu a glória de levar Perseu acorrentado diante de seu carro, Paulo Emílio, que vinha dar em adoção dois de seus filhos, levou ao túmulo aqueles a quem havia mantido. Como eram os filhos que ele havia se reservado, quando entre aqueles que havia cedido figurava Cipião! Não foi sem uma viva compaixão que o povo romano viu passar vazio o carro de Paulo Emílio. Ele, no entanto, discursou para a multidão e rendeu graças aos deuses por suas orações terem sido atendidas: não havia ele pedido que, se sua magnífica vitória tivesse um preço, fosse antes à sua custa do que em detrimento da república?

13.4 Dimensione sua força de alma: ele se felicitava de sua infelicidade. E quem mais além dele teria o direito de estar perturbado por tal catástrofe? Ele perdia ao mesmo tempo os apoios e as consolações de sua vida. Perseu, no entanto, não sentiu a alegria ao ver Paulo Emílio aflito.

XIV

14.1 Citarei sucessivamente inumeráveis exemplos de grandes homens e procurarei em todos os lugares os infelizes, como se não fossem mais difíceis de descobrir do que os felizes? Quantas famílias vemos conservar até o fim todos os seus membros ou não atravessar alguma provação grave? Escolha o ano que quiser e evoque os magistrados encarregados: Lúcio Bíbulo, por exemplo, e César. Entre estes dois colegas inimigos, você constatará um perfeito acordo de fortuna.

14.2 Bíbulo, alma mais virtuosa que corajosa, teve dois filhos mortos ao mesmo tempo; como eles foram humilhados pela soldadesca egípcia, havia uma coisa tão

dolorosa quanto sua perda, era a indignidade de seus carrascos. E, no entanto, este Bíbulo, que durante todo o ano de seu consulado, ficou escondido em casa para evitar os ataques de seu colega, saiu no dia seguinte àquele em que a nova desta dupla morte lhe chegou para cumprir como sempre as obrigações de seu cargo. Como dedicar aos dois filhos menos do que um dia? Isto foi tudo o que este homem que guardara um ano de luto de seu consulado se permitiu para chorar seus filhos.

14.3 César estava percorrendo a Bretanha, e o Oceano não era mais um barreira para sua feliz fortuna, quando soube da morte de sua filha, que levava com ela a república para o túmulo: já era visível que Pompeu não toleraria em Roma nenhuma outra grandeza que a sua e que deteria os progressos que lhe parecessem ameaçadores, ainda que tivessem o interesse de Estado como objeto. E, no entanto, três dias ainda não haviam se passado quando César retomou o exercício de seu comando: ele empregou para vencer sua dor a mesma rapidez que em suas outras vitórias.

XV

15.1 Lembra-la-ei dos lutos de outros Césares? Parece-me que a Fortuna ataca-os expressamente de tempos em tempos para que o gênero humano lhes deva uma graça a mais: a de saber que os próprios personagens que passam por ser filhos dos deuses e por dar à luz deuses não dispõem de seu destino nem do destino do universo.

15.2 O divino Augusto perdeu seus filhos, seus netos, viu desaparecer até o último César e teve de recorrer à adoção para manter sua casa devastada: ele empregou, no entanto, para suportar sua sorte, toda a coragem de um homem que já, ele mesmo, se sentia pessoalmente envolvido e que tinha o mais alto interesse em que ninguém se queixasse dos deuses.

15.3 Tibério perdeu sucessivamente seu filho verdadeiro e seu filho adotivo. Foi visto, no entanto, pronunciar em pessoa do alto dos Rostros o elogio a este último, de pé junto ao corpo, com um simples véu a separá-los, de modo a evitar aos olhares do pontífice a visão de um cadáver e, enquanto o povo inteiro chorava, manter um rosto impassível. Fez com que Sejano, que se mantinha ao seu lado, sentisse com que constância ele era capaz de suportar a morte dos seus.

15.4 Você vê o número considerável de homens ilustres este flagelo que nada poupa atingiu: e eram homens cumulados de todos os dons da alma, glorificados na vida pública e privada com todas as distinções imagináveis! Mas diríamos ser

uma tormenta que destrói indistintamente tudo sobre o seu caminho e vitima tudo o que encontra. Solicita a cada ser humano repassar diante de você suas contas: nenhum nasceu impunemente.

XVI

16.1 Eu sei o que você vai me dizer: eu esqueço que consolo uma mulher e somente dou homens como exemplo. Mas quem, pois, ousará dizer que a natureza tenha menos generosamente dotado as mulheres e que ela tenha diminuído o campo de suas virtudes? Elas têm, você pode me acreditar, tanta força quanto os homens; elas encontram em si, posto que lhes agrade encontrá-los, os mesmos recursos morais; elas suportam com tanta coragem o sofrimento e a dor, tanto que a isto estão afeitas.

16.2 Em que cidade, oh deuses!, temos esta linguagem? Em uma cidade em que Lucrécia e Bruto abateram o tirano cujo jugo esmagava nossas cabeças: a Bruto devemos nossa liberdade; a Lucrécia devemos Bruto; em uma cidade em que quase se fez de Clélia um homem, por sua insigne audácia em bravatear o inimigo e as vagas: do alto de sua estátua equestre, que se posta sobre a via Sagrada, um dos mais frequentados lugares de Roma, Clélia envergonha os pretensiosos que passam enlameados em suas liteiras ao ousarem entrar com semelhante aparelhagem em uma cidade em que as próprias mulheres se vêem honradas por um cavalo.

16.3 Se você insistir em que eu cite exemplos de mulheres que suportaram a morte dos seus com bravura, não terei dificuldade para encontrá-los: a mesma família me fornecerá as duas Cornélias. A primeira, filha de Cipião e mãe de Graco, teve 12 filhos; ela os perdeu a todos os 12: e nada podemos dizer dos outros, cujos nascimentos e desaparecimentos não foram de forma alguma sensíveis à cidade; mas ela viu Tibério e Caio, cuja virtude, se quisermos, contestamos, mas dos quais não podemos negar terem sido grandes homens, massacrados e privados de sepultura. No entanto, como se queria consolá-la e que se lamentava sua infelicidade: "Jamais", disse ela, "me farão dizer que não sou feliz, quando dei à luz os Gracos".

16.4 A outra Cornélia, esposa de Lívio Druso, perdeu um filho do mais brilhante mérito, dotado de uma inteligência notável e que caminhava sobre as pegadas dos Gracos: este jovem, cuja morte deixava tantos projetos de lei inconclusos, fora assassinado em sua casa por um assassino desconhecido. Ele empregou, pois,

para suportar esta morte prematura, que permaneceu impune, tanta coragem quanto empregou o seu filho para defender suas leis.

16.5 Você perdoará, Márcia, à fortuna, se as setas com que ela acertou os Cipiões, as mães e as filhas dos Cipiões, e as que ela fez chover sobre os Césares, também não a pouparam. A vida é repleta de ameaças e de perigos de toda a sorte que jamais nos deixam por muito tempo em paz, e que não nos concede nem mesmo a treva.

16.6 Você pôs no mundo quatro filhos, Márcia. Dizse que uma lança atirada sobre uma tropa cerrada nunca é perdida: seria surpreendente que uma família tão numerosa não tenha podido se desviar dos golpes de uma sorte invejosa?

16.7 – Mas o que agrava a iniquidade da Fortuna é que ela não se contentou em me tirar os filhos, ela os escolheu entre outros. – Você, no entanto, não poderia dizer que houve iniquidade quando se partilha em porções iguais com alguém mais poderoso que si: a Fortuna lhe deixou duas filhas, e destas filhas, netos; e o próprio filho que você chora tão vivamente, a ponto de não mais pensar no primeiro, ela não lho tirou completamente: você tem dele duas filhas, pesado fardo se você fraquejar, poderosa consolação se for corajosa. Obtenha de si que sua visão a lembre de seu filho e não de sua dor.

16.8 Quando ele vê, abatidas sobre o solo, árvores que o vento acaba de desenraizar e que um violento ciclone derrubou, o agricultor prodigaliza seus cuidados aos brotos que restam delas e, sem perda de tempo, distribui aqui e ali plantas e mudas novas, e logo (pois o tempo, tão rápido e pronto para destruir, também o é para restaurar) jovens brotos começam a crescer, mais belos do que as árvores perdidas.

16.9 Substitua Mitílio por suas filhas, faça-as preencher o vazio que ele deixou e dê à sua dor única esta dupla consolação. Esta é a natureza dos mortais, que nada é mais caro a seu coração do que aquilo que os alegrou: o lamento do que perdemos nos torna injustos em relação ao que nos resta. Mas, se você quiser devidamente apreciar a que ponto, maltratando-a, a Fortuna mexeu com você, você verá que possui mais do que consolações: o que significam para você todos estes netos, estas duas filhas?

16.10 Diga ainda isto, Márcia: "Eu protestaria se a sorte de cada um correspondesse à sua conduta e se o mal não tocasse nunca os bons; mas constato que, sem distinção alguma, os maus e os bons são joguetes das mesmas tribulações".

XVII

17.1 – É cruel, no entanto, perder o filho que se criou quando ele chega à idade de homem, quando ele já é para sua mãe, para seu pai, um apoio e uma felicidade. – É cruel: quem o contesta? Mas é uma coisa humana: você nasceu somente para perder, para morrer, para esperar, para temer, para atormentar os outros e a si mesmo, temer a morte e a desejar e, o que é pior, jamais saber ao que se ater em relação às verdadeiras condições de sua existência.

17.2 Se disséssemos a um viajante pronto a partir para Siracusa: "Fique sabendo, antes de tudo, quais são os inconvenientes e as vantagens da expedição que você projeta, após o que você embarcará. Eis o que você poderá admirar: você primeiramente verá a própria ilha, separada da Itália por um estreito canal, e que antigamente sem dúvida fora ligado ao continente; um belo dia o mar irrompeu e, Dos flancos da Itália, tirou a Sicília. Você, em seguida, verá (pois nada a impedirá de navegar sobre um redemoinho formidável) o lendário Caribde, tranquilo enquanto não é visitado pelo siroco, e que, a partir do momento em que este vento se levanta com alguma violência, engole os navios em seu insondável abismo.

17.3 Você verá a fonte de Aretusa, cantada por todos os poetas, com sua bacia límpida e transparente e as águas glaciais que dela saem, ou porque de lá nascem, ou porque provêm de um rio distante que se insinuou sob a terra e que reparava neste lugar sua pureza primitiva, tendo passado sob vastos mares sem se misturar às suas ondas corrompidas.

17.4 Você verá o porto mais bem protegido de todos os que a natureza cavou para nossas frotas ou que a mão do homem conseguiu, porto tão seguro que jamais as mais fortes tempestades fizeram sentir seu furor. Você verá o lugar em que, quando a poderosa Atenas foi vencida, milhares de cativos foram presos em uma fossa com paredes gigantescas, verdadeira prisão natural. Você verá, enfim, esta imensa cidade, cuja extensão é maior do que o território de muitas cidades, lugar com inverno de extrema doçura, em que os dias sem sol são coisa incomum.

17.5 Mas, quando você tiver assim apreciado todos os encantos do lugar, o verão penoso e malsão lhe tirará as vantagens do céu de inverno; você encontrará aí o tirano Dênis, flagelo da liberdade, da justiça e das leis, ávido por despotismo mesmo depois da visita de Platão, ávido por viver mesmo uma vez banido: ele fará queimar uns, chicotear os outros, a decapitará pela mais leve ofensa, recrutará machos e fêmeas para obter sua lubricidade e, entre as ignóbeis equipes dedicadas às fantasias reais, será pouco participar de dois acoplamentos

simultâneos. Ei-la a par do que pode atraí-la e do que pode retê-la: e agora parta ou fique".

17.6 Se nosso homem, após tais advertências, persistisse em querer ir a Siracusa, do que estaria ele no direito de se queixar, senão de si mesmo, já que não se encontrava lá por acaso, mas tendo vindo de bom grado, em pleno conhecimento de causa?

17.7 A Natureza nos diz a todos: "Não quero enganar ninguém. Se você dá à luz filhos, você poderá tê-los belos, você poderá também tê-los feios; talvez lhe nasçam doentes. Um dentre eles poderá salvar a pátria, um dentre eles poderá traí-la. Você tem o direito de esperar que a consideração de que desfrutam será de natureza a preservá-la contra todos os ataques da maledicência; pense, no entanto, que eles podem também se cobrir de infâmia e se tornarem um vivo opróbrio.

17.8 Nada impede que seus filhos lhe rendam as últimas homenagens e que sejam eles a pronunciarem seu panegírico; mas esteja pronta a colocá-los você mesma na pira, seja em sua juventude, seja em sua idade madura, seja na velhice: pois os anos nada têm com isso, e os funerais aos quais os pais assistem são sempre prematuros". Se, conhecendo estas condições, você coloca filhos no mundo, você perde o direito de incriminar os deuses: eles não têm nenhum compromisso com você.

XVIII

18.1 Apliquemos agora nossa comparação à entrada do homem na vida. Quando você se perguntava se iria ver Siracusa, eu lhe mostrei tudo o que poderia agradá-la e tudo o que poderia desgostá-la nesta viagem; imagine que no momento de seu nascimento eu venha lhe dar este aviso: "Você faz sua entrada na cidade comum dos deuses e dos homens, cidade que compreende todo o universo, que obedece a leis constantes e eternas, em que os corpos celestes realizam suas incansáveis revoluções.

18.2 Aí você verá miríades de estrelas brilharem de todos os lados, um astro único encher com seus raios todo o espaço. Você verá este sol, cujo curso cotidiano traça os limites do dia e da noite, e cujo curso anual regula o retorno periódico dos verões e dos invernos. Você verá a lua substituí-lo durante a noite e receber de seu lar fraterno sua doce e suave luz, quer escondida, quer cobrindo a terra com sua face cheia, crescente e minguante a cada vez, e cada vez diferente do que foi na véspera.

18.3 Você verá os cinco planetas seguirem um rota oposta à de outros astros e progredir em sentido inverso do movimento geral do céu: de suas mínimas variações dependem os destinos dos povos, e as maiores assim, como as menores coisas são diferentemente influenciadas quer um astro propício ou funesto domine quando ela se produzir. Você admirará as nuvens que se aglomeram, as chuvas que caem, o ziguezague dos raios e o barulho do trovão.

18.4 Quando, saciada dos espetáculos celestes, seu olhar descer sobre a terra, outros objetos a esperarão, com igual maravilha: aqui vastos planos se desenrolam e se estendem ao infinito, além cadeias de montanhas elevando ao mais alto dos ares seus cumes coroados de neve; rios que precipitam suas águas, córregos que, vindos de um mesmo ponto, se espalham na nascente e na vazante; bosques que se balançam sobre os mais altos cimos, e estas mil florestas que povoam animais tão diversos, que alegram os cantos de tantos pássaros.

18.5 Cidades em posições variadas, nações separadas por fronteiras insuperáveis, umas defendidas por montanhas, outras passivamente envolvidas por rios com leitos profundos; colheitas dobrando-se sob os espinhos, árvores frutificando sem cultura; corredeiras que serpenteiam suavemente entre os prados, golfos com curvas graciosas, rios que se cruzam em forma de portos; inumeráveis ilhas semeadas aqui e ali sobre a imensidão das vagas, cuja monotonia rompem.

18.6 O que dizer das pedras preciosas, do esplendor das pérolas, do ouro efervescente que os impetuosos cursos de água carregam com suas areias, das colunas de fogo que se lançam do seio da terra e por vezes do meio dos mares, e deste Oceano, envolvendo a terra, cujos três golfos separam as partes do mundo umas das outras e cujas ondas se levantam com um borbulhar formidável?

18.7 Você aí verá, nadando sob as ondas sempre agitadas, mesmo quando o vento não sopra, animais muito maiores do que os animais terrestres, uns tão pesados que se fazem rebocar para avançar, outros tão ágeis que se afastam dos melhores remadores; alguns absorvem enormes quantidades de água e a jogam com violência, para grande risco dos barcos que passam. Você verá navios indo à procura de terras que não conhecem. Você verá que nada desconcerta a audácia humana; testemunha de suas empresas, você mesma terá nela um papel ativo: você aprenderá e ensinará artes, das quais umas servem como entretenimento, outras para embelezar, outras para conduzir a vida.

18.8 Mas você encontrará também sobre a terra mil pragas, tanto do corpo quanto da alma: guerras, assassinatos, venenos, naufrágios, intempéries, doenças, lutos prematuros e a morte, da qual não podemos saber se será doce ou precedida

de terríveis torturas. Consulte, reflita e decida: se você quer desfrutar de tantas maravilhas, eis por onde você terá de passar". Você responderá que quer viver. Como seria diferente? Você vai recusar uma coisa da qual não se pode retirar a menor parcela sem fazê-la sofrer? Viva, pois, segundo a lei que você aceitou. – Mas, dirá você, não fui consultada. – Nossos pais são consultados em nosso lugar: eles conhecem as condições da vida no momento em que no-la deram.

XIX

19.1 Mas, para conseguir os meios de consolação, vejamos inicialmente quais males se trata de curar, e em seguida como são curados. Aquilo que provoca nossa dor é o lamento de não termos junto a nós um ser que nos era caro. Em si, esta privação seria evidentemente tolerável: pois não choramos os ausentes que emigraram para outros lugares por toda a vida, apesar de termos perdido, com a possibilidade de os ver, todos os prazeres que nos davam. É, pois, de uma ideia que somos vítimas, e nossa infelicidade é apenas aquilo que queremos que seja. O remédio está em nossas mãos: digamos que os mortos são ausentes e nos iludamos voluntariamente. Nós nos separamos deles como para uma viagem: que digo eu? Nós vamos nos reunir a eles, eles apenas partiram na frente.

19.2 Uma outra causa de nossa dor é este pensamento: "Não terei mais ninguém para me proteger, para me resguardar do desprezo". A isto respondo por uma consolação pouco importante sem dúvida, mas positiva: em uma cidade como a nossa, ganhase em ver morrer seus filhos mais consideração do que se perde; e é fato que este isolamento, que antes era a perda de um homem, dá hoje à velhice crédito, vemos tantas pessoas que fingem odiar seus filhos, renegam sua progenitura e criam para si uma solidão artificial.

19.3 Eu sei o que você vai me dizer: "Se eu sofro, o preconceito não me atinge". Com efeito, uma pessoa que se aflige com a morte de um filho como faria com a de um escravo e que encontra meio de ver em seu filho algo além deste próprio filho não merece ser consolada. Com o que, pois, você sofre, Márcia? É com seu filho morto ou com o pouco tempo que ele viveu? Se for porque ele morreu, você teria de sempre ter sofrido: pois você sempre soube que ele morreria.

19.4 Pense que os mortos não experimentam nenhuma pena, que aquilo que torna os infernos temíveis para nós é apenas lenda, que não há trevas envolvendo as mortes, nem prisão além túmulo, nem rios de fogo, nem rio de esquecimento, nem tribunais, nem acusados e que não se alcança esta liberdade sem igual para

nela reencontrar novos tiranos: estes são jogos de poetas, fatos que nos agitam com vãos terrores.

19.5 Com a morte se acabam todos os sofrimentos; é um termo além do qual nossas infelicidades não passam: ela nos recoloca na tranquilidade em que estávamos mergulhados antes de nascer. Se, então, você lamenta os mortos, lamente também aqueles que ainda não nasceram. A morte não é nem um bem nem um mal: pois, para ser um bem ou um mal, é preciso ser algo. Mas aquilo que não é nada em si mesmo e pelo qual tudo volta ao nada não tem nenhuma consequência para nós: não poderia haver aí nem males nem bens sem uma matéria qualquer sobre a qual exercer-se. A Fortuna não tem alcance sobre aqueles que a natureza coloca em descanso definitivo e não se pode ser infeliz quando não se é mais.

19.6 Seu filho ultrapassou os limites do domínio da servidão; ele está no seio de uma paz profunda e eterna. Nem o medo da pobreza, nem o amor às riquezas, nem os aguilhões da paixão, que colhe a alma pelo apetite do prazer, o atingem; ele não experimenta nenhum ciúme da felicidade de outrem, a sua não igualmente não o atrai; jamais insolência alguma fere seus castos ouvidos. Seus olhos jamais observam nem desastres públicos nem calamidades privadas. Ele não é escravo inquieto de um futuro cujas promessas são cada vez mais duvidosas. Ele está, enfim, em uma temporada da qual nada pode mais o banir, na qual nada pode mais aterrorizá-lo.

XX

20.1 Oh! Como desconhecem suas misérias, aqueles que não celebram a morte como a mais bela invenção da natureza e que não a aguardam com esperança! Coroe ela uma vida feliz, ou afaste de nós o infortúnio, ou finde a saciedade e a fadiga do ancião, ou leve o jovem na aurora, na idade em que estamos limitados a esperar melhor, ou reclame à criança o tempo das experiências, para todos ela é o fim, para muitos a cura, para alguns a realização do desejo supremo, e os que têm mais obrigações são aqueles que a recebem antes de ter implorado sua vinda.

20.2 A morte liberta o escravo malgrado seu senhor; a morte alivia os cativos de suas correntes; a morte abre a prisão daqueles que eram mantidos despoticamente por um poder inflexível; a morte mostra aos exilados, cujo pensamento e o olhar se voltavam incessantemente para a pátria, que se repousa igualmente bem sob uma terra quanto sob a outra; se a Fortuna repartiu mal bens que de direito são comuns a todos; se, de dois seres nascidos iguais, ela

deixou que um fosse propriedade do outro, a morte restabelece entre eles a igualdade. Apenas a morte nada faz segundo o capricho de outrem: não se sente a baixeza de seu estado, não se tem de forma alguma senhor a servir. Oh, Márcia! ela foi o desejo de seu pai. Graças a ela, não é mais um suplício ter nascido; graças a ela, as ameaças da sorte não me abaterão mais, e minha alma, livre de seus ataques, permanecerá senhora de si mesma; eu tenho um porto onde me refugiar.

20.3 Vejo nos tiranos cruzes de mais de uma espécie, variadas em sua fantasia: um suspende suas vítimas de cabeça para baixo; o outro atravessa o corpo com uma estaca que vai do tronco à boca, outros lhes estende os braços a uma forca; eu vejo suas cordas, suas varas sangrentas, seus instrumentos de tortura para meus membros, para cada uma das articulações de meu corpo; mas também aí eu vejo a morte. Adiante, são os inimigos cobertos de sangue, cidadãos impiedosos; mas ao lado deles eu vejo a morte. A servidão deixa de ser dura, quando o escravo, desgostoso com o senhor, tem apenas um passo a dar para se ver livre. Contra as misérias da vida, eu tenho a morte como recurso.

20.4 Pense como é bom morrer quando se deseja, e a quantos homens custou ter vivido demais! Se o Cônsul Pompeu, honra e sustentáculo do estado, tivesse sido levado do mundo quando de sua doença em Nápoles, teria morrido certamente o primeiro cidadão da república. De qual cúmulo de glória o precipitaram alguns anos a mais! Ele viu desfazerem-se suas legiões, das quais o senado formava a primeira linha, e cujos restos tiveram a infelicidade de ver seu chefe lhes sobreviver. Ele viu o verdugo egípcio; ele apresentou ao vil satélite uma cabeça sagrada até para o próprio vencedor. Ao final, ele teve a vida salva, como se arrependeu de tê-la aceito: que vergonha para Pompeu, dever a vida à generosidade de um rei!

20.5 E Cícero, quando soube se desviar do punhal de Catilina dirigidos ao mesmo tempo sobre ele e sobre a república; se a esta hora ele estivesse morto, seria salvador e libertador de Roma; se tivesse seguido sua filha ao túmulo, poderia ter morrido feliz. Ele não veria levantada a espada sobre a cabeça dos cidadãos, os carrascos dividirem entre si os bens das vítimas que pagaram elas mesmas os gastos de sua morte, os despojos de tantos cônsules vendidos em leilão, o massacre e a pilhagem contratada com verbas públicas, tantas guerras, tantas rapinas, tantas Catilinas.

20.6 Se, em seu retorno de Chipre, onde ele havia regrado a sucessão do rei desta ilha, Catão tivesse sido engolido pelo mar com os tesouros que trazia e que iria

nutrir a guerra civil, não teria sido uma felicidade para ele? Ele morreria com o pensamento de que ninguém ousaria cometer o crime na presença de Catão. Hélas! Alguns anos a mais obrigaram este grande homem, nascido para a liberdade de todos os outros mais do para a sua, a fugir de César e seguir Pompeu. Digamos: não é uma infelicidade para seu filho ter morrido jovem; a morte fez-lhe mesmo libertar-se de todos os males futuros.

XXI

21.1 Você diz: "Ele faleceu cedo demais, e antes da idade!" Mas suponhamos que tivesse vivido mais; imagine a que se reduz a mais longa vida dada ao homem? Nascido para um momento, é-lhe necessário rapidamente ceder a outros, vindos pela mesma razão, uma morada que apenas pode entrever de passagem. Falo da vida humana, esta torrente que, como se sabe, anda com uma incrível celeridade; mas veja estas cidades que contam séculos, e calcule como subsistiram pouco aquelas que cantam mais sua antiguidade. Tudo o que vem do homem é breve e perecível, e não ocupa lugar nenhum na infinidade das eras.

21.2 Este globo, com todos os seus povos, suas cidades, seus rios e o Oceano como cinturão apenas nos parece um ponto comparado ao universo. Bem! comparado à eternidade, nossa existência é menos do que um ponto no tempo, pois a eternidade é mais ampla do que este universo, que, sem esgotar o espaço, retorna tão frequentemente sobre si mesmo. Que importa, pois, estender um espaço cujo desenvolvimento, por mais longe que vá, está tão perto de nada? A vida longa é aquela que cumpriu sua tarefa.

21.3 Você teria o prazer de me citar os homens cuja velhice é histórica, estes homens que viveram até os cento e dez anos; se você abraçar a eternidade pelo pensamento, da mais longa à mais breve existência, a diferença será nula quando comparar o tempo que viveram estes homens com aquele que eles não puderam viver.

21.4 Ademais, seu filho realmente não morreu cedo demais; viveu o que devia viver; ele não tinha direito a nada mais. A velhice não é mais uniforme para os homens do que para os animais. Vemos alguns animais se esgotarem em um espaço de quatorze anos, apesar de tocarem a senilidade quando o homem ainda quase não saiu da infância. Cada indivíduo recebe em partilha uma duração de vida que lhe é própria.

21.5 Ninguém morre cedo demais, já que ninguém deveria viver mais tempo do que viveu. Cada um tem seu limite fixado: é impossível que ele saia do ponto

estabelecido, não há cuidados nem favores que a façam recuar. Persuada-se de que, se você perdeu seu filho, é em virtude de um desenho eterno da vontade divina: ele teve sua parte, ele "atingiu o limite do tempo que lhe era devido."

21.6 Rejeite, pois, o terrível pensamento de que ele poderia ter vivido mais. Sua vida não foi interrompida, e nunca o acidente intervém na sequência de nossos anos. Cada um vê se realizar o que lhe foi prometido; os destinos seguem reto o seu caminho, sem jamais tirar nem acrescentar algo ao programa que eles traçaram. Nossos desejos, nossas dores são inúteis: cada um terá apenas o que lhe foi designado no primeiro dia de sua existência. Desde o instante em que se vê a luz, toma-se o caminho da morte, vai-se rumo ao termo fatal, e os anos que prolongam a juventude abreviam a vida.

21.7 É nosso erro universal crer que há apenas anciões já alquebrados e decrépitos que pendem para o túmulo: a infância, a juventude e todas as idades para aí nos levam. Os destinos realizam sua obra: eles nos impedem de perceber que morremos e, para melhor perturbar sua marcha, a morte se dissimula em nós sob a própria aparência da vida: por uma insensível metamorfose, o bebê mergulha na infância, a infância na puberdade, a velhice absorve a idade madura. Cada ganho, ao final das contas, é uma perda.

XXII

22.1 Você se queixa, Márcia, de que seu filho não viveu tanto quanto poderia. Como você sabe se ele teria aproveitado viver mais tempo, e que esta morte não foi um benefício para ele? Encontre-me hoje em dia uma única pessoa cuja condição seja tão segura e tão solidamente estabelecida que nada tenha a temer do futuro. As coisas humanas são oscilantes e fugidias e o que há em nossa vida de mais precário e mais frágil é justamente o que nos atinge mais no coração; também, no cúmulo da felicidade, dever-se-ia desejar a morte: pois a instabilidade e a confusão de todas as coisas são tais que não podemos, excetuando-se o passado, contar com nada.

22.2 Quem lhe garante que o corpo encantador de seu filho, que ficou sob os olhares sem pudor de uma cidade dissoluta, teria escapado de todas as doenças e conservado até a velhice sua beleza inalterada? Pense nas mil máculas que espreitam a alma: os melhores espíritos não mantêm ao envelhecerem as esperanças que fizera nascer sua juventude; com muita frequência eles se corrompem no caminho: ou um gosto tardio e ainda mais vergonhoso da

derrocada os invade, ou os vemos soçobrar na gula e não ter outra inquietude senão saber o que comerão ou beberão.

22.3 Acrescente os incêndios, o desabamento dos edifícios, os naufrágios e as torturas que lhes infligem os médicos quando o rasgam vivos para procurar em seus ossos, mergulhando suas mãos em suas carnes palpitantes, ou cuidam de suas partes vergonhosas, ao preço de sofrimentos sem conta. E depois há o exílio: seu filho não era mais íntegro que Rutílio; a prisão: ele não era mais sábio que Sócrates; o suicídio: ele não era mais virtuoso que Catão. Considere todas estas eventualidades e convirá que os privilegiados da natureza são os que ela coloca cedo em lugar seguro, para lhes poupar o resgate que a vida lhes exigiu. Nada mais falacioso, mais pérfido do que a vida humana; ninguém, oh deuses! aceitaria se não a recebêssemos sem conhecimento. Se, pois, a felicidade suprema é não nascer, aquela que dela mais se aproxima, imagino, é desaparecer o mais cedo e retornar rapidamente ao nada original.

22.4 Pense no tempo terrível em que Sejano dava seu pai como pasto a seu cliente Sátrio Secundo. Ele o odiava por uma ou duas palavras demasiadamente atrevidas, Cordo não podendo suportar em silêncio que pusessem um Sejano sobre nossas cabeças ou, melhor dizendo, que ele próprio sobre elas se subisse. Acaba-se de votar a ereção de uma estátua de Sejano no teatro de Pompeu, que Tibério reconstruía após o incêndio: "Desta vez", gritava Cordo, "será mesmo o fim deste teatro!".

22.5 Poderia ele não ter estourado vendo um Sejano se erguer das cinzas de Pompeu, um soldado desleal deificado no monumento que perpetua a memória de um dos nossos maiores generais? O ato de acusação está assinado; a corja furiosa, que Sejano, para a ela se ligar e torná-la feroz para qualquer outro, alimentava de sangue humano, se põe a uivar em torno deste grande homem que também não conserva seu sangue frio.

22.6 O que fazer? Para viver, era preciso suplicar a Sejano, para morrer curvar-se à sua filha, todos os dois inabaláveis. Ele resolveu enganar sua filha. Ele tomou um banho para diminuir suas forças, e se retirou para seu quarto dizendo que iria aí fazer uma refeição; lá ele dispensou seus escravos e jogou pela janela uma parte dos alimentos, para fazer com que pensassem que ele havia comido; depois disso, ele não jantou, sob pretexto de que havia comido suficientemente em seu aposento. No dia seguinte, a mesma coisa. No quarto dia, sua fraqueza não lhe permitiu mais dissimular. Ela a tomou, então, em seus braços: "Minha querida filha", diz ele, "saiba da única coisa que já lhe escondi: tomei o caminho da

morte e já percorri quase a metade do trajeto; você não deve me reter e você não mais poderia fazê-lo". Estas palavras pronunciadas, fez com que fossem fechados todos os acessos à luz e se sepultou nas trevas.

22.7 Quando se soube a posição que adotara, foi uma alegria universal, na visão de que estes lobos viam sua presa ser-lhe arrancada da goela. Sob a instigação de Sejano, os acusadores se apresentaram no tribunal dos cônsules; eles se queixavam de que Cordo se suicidava para os impedir de realizar sua obra: de tal forma era o sentimento deles de que Cordo lhes escapava! A questão que se colocava era séria: será que lhes deixariam perder a morte de seu acusado? Enquanto se deliberava, que os acusadores renovavam seus argumentos, Cordo absolveu-se. 8 Veja, Márcia, que calamidades imprevistas fundam sobre nós quando os tempos se tornam difíceis. Você chora porque um dos seus foi obrigado a morrer: ao outro foi permitido o mesmo.

XXIII

23.1 Além de o futuro ser sempre incerto e comportar mais más oportunidades do que boas, o caminho do céu é infinitamente mais fácil para as almas que deixam em boa hora o comércio dos humanos: elas ficam mais leves com menos lodo. Libertadas antes de se misturarem com matéria demais e impregnarem-se com demasiados elementos terrestres, elas retomam um voo mais leve rumo à sua pátria e se desligam mais facilmente de tudo o que as macula e as altera.

23.2 Nunca, aliás, as almas superiores se satisfazem nesta estada do corpo: elas anseiam escapar, evadir-se, elas suportam impacientemente sua prisão, acostumadas que estão a errar livremente nos espaços celestes e contemplar de muito alto a miserável humanidade. Eis por que Platão grita que a alma do sábio pende completamente para a morte, e que é este seu desejo, sua meditação, a paixão constante que o leva do mundo.

Então! Márcia, quando você via neste jovem uma prudência de ancião, uma alma vitoriosa de todas as volúpias, perfeitamente pura, isenta de vícios, procurando a riqueza sem cupidez, as honras sem ambição, os prazeres sem intemperança, você pensava que poderia conservá-lo por muito tempo? Aquele que atinge a perfeição está sempre perto de desaparecer. A virtude realizada se desfaz e se subtrai aos olhos, e, quando uma coisa logo amadurece, ela não espera o outono.

23.4 Mais o fogo brilha, mais rápido se apaga; ele dura mais quando vem de uma madeira resistente e mal combustível e que sua chama atravessa com dificuldade as ondas de uma espessa fumaça: ele se prolonga em virtude do mesmo motivo

que faz com que tenha tanta dificuldade em pegar. O mesmo acontece com nossos espíritos: mais lançam brilho, menos duram; pois, quando uma coisa não tem como crescer, ela não está distante de seu declínio. 5 Fabiano conta, e nossos pais o viram, que havia em Roma uma criança de um tamanho gigantesco, esplendoroso em força e saúde; mas esta criança viveu muito pouco, e todas as pessoas prevenidas haviam previsto sua rápida morte: como poderia ela chegar a uma idade que por antecipação já tinha? Repito: uma precocidade excessiva anuncia um desaparecimento iminente; o fim se aproxima, quando o progresso chega a seu termo.

XXIV

24.1 Decida-se a fazer as contas das virtudes, e não dos anos de seu filho: você verá que ele viveu o bastante. Privado de seu pai, ele ficou até os quatorze anos sob os cuidados de seus tutores, e durante toda a sua vida sob a tutela de sua mãe. Apesar de ter seu próprio lar, recusou-se a deixar o de sua mãe e, na idade em que os jovens suportam mal a sociedade de um pai, ele permaneceu sob o teto materno. Seu porte, sua beleza, seu vigor o designavam para o ofício das armas: ele renunciou à vida militar para não se afastar de você.

24.2 Calcule, Márcia, quantas mães que moram separadas de seus filhos os vêem pouco frequentemente; conte os anos que perdem e que passam na angústia aquelas cujos filhos dedicam-se às armas: você confessará que o período em que você desfrutou tão completamente foi fortemente ampliado. Jamais saiu de suas vistas: foi sob seus olhos que o estudo formou este espírito superior e que se igualou a seu avô, se a modéstia, que infla tantos talentos, a isto não se tivesse oposto.

24.3 Adolescente de uma beleza pouco comum, no meio de todas estas mulheres que apenas pensam em corromper nosso sexo, não se prestava às esperanças de nenhuma delas, e, com a perversidade de algumas chegando a realizar avanços, ele enrubescia somente por haver agradado. Ele ainda era apenas uma criança quando esta pureza de costumes o fez se julgar digno de um sacerdócio; o apoio de sua mãe contribuiu para isso sem dúvida alguma, mas esta própria mãe nada teria obtido para um candidato sem mérito.

24.4 Como a contemplação destas virtudes recoloca, por assim dizer, seu filho entre seus braços! É neste momento que ele é completamente seu; agora nada pode distraí-lo, nunca mais ele lhe dará preocupações, jamais lhe causará dor. Você experimentou a única dor que poderia vir-lhe de um filho tão perfeito; a

sequência, não comportando mais nenhum risco, apenas pode lhe oferecer prazeres, à condição de que você saiba desfrutar de seu filho e que você tenha uma ideia justa daquilo que de verdadeiramente precioso havia nele.

24.5 É somente a imagem de seu filho que morreu, apenas sua representação bem imperfeita; ele é eterno, e seu estado presente vale muito mais, já que despojado dos vínculos que o assoberbavam e completamente voltado para si mesmo. Esta matéria de que somos revestidos, estes ossos, estes músculos, esta pele que os recobre, este rosto, estas mãos complacentes, e todo este invólucro humano não são para a alma senão entraves e trevas. Por ela a alma é esmagada, sufocada, corrompida; é afastada da verdade, para a qual é feita, e aprisionada no erro. A alma não deixa de lutar contra esta carne grosseira, cujo peso a arrasta e a oprime; ela se esforça para voltar aos lugares de onde veio: aí a esperam uma paz eterna e o espetáculo da pura luz, na saída do caos e da noite.

XXV

25.1 Não se precipite, pois, sobre a tumba de seu filho: você apenas encontrará um vil e repugnante despojo, ossos, cinzas, que não mais eram ele tanto quanto suas vestes e tudo com o que cobrimos seu corpo. Ele se foi completamente, ele partiu sem nada deixar sobre esta terra, após uma curta estada sobre nossas cabeças, o tempo de se purificar e de livrar de todas as taras, de todas as manchas da vida mortal, ele se lançou ao mais alto dos céus, e agora se regozija livremente entre as almas dos bem-aventurados.

25.2 Ele foi acolhido na santa sociedade dos Cipiões e dos Catões. Entre os que desprezaram a vida e partiram espontaneamente, ele encontrou, Márcia, seu próprio pai. Este (apesar de todos lá em cima formarem uma única família) toma junto a si o neto, encantado com esta luz nova; ele lhe explica a marcha dos astros que se avizinham e o inicia com alegria, não sobre conjecturas, mas graças à experiência direta que tem da verdade, a todos os mistérios da natureza; e o reconhecimento que experimenta o estrangeiro pelo guia que lhe mostra uma cidade desconhecida, seu filho experimenta por este parente que, respondendo à sua curiosidade, lhe revela as causas dos fenômenos celestes. Ele também faz mergulharem seus olhos bem no fundo do espaço, até na terra: pois é doce rever de cima as regiões que deixamos.

25.3 Diga, consequentemente, Márcia, que sua conduta tem como testemunhas seu pai e seu filho, não como você os conheceu, mas infinitamente engrandecidos e dominando do mais alto o universo: enrubesça com toda a ação

baixa ou vulgar, e enrubesça de chorar os seus, objetos de uma tão bela metamorfose. No seio do espaço eterno e das livres extensões, eles nada mais têm que os separe, nem os vastos mares, nem as altas montanhas, nem ravinas impraticáveis, nem Syrtos com areias movediças; para eles todo o caminho converge; eles se movem com uma agilidade ideal, se penetram reciprocamente, e se misturam à substância das estrelas.

XXVI

26.1 Imagine, então, que do mais alto dos céus, este pai, Márcia, que teve sobre você a mesma autoridade que você sobre seu filho, lhe fala não com o tom magnífico com o qual deplorava as guerras civis e proscrevia para a eternidade os condenadores, mas com um tom mais sublime ainda, em harmonia com as regiões etéreas que ele habita.

26.2 "Por que, minha filha, este longo império da dor apossou-se de você? Por que razão você se mantém tão fechada para a verdade para poder olhar seu filho como uma vítima, desde o instante em que, sem ter sofrido o menor ataque nem em sua família, nem em sua pessoa, ele foi encontrar seus ancestrais? Ignora você de que tempestades a Fortuna varre o mundo? E que ela não é indulgente e fácil senão para aqueles que evitam cuidadosamente mexer com ela? Dever-lhe-ei citar estes reis cuja felicidade teria sido sem igual se fossem mais cedo tirados dos males que ameaçavam suas cabeças? Estes generais romanos, a cuja grandeza nada faltaria se retirasse algo a seus dias? Estes grandes homens, estes heróis ilustres, que não foram poupados senão para se oferecer à espada de um mercenário?

26.3 Olhe seu pai e seu avô: seu avô se tornou um joguete de um assassino; – eu não dei direito a ninguém sobre mim mesmo, eu me privei de alimentos, e mostrei que tinha a alma tão elevada em minha vida quanto em meus escritos. Por que aquele que teve a morte mais feliz é, em nossa família, o mais longamente pranteado? –

26.4 Estamos agora reunidos e livres da espessa obscuridade que a rodeia, nós descobrimos que nada tem em sua existência terrestre de desejável, como você imagina, nada de elevado, nada de surpreendente, sendo tudo senão abjeção, pesadez e tormenta, e que até você não chega senão um pálido reflexo de nossa luz! Eu acrescentaria que jamais vemos aqui exércitos que atacam com furor uns aos outros, nem frotas que se destroçam, que jamais parricídios foram urdidos nem premeditados, que não se conhecem fóruns em atividade da manhã à noite no tumulto do processo, que tudo acontece a descoberto, que o pensamento aí

surge sem véu e o coração sem disfarce, que aí vivemos à vista e à disposição de todos, que aí contemplamos toda a sequência das idades, passadas e futuras?

26.5 Estava orgulhoso de escrever a história de um século, de traçar os acontecimentos realizados no menor cantão do universo por um pequeno punhado de homens: quantos séculos agora, que encadeamento de idades sucessivas, de anos sem número me foi dado a observar! Eu contemplo de bom grado os nascimentos e as quedas dos futuros impérios, a destruição das cidades mais poderosas e as novas invasões dos mares.

26.6 Pois, se você pode encontrar no pensamento do destino comum um consolo para seu luto, não há nada que possa ficar em seu lugar, nada que o tempo não possa reverter e colocar cedo ou tarde em seu curso, e não é somente dos homens que tratará (que são os homens no infinito domínio em que a Fortuna exerce seu poder?), mas lugares, regiões, diferentes partes do universo. Ele aplainará montanhas e fará surgir além novos cumes escarpados; ele secará os mares, desviará os rios e, suprimindo as comunicações entre os povos, abolirá a sociedade e a união do gênero humano; além, ele abrirá fendas formidáveis que engolirão as cidades, ou as agitará com tremores de terra; ele fará nascer o sol dos vapores pestilentos; ele cobrirá com inundação a superfície do mundo habitado e fará perecer sob as vagas todas as espécies animais, ele espalhará chamas devastadoras que consumirão e devorarão tudo o que respira. E, quando for chegada a hora em que o mundo deve ser aniquilado para se renovar totalmente, toda substância se destruirá, os astros se chocarão contra os astros, o fogo queimará o universo, e todos estes corpos luminosos, que brilham em uma ordem tão bela hoje, não formarão senão a chama de um vasto e único incêndio.

26.7 Nós mesmos, almas afortunadas, que temos a eternidade como herança, no dia em que deus julgar bom reconstituir o universo, nós não seremos, no meio do caos geral, senão um detalhe a mais na grande catástrofe, e voltaremos a nos perder no seio dos elementos primeiros". Feliz de seu filho, Márcia!, ele sabe doravante tudo isso.

CONSOLAÇÃO A HÉLVIA

Ad Helviam Matrem de Consolatione

A MINHA MÃE HÉLVIA

Tradução de Giulio Davide Leoni

I

1.1 Muitas vezes, minha boa mãe, estive a ponto de escrever-te para te consolar: sempre me detive. Muitas considerações levaram-me a ousar: principalmente, pensava que teria esquecido todas as minhas preocupações, se tivesse conseguido secar por um pouco tuas lágrimas, embora não podendo enxugá-las por completo; além disso, tinha certeza de que, se conseguisse confortar antes a mim mesmo, minha tentativa de tirar-te da prostração teria sido mais eficaz; enfim, temia que a sorte, sobre a qual fui vitorioso, pudesse vencer algum dos meus queridos; de qualquer maneira, pondo a mão sobre a minha chaga, era levado a querer curar tuas feridas.

1.2 Muitas outras razões, de outro lado, afrouxavam esse meu propósito: compreendia que não devia afrontar tua dor ainda recente e ardente, para evitar que os confortos a exasperassem e a aumentassem, visto que também nas doenças nada há mais danoso que um remédio intempestivo. Esperava, portanto, que a violência da dor se quebrasse, e que, mitigada pelo tempo a ponto de suportar os remédios, permitisse ser tocada e observada. Mais ainda, conquanto folheasse todas as obras compostas pelos mais ilustres gênios para acalmar ou pelo menos aliviar as dores, não encontrava exemplo algum de alguém que tivesse consolado seus queridos enquanto ele mesmo era por eles lastimado. De modo que a novidade do empreendimento me fazia hesitar e temer que essa não fosse uma consolação, mas uma excitação à dor.

1.3 Que novas palavras, e não tiradas da usual linguagem de todo dia, devia usar um homem que, já em cima da fogueira, levantava a cabeça para consolar os entes queridos? Toda dor que passa os limites do suportável tira necessariamente a faculdade de escolher as palavras, se amiúde sufoca também a voz. Procurarei, todavia, fazê-lo como posso, não porque tenha confiança em minha capacidade, mas porque o fato de que o consolador seja eu mesmo poderá constituir a mais feliz das consolações. E confio que a mim, a quem nunca negaste nada, agora não negarás, por muito obstinada que seja a tua aflição, que ponha um limite a tuas lágrimas.

II

2.1 Olha quanta confiança tenho em teu afeto: tenho certeza de que serei mais forte do que tua dor, sendo que nada é mais forte do que ela entre os míseros. E para não a afrontar logo, dela me aproximarei antes, e dentro porei tudo o que pode inflamá-la; observarei e reabrirei outra vez todas as chagas já cicatrizadas.

2.2 Alguém dirá: "Que nova maneira de consolar é essa, lembrando os males esquecidos e pondo perante o cúmulo de todas as suas desventuras uma alma que a muito custo consegue suportar só uma?" Mas reflita, esse alguém, que os males que chegaram a esse ponto de gravidade, isto é, de piorar não obstante o remédio, curam-se geralmente com os contrários. Antes de tudo pôr-lhe-ei na frente todos os seus lutos, todas as desventuras; e isto será não um medicamento brando, mas uma cauterização e uma amputação. E que obterei? Que uma alma, que venceu tantas misérias, enrubesça por não ter a força de suportar, sobre um corpo coberto de cicatrizes, uma nova ferida.

2.3 Que chorem e se lastimem e se enfraqueçam, ao sopro das mais leves contrariedades, as almas delicadas das pessoas que uma tranquilidade demasiadamente longa enervou; mas as pessoas que passaram toda a vida na desgraça devem suportar com forte e imutável constância mesmo as dores mais graves. A perpétua infelicidade só tem isto de bom: que endurece por fim os que incansavelmente persegue.

2.4 Descanso algum te concedeu a sorte, entre os mais graves lutos; e nem excetuou o dia de teu nascimento. Assim que nasceste, ou melhor, enquanto nascias, perdeste tua mãe, e foste por assim dizer abandonada à vida. Cresceste sob o jugo que uma madrasta, que todavia obrigaste, com um respeito e um afeto que só se pode ver numa filha, a ser-te realmente mãe; mas não há ninguém a quem uma madrasta mesmo ótima não tenha custado sempre demasiado cargo. Perdeste, enquanto esperavas a sua chegada, um amorosíssimo tio, homem bom e forte; e, pois, que a sorte temia apresentar-se muito pouco feroz, deixando-te um intervalo de repouso, tiveste que sepultar no mesmo mês o marido bem-amado, que te tornara mãe de três filhos; e esse luto te foi anunciado enquanto ainda choravas o outro, enquanto teus filhos estavam longe, como se teus males tivessem sido recolhidos todos propositalmente naquela época para que não tivesses nada sobre o que tua dor pudesse reclinar-se.

2.5 Não falo dos perigos contínuos e dos sustos, de que sem interrupção sustentaste os assaltos. Faz pouco tempo que recolheste os ossos de três netos no mesmo seio em que foram criados; e vinte dias depois de celebrar o enterro de

meu filho, morto entre teus braços e teus beijos, tiveste a notícia de meu exílio. Somente isso te faltava até agora: chorar os vivos.

III

3.1 Sim, é verdade: essa recente ferida é a mais grave de quantas já desceram em teu corpo, porque não esfolou somente a pele, mas penetrou profundamente em teu peito e até o coração. Mas como os recrutas gritam mesmo quando levemente feridos, e temem a mão do médico mais do que as espadas, enquanto os veteranos, por muito profundos que sejam os golpes recebidos, suportam pacientemente e sem queixas que seus corpos sejam limpos da podridão como se fossem de outrem, assim tu agora deves submeter-te com firmeza à cura.

3.2 Longe de ti as lamúrias e os gemidos e as outras manifestações de dor feminina: mal empregadas foram tantas desventuras, se ainda não aprendeste a ser desventurada. Talvez pareça que te tratei com demasiada severidade, não tirando nenhum de teus males, mas antes amontoando-os todos diante de ti?

IV

4.1 A isso me induziu um fim magnânimo: isto é, estabeleci vencer tua dor, não iludi-la. E vencê-la-ei, creio eu, se conseguir demonstrar antes de tudo que não sofro por uma razão a respeito da qual eu poderia ser chamado mísero e por causa da qual os meus familiares poderiam tornar-se míseros; depois demonstrarei, passando a ti, que nem tua sorte, que em tudo está unida à minha, se pode chamar infeliz.

4.2 Começarei dizendo, como teu afeto materno almeja ouvir, que eu não tenho mal algum. Se puder, demonstrar-te-ei como também as coisas que tu pensas que me aniquilam com seu peso não são nem elas intoleráveis. Se, enfim, nisso não for possível acreditares, terei pelo menos o orgulho de estar contente nessas condições, que costumam tornar míseros os homens. Não creias em outros, no que dizem a meu respeito: pessoalmente, para que não sejas agitada por falsas opiniões, declaro-te que não sou em nada mísero; direi mais, para que tenhas maior certeza: nunca poderei ser mísero.

V

5.1 A natureza nos gerou em bom estado e nele estaríamos se dela não nos afastássemos. Ela fez com que não precisássemos de muitas coisas para viver prosperamente: cada um pode por si tornar-se feliz. Pouca importância têm as coisas contingentes, tanto que não têm poder, nem, se favoráveis, de

ensoberbecer o sábio, nem, se contrárias, de abatê-lo: ele esforçou-se sempre para pôr em si cada bem seu, para obter de si toda a sua alegria.

5.2 E com isso pensas talvez que eu queria dizer que sou um sábio? Não, absolutamente; porque, se pudesse mesmo só afirmá-lo, isso significaria que não só não seria infeliz, mas seria o mais felizardo de todos os homens e quase um deus. Agora (e isso basta para suavizar qualquer miséria) me entreguei aos sábios, e, ainda incapaz de defender-me por mim, encontrei em campo alheio o abrigo, que facilmente protege a si mesmo e aos seus.

5.3 Eles me aconselharam que ficasse sempre atento e observasse qualquer ataque, qualquer assalto da desgraça muito antes que me abatesse. A desventura é grave para aqueles a quem chega inesperadamente; facilmente a suporta quem sempre a espera. Assim, também o ataque de um exército inimigo dispersa os soldados tomados de surpresa; mas se preparados para a guerra antes da guerra, ordenados e prontos repelem a primeira investida, que é a mais furiosa.

5.4 Nunca me entreguei à sorte, mesmo quando parecia que estivesse em paz comigo; todos os favores, dos quais muito generosamente me cercava (riquezas, cargos, prestígio), coloquei-os em tal lugar de onde pudesse retomá-los, sem me aborrecer. Deixei sempre grande distância entre mim e eles: tirou-me os favores, portanto, não mos arrancou. A sorte contrária não diminui senão os homens que se deixaram enganar pela prosperidade.

5.5 Os homens que se agarram a seus presentes como a coisas das quais temos perpétua propriedade, e que por eles querem ser invejados pelos outros, jazem prostrados e aflitos, quando os deleites falsos e fugazes abandonam sua alma vã e pueril, que ignora qualquer prazer real; mas quem na prosperidade não se orgulhou, não se abala se as coisas mudam. Contra um e outro estado têm uma alma invicta, cheia de firmeza já experimentada, porque experimentou na boa sorte o que é útil contra a infelicidade.

5.6 Por isso, como nas coisas que todos almejam possuir, sempre pensei que não houvesse algum bem verdadeiro (e as achei vazias e cobertas de uma maquilagem aparente e ilusória, sem nada que parecesse à sua aparência), assim agora, nesses que são chamados males, não encontro nada que seja tão horrível e duro como pode fazer temer a opinião do vulgo. A própria palavra "exílio" chega ao ouvido muito duramente e fere quem a ouve como triste e execrável justamente por essa convicção radicada em todos: assim decidiu o povo. Mas o sábio rejeita em grande parte os decretos do povo.

VI

6.1 Sem dar importância, portanto, ao critério da maioria, que se deixa transportar pela superficialidade e pela opinião corrente, vamos ver o que é o exílio. É, na substância, uma mudança de lugar. Para que não pareça que eu esteja atenuando sua aridez e tirando o que tem de pior, direi ainda os aborrecimentos que derivam dessa mudança: pobreza, desonra, desprezo. Com esses lutarei mais tarde: por enquanto, quero limitar-me a examinar qual é a dor proveniente da pura e simples mudança de lugar.

6.2 "Viver longe da pátria é intolerável." Olha, pois, para a multidão, à qual não são suficientes as casas da imensa Roma: a maior parte dela está longe de sua pátria. Afluem de seus municípios, de suas colônias, de toda a terra, quem levado pela ambição, quem pelo seu dever de magistrado, quem por uma missão confiada, quem pelo afã de gozar em lugar mais apropriado e rico de vícios, quem pelo desejo de estudos literários, quem pelos espetáculos; alguns foram impelidos pela amizade, outros por uma atividade que encontrou mais amplo teatro para demonstrar a própria virtude; alguns levaram para lá sua venal beleza, outros sua venal eloquência.

6.3 Nenhuma raça de homens falta na cidade, que oferece grandes prêmios às virtudes e aos vícios. Suponhamos que todas essas pessoas sejam chamadas, uma por uma; e se pergunte a cada uma onde nasceu: veremos que a maioria é formada por gente que deixou sua residência para se estabelecer numa cidade grandíssima e belíssima, realmente, mas não sua.

6.4 Em seguida, deixando essa cidade, que se pode chamar cosmopolita, vamos para todas as outras: não existe nenhuma que não tenha sua população em grande parte estrangeira. Deixemos as cidades que atraem as multidões com sua posição amena e com suas campinas risonhas; perlustremos os lugares mais desertos, as ilhas mais rochosas, Ciatos, Sérifo, Giaro, Cossura: não encontraremos lugar algum de exílio, onde alguém não more por seu prazer.

6.5 Onde se poderá encontrar um rochedo mais desguarnecido do que este? ou mais pobre para quem procure riqueza? ou mais selvagem para quem dê atenção aos homens? ou mais horrível pela posição? ou mais inclemente pelo clima? Apesar de tudo. também aqui moram mais estrangeiros do que indígenas. A mudança de lugar não é. pois, tão grave, se esse lugar consegue tirar alguém de sua pátria. —

6.6 E há também quem afirme existir nas almas humanas uma certa inclinação natural a mudar de sede e transferir a sua própria residência; pois que o homem recebeu da natureza um intelecto móvel e inquieto, que nunca pára num lugar, mas anda de um lado e de outro, levando seus próprios pensamentos para qualquer coisa, ansioso de sossego e ávido de novidade.

6.7 Isso não pode admirar a quem reflita em sua primeira origem; pois que o homem não é plasmado de pesada matéria terrena, mas deriva do sopro divino: e as coisas celestes estão sempre em movimento; melhor, fogem em veloz corrida. Olha as estrelas, que iluminam o mundo: nenhuma delas fica parada. O sol anda continuamente e vai de lugar em lugar e, embora rodando com todo o universo, move-se em sentido contrário ao céu e passa por todos os pontos das constelações e nunca pára: seu movimento e seu andar de um lugar a outro são eternos.

6.8 Todas as coisas rodam e passam: vão de um a outro ponto, como ordena a inexorável lei do mundo; quando terão terminado, durante um determinado período de tempo, sua volta, farão novamente o caminho percorrido. Continuas, agora, a pensar que a alma humana, formada pelas mesmas partículas das quais são constituídos os astros, sofre em viajar e em migrar, quando o próprio deus simpatiza ou talvez vive justamente pelo seu eterno velocíssimo movimento?

VII

7.1 Agora, das estrelas volta-te para as coisas humanas: verás que todos os homens e todos os povos, sem exceção alguma, mudaram suas sedes. Que procuram as cidades gregas nos países dos bárbaros? E as colônias macedônias no meio dos hindus e dos persas? Na Cítia e em todas as terras daqueles povos ferozes e indômitos, vêem-se cidades gregas fundadas nas costas do Ponto: nem a rigidez do inverno perpétuo, nem a índole dos habitantes, selvagens como seu clima, obstaculizaram os emigrantes.

7.2 Na Ásia Menor há uma multidão de gregos; Mileto fundou em todo o mundo e deu habitantes a setenta e cinco cidades: todo o lado da Itália banhado pelo mar Jônio tornou-se a "Magna Grécia". A Ásia deu origem aos etruscos, os tírios (fenícios) habitam a África, os cartagineses, a Espanha, os gregos introduziram-se na Gália, os gauleses, na Grécia; os Pireneus não impediram a passagem dos germanos:

7.3 a volúvel raça humana espalhou-se por todos os caminhos do mundo, mesmo se desagradáveis e desconhecidos. Levaram consigo os filhos, as esposas e os pais, mesmo se velhos; alguns, após terem sido jogados aqui e acolá, não escolheram

eles mesmos o lugar onde parar, mas pelo cansaço pararam no mais próximo; outros conquistaram com as armas o direito de apoderar-se das terras alheias; outros foram engolidos pelo mar, enquanto iam para terras desconhecidas; outros pararam onde a falta do necessário os obrigou a parar.

7.4 E, assim, também são diferentíssimas as causas que os levaram a abandonar a própria e procurar outra pátria: quem, fugindo às armas inimigas, foi expulso de sua terra e levado, despojado de tudo, para terra estrangeira, pela destruição de sua cidade; quem foi expulso pela guerra civil; quem foi mandado embora pela necessidade de diminuir a população demasiadamente abundante; quem foi obrigado a fugir por uma epidemia ou por frequentes terremotos, ou por qualquer outra causa que tornava o país mal são e inabitável; outros foram seduzidos pela fama de uma região fértil, exageradamente famosa.

7.5 Quem por uma causa, quem por outra se afastou de sua casa: isto, porém, mostra claramente que nada ficou nunca no mesmo lugar em que nasceu. Eterno é o mudar do gênero humano; todos os dias alguma coisa muda em tão enorme esfera; põem-se os alicerces de novas cidades, surgem novos nomes de povos, depois que os precedentes se extinguiram ou foram absorvidos por povos mais fortes. Que mais são essas emigrações de povos, senão públicos exílios?

7.6 Mas para que levar-te num tão longo discurso? Para que lembrar Antenor, que fundou Pádua, e Evandro, que pôs o reino dos Árcades nas margens do Tibre? E Diomedes e os outros que, vencidos ou vencedores, a guerra de Tróia dispersou por terras alheias?

7.7 O Império Romano reconhece como seu fundador um exilado, fugido pela queda de sua cidade, à procura de terras longínquas por medo dos vencedores, trazido à Itália pelo Fado com poucos companheiros sobreviventes. E quantas colônias semeou, mais tarde, por todas as províncias o povo romano! Ele mora aonde chegou vitorioso. A essas mudanças de lugar muitos aderiram de boa vontade, e também os velhos, abandonados os próprios altares, seguiam os colonos além-mar.

7.8 É inútil, por outra, citar mais exemplos: um ainda acrescentarei, que se apresenta espontaneamente ao olhar: também esta ilha amiúde mudou de habitantes. Sem calcular os mais antigos, cujos nomes se perdem na noite dos tempos, os gregos da Fócida, que agora moram em Marselha, pararam antes nesta ilha; não se sabe exatamente o que os fez fugir depois: se o clima áspero ou a vizinhança da Itália muito poderosa, ou o mar sem portos; não foi, certamente, a

barbaridade dos habitantes, como aparece pelo fato de que pararam no meio de povos gauleses, ferozes e incivis, então, muito mais que todos os outros.

7.9 Depois passaram por essa ilha os ligúrios e depois também os iberos, como se vê pela semelhança dos costumes: têm, de fato, chapéus e calçados semelhantes àqueles dos cantábrios, e também algumas palavras: pois que a língua deles, devido a suas relações com os gregos e os ligúrios, modificou-se profundamente. Foram trazidas ainda duas colônias de cidadãos romanos, uma por Mário e outra por Sila: tantas vezes mudaram os habitantes desse árido e espinhoso rochedo!

7.10 A custo, enfim, se pode encontrar um recanto habitado ainda pelos indígenas: tudo está misturado e transplantado. A cada um sucedeu um outro; este desejou o que aquele achou aborrecido; esse foi expulso do lugar, de onde antes expulsara os outros. Porque a sorte quis que nada ficasse sempre no mesmo lugar.

VIII

8.1 Não considerando os outros inconvenientes conexos com o exílio, contra a mudança de lugar pareceu remédio suficiente a Varrão, o mais douto entre os romanos, pensar que, por toda parte onde formos, teremos ao nosso redor a mesma natureza; e a Bruto pensar que quem parte pode levar consigo suas virtudes.

8.2 E se alguém julga ineficaz para consolar o desterrado um só desses dois remédios, deverá reconhecer que juntos são eficazes. De fato, quão pouco é o que perdemos! Mas nos seguem em toda parte as duas coisas mais belas: a natureza comum a todos e a virtude individual.

8.3 Crê-me, isso foi feito por aquele que deu forma ao universo, seja ele o Deus Senhor de Tudo, seja a incorpórea razão, artífice das maiores obras, seja o divino espírito difundido com igual intensidade em todas as coisas, máximas e mínimas, seja a sorte e a série imutável das causas ligadas uma à outra: isto, digo eu, foi feito para que não fiquem ao arbítrio alheio senão as coisas de menor valor.

8.4 O que no homem há de melhor está além de toda a força humana e não pode ser dado nem tirado. Esse céu, que é a coisa maior e mais bela que a natureza tenha criado, e a alma que o contempla e o admira — e dele é a parte mais nobre — são nossos, sempre, e conosco ficarão enquanto vivermos.

8.5 Por isso, alegres e de cabeça erguida iremos com passo intrépido aonde quer que a sorte nos leve, percorreremos qualquer terra: entre os confins do mundo

não há exílio; porque nada daquilo que está dentro dos confins do mundo é estranho ao homem. De qualquer parte o olhar levanta-se igualmente para o céu, a mesma distância separa em qualquer parte as coisas divinas das humanas.

8.6 Por isso, enquanto meus olhares não se afastarem do espetáculo que nunca os farta; enquanto me for permitido olhar o sol e a lua, fixar os outros planetas, deles observar o nascimento e o ocaso e as distâncias, e indagar as causas que tornam seu curso mais veloz e mais lento, contemplar durante a noite tantas estrelas brilhantes, uma imóvel, outra que se move em curto espaço mas sempre sobre seu caminho, e algumas que aparecem de repente, algumas que espiram centelhas, como se caíssem, tanto que ofuscam a vista, ou fulgidíssimas percorrem voando um grande espaço; enquanto estiver com todas essas coisas e me confundir, tanto quanto é permitido ao homem, com as coisas celestes; enquanto tiver sempre alta a alma, inclinada por sua natureza à contemplação dos astros a ela semelhantes — que importa que solo eu pise?

IX

9.1 "Mas esta terra não é rica de árvores frutíferas que alegrem a vista; não é sulcada por rios grandes e navegáveis; nada produz que os outros povos venham procurar, é fértil apenas o suficiente para nutrir os habitantes; nela não se abrem pedreiras de mármores procurados, nela não se escavam minas de ouro ou de prata."

9.2 Acanhada é a alma, que as coisas terrenas deleitam; e é preciso arrancá-la dessas e levá-la para as que em toda parte aparecem igualmente e igualmente resplandecem. Devemos refletir que esses bens terrenos são obstáculos aos verdadeiros bens por causa das opiniões falsas e mentirosas: quanto mais compridos pórticos se constroem, quanto mais altas torres se levantam, quanto mais amplos caminhos se abrem, quanto mais profundas se escavam as grutas estivas, quanto mais monumentais se erguem os tetos das salas de jantar, tanto mais todas essas coisas nos esconderão o céu.

9.3 Embora o acaso te tenha atirado em tal lugar, em que a mais luxuosa habitação seja uma choupana, terias na verdade uma alma vil e serias um mesquinho confortador de ti mesmo, se te resignasses a isso só, lembrando a choupana de Rômulo. Deves antes dizer: "Esta humilde choupana hospeda virtudes? E então é mais linda que todos os templos, pois que nela estão a justiça, a moderação, a sabedoria, a piedade, a regra para justamente cumprir todos os deveres, a ciência das coisas divinas e humanas. Lugar nenhum é angusto, se pode

conter tantas e tão grandes virtudes, nenhum exílio é tão grave, se nele podemos ir com aquelas virtudes".

9.4 Bruto, em seu livro Das Virtudes, conta ter visto Marcelo desterrado em Mitilene, e tê-lo encontrado feliz, o quanto pelo menos pode sê-lo um homem, e dedicado aos bons estudos como em nenhum outro período da vida; e diz ainda que por tal motivo teve a sensação, partindo, de ir ele para o exílio, porque voltava sem Marcelo, mais que de deixar Marcelo no exílio.

9.5 Ó bem-aventurado Marcelo, teu exílio agradou a Bruto mais que teu Consulado teria agradado à República! Que homem deve ter sido ele se obteve que um outro se considerasse um desterrado somente porque se afastava dele, exilado! Que homem deve ter sido para ser admirado por outro homem, que foi admirado, ele próprio, por Catão!

9.6 Conta ainda Bruto que Júlio César, passando por Mitilene, não parou, porque não podia suportar a cena de um homem reduzido a tão míseras condições. A Júlio César impetrou mais tarde a volta com públicas súplicas o Senado, tão atencioso e meigo, que parecia que todos tivessem naquele dia a alma de Bruto, e que pedissem não para Marcelo, mas para si próprios, para não ficarem exilados, como teriam ficado sem ele; mas muito mais glorioso foi para Marcelo o dia em que Bruto não suportou deixá-lo e César não suportou vê-lo desterrado, porque teve a sorte de ver o reconhecimento de ambos: Bruto se sentiu magoado de voltar sem Marcelo, César ficou envergonhado.

9.7 Não há dúvida de que um homem tão forte como Marcelo tenha exortado amiúde a si mesmo a suportar o exílio de bom grado com estas palavras: "Não é uma desventura que tu estejas bem longe da pátria. Apreendeste de teus estudos pelo menos o suficiente para saber que para o sábio todo lugar é pátria. Por outro lado, o homem que te mandou ao exílio não esteve ele mesmo dez longos anos longe da pátria? Esteve para estender os domínios romanos, todavia esteve longe.

9.8 E agora chama-o a si a África, que ameaça uma nova guerra, chama-o a Espanha, que consolida a sedição desordenada e abatida, chama-o o infiel Egito, chama-o todo o mundo que espera das agitações do Império a ocasião para revoltar-se. Aonde correrá antes? Contra que parte se voltará? Sua vitória o arrastará para todas as terras. O vulgo pasmado e reverente olhe para ele; tu vive contente, porque Bruto te admirou!"

X

10.1 Portanto, Marcelo suportou bem seu exílio, e nada mudou em sua alma a mudança de lugar, embora disso lhe derivasse a pobreza. Mas cada pessoa, que não seja possuída pelo demônio da avareza e do luxo, que confunde a ordem das coisas, sabe que a pobreza não é um mal. Quão pouco chega, de fato, para sustentar um homem! E a quem pode faltar esse pouco, se tem alguma virtude?

10.2 No que me diz respeito, tenho consciência de ter perdido preocupações, não riquezas. As necessidades do corpo são poucas: pode subtrair-se do frio, e tirar-se a fome e a sede; tudo o que se deseja a mais procura-se para os vícios e não para as necessidades. Não é preciso sondar todo o mar nem encher o ventre com animais matados nem arrancar as ostras das praias desconhecidas dos mares mais longínquos: que os deuses e as deusas exterminem aqueles, cujo afã de coisas raras passa além dos confins de um império, que suscita tantas invejas!

10.3 Querem que se apanhe para lá do Fásis alguma raridade para que embeleze seu suntuoso banquete, e não têm vergonha de fazer vir aves desde os partos, aos quais ainda não fizemos pagar a derrota de Crasso. De toda parte do mundo acolhem alimentos, conhecidos e ignorados, para sua gula enjoada; da extrema parte do oceano são trazidas as iguarias que seu estômago, estragado pelas gulodices, pode aceitar; vomitam para comer, comem para vomitar, e não se dignam a digerir nem os petiscos que eles procuram por toda a terra. Quem despreza essas coisas, que dano pode receber da pobreza? Além disso, se alguém as deseja, ela lhe será útil. Sara, de fato, sem querer; e se, não forçado, toma um remédio, pelo menos durante o tempo em que não pode querer, é como se não quisesse.

10.4 Calígula (que a natureza degenerou, penso eu, para mostrar quanto pode o máximo dos vícios no máximo da prosperidade) gastou em um dia só para um almoço dez milhões de sestércios; e, embora ajudado pela fantasia de seus cortesãos, pôde a custo encontrar a maneira de converter o tributo de três províncias num almoço.

10.5 Paupérrimos aqueles cujo paladar não se excita senão perante alimentos preciosos: preciosos não por algum excelente sabor ou doçura da gula mas pela raridade e dificuldade de encontrá-los! Caso contrário, se readquirissem o bom senso, que necessidade haveria de tantas fadigas gastas em servir o ventre, de iguarias de países longínquos, e de despovoar e de sondar os abismos? Espalhados jazem os alimentos, que a natureza pôs por toda parte; mas eles, como cegos, os

relaxam e percorrem todas as regiões e atravessam os mares para estimular a grande preço a fome, que com pouco poderiam satisfazer.

10.6 Teríamos vontade de lhes dizer: "Para que fazeis descer ao mar os navios? Para que armais as mãos contra as feras e contra os homens? Para que correis aqui e acolá afanosamente? Para que acumulais riquezas sobre riquezas? Não quereis refletir quão pequenos são vossos corpos? Não vos parece uma loucura, até a mais solene das loucuras, desejar muito, quando o vosso corpo pode conter tão pouco? Podereis aumentar vosso patrimônio, levar mais longe os confins do Império, mas não dilatar vossos corpos. Quando vossas compras tenham saído perfeitamente, e vossos soldados vos tenham trazido preciosos manjares, e esses manjares de todas as partes da terra sejam recolhidos, não tereis onde pôr vossos banquetes.

10.7 Para que procurais tantas coisas? Na verdade, eram infelizes vossos antepassados (sobre cuja virtude se baseiam ainda hoje vossos vícios), que preparavam a comida com suas próprias mãos, dormiam no chão e tinham casas ainda não resplandecentes de ouro e templos ainda não reluzentes de pedras preciosas; e juravam religiosamente sobre divindades feitas de argila; e aqueles que a essas divindades tinham implorado, embora certos de morrer, para não faltar à fé jurada, voltavam para o inimigo!"

10.8 E aquele nosso ditador, que ouviu os embaixadores dos samnitas, enquanto que com a mesma mão, com a qual muitas vezes abatera o inimigo e pusera a coroa de louro sobre o altar de Júpiter Capitolino, virava no fogo um modesto alimento, vivia talvez menos feliz do que viveu nosso quase contemporâneo Apício, que na cidade, da qual certa vez foi obrigado a partir pelos filósofos, teve escola de gulodice e contaminou seu tempo com sua ciência?

10.9 Vale a pena saber como acabou: após dissipar cem milhões de sestércios na cozinha, após gastar em cada orgia somas fabulosas iguais a muitas dádivas de príncipes e às rendas dos tributos do Estado, por fim, oprimido pelas dívidas, foi obrigado a examinar suas contas; e, calculando que lhe teriam sobrado dez milhões de sestércios, como se viver com dez milhões de sestércios fosse para ele viver sob o espectro da fome, envenenou-se.

10.10 Que necessidade louca de luxo havia nesse homem, para o qual ter dez milhões de sestércios era pobreza! E agora pensa, se puderes, que o que importa é a quantidade de dinheiro, não a da alma... Houve quem se afligiu de possuir dez milhões de sestércios e afastou-se, envenenando-se, daquilo que tantos almejam possuir! Para homem tão estulto, a última bebida foi salutar: os verdadeiros

venenos ele os comia e bebia quando não se deleitava somente, mas se vangloriava de banquetes imensos, ostentava seus vícios, arrastava toda a cidade a imitar suas prodigalidades, e levava a segui-lo por tal caminho a mocidade, que mesmo sem maus exemplos é por natureza mais inclinada para o mal que para o bem.

10.11 Isso acontece a quem não usa as riquezas conforme o bom senso, que tem regras bem determinadas, mas conforme seus preciosos hábitos, cujo capricho é demasiado grande para ser dominado. Para a cobiça nada chega, para a natureza basta também pouco. Por isso a pobreza não traz nenhum dano ao desterrado; porque lugar algum de exílio é tão pobre que não seja bastante fértil para alimentar um homem.

XI

11.1 "Mas o desterrado sentirá a falta de roupas e de casa." Mesmo se ele desejar essas coisas somente porque são necessárias, não lhe faltará nem teto nem trapo para vestir. Como com pouco se nutre, assim com pouco se veste o corpo humano: a natureza quis que as necessidades, que ela deu ao homem, não fossem difíceis de satisfazer.

11.2 Mas se desejar vestes de púrpura repleta de muitas conchas, ou tecidas de ouro, ou bordadas com várias cores e pontos, ele é pobre por culpa não da sorte mas sua. E se a esse homem devolveres tudo o que perdeu, nada obterá mesmo após a restituição, faltar-lhe-á, comparado com aquilo que deseja, mais que quanto falta ao desterrado, comparado com o que possuía.

11.3 Se deseja vasilhame de ouro e prata ilustrado pela assinatura de antigos artesãos, e bronzes que se tornaram preciosos pela loucura dos amadores, e um exército de escravos, tanto que se torne angusta a casa mais espaçosa, e cavalos ocupados só em comer e engordar, e mármores de todas as regiões; mesmo que todas essas coisas lhe sejam amontoadas na frente, nunca lhe satisfarão a insaciável alma, mais do que qualquer quantidade de água poderia saciar o homem cujo desejo provém não da falta de água mas do queimar das vísceras ardentes: porque essa não é sede, mas doença.

11.4 Nem isso acontece só pelo dinheiro ou pela comida: todos os desejos, que nascem não do desejo mas do vício, têm a mesma natureza: por muito que se acumule na frente de tais homens, a cobiça desses não terá fim, mas dará mais um passo. Quem, portanto, permanece contente entre os limites marcados pela natureza, não conhece a pobreza: quem sair desses limites é pobre mesmo entre

as maiores riquezas. Às necessidades provêm suficientemente também os lugares do exílio; às coisas supérfluas não bastam os reinos.

11.5 É a alma que torna ricos os homens: a alma segue-os no exílio; e quando encontra quanto basta para sustentar o corpo, mesmo nas mais ásperas solidões, é rica e goza de seus bens: à alma nada importa o dinheiro, não mais do que importa aos deuses imortais.

11.6 Todas essas coisas que os tolos, escravos do próprio corpo, olham admirando — mármores, ouros, pratas, grandes mesas redondas e polidas — são pesos terrenos que não podem atrair uma alma pura e que lembra sua natureza, imune de tal vício e pronta para voar ao céu assim que liberta do corpo, e no entanto observa as coisas divinas com pensamento incansável, quanto lho permite o grave e importuno cargo dos membros,' que a cercam.

11.7 Por isso não pode nem ser mandada ao exílio, pois que ê livre, semelhante aos deuses, presente em todo o espaço e contemporânea a todo o tempo: porque seu pensamento vaga em todos os céus e penetra o passado e o futuro. É esse nosso mísero corpo, prisão e corrente da alma, que pode ser jogado em qualquer lugar; sobre ele têm poder os suplícios, os roubos, as doenças: a alma é sagrada e eterna, e ninguém lhe pode fazer violência.

XII

12.1 A fim de que tu não creias que para aliviar os aborrecimentos da pobreza (que é grave só para os homens que a crêem tal) eu me sirva unicamente de preceitos dos sábios, observa como são mais numerosos os pobres; nem poderás dizer que eles são mais tristes ou mais preocupados do que os ricos, porque até se diria que são mais felizes quanto menos possuem os objetos que possam magoá-los.

12.2 Deixemos os pobres e vamos aos ricos; em quantas circunstâncias são eles semelhantes aos pobres? Quando viajam, suas bagagens são só uma parte daquilo que possuem; e, se a viagem impõe pressa, devem privar-se da multidão de acompanhadores. Quando soldados, quanto da própria riqueza levam consigo, visto que a rude vida da milícia impede todo luxo?

12.3 Os ricos são iguais aos pobres não somente em certas condições de tempo ou por miséria de lugar: quando são tomados pelo tédio das riquezas, escolhem alguns dias em que comem no chão e deixam seu vasilhame de ouro e de prata, servindo-se de louças de barro. Loucos, temem sempre aquilo que às vezes

desejam! Imitam a pobreza para experimentar um prazer; e, contudo, quanta escuridão e quanta ignorância daquilo que ela realmente é ofende seus cérebros!

12.4 Quanto a mim, cada vez que volto com o pensamento aos antigos tempos, tenho pudor de procurar confortos à pobreza: pois a corrupção de nosso tempo chegou a tal ponto que o viático, que se deixa aos desterrados, é maior do que aquilo que era uma vez o patrimônio dos ricos. É sabido que Homero teve um só escravo; Platão, três; Zenão, de quem teve origem a austera e viril escola estóica, nenhum; e quem poderá dizer que eles tiveram uma vida infeliz, sem arriscar-se a parecer a todos por essa sua opinião infelicíssimo ele mesmo?

12.5 Para as exéquias de Menênio Agripa, que foi mediador de paz entre os nobres e a plebe, foi preciso fazer uma coleta. Atílio Regulo, depois de ter dispersado os cartagineses na África, escreveu ao Senado que seu colono tinha ido embora, abandonado seu campo; e o Senado estabeleceu que o campo fosse cultivado durante a ausência de Atílio Regulo às expensas públicas. Não achas que valeria a pena não ter um criado, para ter como colono o povo romano?

12.6 As filhas de Cipião receberam um dote do erário, porque o pai não lhes deixara nada; e era lógico, por Hércules, que o povo romano pagasse ao menos um tributo a Cipião, pois exigia um tributo anual de Cartago. Felizes os maridos para os quais foi sogro o povo romano! Ou crês que aqueles cujos filhos são casados com dançarinas, que têm um milhão de sestércios de dote, sejam mais felizes que Cipião, cujos filhos receberam em dote do Senado, seu tutor, uma pequena moeda?

12.7 Como pode queixar-se um desterrado de que lhe falte alguma coisa, se para Cipião faltou o dote, para Regulo um colono, para Menênio o enterro, e se para todos aquilo que faltava foi substituído tanto mais honrosamente, justamente porque faltava? Com esses advogados a pobreza não só é defendida, mas pode tornar-se até agradável.

XIII

13.1 Poder-se-á responder: "Por que divides artificiosamente todas essas coisas, que são toleráveis quando isoladas e não quando juntas? É tolerável mudar de sede, se mudar somente a sede; é tolerável a pobreza, conquanto não se junte a ela a desonra, que abate todas as almas por si só.

13.2 Às pessoas que me queiram assustar, acumulando diante de mim todos os males, é preciso responder assim: se formos suficientemente fortes contra uma só

desgraça, o seremos igualmente contra todas. Desde que a virtude robustece a alma, ela é por toda parte invulnerável.

13.3 Se te livraste da avareza, que é o mais violento flagelo da humanidade, a ambição não retardará teu caminho; se consideras a morte não como uma pena mas como uma lei da natureza, de modo que a alma fique desembaraçada do medo dela, nenhum outro medo ousará vir aborrecê-la; se estás convencido de que a união dos sexos foi dada ao homem não para o prazer mas para a continuação da espécie, e não violas essa lei arcana e severíssima, profundamente enraizada em nossas vísceras, estarás imune a qualquer outro desejo do prazer. A razão não vence os vícios um por um, mas os abate todos contemporaneamente: ela vence uma vez por todas.

13.4 Pode acreditar-se, talvez, que o sábio seja perturbado pela infâmia, ele que reúne tudo em si e está tão afastado das opiniões do vulgo? Mais ainda do que a infâmia é uma morte infamante: contudo, Sócrates, com o mesmo rosto, com o qual certa vez, único em Atenas, dominara os trinta tiranos, entrou no cárcere, tornando-o com isso menos infamante: porque o cárcere não é cárcere quando nele está um Sócrates.

13.5 Quem pode ser tão cego, perante a verdade, a ponto de achar desonrosa para Marcos Catão a dupla recusa de suas candidaturas à pretoria e ao Consulado? Foi antes vergonha para a pretoria e para o Consulado, os quais não podiam senão ser honrados por um Catão.

13.6 Ninguém pode ser desprezado por outrem, se não se desprezou antes a si mesmo. A esse tipo de desonra estão sujeitas as almas covardes e fracas; mas para o homem que se eleva acima e contra os mais cruéis golpes da sorte, e domina os males que oprimem os outros, as desventuras são como uma auréola. De fato, nós somos tais que nenhuma coisa desperta nossa admiração tanto quanto um homem forte na desventura.

13.7 Quando, em Atenas, Aristides estava sendo levado ao suplício, quem quer que o encontrasse baixava o olhos e gemia, como se tivesse sido condenado não um homem justo mas a própria justiça: assim mesmo, houve quem lhe cuspisse no rosto. Teria podido sentir indignação, sabendo que ninguém que tivesse a boca pura teria ousado uma tal coisa: ele, ao contrário, limpou o rosto, e sorrindo disse ao magistrado, que o acompanhava: "Avise esse tal que de agora em diante não boceje mais tão indecentemente". E foi esse o melhor modo de se fazer vilania à vilania.

13.8 Sei que alguns dizem que não há pior coisa que o desprezo e que prefeririam a morte. A esses responderei que amiúde o exílio não produz o desprezo: quando cai um grande (e contínua grande mesmo no chão), ele não é desprezado mais do que quanto o sejam as ruínas dos templos, que os devotos adoram igualmente como se estivessem de pé.

XIV

14.1 Então, minha querida mamãe, não tens, pelo que me diz respeito, nenhum motivo para te consumires em pranto: resta examinar, ainda, se podem estimular-te motivos particulares; isto é, se pode magoar-te a ideia de que perdeste uma ajuda e uma defesa, ou a ideia de que não podes suportar minha falta.

14.2 Para a primeira bastam poucas palavras, porque conheço tua alma, e sei que ela, em seus entes queridos, não ama senão eles mesmos. Esta ideia se refere às mães, que, com feminina incapacidade de controle, querem controlar os poderes dos filhos; às mães que, como as mulheres não podem exercer os cargos públicos, satisfazem à própria ambição por meio dos filhos, pondo-a a serviço dos outros.

14.3 Tiveste grande prazer nos bens de teus filhos, muito pouco gozaste dos mesmos, impuseste sempre um limite à nossa generosidade, sem impor limite algum a ti mesma; quando ainda vivo teu pai, aumentaste a riqueza, que já teus filhos possuíam; administraste nossos haveres com o mesmo cuidado como se fossem teus, com o mesmo escrúpulo como se fossem de outrem; não procuraste nenhuma vantagem de nossa influência, como se fosse coisa de outrem, e de nossas honras não te foi dado mais do que o comprazimento e as despesas: nunca teu afeto visou ao útil. Não podes, pois, magoar-te, porque ao filho, que te foi arrancado, faltem as coisas que. quando ele se encontrava no primitivo estado, nunca as achaste necessárias a teu afeto.

XV

15.1 Para te dar conforto, devo bater sobre a verdadeira origem de tua grande dor de mãe: "Tenho, então, que me privar do abraço de meu filho amadíssimo; não posso ter a alegria de vê-lo e de falar-lhe! Onde está aquele em cuja presença a tristeza desaparecia de meu rosto e no qual derramava qualquer pensamento triste meu? Onde estão os colóquios, que não me saciavam, os estudos dos quais participava com maior interesse do que é de costume entre as mulheres, com maior camaradagem do que é comum ver nas mães? Onde estão os encontros, nos quais, ao ver sua mãe, ele se iluminava de um riso de eterna criança?"

15.2 Junta a isso a vista dos lugares, onde gozamos e vivemos juntos, e, necessariamente, a vista de todos os objetos, que te lembram nossa recente vida em comum, estímulo eficacíssimo para azedar a dor: pois a sorte quis completar sua cruel maquinação contra ti, fazendo com que te afastasses, tranquila e sem nem a suspeita de um semelhante acontecimento, apenas dois dias antes de me golpear.

15.3 Fora um bem a distância que nos tivera afastado um do outro; fora um bem nossa separação de alguns anos para preparar-te a essa desgraça: voltaste, ao contrário, não para ter a alegria de ver teu filho mas para perder o costume de estar longe dele. Se tivesses partido muito tempo antes, terias suportado com maior coragem o golpe, pois a longa separação teria atenuado a saudade; se não te tivesses afastado novamente, terias tido pelo menos o extremo prazer de ver teu filho dois dias mais. Ao contrário, a sorte cruel dispôs as coisas de modo que nem estivesses a meu lado na desgraça, nem estivesses habituada à ausência.

15.4 Mas, quanto mais graves são essas dores tanto mais deves chamar em socorro todas as tuas forças, e enfrentar, por assim dizer, com maior ímpeto, esse inimigo, que conheces e que amiúde derrotaste. O sangue que agora derramas não brota de meu corpo invulnerado: a nova ferida te alcançou através das cicatrizes precedentes.

XVI

16.1 Não é razoável que te desculpes dizendo que és mulher, porque às mulheres é concedido o direito de chorar em demasia, mas não sem um limite. Nossos antepassados estabeleceram onze meses de luto para as mulheres que choravam o marido: por meio desse decreto público vinham a uma transação com a pertinácia da aflição feminina. Não proibiam o luto, mas lhe impunham um termo; afligir-se sem medida, mesmo quando se perde alguém dos entes mais queridos, é um gosto tolo, e não afligir-se em absoluto é dureza desumana: entre o sentimento e a razão o meio-termo ideal é sentir a dor da perda e reprimi-la.

16.2 Não é razoável que penses em certas mulheres a cuja dor só a morte põe fim (e tu conheces algumas que, pondo o luto pela morte de um filho, nunca mais o tiraram). De ti, ao contrário, pela energia que tua vida exigiu desde o começo, temos o direito de esperar mais: não pode assumir como desculpa o ser mulher quem sempre foi imune aos defeitos das mulheres.

16.3 Não te arrastou no número das demais o pior vício de nosso tempo, a falta de pudor; não te dobraram nem as jóias nem as pérolas; a riqueza nunca

conseguiu brilhar a teus olhos como o máximo bem do gênero humano; a imitação dos piores, que é perigosa mesmo para os honestos, não afastou do caminho certo a ti, que foste criada numa casa antiga e austera; nunca te envergonhaste de tua fecundidade como se fosse coisa repreensível no teu tempo; nunca escondeste, como se fosse um peso vulgar, teu ventre prenhe, como fazem as outras, que se dedicam somente à beleza; nunca suprimiste no seio os filhos concebidos;

16.4 não manchaste o teu rosto de cosméticos; nunca te agradaram os vestidos com os quais, quem os veste, está mais nua do que se estivesse nua: único enfeite, beleza superior a qualquer outra e não vinculada a idade alguma, máximo orgulho foi para ti sempre a pudicícia.

16.5 Não podemos, pois, para legitimar tua dor, servirmo-nos do pretexto de teu sexo, do qual tuas virtudes te afastaram: deves manter-te tão longe dos prantos femininos quanto te mantiveste dos defeitos. Nem as mulheres te deixarão consumir sobre tua ferida, se querem tomar como exemplo aquelas cuja admirada virtude pôs entre o número dos grandes.

16.6 A sorte reduziu a dois os doze filhos de Cornélia: dez mortos (se repararmos no número) e Gracos (se quisermos fazer a estimação da perda). Contudo, às pessoas que ao redor dela choravam e imprecavam contra seu destino impôs não acusar a sorte, que lhe dera por filhos os Gracos. De uma tal mulher é justo que nascesse aquele que na assembleia ousou dizer: "Tu ousas dizer mal de minha mãe, que gerou a mim?" Mas muito mais corajosas me parecem as palavras da mãe: porque o filho mostrou ser orgulhoso de sua estirpe, a mãe mostrou ser orgulhosa também da morte dos filhos.

16.7 Rutília seguiu no exílio o filho Cota, e o afeto prendeu-a de modo que preferiu enfrentar o exílio a enfrentar a dor de estar longe; e não voltou para a pátria senão quando voltou o filho. Com a mesma coragem, com a qual o seguira perdeu-o mais tarde, quando tinha voltado e já se sentia posto em evidência na vida pública; e ninguém a viu chorar depois que o levaram embora. No exílio mostrou sua força de alma, na morte sua sensatez, porque nada conseguiu amedrontar seu amor materno, e nada a fez insistir numa aflição inútil e tola. Quero que tu estejas no número dessas mulheres, e que sigas, em dominar e comprimir teu desgosto, o magnânimo exemplo dessas como sempre dessas imitaste a vida.

XVII

17.1 Compreendo que isso não está em nosso poder, nem podemos dominar nossas comoções: especialmente as comoções que se originam da dor e são indomáveis e rebeldes a qualquer tratamento. Queremos sepultá-las e sufocar os gemidos: ao contrário, as lágrimas escorrem pelo rosto fingidamente calmo; queremos ocupar a mente nos jogos e nos espetáculos dos gladiadores: ao contrário, mesmo no meio dos espetáculos, que nos deveriam distrair, basta a sombra da saudade para reviver a paixão.

17.2 É melhor, pois, vencê-la do que enganá-la; porque das distrações, dos prazeres e dos negócios ressurge, e toma vigor do descanso para tornar-se cada vez mais áspera; ao contrário, se ceder à razão, acalma-se para sempre. Por isso, não te recomendarei, como sei que muitos fazem, que faças uma viagem longa que te ocupe, ou agradável que te divirta, nem que ocupes teu tempo revendo diligentemente as contas e administrando o patrimônio; nem que te ocupes sempre com algum novo trabalho. Todas essas coisas são úteis para a dor; e não quero que ela seja enganada, mas que acabe.

17.3 Por isso te incito a procurar refúgio onde todos os que procuram conforto para suas mágoas deviam refugiar-se: nos estudos liberais. Eles saberão sarar tua ferida, arrancando de ti toda queixa. Tu agora os deverias cultivar mesmo se nunca tivesses tido familiaridade com eles; mas tu, porquanto te permitiu a austeridade de velho tipo de meu pai, abordaste todas as boas artes, embora sem aprofundar seu estudo.

17.4 Oh! se meu pai, que era o melhor dos homens, mas estava demasiadamente preso aos costumes dos antepassados, tivesse desejado que tu fosses ensinada ao invés de informada somente dos preceitos da sabedoria! Agora, contra os golpes da sorte, precisa-rias não procurar auxílios mas servir-te dos que tiveste. Mas meu pai não quis que tu seguisses tua inclinação para esses estudos por causa das mulheres que se servem da cultura não para tirar regras de sabedoria e sim para enfeitar-se com ela como com custosa jóia. Todavia, graças à tua pronta inteligência, assimilaste mais que quanto pudesse fazer supor o tempo dedicado à cultura: lançaste os alicerces de toda disciplina.

17.5 Volta para ela, agora: ela te protegerá. Ela te consolará, te deleitará; se entrar em tua alma, acolhida com sincera fé, nela não entrará mais a dor, nem as preocupações, nem o inútil tormento de uma vã aflição: para nenhum desses males estará aberto teu peito, que para as outras fraquezas está, há tempo,

fechado. Ela é realmente o mais seguro castelo, e só ela te poderá arrancar do arbítrio da sorte.

XVIII

18.1 Mas, visto que, enquanto não entrares no porto que os estudos te prometem, precisas de algum amparo onde apoiar-te, quero mostrar-te de que alívios podes dispor. Dirige teu olhar para meus irmãos: se eles estão salvos, não é justo que tu acuses a sorte.

18.2 Em um ou outro tens razões de alegria diferente: um, com sua atividade alcançou as mais altas honras, outro sabiamente delas se manteve afastado. Vive tranquila na dignidade do primeiro, na paz do segundo, no afeto de ambos. Conheço os sentimentos profundos de meus irmãos: o primeiro ama as honras só para que te ornem, o outro fechou-se numa vida pacífica e calma só para se dedicar a ti.

18.3 A sorte situou teus filhos da melhor maneira, para que te dêem auxílio e deleite: podes ser defendida pela autoridade de um, gozar do ócio do outro. Disputarão entre eles as atenções para contigo, e a saudade de um será compensada pelo afeto de dois filhos: poderás até afirmar sem mais que não te falta senão o número.

18.4 Desses dirige o olhar a teus netos: ao gracioso menino que é Marcos, diante do qual nenhum aborrecimento pode durar, nenhuma dor, por grande e recente que seja, pode arder no peito de ninguém: o menino vivaz tudo alivia!

18.5 Que lágrimas não enxugaria seu riso? Que rugas de dor não estenderiam suas carícias? Quem não seria convidado a brincar pela sua alegria? Quem não se sentiria atraído e afastado de seus pensamentos, embora profundos, por aquele seu chilrar. do qual nunca nos cansaríamos?

18.6 Queiram os deuses conceder-nos que ele sobreviva a nós! Sobre mim pare cansada toda a crueldade da sorte; todas as dores de sua mãe, todas as dores de sua avó, transfiram-se para mim: os outros gozem sempre de seu estado atual. Nenhuma queixa farei sobre meu luto e sobre minha condição, conquanto tenha sido eu o bode expiatório da família, de modo que a ela não chegue nenhuma outra desgraça.

18.7 Pegue no colo Novatila, que logo te dará bisnetos, e cujo afeto eu cultivava tanto, e que considerava tão minha que agora, por me ter perdido, se pode chamar órfã, embora o pai esteja ainda vivo: ama-a também por mim. A sorte

lhe arrancou a mãe, há pouco tempo: teu afeto pode fazer com que ela se magoe pela perda, mas não sinta a falta da mamãe.

18.8 Agora é o momento de regularizar seus costumes, de formar seu caráter: mais profundamente descem os preceitos que se imprimem nas almas de tenra idade. Acostume-se a falar contigo, cresça como tu a queres: dar-lhe-ás muito, mesmo que só lhe dês o exemplo. Este sagrado dever será para ti como um remédio, porque nada mais que a razão ou uma sábia ocupação pode tirar da dor uma alma que se aflige por uma pessoa querida.

18.9 Contaria entre os maiores alívios teu pai, se não estivesse longe de ti. Todavia, pelos sentimentos que nutres para com ele, pensa quais sejam os seus para contigo: compreenderás quanto é mais justo que tu te conserves para eles antes que estar fixa sobre mim. Cada vez que te invadir a violência sem limite da dor e ela te quiser arrastar consigo, pensa em teu pai. Tu, dando-lhe tantos netos e bisnetos, não te podes considerar filha única; todavia, depende de ti que esse último período de sua vida seja sereno como foi feliz a vida passada. Enquanto ele viver, não é justo que tu te queixes de viver.

XIX

19.1 Ainda não falei de teu maior conforto, de tua irmã, daquele coração a ti mais que fiel, no qual passam indivisivelmente todas as tuas mágoas, daquela alma maternal para nós todos. Com ela tu confundiste tuas lágrimas, em seu seio retomaste vida.

19.2 Ela é sempre o eco fiel de teus sentimentos: só pelo que me diz respeito, sua dor não é causada somente por tua dor. Suas mãos me levaram a Roma; seus cuidados afetuosos e maternais me restabeleceram após longa doença; para ser útil à minha questura, ela, que antes não teria ousado nem falar nem responder em voz alta aos cumprimentos, aumentou suas relações, e por mim, pelo afeto que me dedicava, venceu a verecúndia. Sua vida retirada, sua humildade no meio de tanta insolência de outras mulheres, sua calma, seus costumes modestos e amantes da paz familiar, não impediram que se tornasse por mim até ambiciosa.

19.3 Esse é o alívio, minha querida mãe, pelo qual serás acalmada: fica perto da irmã o mais que puderes, liga-te a ela com apertados abraços. Quem está aflito procura fugir àquilo que sobretudo ama e procura liberdade para sua dor; tu, ao contrário, com qualquer pensamento, aproxima-te dela: seja que tu queiras continuar a ficar neste estado, seja que queiras afastar-te deste estado, tua dor encontrará em tua irmã ou um termo ou uma companhia.

19.4 Mas. se não me engano, quanto à experiência dessa tão perfeita mulher, ela não permitirá que te consumas numa estéril tristeza, e te porá diante seu exemplo, do qual fui também um espectador. Ela perdera o esposo querido, nosso tio (com o qual casara ainda jovem), mesmo durante a viagem por mar; contudo, suportou ao mesmo tempo a dor e o medo e, vencendo a tempestade, náufraga trouxe salvo o cadáver do marido.

19.5 Quantos admiráveis feitos de muitas mulheres jazem sepultados no esquecimento! Se a ela fosse dado por sorte viver nos tempos antigos, tão simples em sua admiração pelas virtudes, quantos escritores, disputando entre si, celebrariam essa esposa que, esquecendo ser uma fraca mulher, esquecendo o mar, terrível mesmo para os corações mais fortes, expôs ao perigo sua própria vida para sepultar o cadáver, e não temeu seu perigo, porque pensava no enterro do esposo. É celebrada pelos carmes a mulher que se ofereceu em substituição ao marido; mas até mais querer dar-lhe sepultura com o perigo da vida, porque maior é o amor que enfrenta um perigo igual para uma vantagem menor.

19.6 Depois disso, ninguém se admire de que ela não tenha sido vista em público por dezesseis anos, durante os quais o marido governou o Egito, e que não admitiu em casa nenhum habitante da província, e que nada pediu ao marido, e que nunca permitiu a ninguém que lhe pedisse alguma coisa. Por isso, aquela província mexeriqueira e hábil em dizer mal dos prefeitos, onde também os que eram isentos de culpa foram atingidos pela maledicência, admirou-a como exemplo único de santidade, e, coisa dificílima para quem ama as indiretas mesmo se perigosas, conteve a seu respeito toda liberdade de palavra, e hoje, sem esperança, deseja uma prefeita a ela semelhante. Teria sido muito se aquela província durante dezesseis anos a tivesse louvado; e, até mais, que a tenha ignorado.

19.7 Lembro esses fatos não para dizer seus louvores, que um acento tão breve diminui, para que tu entendas a magnanimidade dessa mulher, que não foi vencida pela ambição e pela avareza, companheiras e peste de toda potência, e que o medo da morte, quando o navio já quebrado lhe mostrava iminente o naufrágio, não assustou a ponto de fazer com que desistisse, presa ao marido morto, de procurar não uma salvação para ela mas o modo de levar a salvo o cadáver para sepultá-lo. Tu deves mostrar-te igual a ela em força da alma, e retomar coragem, e comportar-te de maneira que ninguém possa pensar que te arrependes de ter tido a mim como filho.

XX

20.1 Mas, visto que, não obstante tudo, teu pensamento amiúde correrá a mim, e nenhum de teus filhos neste período será lembrado mais frequentemente do que eu (não porque eles te sejam menos queridos, mas porque é natural que a mão pouse mais sobre a parte que dói), eis como deves pensar-me: alegre e ativo, como se é quando tudo vai bem. De fato, tudo vai bem, pois que a alma, livre de qualquer estorvo, pode atender às ocupações próprias dela, e agora compraz-se em estudos menos severos, agora, ávida de verdade, eleva-se a considerar sua natureza e a do universo.

20.2 Procura antes as terras e suas posições; depois as leis do mar que as circunda, e o alternar-se da baixa e da alta maré; depois estuda o espaço medonho que liga a terra ao céu e que está cheio do tumulto dos trovões e dos raios, dos sopros dos ventos e da chuva, da neve e da saraiva; enfim, exploradas as zonas mais baixas, irrompe até a sumidade do céu, e goza do espetáculo maravilhoso das coisas divinas e, lembrando sua eternidade, transcorre através de todos os tempos, durante todo o passado e todo o futuro.